

**Universidade do Porto  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**Desenvolvimento Psicossocial e Estilos  
de Vinculação:  
Convergência e Divergência de  
Percepções de Satisfação na Família**

**Joana Serra de Oliveira**

**PORTO 2005**

**Este trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, bolsa de investigação PRAXIS XXI / BD / 20078 / 99, e do Fundo Social Europeu no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio.**

**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL E ESTILOS  
DE VINCULAÇÃO:  
CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA DE  
PERCEPÇÕES DE SATISFAÇÃO NA FAMÍLIA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, pela licenciada **Joana Serra de Oliveira**, para obtenção do grau de Doutor em Psicologia, na especialidade de Consulta Psicológica de Jovens e Adultos, sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Costa

**PORTO 2005**

# Resumo

## DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL E ESTILOS DE VINCULAÇÃO: CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA DE PERCEPÇÕES DE SATISFAÇÃO NA FAMÍLIA

Este trabalho insere-se na Psicologia da Família, tendo como pano de fundo a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson e a teoria da vinculação, numa perspectiva da normalidade e da satisfação familiares. Pretende compreender o modo como as experiências de satisfação com o desempenho nos papéis familiares conjugal e parental medeiam o desenvolvimento do adolescente e jovem adulto; analisar o efeito da convergência ou divergência de percepções entre os elementos constitutivos da família (pai, mãe e filho(a)) no desenvolvimento; e, analisar o efeito das variáveis género, idade e nível sociocultural nas dimensões estudadas. Tem um carácter inovador ao alargar o estudo das percepções de satisfação conjugal e parental aos filhos, domínio até agora reservado ao casal.

Após a realização de um estudo piloto com o objectivo de testar as medidas existentes para o casal ao nível do filho, realizou-se o estudo empírico numa amostra de 230 tríades familiares portuguesas (compostas por mãe, pai e um filho(a) adolescente ou jovem adulto) tendo-se optado por uma metodologia quantitativa.

Os resultados revelam a existência de diferenças em função do género do adolescente, género da figura parental, idade e nível sociocultural, havendo uma associação clara e positiva entre as percepções de satisfação conjugal e parental e o desenvolvimento (operacionalizado nos estádios de desenvolvimento psicossocial e nos estilos de vinculação). A convergência/ divergência de percepções familiares influencia o desenvolvimento, sendo contudo mais importante a avaliação positiva da vivência familiar.

Os resultados são discutidos tendo em conta o papel essencial da família no desenvolvimento e as suas contribuições para a intervenção psicológica.

### **Palavras-chave:**

Família – Intergeracional – Percepções de satisfação conjugal – Percepções de satisfação parental – Desenvolvimento Psicossocial – Vinculação – Adolescência



# **Abstract**

## **PSYCHOSOCIAL DEVELOPMENT AND ATTACHMENT STYLES: CONVERGENCE AND DIVERGENCE OF FAMILY SATISFACTION PERCEPTIONS**

This work inserted on family psychology, having as guiding frame Erik Erikson psychosocial development theory and attachment theory, on a perspective of family normality and satisfaction. It intends to understand how satisfaction experiences derived from the performance of marital and parental familiar papers mediate adolescent or young adults' development; analyze the effect of convergence or divergence of perceptions between family constitutive elements (father, mother and child) on development; and analyze the effect of gender, age, and socio-cultural status on studied dimensions. It has an innovative character extending the study of marital and parental satisfaction perceptions to the child, domain, till now, reserved to the couple.

After conducting a pilot study with the aim of testing the existent couple measures to the child, it was conducted the empirical research on a sample of 230 Portuguese family triads (composed by mother, father and adolescent or young adult child), with the option of quantitative methodology.

Results reveal the existence of differences on adolescent gender, parental figure gender, age and socio-cultural status, having a positive and clear association between marital and parental satisfaction perceptions and development (in terms of psychosocial development stadiums and attachment styles). Family perceptions convergence divergence influence development, but it is ore important the positive evaluation of family living.

Results are discussed having in mind the family essential paper on development and their contributions to psychological intervention.

### **Key-words:**

Family – Intergerational – Marital satisfaction perceptions – Parental satisfaction perceptions – Psychosocial development – Attachment – Adolescence

# Résumé

## DEVELOPPEMENT PSYCHOSOCIALE ET STYLES D'ATTACHEMENT: CONVERGENCE ET DIVERGENCE DE PERCEPTIONS DE SATISFACTION DANS LA FAMILLE

Ce travail s'insère dans la Psychologie de la Famille, tenant subjacent la théorie du développement psychosociale et la théorie de l'attachement, dans une perspective de normalité et de satisfaction familiale. Prétend comprendre comment la performance dans les papiers familiaux conjugal et parental médient le développement de l'adolescente ou jeune ; analyser l'effet de la convergence ou divergence de perceptions entre les éléments constitutifs de la famille (père, mère et jeune) dans le développement ; et, analyser l'effet des variables genre, âge et niveau socioculturel dans les dimensions étudiées. Il y a un aspect innovateur en alarguant l'étude de las perceptions de satisfaction conjugale et parentale aux fils, domine jusqu'au moment réserve au couple.

Après la réalisation d'une étude pilote tenant comme objectif tester les mesures existants pour le couple aux niveaux du fil, on a réalisé l'étude empirique dans un échantillon de 230 triades familiaux portugaises (composées pour la mère, le père et un fil adolescent ou jeune) et on opté pour une méthodologie quantitative.

Les résultats révélant l'existence de différences en fonction du genre de l'adolescent, du genre de la figure parentale, de l'âge et du niveau socioculturel, en aient une association claire et positive entre les perceptions de satisfaction conjugal et parentale et le développement (opérationnalisé dans les états du développement psychosocial et dans les styles d'attachement). La convergence/ divergence de perceptions familiales influence le développement, mais plus important est l'évaluation positive de la forme de vivre familiale.

La discussion des résultats prend en considération le rôle de la famille dans le développement et ces contributions pour l'intervention psychologique.

### **Mots-clefs:**

Famille – Intergerationale – Perceptions de satisfaction conjugale – Perceptions de satisfaction parentale – Développement psychosocial – Attachement - Adolescence

***Para os meus pais***  
*Que me ensinaram o que é viver em família*

***Para a família que constituí***  
*O meu amor e o nosso filho acabado de chegar*

## **Agradecimentos**

Porque a concretização deste trabalho só se tornou possível com o apoio de muitos, nunca é demais relembrar o seu contributo.

À Professora Doutora Maria Emília Costa, minha orientadora, que incentivou a entrada neste projecto, cuja paciência, resistência e carinho com que recebeu os meus silêncios e pausas na consecução deste trabalho me permitiram chegar à sua conclusão. O equilíbrio entre o seu saber e experiência e a transmissão de confiança e incentivo nos momentos de desânimo foram fundamentais. Um sincero obrigado por partilhar e compreender o sofrimento necessário a qualquer processo de desenvolvimento. Nunca esquecerei!

À Dra. Graça Silva, presença amiga constante no decurso deste trabalho, pelo disponibilizar todo o tipo de ajuda, quer instrumental quer emocional, pelo acreditar sempre nas minhas capacidades, pelo partilhar de desabafos e de experiências, pelas reflexões conjuntas, pelos conselhos sábios, pela proximidade apesar da distância, por estar sempre lá para mim.

À Doutora Paula Mena Matos, “musa” inspiradora de um processo de investigação, pela paixão e interesse neste trabalho, pela disponibilidade para reflectir, colaborar e pelas sugestões.

À Professora Doutora Isabel Menezes, pelo interesse e conselhos práticos acerca da forma de levar a bom termo este trabalho.

Aos restantes colegas e amigos da área de Consulta Psicológica de Jovens e Adultos, saliento o Prof. Doutor Joaquim Luís Coimbra, o Dr. Carlos Gonçalves, a Dra. Raquel Barbosa, a Dra. Inês Nascimento, a Dra. Cidália Duarte, a Dra. Marta Bastos e a Dra. Ana Meireles, pela partilha e apoio demonstrados.

À Dona Luísa Santos, pela amizade e pela partilha de desabafos.

À Dra. Maria José Neves e Engº Eugénio Lavandeira por me “socorrerem” na parte informática.

À Professora Doutora Liliana de Sousa, pela disponibilidade no apoio na metodologia do trabalho.

A todos os colegas que colaboraram na administração dos questionários, sem os quais não seria possível a recolha da amostra.

Às famílias que se disponibilizaram a participar nesta investigação, sem as quais este trabalho não poderia ser realizado.

À Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto por acolher a condução deste projecto.

Aos amigos, que tantas vezes não contaram com a minha presença, mas que se mantiveram comigo.

À minha família, por sempre me acolher e “aturar” os momentos de desânimo e sofrimento deste trabalho, por colaborar no que sabiam e podiam, por tudo.

Ao Nano, meu amor, por estar comigo e por colaborar no que era preciso, por acreditar que conseguia, por partilhar os momentos difíceis e por ser para mim um porto seguro. Por compreender e aceitar o mal-estar causado pelo inacabar da tese.

A todos um sincero e sentido obrigado por se manterem ao meu lado neste projecto tão difícil de finalizar.

# Índice

|                   |           |
|-------------------|-----------|
| <b>Introdução</b> | <b>31</b> |
|-------------------|-----------|

## **PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Capítulo I. Percepções de satisfação na família</b>                                     | <b>41</b> |
| 1. O contextualismo desenvolvimental   | 43        |
| 2. As características das relações pessoa-contexto   | 44        |
| 3. Funções circulares e socialização bidireccional: o modelo de <i>goodness of fit</i>     | 45        |
| 4. Contribuições do contexto social nas relações bidireccionais pessoa - contexto          | 47        |
| 5. O modelo da ecologia do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner                        | 49        |
| 6. O modelo de determinantes da parentalidade  | 50        |
| 6.1. Características dos pais: modelos internos de representação de relações de vinculação | 50        |
| 6.2. Características do filho: modelos de representação interna da vinculação dos filhos   | 52        |
| 6.3. Tipos de suporte social no ambiente social mais alargado                              | 54        |
| 7. A avaliação das experiências da parentalidade   | 55        |
| 7.1. Questões de medida na investigação da parentalidade                                   | 55        |
| 7.2. A conceptualização e a avaliação dos constructos da parentalidade                     | 59        |
| 7.3. A conceptualização e a avaliação dos constructos da parentalidade                     | 60        |
| 7.3. Medidas de satisfação parental existentes   | 62        |
| 8. A avaliação da experiência da conjugalidade   | 63        |
| 8.1. A conceptualização da conjugalidade   | 63        |
| 8.2. Medidas de satisfação conjugal  | 65        |

|  |               |
|--|---------------|
| <b>Capítulo II. A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson</b> | <b>69</b>     |
| 1. Origem da teoria do desenvolvimento psicossocial                          | 69            |
| 2. Premissas básicas da teoria do desenvolvimento psicossocial               | 70            |
| 2.1. A formação da personalidade ao longo da vida                            | 70            |
| 2.2. A relação entre o indivíduo, o ambiente e as influências históricas     | 71            |
| 2.3. O desenvolvimento segundo o princípio epigenético                       | 71            |
| 2.4. Oito estádios de desenvolvimento humano                                 | 72            |
| 2.5. Crise psicossocial  | 73            |
| 2.6. Concepção psicodinâmica na resolução dos estádios                       | 73            |
| 3. Descrição dos estádios de desenvolvimento psicossocial                    | 74            |
| 4. Críticas à teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson              | 89            |
| 5. A família e o desenvolvimento psicossocial                                | 91            |
| 6. Síntese   | 92            |
| <br><b>Capítulo III. A teoria da vinculação</b>                              | <br><b>99</b> |
| 1. Origem da teoria da vinculação  | 99            |
| 2. Premissas básicas da teoria da vinculação                                 | 103           |
| 2.1. Vinculação – definição  | 103           |
| 2.2. Qualidade da vinculação   | 104           |
| 2.3. Sistema comportamental de vinculação                                    | 106           |
| 2.4. Regulação do sistema comportamental de vinculação                       | 107           |
| 2.5. Desenvolvimento do comportamento de vinculação                          | 107           |
| 2.6. Seleção da figura de vinculação   | 108           |
| 2.7. Modelos internos dinâmicos  | 109           |
| 2.8. Os estilos de vinculação  | 111           |
| 3. Vinculação na adolescência e no jovem adulto                              | 113           |
| 4. A avaliação da vinculação no jovem e no adulto                            | 116           |
| 4.1. O modelo representacional de vinculação de Mary Main                    | 117           |
| 4.2. A vinculação romântica de Hazan e Shaver                                | 118           |
| 4.3. O modelo bi-dimensional de avaliação da vinculação no                   | 120           |

|   |            |
|---|------------|
| 5. Síntese  | 122        |
| <b>Capítulo IV. Influências desenvolvimentais da família</b>  | <b>129</b> |
| 1. O papel parental e o desenvolvimento   | 130        |
| 2. O papel conjugal e o desenvolvimento   | 132        |
| 3. Interdependência do papel conjugal e parental  | 133        |
| 4. Relação conjugal e relação pais-filhos   | 134        |
| 4. A vinculação aos pais  | 135        |
| 6. Continuidade e mudança nas relações pais-filhos  | 139        |
| 7. Percepções familiares  | 149        |
| <br><b>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO</b>   |            |
| <br><b>Capítulo V. Metodologia</b>  | <b>157</b> |
| I. Objectivos e metodologia de avaliação  | 158        |
| 1. Objectivos   | 158        |
| 2. Método   | 159        |
| 2.1. Variáveis  | 159        |
| 2.2. Instrumentos   | 160        |
| II. Percepções dos adolescentes da satisfação dos pais nos papéis<br>conjugal e parental e estilos de vinculação: Estudo Piloto | 162        |
| A. Estudo de adaptação de instrumentos de avaliação   | 162        |
| 1. Amostra e procedimento   | 162        |
| 2. Escala de avaliação da satisfação em áreas da vida conjugal<br>(Narciso & Costa, 1996) – Estudo de validação                 | 165        |
| 2.1. Adaptação da EASAVIC – versão adolescente  | 165        |
| 2.2. Validade de construto da EASAVIC – versão<br>adolescente   | 166        |
| 2.2.1. Estrutura factorial da versão mãe  | 167        |
| 2.2.2. Estrutura factorial da versão pai  | 169        |
| 2.3. Fidelidade da EASAVIC – versão adolescente   | 171        |
| 3. Índice do nível de comparação parental (PCLI, Waldron-   | 171        |



|  |     |
|--|-----|
| Henessey, R. & Sabatteli, R.M., 1997) – Estudo de validação  |     |
| 3.1. Adaptação do PCLI – versão adolescente  | 172 |
| 3.2. Validade de construto do PCLI – versão adolescente  | 172 |
| 3.2.1. Estrutura factorial do PCLI – adolescente da<br>versão mãe  | 173 |
| 3.2.2. Estrutura factorial do PCLI – adolescente da<br>versão pai  | 175 |
| 3.3. Fidelidade do PCLI – versão adolescente   | 178 |
| 4. O questionário de vinculação ao pai e à mãe (QVPM, Matos,<br>P.M., Milheiro Almeida, H. & Costa, M.E., 1998) – Estudo de<br>validação | 179 |
| 4.1. Validação do QVPM   | 179 |
| 4.2. Validade de construto do QVPM   | 180 |
| 4.2.1. Estrutura factorial do QVPM – versão mãe  | 180 |
| 4.2.2. Estrutura factorial do QVPM – versão pai  | 182 |
| 4.3. Fidelidade do QVPM  | 185 |
| B. Apresentação e discussão de resultados  | 185 |
| 1. Estudo correlacional  | 185 |
| 2. Diferenças de acordo com o género do adolescente  | 187 |
| 3. Diferenças de acordo com o género dos pais  | 188 |
| 4. Diferenças de acordo com a figura parental  | 189 |
| III. Estudo de adaptação de instrumentos de avaliação na amostra do<br>estudo empírico   | 191 |
| A. Hipóteses   | 191 |
| 1. Diferenças em função do género do adolescente   | 191 |
| 2. Diferenças em função do género dos pais   | 193 |
| 3. Diferenças em função da idade do adolescente  | 194 |
| 4. Diferenças em função do nível sociocultural   | 195 |
| 5. Relações entre o desenvolvimento psicossocial   | 196 |
| 6. Diferenças no desenvolvimento em função das percepções de<br>satisfação familiar  | 196 |
| 7. Diferenças no desenvolvimento em função da<br>convergência/divergência de percepções de satisfação familiar                           | 197 |

|  |     |
|--|-----|
| B. Estudo Empírico - adaptação de instrumentos de avaliação  | 198 |
| 1. Amostra e procedimento  | 198 |
| 2. Escala de avaliação da satisfação em áreas da vida conjugal   | 200 |
| (Narciso & Costa, 1996) – Estudos de validação   |     |
| 2.1. Adaptação da EASAVIC  | 200 |
| 2.2. Validade de construto da EASAVIC – versão adolescente   | 201 |
| 2.2.1. Estrutura factorial da EASAVIC – adolescente versão mãe   | 202 |
| 2.2.2. Estrutura factorial da EASAVIC – adolescente versão pai   | 204 |
| 2.3. Estrutura factorial da EASAVIC – adulto   | 206 |
| 2.3.1. Estrutura factorial da EASAVIC – adulto   | 206 |
| 2.4. Fidelidade da EASAVIC   | 208 |
| 3. Índice do nível de comparação parental (PCLI, Waldron-Henessey, R. & Sabatteli, R.M., 1997) – Estudo de validação               | 209 |
| 3.1. Adaptação do PCLI   | 209 |
| 3.2. Validade de construto do PCLI – versão adolescente  | 210 |
| 3.2.1. Estrutura factorial do PCLI – adolescente versão mãe  | 210 |
| 3.2.2. Estrutura factorial do PCLI – adolescente versão pai  | 213 |
| 3.3. Estrutura factorial do PCLI – adulto  | 216 |
| 3.3.1. Estrutura factorial do PCLI – adulto  | 216 |
| 3.4. Fidelidade do PCLI  | 219 |
| 4. O questionário de vinculação ao pai e à mãe (QVPM, Matos, P.M., Milheiro Almeida, H. & Costa, M.E., 1998) – Estudo de validação | 219 |
| 4.1. Validação do QVPM   | 219 |
| 4.2. Validade de construto do QVPM   | 220 |
| 4.2.1. Estrutura factorial do QVPM – versão mãe  | 220 |
| 4.2.2. Estrutura factorial do QVPM – versão pai  | 222 |
| 4.3. Fidelidade do QVPM  | 224 |

|  |         |
|--|---------|
| IV. Adaptação do “Erikson Psychosocial Stage Inventory”  | 225     |
| 1. Descrição do EPSI   | 225     |
| 2. Adaptação do EPSI para adolescentes e jovens adultos  | 226     |
| 2.1. Amostra e procedimento  | 226     |
| 2.2. Estrutura factorial do EPSI – versão adolescente  | 227     |
| 2.3. Fidelidade do EPSI – versão adolescente   | 232     |
| 3. Adaptação do EPSI para adultos  | 232     |
| 3.1. Amostra e procedimento  | 232     |
| 3.2. Estrutura factorial do EPSI – versão adulto   | 233     |
| 3.3. Fidelidade do EPSI – versão adulto  | 237     |
| <br>Capítulo VI. <b>Apresentação dos resultados</b>  | <br>241 |
| 1.1. Diferenças em função do género do adolescente   | 241     |
| 1.2. Diferenças em função do género dos pais   | 244     |
| 1.3. Diferenças em função da idade do adolescente  | 246     |
| 1.4. Diferenças em função do nível sociocultural   | 248     |
| 1.5. Relações entre o desenvolvimento psicossocial   | 255     |
| 1.6. Diferenças no desenvolvimento em função das percepções de<br>satisfação familiar                            | 262     |
| 1.7. Diferenças no desenvolvimento em função da<br>convergência/divergência de percepções de satisfação familiar | 276     |
| <br>Capítulo VII. <b>Discussão dos resultados</b>  | <br>287 |
| 1. Diferenças em função do género do adolescente   | 287     |
| 2. Diferenças em função do género dos pais   | 291     |
| 3. Diferenças em função da idade do adolescente  | 294     |
| 4. Diferenças em função do nível sociocultural   | 296     |
| 5. Relações entre o desenvolvimento psicossocial   | 297     |
| 6. Diferenças no desenvolvimento em função das percepções de<br>satisfação familiar                              | 298     |
| 7. Diferenças no desenvolvimento em função da<br>convergência/divergência de percepções de satisfação familiar   | 300     |

|  |     |
|--|-----|
| <b>Conclusão geral</b>                                   | 305 |
| <b>Bibliografia</b>                                      | 313 |
| <b>Anexos</b>  |     |
| Anexo I – Instrumentos administrados no estudo piloto    |     |
| Anexo II – Instrumentos administrados no estudo empírico |     |

## Listas de figuras e quadros

|   |     |
|---|-----|
| <b>Figura 1.</b> Modelo da vinculação no adulto (Bartholomew & Horowitz, 1991)  | 121 |
| <b>Figura 2.</b> Análise confirmatória da escala confiança vs. desconfiança básica, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento        | 228 |
| <b>Figura 3.</b> Análise confirmatória da escala autonomia vs. vergonha e dúvida, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento          | 228 |
| <b>Figura 4.</b> Análise confirmatória da escala iniciativa vs. culpa, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento                     | 229 |
| <b>Figura 5.</b> Análise confirmatória da escala indústria vs. inferioridade, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento              | 230 |
| <b>Figura 6.</b> Análise confirmatória da escala identidade vs. confusão de identidade, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento    | 231 |
| <b>Figura 7.</b> Análise confirmatória da escala intimidade vs. isolamento, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento                | 231 |
| <b>Figura 8.</b> Análise confirmatória da escala confiança vs. desconfiança básica, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento        | 234 |
| <b>Figura 9.</b> Análise confirmatória da escala autonomia vs. vergonha e dúvida, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento          | 234 |
| <b>Figura 10.</b> Análise confirmatória da escala iniciativa vs. culpa, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento                    | 235 |
| <b>Figura 11.</b> Análise confirmatória da escala indústria vs. inferioridade, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento             | 236 |
| <b>Figura 12.</b> Análise confirmatória da escala Identidade VS. Confusão da Identidade, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento   | 236 |
| <b>Figura 13.</b> Análise confirmatória da escala Identidade VS. Isolamento da Identidade, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento | 237 |
| <b>Figura 14.</b> Distribuição dos estilos de vinculação à mãe em comparação  | 270 |

com os estilos de vinculação ao pai

**Figura 15.** Modelo estrutural relacionando a satisfação parental e conjugal dos pais e as percepções das mesmas por parte do filho e respectivos índices de ajustamento 280

|  |     |
|--|-----|
| <b>Quadro 1.</b> <i>Estádios do desenvolvimento psicossocial</i>   | 74  |
| <b>Quadro 2.</b> <i>Caracterização da amostra ( N=260)</i>   | 164 |
| <b>Quadro 3.</b> Estrutura factorial da EASAVIC- adolescentes na versão Mãe  | 168 |
| <b>Quadro 4.</b> Estrutura factorial da EASAVIC- adolescentes na versão Pai  | 170 |
| <b>Quadro 5.</b> Consistência interna da EASAVIC – adolescentes para a versão Mãe e para a versão Pai                        | 171 |
| <b>Quadro 6.</b> Estrutura factorial da PCLI- adolescentes na versão Mãe   | 174 |
| <b>Quadro 7.</b> Estrutura factorial da PCLI- adolescentes na versão Pai   | 177 |
| <b>Quadro 8.</b> Consistência interna do PCLI– adolescentes para a versão Mãe e para a versão Pai                            | 179 |
| <b>Quadro 9.</b> Estrutura factorial do QVPM na versão Mãe   | 181 |
| <b>Quadro 10.</b> Estrutura factorial do QVPM na versão Pai  | 183 |
| <b>Quadro 11.</b> Consistência interna do QVPM   | 185 |
| <b>Quadro 12.</b> <i>Matriz de correlações entre as dimensões da satisfação parental, conjugal e da vinculação</i>           | 186 |
| <b>Quadro 13.</b> Análise de diferenças em função do género: média, desvio padrão, valor t e significância                   | 187 |
| <b>Quadro 14.</b> Análise de diferenças em função do género dos pais: média, desvio padrão, valor t e significância          | 188 |
| <b>Quadro 15.</b> Análise de clusters para o pai   | 189 |
| <b>Quadro 16.</b> Análise de clusters para a mãe   | 189 |
| <b>Quadro 17.</b> <i>Caracterização da amostra ( N=230 tríades familiares)</i>   | 199 |
| <b>Quadro 18.</b> Estrutura factorial da EASAVIC adolescentes- versão mãe  | 203 |
| <b>Quadro 19.</b> Estrutura factorial da EASAVIC adolescentes- versão pai  | 205 |
| <b>Quadro 20.</b> Estrutura factorial da EASAVIC- versão Pais  | 207 |
| <b>Quadro 21.</b> Consistência interna da EASAVIC – adolescentes para a versão Mãe e para a versão Pai e da EASAVIC – adulto | 208 |

|  |     |
|--|-----|
| <b>Quadro 22.</b> Estrutura factorial do PCLI mãe - versão adolescente   | 211 |
| <b>Quadro 23.</b> Estrutura factorial do PCLI pai - versão adolescente   | 214 |
| <b>Quadro 24.</b> Estrutura factorial do PCLI - versão Pais  | 217 |
| <b>Quadro 25.</b> Consistência interna do PCLI – adolescentes para a versão Mãe e para a versão Pai e do PCLI – adultos  | 219 |
| <b>Quadro 26.</b> Estrutura factorial do QVPM na versão Mãe  | 221 |
| <b>Quadro 27.</b> Estrutura factorial do QVPM na versão Pai  | 223 |
| <b>Quadro 28.</b> Consistência interna do QVPM   | 224 |
| <b>Quadro 29.</b> <i>Caracterização da amostra ( N=741)</i>  | 226 |
| <b>Quadro 30.</b> Consistência interna do EPSI – adolescentes  | 232 |
| <b>Quadro 31.</b> <i>Caracterização da amostra ( N=460)</i>  | 233 |
| <b>Quadro 32.</b> Consistência interna do EPSI – adulto  | 238 |
| <b>Quadro 33.</b> <i>Resultados dos testes t para amostras independentes para as dimensões da vinculação segundo o género do adolescente</i>                   | 242 |
| <b>Quadro 34.</b> <i>Resultados dos testes t para amostras independentes para as dimensões do desenvolvimento psicossocial segundo o género do adolescente</i> | 243 |
| <b>Quadro 35.</b> <i>Resultados dos testes t para amostras independentes para as dimensões da satisfação conjugal segundo o género do adolescente</i>          | 243 |
| <b>Quadro 36.</b> <i>Resultados dos testes t para amostras independentes para as dimensões da satisfação parental segundo o género do adolescente</i>          | 244 |
| <b>Quadro 37.</b> <i>Resultados dos testes t para amostras emparelhadas para as dimensões da vinculação segundo o género dos pais</i>                          | 244 |
| <b>Quadro 38.</b> <i>Resultados dos testes t para amostras emparelhadas para as dimensões da satisfação conjugal segundo o género dos pais</i>                 | 245 |
| <b>Quadro 39.</b> <i>Resultados dos testes t para amostras emparelhadas para as dimensões da satisfação parental segundo o género dos pais</i>                 | 245 |
| <b>Quadro 40.</b> <i>Resultados dos testes t para amostras independentes para as dimensões da vinculação segundo a idade do adolescente</i>                    | 246 |
| <b>Quadro 41.</b> <i>Resultados dos testes t para amostras independentes para as dimensões do desenvolvimento psicossocial segundo a idade do adolescente</i>  | 247 |

|                   |  |     |
|-------------------|--|-----|
| <b>Quadro 42.</b> | <i>Resultados dos testes t para amostras independentes para as</i>             | 247 |
|                   | <i>dimensões da satisfação conjugal segundo a idade do adolescente</i>         |     |
| <b>Quadro 43.</b> | <i>Resultados dos testes t para amostras independentes para as</i>             | 248 |
|                   | <i>dimensões da satisfação parental segundo a idade do adolescente</i>         |     |
| <b>Quadro 44.</b> | <i>Médias e desvios padrão para as dimensões da vinculação</i>                 | 248 |
|                   | <i>em função do nível sociocultural</i>  |     |
| <b>Quadro 45.</b> | <i>Resultados da ANOVA para as dimensões da vinculação</i>                     | 249 |
|                   | <i>segundo o nível sociocultural</i>   |     |
| <b>Quadro 46.</b> | <i>Médias e desvios padrão para as dimensões do</i>                            | 250 |
|                   | <i>desenvolvimento psicossocial do filho em função do nível sociocultural</i>  |     |
| <b>Quadro 47.</b> | <i>Resultados da ANOVA para as dimensões do</i>                                | 250 |
|                   | <i>desenvolvimento psicossocial do filho segundo o nível sociocultural</i>     |     |
| <b>Quadro 48.</b> | <i>Médias e desvios padrão para as dimensões do</i>                            | 251 |
|                   | <i>desenvolvimento psicossocial da mãe em função do nível sociocultural</i>    |     |
| <b>Quadro 49.</b> | <i>Resultados da ANOVA para as dimensões do</i>                                | 251 |
|                   | <i>desenvolvimento psicossocial da mãe segundo o nível sociocultural</i>       |     |
| <b>Quadro 50.</b> | <i>Médias e desvios padrão para as dimensões do</i>                            | 252 |
|                   | <i>desenvolvimento psicossocial do pai em função do nível sociocultural</i>    |     |
| <b>Quadro 51.</b> | <i>Resultados da ANOVA para as dimensões do</i>                                | 252 |
|                   | <i>desenvolvimento psicossocial do pai segundo o nível sociocultural</i>       |     |
| <b>Quadro 52.</b> | <i>Médias e desvios padrão para as dimensões das percepções</i>                | 253 |
|                   | <i>de satisfação conjugal do filho em função do nível sociocultural</i>        |     |
| <b>Quadro 53.</b> | <i>Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de</i>                 | 253 |
|                   | <i>satisfação conjugal do filho segundo o nível sociocultural</i>              |     |
| <b>Quadro 54.</b> | <i>Médias e desvios padrão para as dimensões das percepções</i>                | 253 |
|                   | <i>de satisfação conjugal da mãe e do pai em função do nível sociocultural</i> |     |
| <b>Quadro 55.</b> | <i>Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de</i>                 | 254 |
|                   | <i>satisfação conjugal da mãe e do pai em função do nível sociocultural</i>    |     |
| <b>Quadro 56.</b> | <i>Médias e desvios padrão para as percepções de satisfação</i>                | 254 |
|                   | <i>parental do filho em função do nível sociocultural</i>                      |     |
| <b>Quadro 57.</b> | <i>Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de</i>                 | 254 |
|                   | <i>satisfação parental do filho segundo o nível sociocultural</i>              |     |



|   |     |
|---|-----|
| <b>Quadro 58.</b> Médias e desvios padrão para as dimensões das percepções de satisfação parental da mãe e do pai em função do nível sociocultural  | 255 |
| <b>Quadro 59.</b> Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de satisfação parental da mãe e do pai em função do nível sociocultural  | 255 |
| <b>Quadro 60.</b> Correlação de Pearson entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho e as mesmas dimensões da mãe  | 256 |
| <b>Quadro 61.</b> Correlação de Pearson entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho e as mesmas dimensões do pai  | 257 |
| <b>Quadro 62.</b> Correlação de Pearson entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do pai e as mesmas dimensões da mãe  | 258 |
| <b>Quadro 63.</b> Clusters do EPSI para o filho   | 259 |
| <b>Quadro 64.</b> Clusters do EPSI para a mãe   | 259 |
| <b>Quadro 65.</b> Clusters do EPSI para o pai   | 260 |
| <b>Quadro 66.</b> Concordância entre o desenvolvimento psicossocial do filho e o desenvolvimento psicossocial da mãe  | 261 |
| <b>Quadro 67.</b> Concordância entre o desenvolvimento psicossocial do filho e o desenvolvimento psicossocial do pai  | 261 |
| <b>Quadro 68.</b> Concordância entre o desenvolvimento psicossocial do pai e o desenvolvimento psicossocial da mãe  | 261 |
| <b>Quadro 69.</b> Correlação de Pearson entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho e as percepções de satisfação conjugal e parental referentes aos seus pais  | 263 |
| <b>Quadro 70.</b> Correlação de Pearson entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial da mãe e as suas percepções de satisfação conjugal e parental  | 263 |
| <b>Quadro 71.</b> Correlação de Pearson entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do pai e as suas percepções de satisfação conjugal e parental  | 264 |
| <b>Quadro 72.</b> Análises de diferenças por grupos de clusters de desenvolvimento psicossocial do filho para as dimensões da vinculação: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffé | 264 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Quadro 73.</b> <i>Análises de diferenças por grupos de clusters do desenvolvimento psicossocial do filho para as dimensões da satisfação conjugal: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffe</i> | 265 |
| <b>Quadro 74.</b> <i>Análises de diferenças por grupos de clusters do desenvolvimento psicossocial do filho para as dimensões da satisfação parental: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffé</i> | 266 |
| <b>Quadro 75.</b> <i>Análises de diferenças por grupos de clusters do desenvolvimento psicossocial da mãe para as dimensões da satisfação conjugal: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffé</i>   | 266 |
| <b>Quadro 76.</b> <i>Análises de diferenças por grupos de clusters do desenvolvimento psicossocial da mãe para as dimensões da satisfação parental: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffé</i>   | 267 |
| <b>Quadro 77.</b> <i>Análises de diferenças por grupos de clusters do desenvolvimento psicossocial do pai para as dimensões da satisfação conjugal: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffe</i>   | 267 |
| <b>Quadro 78.</b> <i>Análises de diferenças por grupos de clusters do desenvolvimento psicossocial do pai para as dimensões da satisfação parental: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffé</i>   | 267 |
| <b>Quadro 79.</b> <i>Correlação de Pearson entre as dimensões da vinculação aos pais e as dimensões das percepções do filho relativas à satisfação conjugal e parental dos pais</i>   | 268 |
| <b>Quadro 80.</b> <i>Análise de clusters do QVPM – versão mãe</i>   | 269 |
| <b>Quadro 81.</b> <i>Análise de clusters do QVPM – versão pai</i>   | 269 |
| <b>Quadro 82.</b> <i>Concordância do estilo de vinculação à mãe e ao pai</i>  | 270 |
| <b>Quadro 83.</b> <i>Médias e desvios padrão para as dimensões das percepções de satisfação conjugal do filho em função do estilo de vinculação à mãe</i>   | 271 |

|                   |  |     |
|-------------------|--|-----|
| <b>Quadro 84.</b> | <i>Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de</i>                   | 271 |
|                   | <i>satisfação conjugal do filho segundo o estilo de vinculação à mãe</i>         |     |
| <b>Quadro 85.</b> | <i>Médias e desvios padrão para as dimensões das percepções</i>                  | 272 |
|                   | <i>de satisfação conjugal do filho em função do estilo de vinculação ao pai</i>  |     |
| <b>Quadro 86.</b> | <i>Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de</i>                   | 272 |
|                   | <i>satisfação conjugal do filho segundo o estilo de vinculação ao pai</i>        |     |
| <b>Quadro 87.</b> | <i>Médias e desvios padrão para as percepções de satisfação</i>                  | 273 |
|                   | <i>parental do filho em função do estilo de vinculação à mãe</i>                 |     |
| <b>Quadro 88.</b> | <i>Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de</i>                   | 273 |
|                   | <i>satisfação parental do filho segundo o estilo de vinculação à mãe</i>         |     |
| <b>Quadro 90.</b> | <i>Médias e desvios padrão para as percepções de satisfação</i>                  | 273 |
|                   | <i>parental do filho em função do estilo de vinculação ao pai</i>                |     |
| <b>Quadro 91.</b> | <i>Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de</i>                   | 274 |
|                   | <i>satisfação parental do filho segundo o estilo de vinculação à mãe</i>         |     |
| <b>Quadro 92.</b> | <i>Médias e desvios padrão para as dimensões do</i>                              | 274 |
|                   | <i>desenvolvimento psicossocial do filho em função do estilo de vinculação à</i> |     |
|                   | <i>mãe</i>   |     |
| <b>Quadro 93.</b> | <i>Resultados da ANOVA para as dimensões do</i>                                  | 275 |
|                   | <i>desenvolvimento psicossocial do filho segundo o estilo de vinculação à</i>    |     |
|                   | <i>mãe</i>   |     |
| <b>Quadro 94.</b> | <i>Médias e desvios padrão para as dimensões do</i>                              | 275 |
|                   | <i>desenvolvimento psicossocial do filho em função do estilo de vinculação</i>   |     |
|                   | <i>ao pai</i>  |     |
| <b>Quadro 95.</b> | <i>Resultados da ANOVA para as dimensões do</i>                                  | 275 |
|                   | <i>desenvolvimento psicossocial do filho segundo o estilo de vinculação ao</i>   |     |
|                   | <i>pai</i>   |     |
| <b>Quadro 96.</b> | <i>Correlações de Pearson entre as percepções do pai e da mãe</i>                | 276 |
|                   | <i>e as percepções dos filhos relativas aos pais</i>                             |     |
| <b>Quadro 97.</b> | <i>Correlação de Pearson entre as percepções de satisfação</i>                   | 277 |
|                   | <i>conjugal e parental do filho relativas à mãe com as relativas ao pai</i>      |     |
| <b>Quadro 98.</b> | <i>Resultados dos testes t para amostras emparelhadas entre a</i>                | 278 |
|                   | <i>percepção do filho e a do pai</i>   |     |

**Quadro 99.** *Resultados dos testes t para amostras emparelhadas entre a percepção do filho e a da mãe* 278

**Quadro 100.** *Resultados dos testes t para amostras emparelhadas entre a percepção da mãe e a do pai* 279

**Quadro 101.** *Resultados dos testes t conduzidos para as dimensões do desenvolvimento psicossocial e da vinculação em função da convergência/ divergência de percepções de satisfação familiares* 282

## Introdução

Nesta parte introdutória do trabalho, começamos por mencionar as razões que determinaram a escolha deste tema e não de outro qualquer, seguindo-se uma breve apresentação dos diferentes capítulos que o compõem.

Na origem do interesse deste estudo encontram-se razões de duas ordens. A primeira, que advém da minha prática clínica, onde é realçada em todos os processos de intervenção psicológica a importância da família enquanto unidade de desenvolvimento. A segunda, de ordem pessoal, que advém da minha própria experiência familiar. Neste contexto de desenvolvimento primário, tive sempre a percepção do quanto os filhos eram importantes e motivo de satisfação para os pais sendo visível o carinho e a cumplicidade existentes entre os meus pais, apesar das dificuldades da vida diária. Se, por um lado, no contexto de consulta psicológica sobressaem os aspectos nefastos para o desenvolvimento do sujeito devidos a experiências familiares negativas, o que, aliás, se encontra bem documentado em termos da investigação empírica realizada; por outro lado, os produtos ao nível do desenvolvimento da vivência de papéis familiares com satisfação e o modo como são percebidos pelos diferentes elementos que compõem o sistema familiar não têm sido documentados.

De facto, é claramente reconhecida a influência da família no desenvolvimento do ser humano. Actualmente, é claramente reconhecida a importância das relações íntimas no bem estar psicológico dos indivíduos, em particular as relações conjugais e parentais. O sistema familiar composto por diferentes subsistemas – conjugal, parental e filial – caracteriza-se por uma multiplicidade de relações entre os seus elementos constitutivos. O tipo de interacções estabelecidas conduzem a um desenvolvimento e complexidade constante dessas relações. De facto, muitos investigadores na área da família enfatizam o papel da família de origem na modelagem das vidas conjugais da geração seguinte (Bowen, 1986). Bowen (1986) postulou que as características das relações com a família de origem (por exemplo, a atmosfera emocional, os padrões de relações interpessoais, as expectativas e regras relativas ao

desempenho de papéis) servem como modelos para as relações familiares futuras e, por isso, são transportadas num processo de projecção. Em concordância com isto, Sroufe and Fleeson (1986) afirmam que a pessoa projecta a sua representação das relações, fortemente moldada pelas experiências precoces, nas futuras relações sociais. Deste modo, os indivíduos que possuam recursos psicológicos que possam ser utilizados na promoção do funcionamento relacional – por exemplo, um sentimento básico de segurança e auto-imagem, a capacidade de ser responsivo às necessidades, regulação emocional, sentimentos de eficácia e apreciar a intimidade – têm mais probabilidade de estabelecer relações com os outros íntimas e apoiantes (Bowen, 1978; KobaK & Sceery, 1988 in Vondra & Belsky, 1993). Shulman, Rosenheim & Knafo (1999) Obtiveram dados consistentes com o modelo de socialização, que defende que a família serve como um modelo para as relações conjugais futuras.

O nascimento de um filho implica uma redefinição de papéis no seio da família, com o inerente estabelecimento de fronteiras entre o sistema conjugal já existente e o sistema parental recentemente criado ou recriado. O nascimento de um filho e a adaptação contínua ao seu crescimento implica por parte do sistema parental uma redefinição constante das suas funções, bem como uma articulação satisfatória entre os papéis parentais e conjugais, na medida em que as exigências de um sub-sistema e outro se sobrepõem. Acrescentando a tudo isto o facto de este filho não ter sido desejado e planeado ou surgindo apenas para o mero preenchimento de um vazio latente, bem como as próprias características da criança, o exercício das funções parentais é frequentemente acompanhado de stress e angústia e muitas vezes de negligência e hostilidade.

Sendo os pais os principais catalisadores do desenvolvimento de um filho, este desenvolvimento é condicionado não apenas pelo sistema parental como também pelo sistema conjugal. Além disso, a criança não pode ser vista como um ser passivo, mas sim detentora da sua própria individualidade, que pensa, sente, age, reage, sendo ela um agente activo na construção de uma relação com os pais.

Não podemos compreender a dinâmica familiar se não tivermos em conta todos os elementos que dela fazem parte, a sua interacção bem como as influências recíprocas no seu desenvolvimento. No entanto, a família como espaço privilegiado de desenvolvimento, nem sempre assume formas promotoras do mesmo. Enquanto contexto de amor, carinho, protecção e de desenvolvimento, a família revela ora implícita ora explicitamente relações que se apoiam por vezes, não nestes pressupostos que lhe são socialmente atribuídos mas, no medo, hostilidade, negligência e violência.

Apesar da mudança socialmente referida ao nível das práticas educativas, não podemos negar uma organização e funcionamento familiar ainda caracterizado por um sistema patriarcal, em que o pai é detentor do poder e com papéis sexuais definidos de uma forma tradicional: a mãe é frequentemente a responsável máxima pela educação dos filhos, sendo o pai chamado apenas nas situações consideradas mais importantes para exercer as suas funções de autoridade. Mesmo nas famílias em que o casal trabalha, o pai é ainda o elemento da família mais ausente afectivamente e fisicamente, valorizando o apoio instrumental, enquanto a mãe, a que está mais presente, valoriza mais a vertente do apoio emocional. Tendo em conta esta organização familiar é esperado que os pais se distingam nas formas como percebem o exercício das suas funções parentais, mas também que o significado atribuído pelos filhos seja diferente, sendo esta percepção influenciada pelo género de pertença.

Inúmeros estudos têm sido realizados no sentido de perceber variáveis pessoais (relativas aos pais e filhos), históricas e contextuais promotoras de comportamentos violentos na interacção pais – filhos, bem como sobre as suas consequências no desenvolvimento destes. No entanto, encontramos poucos estudos que analisassem de uma forma diferencial, isto é como o pai e a mãe se percebem no exercício das suas funções parentais, bem como os filhos as avaliam.

Tendo em conta estes pressupostos, este estudo tem como objectivo geral avaliar diferencialmente como pais e filhos percebem a sua relação nas seguintes dimensões da satisfação conjugal e da satisfação parental.

O presente estudo pretende compreender de que modo as experiências de satisfação com o desempenho nos papéis familiares conjugal e parental medeiam o desenvolvimento do adolescente e jovem adulto. Pretende ainda analisar de que forma as percepções dos diferentes elementos constitutivos da família (pai, mãe e filho(a)) têm percepções convergentes ou divergentes e qual o efeito de cada uma dessas condições ao nível do desenvolvimento. De facto, apesar de se tratar da mesma realidade familiar cada elemento pode construir significados diferenciados em função do tipo de modelo interno dinâmico que lhe serve como grelha de leitura da realidade e que se foi desenvolvendo no contexto relacional. Pretende ainda analisar o papel da variável género ao nível das percepções de satisfação e do desenvolvimento.

Esta investigação constitui-se como inovadora ao tentar alargar o estudo das percepções da satisfação conjugal e parental do casal para o sistema filial de modo a aceder às representações que os filhos têm acerca da forma como os seus pais vivenciam o desempenho desses papéis.

Este trabalho é constituído por duas partes complementares: a primeira de enquadramento teórico, focando a forma como o fenómeno estudado tem sido abordado e a segunda de natureza empírica que apresenta os passos metodológicos, os resultados e as implicações práticas da investigação levada a cabo. Encontra-se organizado em 7 capítulos.

Deste modo, na primeira parte de enquadramento teórico temos quatro capítulos.

O primeiro capítulo apresenta uma contextualização do estudo das percepções de satisfação com os papéis familiares.

O segundo capítulo descreve a contribuição da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson e a forma como se constitui como importante grelha de leitura do desenvolvimento humano.

No terceiro capítulo é apresentada a teoria da vinculação, referenciando-se brevemente as suas origens, as premissas base, concluindo-se com uma visão crítica.



O quarto capítulo apresenta uma síntese das investigações que demonstram a influência que a família possui no desenvolvimento humano.

Na segunda parte dedicada ao estudo empírico temos três capítulos.

O quinto capítulo aborda as questões metodológicas do estudo: à especificação dos objectivos orientadores da condução deste estudo, enunciação das hipóteses em estudo, identificação da metodologia utilizada, definição das variáveis, constituição e caracterização da amostra, selecção dos instrumentos, e sua adaptação e validação.

O capítulo sexto apresenta os resultados obtidos no nosso estudo.

Finalmente, o capítulo sétimo procura fazer uma discussão dos resultados obtidos tendo em conta as hipóteses levantadas e à luz da investigação existente.

Por fim, e na conclusão geral são propostas novas linhas para futuras investigações e enumeradas as críticas ao presente trabalho.

## **Parte I**

### **ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## **Capítulo I**

### **PERCEPÇÕES DE SATISFAÇÃO NA FAMÍLIA**

## Capítulo I

### Percepções de satisfação na família

Neste estudo, pretendemos compreender o modo como os diferentes elementos constitutivos da família percebem a satisfação proveniente do desempenho dos papéis familiares. Temos então dois tipos de percepções: se, por um lado os pais já se encontram a desempenhar os papéis conjugal e parental, reportando-se ao modo subjectivo de os vivenciar relativamente à satisfação que advém do seu desempenho; por outro lado, os filhos adolescentes ou jovens adultos que ainda não iniciaram o desempenho desses papéis familiares, formam representações da satisfação que os seus pais retiram pelo facto de serem um casal e de serem pais. Se relativamente à primeira dimensão existem estudos, relativamente à segunda não existem estudos, constituindo-se como o carácter inovador do presente estudo. Começamos assim por contextualizar a vivência deste dois papéis familiares de modo a dar sentido às percepções que deles advém.

A parentalidade “é um processo biológico e social” (Tobach & Schneirla, 1968\*).

“É o termo que sumariza o conjunto de comportamentos envolvidos ao longo da vida nas relações entre organismos que são conspecíficos, e tipicamente membros de diferentes gerações ou, pelo menos, de coortes de nascimento diferentes e cujas interações fornecem recursos ao longo dos grupos geracionais e funcionam tendo em vista os domínios da sobrevivência, reprodução, *nurturance* e socialização.”(Lerner, Castellino, Terry, Villanuel & McKinney, 1995)

Para Gould (1977\*) e R. M. Lerner (1984\*), especificamente nos humanos, a parentalidade por membros de uma geração mais velha a uma

---

\* In Lerner, R.M., Castellino, D.R., Terry, P.A., Villanuel, F.A. & McKinney, M.H. (1995).

geração mais nova possibilita: reprodução sucedida, aprendizagem – ao longo de uma infância extensa – para se ajustar em cada nicho geracional, e uma conectividade e interdependência intergeracional. Aumenta a capacidade de ambas as gerações de funcionarem bem em novos nichos. Na geração mais nova, a capacidade de funcionar em novas arenas surge como consequência da actualização do alto nível de plasticidade, o que pode manter ou aumentar a qualidade de vida da geração mais velha.

Portanto, a parentalidade é um processo complexo, envolvendo muito mais do que uma mãe ou um pai fornecendo comida, segurança e auxílio a uma criança. A parentalidade envolve relações bidireccionais entre membros de duas (ou mais) gerações, pode estender-se a todas ou à maior parte do curso de vida destes grupos, pode comprometer todas as instituições de uma cultura (incluindo educacionais, económicas, políticas e sociais) e está embebida na história da pessoa – enquanto esta história ocorre nos dispositivos naturais e desenhados nos quais o grupo vive (Ford & R. M. Lerner, 1992). Dada a variação temporal que caracteriza a história, a variação da cultura e das suas instituições existentes em nichos ecológicos físicos diferentes, e a variação, nas e através das gerações, nas estratégias e comportamentos concebidos para se ajustar aos nichos, pode-se notar que a diversidade é característica substantiva chave do comportamento parental. Para se compreender a parentalidade adequadamente é necessário focar-se nesta variação mais do que nas tendências centrais.

A parentalidade envolve múltiplos níveis de organização que mudam nas e através de relações integradas, mutuamente interdependentes ou “fusionadas” ocorrendo através do tempo ontogenético e histórico (R. M. Lerner & J. V. Lerner, 1987; Tobach & Greenberg, 1984\*).

Esta visão da parentalidade está associada à teoria do desenvolvimento humano desenvolvimental contextual (R.M. Lerner, 1986, 1991, 1992). Foca nas relações em constante mudança entre as pessoas em desenvolvimento e o seu contexto.

## 1. O contextualismo desenvolvimental

O contextualismo desenvolvimental é uma perspectiva do desenvolvimento humano que toma uma abordagem integrativa dos múltiplos níveis de organização presumidos de compreender a natureza da vida humana; isto é, relações “fusionadas” (Tobach & Greenberg, 1984\*) e em mudança entre os níveis contextuais, biológico, psicológico e social que compreendem o processo de mudança desenvolvimental.

Esta visão em vez de reducionista ou uma forma de processamento paralelo, assenta na idéia de que as variáveis destes níveis de análise são dinamicamente interactivas – elas são reciprocamente influenciáveis ao longo do curso da ontogenia humana.

Se o curso do desenvolvimento humano é o produto dos processos envolvidos nas “fusões” (ou “interacções dinâmicas”, R. M. Lerner, 1978, 1979, 1984) entre níveis integrativos, então os processos de desenvolvimento são mais plásticos do que muitas vezes previamente se acreditara (cf. Brim & Kagan, 1980\*).

O contexto para o desenvolvimento não é visto meramente como um simples ambiente estimulante, mas como um “ambiente ecológico... concebido topologicamente como um arranjo de estruturas concêntricas que se encaixam umas nas outras, cada uma contida na seguinte” (Bronfenbrenner, 1979, p.22) e incluindo variáveis dos níveis biológicos, psicológicos, físicos e sociocultural, todos em mudança de modo interdependente ao longo da história (Riegel, 1975\*, 1976\*).

A ideia central no contextualismo desenvolvimental é que relações recíprocas em mudança (ou interacções dinâmicas) entre os indivíduos e os múltiplos contextos nos quais eles vivem compreendem o processo essencial do desenvolvimento humano (R. M. Lerner, 1986; R. M. Lerner & Kauffman, 1985\*). O comportamento é quer biológico quer social (Featherman & Lerner, 1985\*; Tobach & Schneirla, 1968\*).

## **2. As características das relações pessoa – contexto**

As características dos indivíduos enquanto crianças relacionam-se com as suas características durante a idade adulta e o modo como nos comportamos e pensamos enquanto adultos – e especialmente enquanto pais – é muito influenciado pelas nossas experiências com os nossos filhos.

O facto de se ser pai transforma a pessoa num adulto diferente do que seria se não fosse. As características específicas e muitas vezes especiais de uma dada criança influenciam-nos de formas muito únicas. O modo como nos comportamos perante uma criança depende muito de como ela influenciou o nosso comportamento. Estas influências da criança são designadas de efeitos da criança.

Ao influenciarem os pais que os influenciam, os filhos moldam, de certa forma, o seu próprio desenvolvimento. Neste sentido, os filhos são produtores do seu próprio desenvolvimento (R. M. Lerner, 1982) e a presença destes efeitos da criança constituem a base da relação bidirecional entre pais e filhos. Esta bidirecionalidade relacional continua na adolescência e na idade adulta estendendo-se a todas as pessoas significativas na vida da pessoa (irmãos, amigos, professores,...).

A relação criança – outro é o traço básico das relações desenvolvimentais contextuais que caracterizam o ser humano.

Os efeitos da criança emergem principalmente como uma consequência da distintividade individual da criança. Nem mesmo os gêmeos monozigóticos são iguais, pois nenhuma das duas crianças experienciam precisamente o mesmo ambiente. Cada criança é única e, portanto individualmente diferente da outra.

Existem quatro componentes chave do efeito da criança que passamos a descrever.

### **1. Individualidade da criança**

Esta individualidade pode ser ilustrada pelo estudo do temperamento (característica do comportamento da criança que descreve como eles actuam).

### **2. Características estimuladoras da individualidade da criança**

Em consequência da sua individualidade, a criança apresenta diferente estimulação aos pais.

### 3. Reacções parentais à estimulação da criança

Pais que são estimulados diferencialmente reagem diferencialmente. A individualidade destas reacções parentais sublinha a ideia de que os pais são individualmente distintos dos seus filhos. A individualidade parental sublinha a unicidade do contexto de cada criança.

### 4. Feedback parental à criança

Como consequência da diferente estimulação recebida da criança, e em relação às suas próprias características de individualidade, os pais fornecem feedback diferencial aos seus filhos. Este feedback torna-se uma parte importante da experiência da criança. Mais ainda, este feedback é distinto por se basear no efeito da individualidade da criança no pai. Por isso, o feedback serve para promover ainda mais a individualidade da criança.

## 3. Funções circulares e socialização bidireccional: O modelo de *goodness of fit*

Estes quatro componentes dos efeitos da criança constituem uma função circular (Schneirla, 1957\*) no desenvolvimento individual: As crianças estimulam reacções diferenciadas nos pais, e essas reacções fornecem a base do feedback à criança, isto é, retorna estimulação que influencia o seu posterior desenvolvimento individual.

As relações bidireccionais pai – filho envolvidas nestas funções circulares sublinham que as crianças (e adolescentes e adultos) são produtoras do seu próprio desenvolvimento e que as relações das pessoas com os seus contextos envolvem trocas bidireccionais (R. M. Lerner, 1982; R. M. Lerner & Bush – Rosznagel, 1981\*). Os pais moldam a criança, mas parte do que determina a forma na qual os pais o fazem é a própria criança. Os filhos moldam os seus pais – como adultos, esposos e claro como pais *per se* – e ao fazê-lo os filhos ajudam a organizar o feedback para si, feedback esse que contribui mais para a sua individualidade e por isso a função circular começa outra vez (isto é, o processo dos efeitos da criança retorna para os seus primeiros componentes).



Este modelo de função circular precisa de ser suplementado, sendo esta a contribuição do modelo de *goodness of fit*.

Assim como as crianças trazem as suas características de individualidade para um ambiente social particular, existem pedidos às crianças pelos componentes sociais e físicos desse ambiente. Estes pedidos podem tomar a forma de atitudes, valores, estereótipos que são tomados pelos outros no contexto tendo em atenção os atributos da pessoa (quer as características físicas quer comportamentais); os atributos (normalmente comportamentais) dos outros no contexto com quem as crianças devem coordenar, ou encaixar os seus atributos (também neste caso normalmente comportamentais) para interações adaptativas para existir; ou, características físicas de um ambiente (e.g. presença ou ausência de rampas de acesso para deficientes motores), os quais requerem que a criança possua certos atributos ( mais uma vez, normalmente competências comportamentais) para a eficiente interação no ambiente a ocorrer. A individualidade da criança ao ir ao encontro dessas solicitações diferencialmente fornece a base para o feedback específico que ela retira do ambiente de socialização.

Tomas e Chess (1977\*, 1980\*, 1981\*) e J. V. Lerner e R. M. Lerner (1983, 1989) acreditam que se as características de individualidade da criança fornecem um bom ajustamento (ou correspondência) às exigências de um dado ambiente, surgirão resultados adaptativos nesse ambiente. As crianças que se ajustam à maioria dos ambientes nos quais elas estão, devem receber feedback positivo ou apoiante dos contextos e mostrando evidência do desenvolvimento comportamental adaptativo. Por outro lado, as crianças pobremente ajustadas – cujas características são incongruentes com um ou com a maioria dos ambientes – mostram resultados desenvolvimentais alternativos.

Por exemplo, atributos de temperamento que trazem “dificuldade” para o prestador de cuidados, ou seja, que não se ajustam às exigências do prestador de cuidados, podem estar associados a distintos tipos de relações parentais e familiares.

A investigação tem demonstrado que as pessoas – até mesmo mães – tentam evitar interações com os outros – mesmo os seus próprios filhos – se todas resultaram em conflito (Dunn & Kendrick, 1980; Campbell, 1979; Dunn, 1980; Sameroff, 1975; Donovan, Leavitt & Balling, 1978; Brazelton et al., 1974, \*). Outros dados mostram que o temperamento difícil de uma criança pode influenciar as emoções dos pais.

Dada a consistência destes estudos – mostrando existirem diferentes relações pessoa – contexto quando os indivíduos se ajustam temperamentalmente às solicitações contextuais versus quando temperamentalmente não se ajustam – podemos concluir que o estilo de comportamento dos indivíduos exerce uma influência importante nos outros significativos da sua vida.

Em suma, as características da individualidade da criança, quer sejam físicas quer comportamentais, podem influenciar a relação pai – filho, a relação conjugal e a família inteira. Contudo, isto é apenas uma porção das relações bidireccionais pessoa – contexto. O contexto da criança também influencia as relações bidireccionais, sendo os pais uma componente chave neste contexto. Contudo, é importante ver as relações bidireccionais pai – filho tendo em atenção os contextos sociais mais alargados do desenvolvimento da criança, tais como, os ambientes sociais e as influências contextuais (e.g. derivados de mudanças culturais e históricas) que podem influenciar pais e filhos, quer separadamente quer individualmente.

#### **4. Contribuições do contexto social nas relações bidireccionais pessoa – contexto**

As diferenças individuais existem de acordo com numerosas características. Para ilustrar isto, na figura pode-se observar a criança dividida em componentes reflectindo algumas das dimensões existentes da individualidade, tendo em conta que existem muitas mais (etc.) e que mudam ao longo do tempo (nível desenvolvimental).

De facto, os pais, tal como os filhos, também são constituídos por múltiplas dimensões de individualidade que se desenvolvem ao longo do tempo (e.g. ver Baltes, 1987\*) existindo entre eles relações bidireccionais.

Outro aspecto ainda não evidenciado é que a relação pai – filho não existe isoladamente. Quer os pais quer os filhos têm outros papéis sociais. Estes papéis conduzem os pais e os filhos a relações sociais com outros grupos de pessoas, com outras “redes” sociais. Os pais são também esposos, filhos adultos dos seus próprios pais, trabalhadores, vizinhos. Os filhos podem ser irmãos e amigos de outras crianças e à medida que vão crescendo vão sendo estudantes e alguns trabalhadores a *part-time*. Os tipos de relações nestas outras redes sociais nas quais pais e filhos se envolvem “fora” do seu papel de pais e de filhos, pode influenciar a relação pai – filho (Bronfenbrenner, 1977, 1979).

A fraca realização escolar do filho pode influenciar o seu comportamento em casa, e especialmente, pode alterar a qualidade da relação pai – filho. Por outro lado, uma situação problemática em casa – por exemplo, abuso parental ou negligência da criança – afecta a relação da criança com os pares, com os professores e com outros membros da família (Baca Zinn & Eitzen, 1993\*; Belsky, R. M. Lerner, & Spanier, 1984\*).

Em relação aos pais, a tensão na relação conjugal pode ocorrer se os adultos gastam demasiada energia no seu papel parental (J. V. Lerner, 1994). Adicionalmente, a fadiga causada pelas exigências do papel parental pode influenciar a realização dos pais no local de trabalho (J. V. Lerner, 1994).

Em suma, existem relações bidireccionais entre pais e filhos (Bornstein & Tamis-LeMonda, 1990\*; R. M. Lerner & J. V. Lerner, 1987) e essas relações são reciprocamente relacionadas com outras redes sociais em que a diáde existe e com o contexto social e cultural mais alargado. Uma abordagem para a conceptualização destas relações particularmente útil foi proposta por Bronfenbrenner.

## 5. O modelo de ecologia do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner

Bronfenbrenner (1977, 1979, 1986) defende que o desenvolvimento humano necessita de ser entendido como ocorre no ambiente do mundo real ou *ecologia*. Ele acredita que a ecologia do desenvolvimento humano é composta por quatro sistemas, ou tipos de ambientes, distintos embora inter-relacionados.

O primeiro, o microsistema, é composto por “relações complexas entre a pessoa em desenvolvimento e o ambiente num ambiente imediato contendo a pessoa” (Bronfenbrenner, 1977, p. 515). Por exemplo, a família, o infantário, a escola, o recreio.

Os microsistemas da criança podem estar inter-relacionados e são as inter-relações entre eles que constituem o segundo estrato ecológico designado mesosistema. O mesosistema é então definido como as “inter-relações entre os ambientes principais contendo a pessoa em desenvolvimento num ponto particular da sua vida” (Bronfenbrenner, 1977, p. 515).

Muitas vezes, o que acontece no microsistema pode ser influenciado por acontecimentos que ocorrem em sistemas nos quais a criança não toma parte. Um adulto para além de pai tem outros papéis, como por exemplo, o de trabalhador. Apesar da criança não tomar parte no local de trabalho do pai, os acontecimentos que afectam o pai no trabalho podem influenciar a forma como trata a criança. Bronfenbrenner considerou estas influências como um terceiro sistema na ecologia do desenvolvimento humano. Designou-o por exosistema e definiu-o como “uma extensão do mesosistema abraçando... estruturas sociais específicas, quer formais quer informais, que não contêm a pessoa em desenvolvimento, mas, chocam ou envolvem o ambiente imediato no qual a pessoa se encontra, e por isso delimita, influencia, ou até mesmo determina o que acontece lá” (Bronfenbrenner, 1977, p. 515).

Finalmente, Bronfenbrenner disse existir um macrosistema que é composto pelos valores e crenças culturais e acontecimentos históricos (e.g. guerras, inundações) podendo ambas afectar os outros sistemas ecológicos.

Em suma, o modelo da ecologia do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner permite uma forma de representar a idéia de que a socialização bidireccional que ocorre entre os filhos e os pais está embebida num sistema mais complexo de redes sociais e influências sociais, culturais e históricas.

## **6. O modelo dos determinantes da parentalidade**

As teorias actuais do funcionamento parental defendem que é determinado multiplamente. Belsky (1984) agrupou os factores determinantes importantes em três tipos:

- a) Características do pai
- b) Características do filho
- c) Tipos de stress e suporte no ambiente social mais alargado.

### **6.1. Características do pai: modelos internos de representação de relações de vinculação**

As representações mentais dos pais das experiências com as relações de vinculação da infância ou “internal working models” das relações de vinculação determinam a sua sensibilidade ao comportamento e às necessidades de vinculação do filho e influenciam a qualidade da parentalidade que o filho recebe (Bowlby, 1973). Os pais que têm representações internas inseguras bloqueiam ou distorcem os sinais relativos à vinculação do filho porque acham que estes sinais ameaçam o seu estado de espírito actual de vinculação. Os pais com modelos de representação internos seguros ou trabalharam as suas experiências negativas de vinculação passadas ou tiveram experiências seguras. Estes pais seguros são capazes de receber e responder aos sinais relativos à vinculação da criança sem experienciarem conflito mental e ansiedade e sem bloquearem ou distorcerem o processamento de sinais de stress, medo e ansiedade. Os pais que experienciaram relações de vinculação inseguras e/ ou traumáticas na infância com os seus pais, mas que são capazes fornecer uma descrição coerente ao discutirem e avaliarem estas

experiências, tendem também a ter filhos que são vinculados de modo seguro a eles. Este dado importante sugere que a capacidade dos pais de auto-reflexão relativa a assuntos de vinculação tem um poderoso papel na determinação da qualidade da vinculação dos seus filhos a eles (Fonagy et al. 1994\*).

Este importante corpo de investigação é baseado no desenvolvimento da entrevista de vinculação adulta de Main e seus colegas. Esta é utilizada para avaliar os modelos de representação interna dos adultos ou as representações de vinculação afectivas – cognitivas. Esta entrevista tem como objectivo avaliar como cada individuo pensa, reflecte e organiza o seu pensamento relativamente às experiências precoces não apenas do que a pessoa se lembra. Conduz à classificação da vinculação adulta em 3 categorias principais:

- 1- Autónomo ou seguro
- 2- Inseguro – vinculação desinvestida
- 3- Inseguro – preocupado em relação à vinculação.

Os adultos que mostram a presença de respostas não resolvidas à perda têm classificação de não resolvidos.

Os pais que experienciaram abuso e/ ou negligência nas suas relações de infância, e que não conseguiram resolver estas dolorosas experiências emocionais são menos capazes de fornecer os seus filhos com parentalidade segura e menos capazes de responder a tratamentos psicológicos. Estes pais parecem ser incapazes de recordar as experiências afectivas associadas com as experiências dolorosas da infância e quando estes afectos originais não estão disponíveis para eles os pais têm mais probabilidade de repetir as suas experiências adversas de infância com os seus próprios filhos. Nestas situações, só quando o pai é capaz de estar em contacto com os seus próprios sentimentos dolorosos da infância é que são capazes de ser sensíveis e conscientes das necessidades emocionais e sofrimento dos seus filhos (Fraiberg et al, 1975\*).

A investigação deverá investigar com mais detalhe a forma como os modelos de representação internos dos pais estão relacionados com o comportamento parental e com a capacidade de utilizar tratamento psicológico.

Os resultados destes estudos fornecerão aos clínicos informação acerca como os modelos de representação internos de vinculação influencia o comportamento dos pais e talvez a possibilidade de utilizar a entrevista no contexto clínico.

## **6.2. Características do filho: modelos de representação interna das relações de vinculação dos filhos**

No final do primeiro ano, a criança está a construir representações cognitiva – afectivas das suas relações com as figuras de vinculação. Estes modelos de representação internos são construídos com base nas experiências actuais da criança com as figuras de vinculação e são usadas por ela para apreciar e guiar o seu comportamento quer com os pais, professores e pares. Neste sentido, os pensamentos e sentimentos que a criança desenvolve acerca de si mesma e as figuras de vinculação têm um papel importante na influência da forma como se relacionam com os seus pais (Bretherton, 1985). As crianças que experienciaram rejeição e/ ou abuso ou negligencia desenvolvem sentimentos negativos acerca deles próprios e dos seus pais. Por exemplo, uma criança que espera que a sua figura de vinculação não esteja disponível nos momentos de necessidade emocional tem menos probabilidade em confiar neles e podem aprender a evitá-los. Isto por sua vez pode levar ao pai se sentir rejeitado pela criança. Uma consequência importante disto é que estas crianças tornam-se muito inseguras nas suas vinculações.

Este importante corpo de investigação acerca do desenvolvimento de relações de vinculação na infância seguras ou inseguras foi baseado no procedimento de Ainsworth e colegas conhecido como a situação estranha (Ainsworth et al., 1978) – permitindo a classificação do sistema de vinculação da criança em seguro, inseguro evitante, inseguro – ambivalente/ resistente e mais recentemente o desorganizado.

A qualidade das relações de vinculação da criança da forma como são avaliadas na situação estranha reflectem a qualidade da relação de vinculação experienciada no seu primeiro ano de vida. A segurança na vinculação na

idade de 12 a 18 meses relaciona-se com proporções de sensibilidade maternal, calor, responsividade e envolvimento no primeiro ano de vida. Vinculação insegura – evitante é correlacionada com estilos de parentalidade intrusivos, excessivamente estimuladores de interação, enquanto que a vinculação insegura – resistente/ ambivalente está relacionado com uma abordagem de parentalidade não responsiva, imprevisível e não envolvida.

Recentemente, os investigadores da vinculação descobriram que as crianças com histórias de mal trato parental têm mais de o dobro de probabilidade do que as não mal tratadas provenientes de circunstâncias sócio económicas similares em serem classificados como inseguros (Belsky & Cassidy, 1994\*). Encontraram também especificidade entre o tipo de mau trato e o tipo de insegurança experienciada pela criança. As crianças que experienciaram abuso físico têm mais tendência a desenvolver vinculações inseguras – evitantes, enquanto que as crianças negligenciadas têm mais probabilidade de desenvolver vinculações inseguras – ambivalentes. Mais recentemente, os investigadores descobriram que os jovens mal tratados desenvolvem muitas vezes padrões de vinculação atípicos, com evitamento e ambivalência, classificando-se como inseguros – desorganizados (Main & Solomon, 1986).

A qualidade das vinculações precoces da criança tem um papel poderoso a influenciar o desenvolvimento emocional e social subsequente da criança. Uma história de vinculação segura mostra fornecer uma fundação na qual são construídas subseqüentes relações com os adultos e pares (Bretherton, 1985). As crianças com uma história de vinculação insegura têm mais relações dependentes com os professores, são menos populares, mais insociáveis e mais agressivos nas suas relações com os pares e experienciam mais dificuldade em estabelecer relações próximas com amigos do que crianças com histórias seguras. São também menoscondescendentes, menos capazes de tolerar a frustração e experienciam mais conflito e desarmonia na relação com os pais. Mais recentemente, as vinculações inseguras-desorganizadas são um preditor forte de comportamento hostil- agressivo na sala de aula e são relacionadas significativamente com a presença de problemas de comportamento exteriorizáveis na criança.



### **6.3. Tipos de suporte social no ambiente social mais alargado dos pais**

As teorias actuais do funcionamento parental sublinham que a qualidade das relações próximas dos pais, quer românticas quer de suportes sociais mais alargados, têm um papel importante na qualidade da parentalidade que a criança recebe. A disponibilizado apoio de outros adultos aos pais e a sua capacidade em o usar tem um efeito maior no processo parental (Rutter et al., 1983\*).

Os pais que experienciam dificuldades em lidar com as suas próprias necessidades de segurança e de apoio e que têm dificuldades em estabelecer relações seguras e apoiantes com outros adultos experienciam dificuldades em lidar com os stressores como os acontecimentos de vida. A falta de apoio seguro torna-os mais vulneráveis a stressores externos e a desarranjos na parentalidade e a problemas de saúde mental (Brown & Harris, 1978\*; Rutter et al., 1983\*). Aumenta também a probabilidade deles estabelecerem relações excessivamente dependentes com os seus filhos, o que por sua vez pode inibir a vida social saudável e o desenvolvimento emocional da criança. Bowlby (1973) descreveu claramente o modo como as relações de vinculação pais-filhos se podem tornar invertidas e o filho começa a servir de figura de vinculação para a figura parental.

A qualidade da relação conjugal está relacionada com um número de aspectos do funcionamento parental. A disponibilidade de outros significativos e o suporte recebido deles exerce um impacto positivo no funcionamento parental.

Actualmente, a parentalidade é vista como um processo bidirecional no qual as interacções recíprocas entre pais e filhos são centrais. A investigação mostra que o tipo de parentalidade que promove o desenvolvimento da criança óptimo é a parentalidade sensitiva. Isto é, a parentalidade que é harmonizada com as capacidades e necessidades da criança à medida que ela enfrenta as diversas tarefas desenvolvimentais do crescimento (Belsky, 1984).

## **7. A avaliação das experiências de parentalidade**

As alterações estruturais nas famílias conduziram a um repensar a família como forma social, ao debate sobre as características e qualidades das famílias funcionais e a um trabalho para dissipar os mitos e a visão monolítica da actual vida familiar (e.g. Bernardes, 1993; Cheal, 1993; David, 1993). Apesar da atenção dada à complexidade e diversidade das famílias, existe relativamente pouca investigação que fizeram dos pais actuais e das suas experiências de parentalidade a unidade de análise (Goetting, 1986; Rossi, 1968). A limitada investigação existente tem sido criticada por utilizar medidas que falham uma fundação conceptual adequada e/ou psicométrica (Goetting, 1986).

A noção de medida é fundamental para as ciências sociais. Apesar de ser reconhecida a importância de uma boa medida, nem sempre é honrada na prática científica, observando-se uma falta de atenção sistemática na prática de uma boa medida. Na investigação da parentalidade, conceitos complexos como a satisfação parental, a tensão do papel parental e a competência parental, são muitas vezes avaliados sem qualquer esforço para definir e especificar o seu significado. Mais ainda, estes conceitos são normalmente avaliados usando um número limitado de indicadores operacionais onde não é apresentado nenhum argumento defensivo (ou pode ser feito) para a validade de conteúdo da medida.

De modo a fazer face à falta de informação acerca dos pais contemporâneos, os cientistas sociais da família devem dar atenção à avaliação de constructos chave da parentalidade.

### **7.1. Questões de medida na investigação da parentalidade**

Muitas das medidas utilizadas na investigação da parentalidade têm falta de precisão conceptual, compreensividade operacional e consistência lógica, que se constituem como factores que minam a qualidade das informações disponíveis acerca das experiências dos pais contemporâneos.

Os conceitos de interesse dos investigadores da parentalidade são abstracções; não existindo realmente – significando isto que não são observáveis nem directa nem indirectamente (Kaplan, 1964). O conhecimento de um conceito é derivado de procedimentos de avaliação utilizados para ligar estes conceitos abstractos aos indicadores empíricos (Carmines & Zeller, 1979). Para unir estes conceitos abstractos aos indicadores empíricos, os investigadores devem desenvolver um plano explícito e organizado de classificação (e muitas vezes quantificação) dos dados que serão apresentados como representativos dos conceitos (Riley, 1963). Este plano explícito e organizado requer a especificação dos conceitos. O plano organizado de avaliação dos conceitos abstractos tem início com um processo que liga a teoria e a avaliação – designadamente o processo de conceptualização (Blalock, 1982).

O fracasso em aproximar o fosso entre a teoria e a avaliação é visto como um erro de medida (Blalock, 1982). O erro de medida existe em qualquer tentativa de avaliar constructos que não podem ser directamente observáveis. O objectivo na construção de uma medida é reduzir o risco de erro de medida, o que pode fazer-se clarificando os parâmetros e dimensões de um conceito.

Processo de conceptualização – Para avaliar conceitos complexos, os investigadores devem especificar precisamente o que estes termos significam e a maneira como eles são definidos deve ser consistente com as premissas derivadas conceitualmente / teoricamente. O fracasso na definição dos conceitos de forma precisa conceitualmente mina a qualidade da informação dos investigadores.

Em muitos estudos de satisfação parental, este conceito complexo não é definido (Bird & Bird, 1984; James, Schuum, Kennedy; Grigsby, & Schectman, 1985; Risman, 1986) ou só definido nominalmente (e.g., Buehler, Hogan, Robinson, & Levy, 1986; Lerner & Galampos, 1985). A ausência de precisão conceptual resulta num número de diferentes indicadores operacionais utilizados para avaliar a satisfação parental. Por exemplo,

- Nalguns estudos a satisfação parental é avaliada fazendo questões acerca da felicidade dos sujeitos com os seus filhos e as suas visões da qualidade da relação que têm com os filhos (Bowen, 1982; Chilman, 1979).
- Outros estudos questionam os pais acerca dos encargos que eles experienciam enquanto pais (Goldsteen & Ross, 1989; Pittman & Lloyd, 1988; Pittman, Wright, Lloyd, 1989).
- Ainda outros estudos inferem a presença de satisfação parental perguntando simplesmente aos pais se acham que a parentalidade é importante (Chilman, 1980).

Cada uma destas aproximações da operacionalização da satisfação parental fornece obviamente apenas uma perspectiva limitada de como este papel é experienciado e falham fundo teórico e inclusive a conceptualização de satisfação. Como resultado da ausência de precisão conceptual o erro de medida compromete a validade das medidas, e o valor da informação gerada através do processo de investigação é minado.

O processo de conceptualização guia a operacionalização dos conceitos. O que sabemos sobre os conceitos é a informação contida nos indicadores ou items usados para avaliar esse conceito. Portanto, todas as avaliações de uma medida devem começar por uma consideração acerca de se os indicadores da medida reflectem o domínio de conteúdo específico do conceito – isto é, com uma consideração da validade de conteúdo ou facial da medida. A evidência da validade de conteúdo é baseada na presença de um argumento razoável derivado da teoria afirmando que o conteúdo representativo importante do conceito está adequadamente representado pelos items contidos na medida (Nunnally, 1978). Sem uma conceptualização de um constructo firme e precisa é impossível argumentar que o conteúdo apropriado está incluído na medida (Grotevant, 1989). Sendo assim, as medidas válidas de conceitos complexos são delineadas pela sua precisão conceptual e compreensividade operacional.

Podem um só item e conceitos ser utilizados para avaliar um conceito?

Muitos esforços para avaliar o constructo da satisfação parental utilizaram medidas de um só item. Estas medidas de um só item empregam uma estratégia de medida particular, designadamente a utilização do “conceito

para avaliar o conceito”, por exemplo, perguntar aos pais até que ponto está satisfeito com o intuito de avaliar a satisfação parental.

A assumpção implícita na utilização de medidas de um só item é a de que o domínio de conteúdo representativo desse complexo e abstracto conceito pode ser coberto por um só item. É comumente aceite que mesmo as medidas de conceitos unidimensionais devem ser constituídas por múltiplos items em vez de um só item porque um só item não representará tipicamente todo o conteúdo de um conceito teórico (Nunnally, 1978) e não pode discriminar entre finos graus de um atributo (McIver & Carmines, 1981). Acresce-se o facto de não possibilitar informação suficiente para estimar as suas propriedades de medida sendo, por isso, o seu grau de validade, precisão e fiabilidade muitas vezes desconhecidos (McIver & Carmines, 1981). Dito de outra forma, com as medidas de um só item, o investigador não tem consciência de como o erro de medida ameaça a validade de conteúdo da medida (Blalock, 1982).

Mais ainda, neste caso a responsabilidade de conceptualização do constructo é transferida do investigador para o respondente.

Por exemplo, quando questões do género “Até que ponto está satisfeito enquanto pai?” são utilizadas para avaliar a satisfação parental, não temos a certeza que domínio de conteúdo foi coberto pela medida porque não temos bases para assumir que a construção de satisfação parental de toda a gente é equivalente. Conseqüentemente, este tipo de abordagem de medida amplifica o potencial de erro de medida, o que mina a validade e o valor da informação recolhida nas experiências de parentalidade dos pais.

Os investigadores fazem generalizações factuais que são baseadas na informação limitada coberta pela medida. Por exemplo, Risman (1986), estudou uma amostra de pais sós acerca das suas experiências como donos de casa e satisfação global enquanto pais. Para avaliar a satisfação do papel parental, era pedido aos pais para indicarem numa escala de 9 pontos (1= nunca) quantas vezes eles preferiam não ter filhos. Descobriram que a resposta média a esta questão era 1.68 concluindo que estes homens estavam “contentes” por serem pais. É claro que esta conclusão distorce a compreensividade e a

qualidade da medida e, no processo distorce a importância e impacto dos resultados da investigação.

Tendo em conta a teoria auxiliar e a consistência operacional, temos que a operacionalização de um conceito é construída na asserção de que

- a) Um domínio de conteúdo compreensivo é coberto pelos itens contidos na medida, e,
- b) Todos os itens da escala são lógica e teoricamente relacionados uns com os outros, bem como lógica e teoricamente relacionados com o conceito que está a ser avaliado.

O argumento razoável derivado da teoria especificando a relação lógica e teórica entre os indicadores e o conceito que eles representam tem sido referido como uma “teoria auxiliar” (Blalock, 1986). A teoria auxiliar constitui um argumento lógico e sistemático ligando o conceito com cada um dos indicadores escolhidos para fornecer conhecimento do conceito. Isto sugere que as escalas devem ser compreensivas em alcance e teoricamente consistentes em estrutura se pretendem ser aceites como representações adequadas dos conceitos. A informação da consistência interna ou fiabilidade da medida é apresentada como evidência apoiante da consistência teórica dos itens da medida. A fiabilidade é um aspecto empírico e refere-se à consistência da realização do indicador medido internamente, de item a item, e ao longo do tempo, de observação em observação. É necessário um grau suficiente de fiabilidade de modo a argumentar que uma medida é construída com base na teoria auxiliar e, por isso válida. Ao mesmo tempo, um nível relativamente elevado de fiabilidade não é evidência suficiente da validade da medida. As escalas que não são compreensíveis em objectivos nem consistentes teoricamente podem ser consistentes internamente. Isto porque os itens podem ser relacionados empiricamente uns com os outros, mas não necessariamente relacionados uns com os outros de uma forma que suporte a teoria auxiliar.

## **7.2. Aproximações empíricas à conceptualização**

A tensão dinâmica entre a teoria auxiliar e a consistência interna que se relacionam com a validade da medida está no centro das dificuldades inerentes à aproximação empírica da conceptualização e aproximação de constructos

complexos. Esta aproximação empírica envolve examinar as inter-relações entre um numero de indicadores para determinar se eles se ajustam uns com os outros e permitir que eles definam o conceito.

Do ponto de vista da construção de uma escala, a análise factorial é utilizada para confirmar a presença de conjuntos de itens da escala distintos conceptualmente. Quando a teoria foi utilizada para definir e operacionalizar um conceito, a análise factorial pode ajudar a identificação de itens que formam um conjunto coerente psicometricamente e este conjunto apoia a teoria auxiliar subjacente. Quando a análise factorial é usada substituindo estes processos conceptuais, os itens da escala podem estar relacionados, mas os itens por si só podem não constituir um conjunto de indicadores conceptuais defensíveis e compreensíveis teoricamente.

Por exemplo, uma escala desenvolvida por Bowen (1982) para avaliar a satisfação maternal derivada factorialmente serve de ilustração. Quatro itens saturavam num factor comum e por isso foram utilizados para avaliar a satisfação maternal:

- a) a felicidade que a criança traz à mãe
- b) a satisfação com a relação mãe – filho
- c) a interferência da criança na vida social da mãe, e,
- d) sentido de competência maternal.

Bowen assumiu que estes quatro itens mediam a satisfação maternal mas é possível ver esta escala como compreendendo um conjunto de itens que cobrem vários conceitos inter-relacionados (competência como pai, satisfação da relação mãe e filho, peso associado com a parentalidade). O facto dos itens saturarem num factor comum pode simplesmente reflectir o seu grau de inter-relação e pode não ser tomado como evidencia suficiente de que uma medida válida de um constructo singular está a ser avaliada (Kim & Mueller, 1989).

### **7.3. A conceptualização e a avaliação dos constructos da parentalidade**

Os defeitos nas medidas actuais de satisfação parental suportam a conclusão de que pouco é sabido acerca das experiências actuais de parentalidade. Há uma necessidade de conhecer melhor as satisfações e

insatisfações experienciadas pelos pais. Mais ainda, para examinar os preditores e correlativos da satisfação parental necessitamos de avaliá-la com escalas que sejam defensivas teórica e psicometricamente.

A conceptualização da satisfação parental envolve a especificação do significado dos termos de forma consistente com as premissas derivadas teoricamente. Na investigação conjugal e familiar, a satisfação é um termo que tem sido utilizado para caracterizar as atitudes dos indivíduos relativamente a uma pessoa ou relação. Adicionalmente, a satisfação tem sido utilizada para caracterizar as atitudes do indivíduo em relação a um papel ou posição social. No que respeita ao conceito de satisfação parental, este termo caracteriza as atitudes dos pais em relação aos seus filhos ou à sua relação com eles. Pode ainda ser usado para caracterizar as atitudes dos pais em relação às responsabilidades do papel parental.

Para aumentar a precisão desta conceptualização, é necessário desenvolver uma compreensão teórica do que significa dizer que um pai está satisfeito com os vários domínios da parentalidade. Para ilustrar como é que o conceito de satisfação pode ser entendido num quadro conceptual mais alargado, vamos discutir as implicações conceptuais e operacionais de considerar o conceito de satisfação parental no quadro de referência da troca social.

Na perspectiva da troca social, as avaliações das relações sociais e das experiências pessoais nas relações são determinadas pela forma em que os resultados derivados da relação (os benefícios comparativamente aos custos associados com a relação) se comparam ou superam as expectativas do indivíduo (Blau, 1964; Homans, 1974; Thibaut & Kelley, 1959). O nível de expectativa, ou nível de comparação, que é usado no julgar da relação é definido por Thibaut e Kelley (1959) como a média modal de valores de todos os resultados de uma dada situação social, com cada resultado ponderado pela sua saliência. O nível de comparação serve como um padrão contra o qual as experiências da relação são julgadas (Nye, 1979; Sabatelli, 1984). Portanto, quando dizemos que as pessoas têm atitudes positivas em relação à parentalidade, o que estamos a dizer é que as suas experiências do papel ou



as suas experiências como pais são julgadas como sendo melhores do que se esperava.

Quando concebida nesta perspectiva, as avaliações dos indivíduos das suas experiências de parentalidade devem ter em conta quer as recompensas quer os custos associados com a parentalidade. É claro que qualquer esforço para operacionalizar estas recompensas e custos deve ter em conta como as variadas experiências que os indivíduos têm como pais se comparam com as suas expectativas. Considera-se a possibilidade de as recompensas e os custos, apesar de relacionados, representam aspectos (ou dimensões) distintos da satisfação parental (Hoffman & Mannis, 1978).

#### **7.4. Medidas da Satisfação Parental Existentes**

Na extensa literatura apenas duas medidas de satisfação parental foram encontradas onde foi feito um esforço para desenvolver sistematicamente a fundação conceptual e operacional da escala. Na tabela temos a informação básica acerca destas duas medidas.

A **Cleminshaw-Guidubaldi Scale** (Guidubaldi & Cleminshaw, 1985, 1989), uma escala de 45 itens de satisfação parental, é uma escala derivada factorialmente que avalia três domínios da satisfação parental:

- a) Satisfação com o apoio do esposo/ ex-esposo
- b) Satisfação com a relação pai/ filho
- c) Satisfação com a realização parental

A escala é derivada empiricamente resultando que o conteúdo de cada sub-escala seja definido por critérios empíricos mais do que conceptuais. Esta abordagem da construção da medida levanta preocupações relativas a se a medida cobre um conceito definido coerente e significativamente.

Especificamente, o esforço inicial para desenvolver a escala foi baseado numa análise factorial de uma versão da escala com 250 itens a apenas 35 respondentes. Esta proporção inapropriada de percentagem de sujeitos para os itens aumenta a probabilidade de obter uma estrutura factorial instável (Gable, 1986). Estas dificuldades foram compostas no passo seguinte de desenvolvimento da escala quando 50 dos 250 itens originais que compunham

a escala foram analisados factorialmente utilizando uma amostra composta maioritariamente por mães (589 mães e apenas 72 pais), tornando impossível determinar se as sub-escalas são replicadas para as mães e para os pais.

A **Kansas Parental Satisfaction Scale** (KPSS; James et al., 1985) é uma medida global da satisfação parental que incorpora três domínios conceptuais específicos:

- a) a satisfação com o comportamento do filho
- b) a satisfação consigo próprio enquanto pai, e,
- c) a satisfação com a relação com a criança.

A escala consiste em três itens, um só item para cada domínio conceptual. Para avaliar a satisfação com cada um destes domínios cada um devia ser operacionalizado de forma conceptualmente precisa e de compreensiva operacionalmente. Devemos especificar os vários domínios da parentalidade que precisam ser avaliados, devendo ser construídas numa fundação conceptual e devem cobrir o conteúdo relevante compreensiva e teoricamente. Com um só item por domínio conceptual, é obvio que a KPSS falha estes critérios operacionais.

Em síntese, se a satisfação parental é para ser avaliada como um constructo global, é essencial que estas medidas globais cubram todos os domínios da parentalidade conceptualmente relevantes e fazê-lo de uma forma compreensiva operacionalmente. Isto quer dizer que as medidas de satisfação global não podem ser gerais nem breves.

## **8. A avaliação das experiências de conjugalidade**

### **8.1. A conceptualização da conjugalidade**

A satisfação conjugal tem merecido a atenção de numerosas investigações considerando-se como um processo central para se compreender a relação conjugal e a relação familiar.

A satisfação conjugal pode ser avaliada pela extensão em que os comportamentos do casal originam mais sentimentos de prazer do que desprazer em cada um dos seus membros, ou seja, a medida em que a avaliação das recompensas – percepção positiva – é superior à dos custos – percepção negativa.

A conjugalidade tem sido referida na investigação como geradora de bem estar tendo-se verificado que na população casada o nível de mortalidade é menor, o nível de bem estar é maior na população casada e o casamento assume funções protectoras. No entanto, se os estudos mostram que o casamento é fonte de bem estar, também pode igualmente constituir-se como fonte de *stress*. A ligação então do casamento a bem estar só faz sentido quando estamos na presença de casamentos felizes ou com onde se verifique a vivência da satisfação (Fincham & Bradbury, 1990). De facto, as pessoas que não se sentem satisfeitas na relação conjugal, pensam com frequência na ruptura da relação e mostram o desejo de modificar muitos aspectos da sua relação, apresentam níveis mais elevados de *stress* comparativamente a pessoas não casadas (Ross, 1995). A investigação demonstra ainda que as pessoas que não retiram satisfação com o casamento são mais vulneráveis em termos de problemas físicos ou mentais do que as pessoas divorciadas.

Thibaut & Kelly (1959) designam de nível de comparação o padrão relativamente ao qual cada cônjuge avalia o grau de atractividade ou de satisfação na relação e se “fora” do casamento as alternativas são mais atraentes – nível de comparação de alternativas.

Glenn (1998) refere a existência de duas escolas relativamente à conceptualização e avaliação da qualidade conjugal: A escola de “sentimentos individuais” e a escola de “ajustamento conjugal”. Na primeira, a escola de “sentimentos individuais” a qualidade conjugal define-se como a avaliação subjectiva que o cônjuge faz em relação ao nível de felicidade proveniente da relação. A segunda, a escola de “ajustamento conjugal” define a qualidade conjugal como uma característica da relação entre os elementos do casal.

Sabatelli (1988) defende que a qualidade conjugal poderia considerar-se uma mistura de ajustamento e satisfação, funcionando como um indicador da relação.

Por outro lado, Weiss e Heyman (1997) afirmam que muitos teóricos consideram a inclusão de dois componentes no conceito de satisfação conjugal: um avaliativo e outro baseado no desempenho.

## **8.2. Medidas de satisfação conjugal**

Existem várias medidas da satisfação conjugal, sendo na sua maioria instrumentos autodescritivos, onde os sujeitos fazem avaliações subjectivas das suas relações (Whisman, 1997).

## **Capítulo II**

# **A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DE ERIK ERIKSON**

## Capítulo II

### A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson

Uma das teorias orientadoras deste trabalho é a teoria de desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson. Este paradigma situa-se na perspectiva do desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida (*Life-span Development*) que postula a mudança como uma constância ao longo da vida salientando que cada fase do desenvolvimento é uma consequência das anteriores e uma influência para as posteriores.

Este capítulo pretende apresentar os contributos da teoria do desenvolvimento psicossocial, tal como conceptualizada por Erik Erikson, para a interpretação do desenvolvimento humano.

#### 1. Origem da teoria do desenvolvimento psicossocial

Uma vez que neste capítulo nos iremos ocupar da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, importa desde já fazermos uma breve referência à vida deste autor. De facto, não faz sentido referenciar uma teoria sem se conhecer a biografia do seu fundador, dado que a partir desta se torna mais claro as influências que lhe deram origem.

Erik Erikson nasceu em Frankfurt na Alemanha a 15 de Junho de 1902. O pai biológico de Erikson, que era dinamarquês, morreu antes de Erikson nascer. Foi adoptado pelo seu padrasto judeu e ficou com o nome de Erik Homberger. Devido ao seu cabelo louro e olhos azuis que lhe conferiam um aspecto nórdico, Erikson foi rejeitado pela vizinhança judia. Na escola secundária, por outro lado, ele foi “gozado” por ser judeu. Sentindo que não se adequava em nenhuma cultura, a crise de identidade de Erikson começou cedo. Em 1920, em vez de ir para a universidade (por desgostar da estrutura de educação formal), Erikson viajou pela Europa, mantendo um diário das suas experiências. Regressou aos Estados Unidos em 1933 e tornou-se o primeiro analista de crianças de Boston. Ele era um artista e um professor no final da década de 1920 quando conheceu

Anna Freud e começou o estudo da psicanálise infantil com ela no Instituto Psicanalítico de Viena. Porém, cedo se distancia da psicanálise ortodoxa por considerar que era insuficiente para explicar o desenvolvimento humano normal (Gallantini, 1978).

Emigrou para os Estados Unidos em 1933. Obteve um lugar na Escola de Medicina de Harvard e, mais tarde, assumiu posições em instituições incluindo Yale, Berkeley, a Fundação Menninger, o Centro para o estudo avançado de ciências comportamentais em Palo Alto e o Hospital Mount Zion em São Francisco. O seu interesse especial na influência da sociedade e da cultura no desenvolvimento da criança conduziram-no ao estudo de grupos de crianças índias americanas para ajudar a formular as suas teorias. O estudo destas crianças possibilitou-o correlacionar o desenvolvimento da personalidade com os valores parentais e sociais. Estes dados aliados à sua insatisfação com a psicanálise ortodoxa levam-no a construir a sua própria teoria acerca do desenvolvimento humano, sendo o primeiro modelo teórico a oferecer uma perspectiva desenvolvimental desde o nascimento até à morte.

O seu primeiro livro foi publicado em 1950 intitulado *Childhood and Society*. Este livro tornou-se um clássico no campo da psicanálise. À medida que o seu trabalho com as crianças continuava, ele desenvolveu o conceito de “crise de identidade”. A crise de identidade é um conflito inevitável que acompanha o crescimento de um sentido de identidade. Formulou a teoria de desenvolvimento psicossocial em oito estádios, pelo que ele é mais conhecido.

Erik Erikson morreu em Harwich, Massachusetts em 1994.

## **2. Premissas básicas da teoria do desenvolvimento psicossocial**

### **2.1. A formação da personalidade ao longo da vida**

A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson apresenta-se como inovadora ao considerar a formação da identidade como um processo de

construção ao longo da vida do sujeito com base na relação estabelecida com os outros e com a sociedade. Deste modo, e apesar de se basear na teoria freudiana que considerava que a personalidade se encontra formada nos primeiros seis anos de vida dando primazia aos processos inconscientes na relação com os pais, Erikson não acredita nesta irreversibilidade da personalidade defendendo a sua construção ao longo da existência do sujeito. Deste modo, o desenvolvimento da personalidade não é circunscrito ao período da infância, apesar de a considerar como um período importante: *“A infância longa faz do homem um virtuoso técnico e mental, mas também deixa nele para toda a vida um resíduo de imaturidade emocional”* (Erikson, 1976, p.14). O período com maior relevo para o autor é o da adolescência, onde a tarefa da construção da identidade se constitui como tarefa primordial, sendo por isso uma fase de reconstrução de estádios anteriores e de preparação para a vida adulta. Na vida adulta, considera como tarefas o investimento nas gerações seguintes e a reflexão/ balanço sobre a vida.

## **2.2. A relação entre o indivíduo, o ambiente e as influências históricas**

Para Erikson, o desenvolvimento acontece na interação indivíduo, meio e momento histórico. Com isto quer significar que cada indivíduo é modelado, em parte, pelas circunstâncias ambientais e históricas modelando o ambiente e influenciando o rumo da história.

## **2.3. O desenvolvimento segundo o princípio epigenético**

Segundo Erik Erikson, o desenvolvimento decorre desde o nascimento até à morte através de oito idades, oito estádios psicossociais. De acordo com o autor, o desenvolvimento funciona segundo o princípio epigenético que considera que o desenvolvimento ocorre segundo um plano predeterminado da personalidade em oito estádios, sendo este um princípio orientador de todo o desenvolvimento. Tal como no desenvolvimento físico, os princípios maturacionais orientam o desenvolvimento, existindo o momento em que cada órgão se forma, podendo ser



originado com defeito, e em que certas competências se podem revelar; segundo este princípio epigenético o desenvolvimento psicológico processa-se através de estádios predeterminados por um plano de fundo: *“Tudo o que cresce tem um plano básico, e é a partir deste que se erguem as partes ou peças componentes, tendo cada uma delas o seu próprio momento de ascensão, até que todas tenham surgido para formar um todo em funcionamento”* (Erikson, 1976, p. 92). Este plano predeterminado orientador do desenvolvimento psicológico não ocorre de forma automática, mas encontra-se dependente da interacção entre a pessoa e o ambiente. Mais uma vez recorrendo à analogia do desenvolvimento infantil, a criança pode ter uma herança genética em que esteja inscrito o desenvolvimento da linguagem normal, no entanto, com a falta de estimulação esta pode não acontecer tal como estava determinada. Por isso mesmo, o desenvolvimento não é automático, mas dependente da interacção pessoa – ambiente, caracterizando-se como um processo dinâmico.

#### **2.4. Oito estádios de desenvolvimento humano**

Erikson (1968, 1976, 1980) descreve o desenvolvimento psicossocial em 8 estádios. Em cada estádio, o sujeito depara-se com a realização de tarefas de desenvolvimento necessitando para a sua resolução de efectuar uma nova síntese ou balanço dinâmico do eu em função do período de crescimento físico /cognitivo em que se situa e das exigências da sociedade. Ou seja, ao longo do desenvolvimento a sociedade vai colocando ao ego novas exigências implicando que o indivíduo desenvolva capacidades para poder lidar com essas exigências. Cada estádio envolve tarefas desenvolvimentais (de natureza psicossocial), referidas em dois termos opostos – por isso são designadas de crises bipolares – e é um balanço que se deve alcançar. Cada idade ou período de desenvolvimento é caracterizado por tarefas específicas (que é necessário cumprir para se progredir para o estádio seguinte) e pela experiência de determinado conflito ou

**crise.** É através da resolução do conflito de cada estágio que o indivíduo adquire novas capacidades, que se desenvolve.

#### **2.4. Crise psicossocial**

Em cada estágio o indivíduo confronta-se com uma crise bipolar: A resolução desta mesma crise pode processar-se de duas formas: ou ocorre de modo equilibrado e de forma dinâmica entre dois pólos o que contribui para o desenvolvimento harmonioso da personalidade; ou, ocorre com dominância no pólo negativo ou positivo acarretando implicações no ajustamento psicossocial do indivíduo e na qualidade de resolução dos estágios posteriores. De realçar que apesar das crises psicossociais se apresentarem em termos bipolares, a resolução bem sucedida de uma crise implica uma dialéctica entre os pólos, funcionando como uma espécie de síntese.

Dada a conotação negativa atribuída à palavra crise, convém esclarecer que neste contexto a palavra crise não é sinónimo de catástrofe. Tal como o próprio Erikson afirma “... a palavra crise significa um ponto de decisivo, um período crucial de crescente vulnerabilidade e potencial; e, portanto a fonte ontogenética da força e do desajustamento generativos” (Erikson, 1976, p.96). Deste modo, em cada estágio a palavra crise significa um ponto de viragem com implicações no desenvolvimento do indivíduo.

#### **2.5. Conceção psicodinâmica na resolução dos estágios**

A resolução de cada estágio é independente, mas o seu progresso é determinado em parte pelas resoluções em estágios anteriores, o seu sucesso ou a falta dele. Dito de outro modo, a resolução de um determinado estágio é independente da resolução do anterior, mas a qualidade da resolução de um estágio actual depende dos anteriores.

No entanto, estas resoluções positivas (ajustamento) ou negativas (desajustamento) não são definitivas, podendo as resoluções de estágios

posteriores contrariar as vivências ocorridas anteriormente. Por esta razão, a teoria de Erikson é uma **concepção psicodinâmica**.

3. Descrição dos estádios de desenvolvimento psicossocial

Segundo Erikson o desenvolvimento processa-se em oito estádios, desde a infância à velhice, cada um dos quais corresponde a uma crise psicossocial e a uma determinada tarefa colocada ao sujeito ao longo da sua vida. Em seguida, apresenta-se uma descrição dos estádios de desenvolvimento psicossocial e o modo como contribuem para o desenvolvimento psicológico. No quadro 1 são apresentados os oito estádios de desenvolvimento psicossocial desde a infância até à velhice.

Quadro 1. Estádios do desenvolvimento psicossocial

|                                       |                            |                            |                          |                              |                             |                               |                             |                           |
|---------------------------------------|----------------------------|----------------------------|--------------------------|------------------------------|-----------------------------|-------------------------------|-----------------------------|---------------------------|
| Velhice                               | C-D<br>Intg.               | A-V, D<br>Intg.            | I-C<br>Intg.             | Ind.-INF<br>Intg.            | Id-<br>Confusão<br>Intg.    | Int.-Isol.<br>Intg.           | G-Est.<br>Intg.             | Integrid.<br>/<br>Desesp. |
| Idade Adulta                          | C-D<br>G                   | A-V, D<br>G                | I-C<br>G                 | Ind.-INF<br>G                | Id-<br>Confusão<br>G        | Int.-Isol.<br>G               | Generativ.<br>/<br>Estagna. | Int-D<br>G                |
| Jovens<br>Adultos                     | C-D<br>Int.                | A-V, D<br>Int.             | I-C<br>Int.              | Ind.-INF<br>Int.             | Id-<br>Confusão<br>Int.     | Intimidade<br>/<br>Isolamento | G-Est.<br>Int.              | Int-D<br>Int.             |
| Adolescentes<br>Maturidade<br>Genital | C-D<br>Id.                 | A-V, D<br>Id.              | I-C<br>Id.               | Ind.-INF<br>Id.              | Identidade<br>/<br>Confusão | Int-isol.<br>Id.              | G-Est.<br>Id.               | Int-D<br>Id.              |
| Idade escolar                         | C-D<br>Ind.                | A-V, D<br>Ind.             | I-C<br>Ind.              | Indústria<br>/<br>Inferiorid | Id-<br>Confusão<br>Ind.     | Int-isol.<br>Ind.             | G-Est.<br>Ind.              | Int-D<br>Ind.             |
| Idade do jogo                         | C-D<br>I                   | A-V, D<br>I                | Iniciativa<br>/<br>Culpa | Ind.-Inf<br>I                | Id-<br>Confusão<br>I        | Int-isol.<br>I                | G-Est.<br>I                 | Int-D<br>I                |
| Infância<br>Período anal              | C-D<br>A                   | Autonomia<br>/<br>Vergonha | I-C<br>A                 | Ind.-Inf<br>A                | Id-<br>Confusão<br>A        | Int-isol.<br>A                | G-Est.<br>A                 | Int-D<br>A                |
| Infância<br>Período oral              | Confiança<br>/<br>Desconf. | A-V, D<br>C                | I-C<br>C                 | Ind.-Inf<br>C                | Id-<br>Confusão<br>C        | Int-isol.<br>C                | G-Est.<br>C                 | Int-D<br>C                |

Através da apresentação do desenvolvimento humano neste diagrama, pretende-se evidenciar dois aspectos importantes desta teoria: (1) os elementos da personalidade estão relacionados uns com os outros dependendo do seu desenvolvimento adequado numa sequência e (2) os elementos da personalidade existem, em alguma forma, antes da chegada normal do seu tempo decisivo e crítico, ou seja, os elementos da personalidade existem desde o nascimento apesar de cada um ter o seu ponto de ascendência em determinado momento do crescimento (Erikson, 1976, p.93). Deste modo, o indivíduo num determinado estágio não lida com apenas a tarefa específica desse estágio, mas com todas em simultâneo. Podemos observar também no esquema a ausência de limites etários precisos para a resolução de cada estágio, isto porque Erikson considera que esta resolução varia em função da criança e da cultura em que está inserida.

### **Estádio 1 – *Confiança vs. Desconfiança básica***

Neste primeiro estágio de desenvolvimento psicossocial a tarefa do indivíduo consiste na construção de um equilíbrio dinâmico entre a confiança básica e a desconfiança básica.

Este estágio é marcado pela relação e cuidados que a mãe<sup>1</sup> estabelece com o bebé no primeiro ano de vida. Com o nascimento, a criança sente o desconforto da sua homeostase imatura (Erikson, 1968, 1976). Esta é compensada pela regulação mútua entre a atitude receptiva da criança e a prestação de cuidados por parte da mãe no sentido de lhe fornecer o alimento, sendo o seio materno propiciador do encontro criança mãe. Assim, a homeostase da criança é mantida por esta mutualidade entre a necessidade de receber da criança e a necessidade de dar da mãe. A boca do bebé é o que lhe possibilita a vida através da obtenção do alimento, sendo por isso mesmo este estágio

---

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho a expressão mãe, representa a pessoa que cuida da criança (ou adolescente), a figura que lhe presta cuidados e com quem esta estabeleceu uma relação afectiva que, na maioria dos casos na nossa cultura, é a mãe biológica.

caracterizado pela forma incorporativa (o que a psicanálise designa por estágio oral).

É através da continuidade, consistência e regularidade desta interação criança mãe, em que a criança sente necessidade e a mãe a satisfaz, que a criança vai aprender a confiar na mãe, no mundo e em si própria (Erikson, 1968, 1976, 1980). A questão base deste estágio poderia enunciar-se do seguinte modo: “O mundo é seguro, previsível e protector?”. O objectivo deste estágio é o atingir uma síntese, um sentido dinâmico entre a confiança básica e a desconfiança básica, originando a virtude da “esperança”, ou seja, a crença de que “apesar das coisas não estarem a correr bem no momento, se resolverão no futuro”.

Deste modo, se a relação com a mãe é compensadora, existindo uma correspondência entre o sentir das necessidades e a sua satisfação regular e consistente, a criança sente-se segura, desenvolvendo uma atitude de confiança face ao mundo como local seguro e previsível. Erikson (1968, 1976, 1980) define a confiança básica como uma segurança íntima em relação a si próprio e ao mundo. A confiança básica cria na criança um sentimento de ser aceite, de ser ela mesma, dito de outro modo, de se sentir semelhante e simultaneamente única.

Por outro lado, se a relação não é satisfatória, verificando-se a inconsistência e irregularidade dos cuidados maternos na satisfação das necessidades da criança, irá desenvolver sentimentos de medo que conduzirão a uma atitude de desconfiança, de medo e insegurança face aos outros e ao mundo.

A construção do sentimento de confiança ocorre com a associação por parte da criança da regularização das funções vitais sono, alimentação e controle esfinteriano às pessoas que lhe proporcionam o conforto. No entanto, a aquisição do sentido de confiança está dependente da qualidade da relação mãe criança e não na quantidade de alimento e amor fornecidos (Erikson, 1968, 1976). É, pois esta relação que lhe vai permitir a aquisição de um sentimento rudimentar de identidade.

Erikson (1968, 1980) refere que a aquisição de um sentimento de confiança básica é fundamental para a personalidade saudável, sendo a desconfiança básica a principal fonte de problemas psicopatológicos.

Segundo Erikson (1968, 1976) existem vários factores que podem afectar a qualidade da relação mãe – filho tais como, o desenvolvimento da mãe como mulher, o amor que recebe de outras pessoas e o que possui por si própria, o modo como viveu a sua gravidez e parto, o seu meio sociocultural, as suas atitudes inconscientes para com o seu filho e as respostas do recém nascido.

As pessoas que cuidam da criança, normalmente os pais, influenciam o modo como a resolução da crise deste estágio se processa. Para além da estabilidade emocional que os pais devem possuir, a adopção de uma atitude securizante é fundamental para a resolução bem sucedida da crise. Quer a atitude de superprotecção quer a atitude de negligência são reveladoras do não atingir de um balanço entre os pólos confiança vs. Desconfiança.

### **Estádio 2 – Autonomia vs. Vergonha e dúvida**

Neste segundo estágio de desenvolvimento psicossocial, o desenvolvimento da criança ao nível do controlo das suas funções corporais, do sistema muscular evidenciando novas competências motoras e da linguagem, confere à criança o sentido de autonomia. Estes aspectos do seu desenvolvimento possibilitam-lhe comportamentos de exploração, o ser mais activa e a possibilidade de exercer maior poder sobre o seu mundo. A criança aprende que pode dominar e controlar o seu corpo e deste modo a ser mais autónoma. A primeira oportunidade para a criança exercer controlo sobre si e sobre o mundo exterior é a experiência de reter e expulsar. Desta forma, a criança irá satisfazer os desejos dos seus pais, mas também os seus próprios desejos, começando a experimentar a sua vontade autónoma (Erikson, 1968, 1976).

Apesar de baseada na teoria de Freud do desenvolvimento psicosexual em que a criança se centra na gratificação obtida pelo controlo esfíncteriano (estádio anal), Erikson não restringe o controlo a estes músculos, mas diz que o desenvolvimento psicossocial implica todos os músculos do corpo.

A questão base subjacente a este estágio pode ser enunciada do seguinte modo “*Sou capaz de fazer as coisas sozinho, ou preciso de ajuda?*”, sendo o atingir da síntese dinâmica entre a autonomia e a vergonha e dúvida traduzida pela virtude da “vontade”, o sentimento de ser capaz de fazer, com adequada modéstia. Neste estágio, a criança está apta a explorar activamente o meio que a rodeia. Se for encorajada, desenvolve autonomia e auto-suficiência. Se for muito protegida e controlada, desenvolve um sentimento de dependência, de vergonha em se expor, de dúvida em relação às suas capacidades de desenvolver actividades sozinha, dependendo muito da aprovação das pessoas.

O sentido de ser capaz e de expressão dos seus desejos confere à criança o sentimento de autodomínio e autonomia possibilitado pelas capacidades desenvolvimentais motoras e da linguagem. Na aquisição deste sentido de ser capaz não é indiferente a atitude parental face à criança. De facto, é neste estágio que o controlo externo dos pais face à criança no sentido da regulação do seu comportamento é determinante para o balanço entre os pólos a atingir. O super controlo parental, pautado pela rigidez ou prematuridade, conduz a sentimentos de perda de autodomínio, de não ser capaz, conduzindo à vergonha e à dúvida. Desta forma, a criança não se sente livre para decidir podendo manifestar comportamentos de regressão à fase oral (e.g., chupar o dedo) ou demonstrar uma falsa autonomia pautada pela agressividade (Erikson, 1968, 1976).

Se, por um lado, o controlo parental excessivo não facilita a resolução balanceada da crise, por outro lado, a ausência de controlo parental traduz-se em resultados semelhantes. O papel dos pais deve caracterizar-se por um controlo que reforce as decisões da criança protegendo-a de experiências potencialmente geradoras de vergonha e dúvida. Só desta forma a criança se poderá sentir responsável e confiar nas suas capacidades desenvolvendo a autonomia. A vergonha, por seu lado, surge face à desaprovação e exposição parental quando a criança não consegue controlar o seu corpo (os intestinos e outras funções), sendo esta desaprovação e exposição sentidas pela criança. Este sentido de vergonha conduz a criança a sentimentos de ser “mau” que segundo Costa (1991) parece estar associado com as personalidades *borderline*.

Em síntese, quando é atingido um balanço equilibrado ou uma síntese entre estes pólos (autonomia vs. vergonha e dúvida) desenvolve-se um sentimento de autocontrole, de boa vontade e de orgulho, a criança sente-se independente e autónoma. Quando, por outro lado, a criança não consegue desenvolver a sua autonomia, o sentimento de perda de autocontrole e a tendência para a vergonha e para a dúvida desenvolvem-se.

### **Estádio 3 – Iniciativa vs. Culpa**

Aquando da emergência deste estágio a criança encontra-se com aproximadamente três anos de idade. Neste período, podem ressaltar-se os seguintes aspectos ao nível do seu desenvolvimento: a criança apresenta capacidades motoras que lhe permitem locomover-se rapidamente o que alarga o seu raio de acção e lhe permite explorar o mundo que a rodeia; apresenta agora maior competência linguística sendo capaz de manter conversas com os outros e de lhes colocar questões aumentando exponencialmente os seus conhecimentos; e, possui curiosidade e imaginação envolvendo-se em múltiplos jogos “de faz de conta” onde experimenta diferentes papéis, identificando-se com as pessoas que admira e aprecia, normalmente as figuras significativas. Estas aquisições conduzem a criança a desenvolver um sentimento de iniciativa ao nível do que pensa e faz, base da ambição e propósito.

No estágio anterior, a criança teve a possibilidade de controlar os seus próprios movimentos no sentido da sua autonomia estando consciente da sua independência. Segundo Erikson (1968, 1976) a criança está convencida de que é uma pessoa independente e deve agora descobrir que espécie de pessoa poderá vir a ser no futuro. Os jogos “de faz de conta” permitem à criança começar a pensar no que quer ser quando for grande.

Aliada à curiosidade da criança, surgem nesta fase a que Freud designa de fálica, preocupações e interesses por questões sexuais. Assiste-se a uma excitabilidade genital rudimentar e o desejo de ser como o pai ou como a mãe, ocorrendo um incesto imaginário da criança para com o progenitor do sexo oposto



designado por Freud de Complexo de Édipo. Esta resolução do Complexo de Édipo faz com que a criança desenvolva a iniciativa masculina ou feminina fundamental para a construção da sua identidade. Sempre que este é resolvido com sucesso, é desenvolvido na criança o sentido de iniciativa, sentindo que é capaz de pensar e de decidir por si própria acerca de como agir, apresentando capacidade para iniciar acções. Quando a resolução é acompanhada de insucesso, a criança não consegue decidir por si própria dependendo de uma figura significativa (geralmente a mãe) para a conduzir, o que gera nela sentimentos de culpa. As crianças tomam iniciativas e desenvolvem as suas actividades sentindo grande prazer quando obtêm sucesso. Se não conseguem ou não é favorecido o desenvolvimento das suas iniciativas pela repressão ou punição dos pais, a criança sente-se culpada por desejar comportar-se segundo os seus desejos.

No entanto, a resolução equilibrada desta crise não consiste na criança comportar-se sempre de acordo com o que deseja. De facto, na fase edipiana surge o super-ego, uma instância psíquica constituída pela autoridade parental introjectada. Esta instância funciona como uma espécie de sentimento moral que sinaliza o significado do que é permitido e do que é transgressão, criando-se limites e directrizes acerca do que é permitido moralmente realizar. No estágio iniciativa vs. Culpa, onde a questão base é "*Sou bom ou mau?*", a resolução balanceada da crise origina o sentido de propósito ou a capacidade para a acção apesar da clara compreensão das limitações.

Também neste estágio o modelo transmitido pelos pais tem influência na forma de resolução da crise. Segundo Erikson (1968), os pais ansiosos e exigentes conduzem ao desenvolvimento de um super-ego primitivo, cruel e inflexível, fazendo com que a criança se torne demasiado obediente apresentando uma inibição geral e ambiguidade emocional, internalizando a culpa face aos fracassos. Pelo contrário, o sentido pessoal de iniciativa é desenvolvido quando os pais são modelos de capacidade e eficácia. A criança que conquistou um sentimento de iniciativa, aprendeu que se faz, se trabalha, é capaz de atingir os

seus objectivos. O sentimento de iniciativa torna a criança ávida por aprender e fazer, por poder cooperar, planear e executar com outras crianças.

Erikson (1968, 1976) refere que os conflitos de iniciativa trazem consequências psicopatológicas que se manifestarão só muito mais tarde, tais como comportamentos histéricos de auto-restrição, a exibição super compensatória (grande exibição da sua iniciativa) ou ainda em perturbações psicossomáticas.

#### **Estádio 4 – Indústria vs. Inferioridade**

Neste estágio, com a entrada no contexto escolar, a criança explora o mundo para além da família. Se a criança corresponde ao que lhe é exigido no processo de aprendizagem, a sua curiosidade é estimulada bem como o desejo de aprender. O sucesso desenvolve nela sentimentos de auto-estima, de competência (indústria) de que é capaz de fazer bem. Se, por outro lado, a criança se sente incapaz de atingir com sucesso as actividades escolares, quando os seus companheiros o atingem, pode desenvolver um sentimento de inferioridade desinvestindo nas tarefas.

O conceito de indústria é visto para Erikson como significando estar ocupado com algo, aprender a completar algo, ter um trabalho a realizar. A criança adquirirá um sentimento de indústria quando sente que possui a capacidade de aprender a realizar e avaliar-se a si própria como competente, sabendo como e quando fazer. A aquisição da indústria implica que a criança tenha resolvido com sucesso os estádios anteriores. De facto, só com a confiança, a autonomia e a iniciativa a criança consegue produzir coisas com firmeza, reconhecer as suas capacidades e ser reconhecida pelos outros. O insucesso na resolução das tarefas dos estádios anteriores torna a criança mais dependente da mãe do que de conhecimento desenvolvendo sentimentos de incapacidade e inferioridade.

No estágio indústria vs. inferioridade, onde a questão base é “*Sou bem sucedido ou sou incompetente?*”, a resolução balanceada da crise origina o sentido de competência ou o sentimento de que é capaz de fazer e de fazer bem as coisas tendo consciência dos limites quer pessoais quer externos ao eu.

A resolução balanceada deste estágio constitui-se como a base para o desenvolvimento de uma identidade profissional que possibilita a criação de metas possíveis e para a aquisição de um verdadeiro sentimento de realização pessoal e onde um sentimento de incapacidade não possibilita a criação de objectivos de vida (Costa, 1991).

Mais uma vez, neste estágio também as figuras educativas são importantes e contribuem para a sua resolução adequada. Torna-se necessário que os educadores e os pais sejam sentidos como alvo de confiança por parte da criança de modo a que possa haver uma identificação positiva a figuras que fazem e sabem coisas que ela ainda não sabe. O papel dos educadores (pais e professores) que promove a aquisição de um sentido de competência consiste em reconhecer e estimular os esforços da criança conduzindo-a ao reconhecimento das suas capacidades e potencialidades, em atender às suas especificidades, dando espaço para a criança se adaptar ao contexto escolar e contribuir para uma socialização equilibrada.

Quando a criança desenvolve um sentimento de inferioridade sente que não é capaz, sente “que não presta para nada” (Erikson, 1968). O medo de perder a mãe, o medo de crescer, porque isso implica sair de casa e relacionar-se com os outros, são alguns prováveis factores que podem contribuir para uma procura de isolamento e para o medo à escola como resposta ao seu sentimento de incapacidade (Costa, 1991).

### **Estádio 5 – *Identidade vs. confusão da Identidade***

Para Erikson, a construção da identidade que tem lugar na resolução da crise subjacente a este estágio ocupa um lugar central no desenvolvimento psicológico. Este estágio, também designado pelo autor como “crise da adolescência” surge face às diversas mudanças (físicas – maturação genital, cognitivas, sociais) com que o indivíduo se confronta na adolescência. Agora é o momento para o indivíduo integrar todos os elementos que já adquiriu nos estádios anteriores. Assim, no primeiro estágio (confiança vs. desconfiança básica) adquiriu uma confiança em si próprio e no outro; no segundo estágio (autonomia vs. vergonha e dúvida) um sentido de independência e vontade para escolher as suas acções e o seu futuro; no terceiro estágio (iniciativa vs. culpa) um sentido de propósito para a realização de tarefas; e no quarto estágio (indústria vs. inferioridade) um sentido de competência e capacidade para aprender.

A construção da identidade é a tarefa fundamental deste estágio. O adolescente começa a preocupar-se com a imagem que transmite aos outros e com a incerteza de papéis que poderá assumir na idade adulta. Neste período, o adolescente procura alternativas e toma decisões que contribuem para a definição de si próprio. A identidade constrói-se através da experimentação de vários papéis possíveis, o que vai permitir ao adolescente reconhecer-se como pessoa única e distinta de todos os outros. Erikson (1976, 1980) refere um período de moratória psicossocial em que o adolescente pode experimentar uma variedade de identidades, sem investir ou assumir a responsabilidade por qualquer delas. A moratória consiste numa pausa para que o indivíduo tenha a possibilidade de poder explorar alternativas relativamente a si próprio e à realidade. Também neste período, a sociedade pressiona o adolescente para a tomada de decisão, nomeadamente no que se refere às áreas escolar e profissional. É, pois, esta procura activa de alternativas resultantes da moratória psicossocial que possibilita ao indivíduo estabelecer mais tarde investimentos depois de conhecer melhor o que se quer e o que não se quer (Erikson, 1976). Por outro lado, se o indivíduo não consegue definir os papéis que pode ou quer desempenhar, experimenta uma confusão de identidade e de papéis.

A construção da identidade é a aquisição de um sentido de unidade (sentida pelo indivíduo e reconhecida pelos outros) e de continuidade ao longo do tempo (o que permite que o indivíduo se reconheça no presente, no passado e no futuro). Este processo de aquisição da identidade é um fenómeno simultaneamente pessoal, em que o indivíduo constrói um sentido de si próprio como único e contínuo, e interpessoal, baseando-se no modo como os outros percebem o indivíduo e na manifestação da sua identidade através de comportamentos que os outros avaliam. Erikson salienta o modo como se sente um indivíduo que resolveu com sucesso a tarefa da construção da identidade da seguinte forma: *“Um sentimento óptimo de identidade é experimentado como uma sensação de bem-estar psicossocial. Os seus mais óbvios concomitantes são o sentimento de “estar em casa” em nosso próprio corpo, um sentimento de saber para onde se vai e uma certeza íntima de reconhecimento antecipado por parte daqueles que contam”* (Erikson, 1976, p.166).

Na definição do conceito de identidade de Erikson estão presentes três características fundamentais: (1) um sentido de continuidade espacio-temporal do Eu; (2) a configuração de elementos positivos e negativos da identidade (auto-conceitos) que dão unidade às experiências de si próprio na interacção com o mundo social; (3) a mutualidade ou sentido da independência entre o conceito de si próprio e a realidade.

A questão base deste estágio pode ser enunciada do seguinte modo *“Quem sou e o que serei?”*. A força vital que consiste no resultado da resolução balanceada desta crise é a fidelidade aos investimentos da identidade o que fornece direcção e significado à vida.

Podem identificar-se três tipos de factores que influenciam o processo de construção da identidade:

**(1)** Os sistemas de valores das moratórias institucionalizadas.

Segundo Erikson as duas moratórias institucionalizadas proporcionadas aos jovens na sociedade norte-americana caracterizam-se por dois sistemas de valores: a orientação tecnológica e a orientação humanista. A *orientação tecnológica* é a fornecida pelas promessas do progresso científico e tecnológico e

pela sociedade de consumo. Os jovens que aceitam esta ideologia têm a sua crise de identidade facilitada na medida em que não desenvolvem uma análise e crítica profunda do mundo e de si próprio e os seus investimentos são apoiados pela maioria social tecnológica (Erikson, 1975, 1976). Segundo Erikson (1968, 1975), os lemas subjacentes a este sistema de valores são “o que funciona é bom” e “eu sou aquilo que faço”. A *orientação humanista* implica uma renúncia da tecnologia (Erikson, 1963) e uma preocupação e adesão a valores humanos. O facto da sociedade não oferecer a experimentação de papéis institucionalizados, com valores humanistas, contribui para uma maior dificuldade na construção da identidade (Erikson, 1975) e o prolongamento da crise de identidade.

**(2) Orientação para os valores e luta entre *ego* e *super-ego*.**

Esta orientação para os valores processa-se através de três estádios: o *moral*, o *ideológico* e o *ético* (Erikson, 1975). O primeiro (orientação *moral*) é característico da criança e prende-se com uma “lógica primitiva, categorial e egocêntrica” não sendo capaz de apresentar razões que justifiquem; o segundo (orientação *ideológica*), característico do adolescente (que adquiriu competências cognitivas e é capaz de tomar a perspectiva social), define-se por um aumento da consciência do mundo e dos outros acompanhado da diminuição do egocentrismo e aceitação de uma multiplicidade de perspectivas; o terceiro (orientação *ética*), característico do adulto, define-se por uma perspectiva universal, com aumento de responsabilização pessoal pelo sistema de crenças. Esta progressão do indivíduo através dos estádios de orientação para os valores acompanha e influencia o desenvolvimento e adequação das instâncias psíquicas.

**(3) Factores sociais relacionados com as *práticas de socialização*, a *estratificação social* (raça, religião, classe social) e o *momento histórico* (guerra, epidemia) também interferem com o processo de aquisição da identidade na medida em que não é possível separar o desenvolvimento pessoal da organização social e das mudanças históricas.**

Quando a resolução desta crise não é bem sucedida, o adolescente não é capaz de construir a identidade permanecendo num estado de confusão e difusão de identidade. Este estado pode ser caracterizado por uma espécie de

descomprometimento com a vida, não existem objectivos nem direcção encontrando-se o adolescente inibido face às experiências que implicam a escolha, o investimento e o comprometimento. Neste caso, o adolescente possui representações contraditórias acerca de si próprio e dos seus papéis. Este tipo de resultado está ligado ao modo como o indivíduo resolveu as crises anteriores. Em geral, o indivíduo que não conseguiu construir a sua identidade revela uma falta de confiança em si próprio, nos outros e no futuro. A sua incapacidade para o trabalho conduz ao desenvolvimento de um sentimento de vergonha face aos outros. A falta de iniciativa leva-o a evitar a experimentação de novos papéis e a desenvolver sentimentos de culpa. A sua incapacidade para a execução e concentração nas tarefas conduz a um sentimento de inferioridade e a uma inibição para a participação no trabalho.

Segundo Costa (1991, p. 37) alguns factores têm sido referidos na literatura como responsáveis pelo desenvolvimento da difusão da identidade, nomeadamente: (1) o processo de separação emocional na criança das suas figuras de ligação não foi bem sucedido; (2) o indivíduo não desenvolveu novas ligações e não conseguiu uma definição de si próprio; (3) dificuldades em lidar com as mudanças não só ao nível do Eu como das circunstâncias de vida; (4) conflito entre as expectativas parentais e sociais e as do grupo de pares; (5) perda de laços familiares e falta de apoio no crescimento do indivíduo.

A confusão da Identidade surge muitas vezes acompanhada por sintomas neuróticos ou quase psicóticos (Erikson, 1976, 1980).

### **Estádio 6 – Intimidade vs. Isolamento**

Com uma identidade já construída, a tarefa do jovem adulto é a de desenvolver relações de amizade, de afecto com outros. Geralmente procura uma relação de intimidade com outra pessoa que pode envolver um relacionamento sexual. Se não consegue estabelecer esses laços sociais, pode isolar-se

distanciando-se dos outros. De facto, possui receio em estabelecer relações e por isso mesmo evita compromissos.

A questão base deste estágio é *“Partilharei a minha vida com outra pessoa ou viverei sozinho?”*. A resolução equilibrada da crise produz a virtude do amor, concebido como a capacidade em estar com os outros (não apenas no contexto de relações amorosas, mas também no contexto de relações de amizade) sentindo-se confortável consigo mesmo.

De facto, o desenvolvimento de um sentido de verdadeira intimidade só é possível após a aquisição da identidade: *“Assim, o adulto jovem, que emerge da busca e persistência de uma identidade, anseia e dispõe-se a fundir a sua identidade com a dos outros, está preparado para a intimidade”* (Erikson, 1976, p.242).

Desta forma, a intimidade é a capacidade para unir a identidade com a de outra pessoa sem recear perder algo de si próprio. Esta união que vai além da realização sexual, implica a capacidade de estabelecer relações de partilha e mutualidade podendo existir mesmo na ausência física do(a) companheiro(a). A intimidade implica a comunicação, a partilha de identidade e pode existir tanto em relações de amizade, como de amor e união sexual com o mesmo sexo ou com o oposto.

Segundo Erikson (1976, 1980) o perigo desta etapa é o profundo sentimento de isolamento, ou seja, o evitamento de contactos que implicam intimidade e a procura de relações interpessoais estereotipadas: *“O reverso da intimidade é o distanciamento: a tendência a isolar-se e, se necessário destruir aquelas forças e pessoas cuja essência parece perigosa para a própria”* (Erikson, 1976, p.243). Este distanciamento contribui para relações polarizadas. O indivíduo passa a estar auto-centrado, o “outro” torna-se objecto de exploração.

As dificuldades para estabelecer relações íntimas com outra pessoa fazem com frequência emergir situações patológicas nesta fase, porque revelam uma fragilidade latente da identidade (Erikson, 1976, 1980). Muitas vezes o jovem tem receio de se envolver intimamente com outros com medo de perder a sua própria identidade: *“O indivíduo é ameaçado por um súbito colapso de toda a sua capacidade de mutualidade, seguindo-se-lhe um desesperado desejo de começar*



*tudo de novo, com uma regressão a uma fase de perplexidade e raiva básicas, como só uma criança muito pequena pode experimentar” (Erikson, 1976, p.168).*

### **Estádio 7 – Generatividade vs. Estagnação**

Neste estágio existe o que Erikson designou por generatividade, ou seja, a necessidade e preocupação em orientar a geração seguinte, de investir na sociedade em que se está inserido. O conceito de generatividade não implica ter ou querer ter filhos, mas reside no desejo de contribuir para o bem estar presente e futuro (contributo como membro activo da sociedade; desenvolvimento de interesses e actividades produtivas). Há uma grande vontade em tornar o mundo melhor, de transmitir aos mais jovens valores e propostas num processo de compromisso social. Os indivíduos que adquirem a generatividade servem de modelos para a introjecção e identificação dos mais novos.

Quando a aquisição da generatividade falha ocorre a estagnação, caracterizada pela auto-centração e o conforto próprio. O adulto pode não desenvolver actividades úteis aos outros, preocupando-se apenas consigo próprio e na obtenção do seu prazer, sendo incapaz de contribuir para a sociedade (centração em si próprio, desinteresse pelos outros).

“*Será que faço alguma coisa que tem realmente valor?*” é uma forma de enunciar a questão base deste estágio. A resolução balanceada da crise generatividade vs. estagnação produz a força de carinho pela geração seguinte.

Segundo Costa (1991), a patologia da generatividade deve procurar-se na geração seguinte dado ser o reflexo da falha generativa dos pais.

### **Estádio 8 – Integridade vs. Desespero**

Neste último estágio de desenvolvimento psicossocial, face à proximidade do fim do ciclo de vida o indivíduo avalia a sua vida podendo experimentar

sentimentos de satisfação ou de fracasso. O sentimento de integridade ocorre de uma avaliação positiva da sua vida, como um bom investimento, aceitando a sua existência como valiosa e vê com satisfação os objectivos atingidos. Deste modo, a pessoa que atinge a integridade possui um sentimento de realização face ao passado, aceitando-o, tornando-se mais capaz de compreender os outros e aceitar o fim da própria vida.

O desespero, por outro lado, resulta de uma avaliação negativa da sua vida e está associado com o sentimento de angústia por a pessoa ter tomado decisões erradas aliado à perda de oportunidades importantes e se confrontar com a impossibilidade de começar tudo de novo, gerando-se um sentimento de repulsa por si próprio e pelos outros. Erikson (1976, 1980) considera que o desespero exprime o sentimento de que o tempo é curto, demasiado curto para a tentativa de começar outra vida e para experimentar rotas alternativas para a integridade. O indivíduo sente que o tempo escasseia e que a vida não lhe deu nada.

A questão base subjacente a este estágio pode enunciar-se da seguinte forma *“Vivi uma vida satisfatória ou foi um fracasso?”*. Uma resolução bem sucedida deste estágio origina a virtude da sabedoria (a capacidade de esperar a morte sem a recear).

#### **4. Críticas à teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson**

A teoria de Erikson apresenta algumas críticas que lhe têm vindo a ser feitas. Uma crítica que tem sido apresentada é a dificuldade de definição dos conceitos de Erikson, nomeadamente o conceito de identidade. Ora, esta dificuldade ao nível conceptual implica obstáculos ao nível da sua validação em termos empíricos. Vaz (1990) refere que a investigação no âmbito deste modelo teórico se encontra limitada devido aos obstáculos na operacionalização de

conceitos. De facto, durante muitos anos apenas dois constructos (identidade e intimidade) foram alvo de estudo e validação investigação empírica.

Outro grupo de críticas dizem respeito à fragilidade do modelo de Erikson. Referem que o modelo psicossocial se assemelha a uma mistura de determinação e indeterminação, ou seja, se por um lado existe uma sequência de estádios que se sucedem uns aos outros, por outro lado, não existe referência de idades exactas e invariáveis para os vários estádios ou para as transições entre eles (Wrightsmann, 1988). Relativamente a este aspecto Erikson é bem claro quando refere que a resolução de cada tarefa psicossocial depende do desenvolvimento de cada criança e do seu meio envolvente. Dado que cada tarefa se desenvolve em função das exigências sociais e dos contextos sociais, é difícil atribuir idades bem definidas e estáticas para os diferentes estádios, por isso, Erikson quando se refere à sucessão cronológica dos estádios fala mais de momentos do processo desenvolvimental (infância; idade do jogo, idade escolar, etc.) do que de idades.

Outros autores (Miller, 1989, *cit in* Wastell, 1996) criticam o facto dos mecanismos para resolução das crises não se encontrarem definidos. Argumentam que as condições de transição de um estádio para outro não foram claramente explicadas e que determinados estádios, principalmente os da idade adulta, não foram empiricamente demonstrados. Quanto aos mecanismos de resolução das crises e condições de transição dos estádios parece-nos que o princípio epigenético explicado neste capítulo clarifica o modo como o desenvolvimento psicossocial se processa e a forma como as mudanças ocorrem, referindo inclusivamente os factores que podem favorecer ou impedir a resolução das diferentes tarefas. Relativamente à demonstração empírica dos estádios da idade adulta, as críticas apontadas não se colocam actualmente uma vez que, por exemplo, o estádio da generatividade tem sido alvo de vários estudos (McAdams & Aubin, 1998).

Surgem ainda críticas (Gomes, 1989) de que Erikson não se terá distanciado muito de Freud na medida em que mantém a ideia de fixação da teoria psicanalítica, ao considerar que um problema de um estádio interfere na progressão dos estádios posteriores. Para este autor a diferença entre Erikson e

Freud parece residir apenas na designação dos estádios (psicossociais em vez de psicosexuais). No entanto, como referimos na parte introdutória deste capítulo Erikson distanciou-se em muitos aspectos da teoria psicanalítica, por exemplo não se refere a um desenvolvimento determinista mas dinâmico, salientado o papel da interacção entre o indivíduo e o seu meio envolvente. Assim, segundo Erikson, a resolução de cada estágio pode interferir com o estágio seguinte, mas não o determina.

## **5. A família e o desenvolvimento psicossocial**

Para Erikson (1968) “um sentido seguro de identidade é um item desenvolvimental importante com o qual o jovem é confrontado, marcando o fim da adolescência, sendo uma condição para a maturação individual posterior verdadeira”. Neste processo não podemos esquecer a importância das características da família.

Conger & Peterson (1984) referem que a forma de aproximação das tarefas desenvolvimentais, o seu sucesso ou a falta dele, na resolução destas crises são afectadas significativamente pela qualidade da relação pai – filho.

Bhushan & Shirali (1992) descobriram que os sujeitos com maior identidade pertencem a famílias balanceadas, que experimentam mais abertura e menos problemas, colocando a família no centro do desenvolvimento psicossocial.

Kamptner (1988) obteve resultados que indicam que a segurança nas relações familiares promove o desenvolvimento da identidade directamente e também indirectamente através do aumento da confiança social do adolescente.

Outros estudos (Adams & Jones, 1983; Grotevant & Cooper, 1983) observaram que os ambientes familiares que são coesivos e calorosos, expressivos e que promovem a discussão aberta, facilitam o desenvolvimento da identidade.

Os resultados dos estudos anteriormente mencionados revelam uma ligação conceptual entre o contexto familiar e o desenvolvimento do jovem. Por

tudo isso, podemos dizer que a família, na qual um indivíduo nasce e é criado, tem um efeito importante na modelação do desenvolvimento psicológico e na qualidade das relações interpessoais subsequentes. De facto, é na família de origem que a criança adquire a segurança e consequentemente a confiança básica que possibilita a exploração do mundo e o estabelecimento de futuras relações significativas com os outros. Neste processo não podemos negligenciar as percepções que cada elemento ad família tem acerca da atmosfera e satisfação vivida na família. Por isso mesmo, consideramos importante a avaliação subjectiva que o indivíduo faz do contexto familiar e procuramos avaliá-la neste estudo.

## **6. Síntese**

Em síntese, a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson ocupou este primeiro capítulo visto constituir-se como uma importante grelha de leitura do desenvolvimento humano.

Os pontos que a seguir se apresentam tentam sistematizar as principais idéias desenvolvidas ao longo deste capítulo:

- 1) O desenvolvimento psicossocial ocorre ao longo do ciclo vital desde o nascimento até á morte;
- 2) O desenvolvimento acontece na interacção indivíduo, meio e momento histórico;
- 3) O desenvolvimento é orientado por um principio epigenético que funciona como um plano de fundo segundo o qual se processam os vários estádios;

- 4) Erikson (1968, 1976, 1980) descreve o desenvolvimento psicossocial em 8 estádios. Em cada estágio, o sujeito depara-se com a realização de tarefas de desenvolvimento necessitando para a sua resolução de efectuar uma nova síntese ou balanço dinâmico do eu em função do período de crescimento físico /cognitivo em que se situa e das exigências da sociedade;
- 5) Em cada estágio psicossocial o indivíduo é confrontado com novos desafios ou crises que apesar de poderem constituir-se como momentos de maior vulnerabilidade, são vistas como potenciais pontos de viragem;
- 6) Apesar das crises serem formuladas em termos bipolares, a resolução bem sucedida da crise implica uma dialéctica entre os pólos, uma síntese dinâmica entre os pólos;
- 7) A resolução das crises de cada estágio processa-se de modo independente, no entanto a qualidade da resolução dos estádios anteriores influencia a qualidade da resolução de estádios posteriores;
- 8) Quando a resolução da crise em cada estágio não é bem sucedida tem implicações posteriores tornando o indivíduo psicologicamente mais fragilizado e, portanto mais propenso a estruturar-se com tendência para a patologia;
- 9) Segundo Erikson as experiências em fases posteriores da vida podem alterar ou transformar os efeitos das experiências em fases anteriores. O desenvolvimento preconizado por Erikson não é irreversível, deixando em aberto a possibilidade de resolução de uma determinada crise em fases posteriores (uma vez que em cada estágio o indivíduo não está apenas a lidar com uma tarefa, mas sim com as oito tarefas simultaneamente) desde

que a interacção do indivíduo com os seus contextos de vida se transforme no sentido de proporcionar um desenvolvimento equilibrado;

10) A resolução balanceada das crises psicossociais de cada estágio onde é atingida uma síntese dinâmica entre os pólos resulta em virtudes. Deste modo, temos que:

- Um sentido dinâmico entre a confiança básica e a desconfiança básica, origina a virtude da “esperança”, ou seja, a crença de que “apesar das coisas não estarem a correr bem no momento, se resolverão no futuro”.
- A síntese dinâmica entre a autonomia e a vergonha e dúvida traduzida pela virtude da “vontade”, o sentimento de ser capaz de fazer, com adequada modéstia;
- A resolução balanceada da crise iniciativa vs. Culpa origina o sentido de propósito ou a capacidade para a acção apesar da clara compreensão das limitações;
- A resolução balanceada da crise indústria vs. Inferioridade origina o sentido de competência ou o sentimento de que é capaz de fazer e de fazer bem as coisas tendo consciência dos limites quer pessoais quer externos ao eu;
- A força vital resultante da síntese identidade vs. Confusão da identidade é a fidelidade aos investimentos da identidade o que fornece direcção e significado à vida;
- A resolução equilibrada da crise intimidade vs. isolamento produz a virtude do amor, concebido como a capacidade em estar com os outros (não apenas no contexto de relações amorosas, mas também no contexto de relações de amizade) sentindo-se confortável consigo mesmo;

- O balanço dinâmico da crise generatividade vs. estagnação produz a força de carinho pela geração seguinte;
- Uma resolução bem sucedida do estágio integridade vs. desespero origina a virtude da sabedoria (a capacidade de esperar a morte sem a recear).

11) Têm sido apresentadas algumas críticas à teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson, nomeadamente a falta de precisão conceptual impeditiva da investigação empírica por apresentar dificuldades de operacionalização de conceitos; a fragilidade de modelo, a indefinição dos mecanismos de resolução das crises bem como as condições de transição entre os estádios, e, a falta de distanciamento relativamente à teoria de Freud;

12) Na finalização do capítulo foram referidos resultados de alguns estudos que salientam a importância da família no desenvolvimento psicossocial.



## **Capítulo III**

### **A TEORIA DA VINCULAÇÃO**

## Capítulo III

### A teoria da Vinculação

Este capítulo pretende apresentar os contributos da teoria da vinculação enquanto importante grelha de leitura na interpretação do desenvolvimento humano. Começamos por conhecer os autores que contribuíram para a sua conceptualização, apresentamos em seguida os conceitos base e tentando com isso explicar as razões subjacentes à escolha desta teoria para dar significação ao nosso estudo.

#### 1. Origem da teoria da vinculação

Destacam-se dois nomes como fundadores da teoria da vinculação: John Bowlby (considerado, inequivocamente, o autor da teoria da vinculação) e Mary Ainsworth (pelos contributos que forneceu para o desenvolvimento desta mesma teoria). A teoria da vinculação conceptualiza a propensão universal do ser humano para formar fortes laços afectivos com outros significativos (Bowlby, 1978). Começamos por analisar as biografias destes autores de modo a perceber de que forma as idéias da teoria foram tomando forma.

##### **John Bowlby (1907-1991)**

Bowlby é originário de uma família londrina de média – alta burguesia, filho de um conceituado cirurgião.

Foi crescendo, como os seus cinco irmãos com amas e governantas. Chegada a altura da entrada na escola foi para um internato.

Apesar de tudo se encaminhar para uma carreira na Marinha, Bowlby contraria as expectativas e licencia-se em Medicina em 1928 na Universidade de Cambridge. Segundo Bretherton (1992), podemos dizer que Bowlby começa a trabalhar na sua teoria já na licenciatura, onde recebe formação especializada na designada psicologia desenvolvimental. Mas é a sua experiência de trabalho

voluntário num internato para crianças desadaptadas em conjunto com investigações acerca dos cuidados institucionais e hospitalares em bebés e crianças que marcaram a sua vida profissional. Aliás, é motivado por estas experiências que se especializa em psiquiatria e psicoterapia infantil. Tiveram grande impacto para o autor dois rapazes daquela instituição, vítimas de relações problemáticas com as mães, nesta sua opção de especialização. As observações que realizou com estes rapazes conduziram-no à conclusão de que grandes disfunções na relação mãe –criança são precursoras de psicopatologia, sendo esta relação não apenas importante para o desenvolvimento futuro da criança, mas também sendo importante no imediato para a criança (Cassidy, 1999). Segundo Ainsworth & Bowlby (1991), é aqui que surge a percepção da importância para o desenvolvimento da criança das experiências de vida.

Bowlby fez ainda formação psicanalítica no Instituto de Psicanálise, onde tem contacto com as influências psicanalíticas, em especial de Melanie Klein. Foram divergências teóricas e metodológicas que fizeram com que Bowlby se distanciasse desta perspectiva, nomeadamente no que diz respeito à desvalorização dos contextos relacionais de vida na intervenção psicológica, bem como a desvalorização das experiências baseadas em relatos e observações de sujeitos em clínica. A primeira oposição pública a esta perspectiva psicanalítica surge quando defende a influência do meio ambiente no desenvolvimento humano na Sociedade Psicanalítica Britânica.

Uma vez que as teorias tradicionais vigentes não o satisfaziam no que diz respeito às explicações para as suas observações e para a natureza do vínculo mãe –criança, Bowlby procura outros campos de investigação. De facto, as explicações da Psicanálise (a qual postulava que a origem do amor materno se encontra na gratificação oral) e da Teoria da Aprendizagem Social (que defende o papel dos reforços secundários na dependência da relação mãe – criança) não satisfazem Bowlby. É na Etologia, na Ciência Cognitiva (processamento da informação), na Cibernética (Teoria do Controlo dos Sistemas) e na Psicologia do Desenvolvimento que Bowlby se vai inspirar para chegar aos conceitos base da teoria da vinculação (Bretherton, 1992). Contudo, a formação psicanalítica não é

totalmente abandonada por Bowlby. Apesar de a considerar insuficiente, Bowlby partilha das seguintes idéias: as experiências precoces têm um forte impacto na personalidade, nas relações, pensamentos e comportamentos dos indivíduos; e, a motivação humana possui uma natureza em grande parte inconsciente.

No que diz respeito à Etologia, são especialmente importantes para Bowlby formular a sua teoria, os trabalhos de Konrad Lorenz sobre o “imprinting” em patos. Lorenz demonstrou que as aves seguiam de modo persistente o primeiro objecto que viam a movimentar-se depois de nascerem. O “imprinting” é esta forma específica de aprendizagem de cada espécie que ocorre num período de tempo circunscrito (o “período crítico”) e que resiste a modificação posterior. Bowlby considera então que, tal como as aves, os humanos estão predispostos biologicamente para a formação de laços significativos com indivíduos específicos. Dos contributos da etologia, Bowlby retira o papel do comportamento instintivo nos humanos e a importância de se realizarem observações dos indivíduos no seu ambiente natural.

No que diz respeito aos conhecimentos da Psicologia Cognitiva, os dados referentes ao facto das pessoas desenvolverem modelos mentais internos de fenómenos internos e externos vão influenciar Bowlby na sua teoria da vinculação. Com efeito, na teoria da vinculação, estes modelos mentais, designados como “modelos representacionais” ou “modelos internos dinâmicos” referem-se às representações que os indivíduos têm deles próprios, das suas figuras de vinculação e das relações estabelecidas (Bowlby, 1978).

Da Teoria de Controle dos Sistemas, Bowlby retira a idéia de que os comportamentos não se podem separar do seu contexto, dando ênfase às relações entre os vários componentes do meio ambiente, assim como as interacções mútuas existentes entre os vários subsistemas (Berman & Sperling, 1994). De facto, tal como Coleman e Watson (2000) referem, a observação de partes de comportamentos isolados é qualitativamente diferente ao comportamento associado à análise das partes como um todo.

Como vimos, a teoria da vinculação integra conhecimentos de diversos domínios científicos.

Em 1948, Bowlby pede a James Robertson para o ajudar na observação de crianças hospitalizadas ou institucionalizadas que tinham sido separadas dos seus pais. Passados dois anos de observações com Bowlby, Robertson realiza um filme que, apesar de controverso, dá esperança às crianças hospitalizadas (Bretherson, 1992). Identifica e descreve as três fases do processo de separação (Bowlby, 1978a):

- O protesto – fase relacionada com a ansiedade de separação, a qual pode iniciar-se logo após a separação ou mais tarde e manifesta-se durante horas ou dias;
- O desespero – relacionada com a dor e o luto, apresentando uma postura passiva apesar de manifestar preocupação pela mãe;
- A negação ou desvinculação – a criança começa a aceitar determinadas figuras que se aproximam dela e se a mãe volta parece não reconhecê-la e mesmo evitá-la (isto pode estar relacionado com os mecanismos de defesa, nomeadamente a repressão).

Estas observações em conjunto com as observações de Harlow (1953) acerca da privação materna em macacos *rhesus*, levam Bowlby a conceber que os bebés e as crianças experimentam ansiedade de separação em situações activadoras de comportamentos de fuga ou de vinculação, mas a figura de vinculação não se encontra presente.

### **Mary Salter Ainsworth (1913-1999)**

Mary Ainsworth terminou a sua licenciatura em Psicologia na Universidade de Toronto, onde teve contacto com a Teoria da Segurança de William Blatz. Dos contributos da teoria de Blatz para a teoria da vinculação salienta-se: a noção da figura de vinculação como *base segura*, a partir da qual a criança pode explorar o mundo, a metodologia de observação naturalista (Berman & Sperling, 1994) e o conceito de *sensibilidade materna* aos sinais da criança e o seu papel no desenvolvimento dos padrões de vinculação mãe –criança (Bretherton, 1991, 1996). Ainsworth é uma psicóloga clínica canadiana que participa em 1950 na

equipa de investigação de Bowlby acerca dos efeitos da separação precoce da mãe e criança no desenvolvimento da personalidade. Depois, realiza durante dois anos observações naturalistas no Uganda com mães e respectivos bebés.

Posteriormente em conjunto com os colaboradores, Ainsworth realiza o estudo longitudinal de Baltimore: observação sistemática de interações mãe – bebé no seu ambiente natural e em laboratório. Assiste-se deste modo ao desenvolvimento do procedimento laboratorial da Situação Estranha, que permite a análise das diferenças dos indivíduos na forma como organizar comportamentalmente a vinculação. Segundo Cassidy (1999), a Situação Estranha é o primeiro estudo científico da vinculação sendo responsável pelo lugar ocupado pela teoria da vinculação na Teoria do Desenvolvimento.

Mas não é só ao nível metodológico que Ainsworth contribuiu para a teoria da vinculação. Os seus contributos são também de ordem teórica ao conceptualizar o equilíbrio entre a vinculação e a exploração, a base segura e a responsividade da figura de vinculação ao nível da prestação de cuidados.

## **2. Premissas básicas da teoria da vinculação**

A teoria da vinculação afirma a necessidade humana universal do desenvolvimento de ligações afectivas de proximidade, que dêem segurança e possibilitem a exploração confiante do *self*, dos outros e do mundo (Ainsworth, 1967; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1969/91, 1973, 1980). Segundo a teoria da vinculação, o funcionamento psicológico é determinado pela capacidade de estabelecimento de laços emocionais. Deste modo, a ruptura de laços afectivos de modo indesejado permite a compreensão das perturbações psicológicas.

### **2.1. Vinculação – definição**

O conceito de *vinculação* é definido por Bowlby e Ainsworth como um laço afectivo que uma pessoa forma com outrém, laço que os une e perdura no tempo (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1979), caracterizando-se como uma tendência para a procura e manutenção da proximidade a essa figura específica em situações

ameaçadoras ou geradoras de *stress* (Ainsworth, 1969, 1982, 1989, 1991; Bowlby, 1978a, 1988). A vinculação é conceptualizada como o laço emocional com outra pessoa que é vista como uma fonte de segurança e que fornece uma base segura a partir da qual o indivíduo explora o mundo (Bowlby, 1979, 1988). No entanto, ligação afectiva não é coincidente com vinculação. Assim, segundo Ainsworth (1994), a vinculação é um tipo específico de ligação emocional onde é requerida a obtenção de segurança, enquanto que numa ligação afectiva pode não ocorrer a obtenção de segurança. Deste modo, toda a vinculação é uma ligação emocional, mas as ligações emocionais não são todas vinculações (Ainsworth, 1994).

Bowlby faz ainda a distinção entre vinculação e comportamentos de vinculação. Deste modo, os *comportamentos de vinculação* são todo o tipo de comportamentos que se destinam à promoção da proximidade ou contacto com a figura de vinculação, enquanto que a vinculação é o laço emocional e não esses comportamentos (Ainsworth, 1991). Incluem-se neste tipo de comportamentos o chupar, o chorar, o seguir, agarrar e sorrir, comportamentos que contribuem e ilustram a vinculação, mas que não constituem por si só a vinculação (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978; Bowlby, 1978a). Ainsworth (1989, 1991) descreve a vinculação como o laço emocional que uma pessoa tem por outra que é percebida como mais forte e/ou mais sábia e que lhe proporciona segurança, conforto ou ajuda, sendo possível uma pessoa estar vinculada a outra que não está vinculada a si.

## 2.2. Qualidade da vinculação

A vinculação diz respeito a uma relação discriminada com uma ou mais pessoas específicas designadas de *figuras de vinculação*. O protesto da separação e a procura de proximidade são indicadores da qualidade de vinculação desde que organizados num determinado contexto e relacionados com outros comportamentos (Sroufe & Waters, 1977). De facto, não basta a presença continuada da figura de vinculação para garantir a qualidade da mesma. A sua presença apenas nos indica o estabelecimento da ligação afectiva. A qualidade é

determinada pela natureza das interações que se estabelecem. Para o seu desenvolvimento com qualidade, é necessária a *sensibilidade* da figura de vinculação para responder às necessidades de proximidade e de segurança da criança e a *disponibilidade*, quer em termos físicos quer em termos emocionais, para responder quando a criança a procura. Quando as figuras de vinculação agem de modo adequado sendo sensíveis e responsivas, estarão criadas as condições para o desenvolvimento de uma vinculação segura, fundamental para o desenvolvimento da criança. Por outro lado, quando não existe sensibilidade e responsividade por parte da figura de vinculação, a criança terá condições criadas para o desenvolvimento de uma vinculação insegura, com consequências para o seu desenvolvimento (dificuldades emocionais e de regulação dos afectos e de integração interpessoal) (Ainsworth et. al., 1978).

Segundo Bowlby (1978a, 1988), a vinculação desenvolve-se com o tempo, com a *consistência* das respostas e com o sentimento de que a figura de vinculação está disponível. Esta consistência de atitudes e comportamentos vai conduzir ao desenvolvimento de uma atitude de confiança por parte da criança (Ainsworth et. al., 1978). Isto significa que as crianças cujo ambiente familiar se pauta pela estabilidade e previsibilidade têm maior probabilidade de desenvolver relações de vinculação seguras, em oposição àquelas cujo contexto familiar se caracteriza como instável e imprevisível e cujo resultado é muito provável uma relação insegura.

O conceito de *base segura* é central na definição de vinculação (Sroufe & Waters, 1977). Deve-se a Ainsworth (Ainsworth et. al., 1978) a primeira descrição da utilização de uma figura de vinculação como uma base segura a partir da qual a criança pode explorar o mundo, fazendo a ligação entre os sistemas de vinculação (manutenção de proximidade) e o de exploração (obtenção de segurança promotora da exploração). O equilíbrio dinâmico entre estes dois sistemas comportamentais garante a sobrevivência e traz vantagens ao nível do desenvolvimento (Ainsworth, 1972). Esta dinâmica é conseguida através da utilização da figura de vinculação como *base segura* e como *porto seguro*. Estes conceitos, apesar de próximos, possuem significados distintos. Ainsworth et. al.



(1978), referem que quando a criança procura a mãe como um porto seguro ela está um pouco alarmada, enquanto que quando a utiliza como base segura não sente medo ou ameaça.

A criança procura a segurança na sua figura de vinculação. Ora, essa segurança não é apenas a procura de proximidade, mas também consiste na capacidade da criança a utilizar como base a partir da qual sente segurança para explorar o meio que a rodeia. Na ausência de ameaças, a criança pode explorar o meio circundante passando pouco tempo próxima fisicamente da sua base segura. No entanto, quando alarmada, principalmente pela separação, a criança procura o contacto com a figura de vinculação para obter conforto (porto seguro).

### **2.3. Sistema comportamental de vinculação**

Foi postulado por Bowlby (1969/91), um sistema comportamental que regularia a predisposição inata para o estabelecimento de laços emocionais, em especial o laço emocional entre o bebé e a mãe (ou figura cuidadora).

Este conceito sofre a influência da etologia, nomeadamente pelos estudos de Konrad Lorenz (1935) e o *imprinting*.

O sistema comportamental é específico da espécie e consiste num conjunto de comportamentos com uma mesma finalidade, em que pelo menos um contribui para o ajustamento reprodutivo, assegurando a sobrevivência da espécie.

No caso do sistema comportamental da vinculação, os indivíduos, possuem uma predisposição biológica para o estabelecimento de laços de vinculação cuja função é zelar pela sobrevivência, através da procura de protecção e segurança, face a situações ameaçadoras (Ainsworth *et. al.*, 1978; Bowlby, 1980; Bretherton, 1985; Lopez & Brennan, 2000; Main, Kaplan & Cassidy, 1985).

Este sistema resulta num conjunto de comportamentos que possibilitam a proximidade com a figura de vinculação, permitindo a exploração segura do meio.

### **2.4. Regulação do sistema comportamental da vinculação**

Bowlby (1969/91), sofrendo influência da teoria dos sistemas de controle, postula a existência de um sistema de controle, localizado no Sistema Nervoso Central que regula a activação e desactivação de um nível adequado de proximidade da figura de vinculação. A activação deste sistema é influenciada quer pelas condições físicas e psicológicas da criança bem como pelas condições ambientais. Segundo Ainsworth e colaboradores (1978), a activação, desactivação do sistema é resultante da avaliação que o sujeito faz das condições do meio interno e externo e do nível de segurança percebido. Esta regulação é realizada em articulação com outros sistemas comportamentais, nomeadamente o de exploração (Ainsworth, 1982). Assim sendo, a activação do comportamento de vinculação acontece durante toda a vida de um indivíduo sempre que se verifiquem situações ameaçadoras. Face a este tipo de situações, o indivíduo procura a figura com quem desenvolveu a relação de confiança (esta procura pode ser real ou imaginada).

### **2.5. Desenvolvimento do comportamento de vinculação**

Bowlby (1969/91) descreve o desenvolvimento do comportamento de vinculação em quatro fases. O desenvolvimento do comportamento de vinculação ocorre desde o nascimento até aos três anos de vida e consiste na aquisição de padrões comportamentais com maior estrutura e complexidade.

Fase 1 – Orientação e sinais com discriminação limitada da figura – ocorre nas primeiras oito/ doze semanas de vida, em que o bebé, apesar de não discriminar as figuras, tende a aumentar a proximidade com as pessoas, orientando-se para elas (e.g. parar de chorar quando ouve/vê uma pessoa).

Fase 2 – Orientação e sinais dirigidos a uma (ou mais) figura(s) discriminada(s) – das oito/ doze semanas aos seis meses de idade – o bebé diferencia a(s) figura(s) com quem estabelece uma maior interacção social.

Fase 3 – Manutenção da proximidade a uma figura discriminada por meio da locomoção bem como de sinais – dos seis/ sete meses até aos dois/três anos – quando a figura de vinculação se afasta, a criança segue-a e fica contente com o seu regresso após a sua ausência.

Fase 4 – Formação de uma parceria orientada por objectivos –início aos quatro anos – a criança possui representações acerca da figura de vinculação, de si e do mundo, representações essas que vão influenciar as suas aproximações à figura de vinculação. Nesta fase, a criança já consegue prever as acções da figura de vinculação independentemente das suas necessidades (estabilidade espaciotemporal das representações). Deste modo, e como tomo em conta a perspectiva do outro, procura negociar a realização de objectivos em parceria.

## **2.6. Selecção da figura de vinculação**

De acordo com Bowlby (1969/91), existem processos orientadores da selecção de uma figura de vinculação. São eles: a) a predisposição inata para a orientação sensorial da criança para determinados estímulos humanos (a voz – estímulo auditivo – a face – estímulo visual – as mãos e o corpo – estímulo táctil) prestando especial atenção às figuras que lhe dão atenção e cuidados; b) a aprendizagem por exposição, sendo que a criança é capaz de distinguir a pessoa que cuida dela de outras dado que vai apreendendo as suas características; c) uma predisposição inata da criança para se aproximar do que lhe é familiar (pessoas e ambiente); d) o reforço do seu comportamento de acordo com o *feedback* de resultados, para o qual contribuem a sensibilidade da figura de vinculação ao choro da criança e a qualidade da interacção estabelecida.

Neste processo de selecção da figura de vinculação, importa realçar que mais do que a mera prestação de cuidados à criança, o que de facto contribui para a escolha é a sensibilidade da figura e a qualidade da interacção estabelecida. Bowlby refere o trabalho de Schaffer e Emerson (1964) como atestando estes factos. Neste trabalho os autores constataram que apesar das crianças passarem

a maior parte do tempo com as suas mães que lhes prestam os cuidados, as crianças apresentam vinculações mais significativas com os pais, os quais estando menos tempos com elas interagem mais de perto com as crianças. De facto, não é a quantidade de tempo passada com a criança que vai determinar a eleição de figura de vinculação mas sim a qualidade relacional existente nesse tempo.

## **2.7. Modelos internos dinâmicos**

O conceito de modelos internos dinâmicos (*working models*) ou modelos representacionais das figuras de vinculação e do *self* é fundamental na teoria da vinculação, permitindo a compreensão das relações de vinculação ao longo do ciclo vital e das diferenças individuais na segurança. Bowlby inspira-se nos trabalhos de Craik em 1943 e aprofunda este conceito no seu volume *Separation: anxiety and anger* (Bowlby, 1978b). Craik utiliza o conceito de *working model* para significar as estruturas internas mentais que mantêm as sequências temporais e causais dos acontecimentos do mundo (Bretherton, 1992, 1996). De acordo com Bretherton (1996), Bowlby utiliza a palavra *working* para ilustrar a natureza dinâmica da vinculação e a palavra *model* para significar que as representações da realidade podem predizer situações futuras. Assim, Bowlby (1961/91) designa de modelos internos dinâmicos ou modelos representacionais o conjunto de expectativas acerca do *self*, dos outros e do mundo que a criança desenvolve a partir da qualidade das interações entre ela e as figuras de vinculação nos primeiros anos de vida. Deste modo, um modelo interno dinâmico tem sido definido por diversos autores (Bowlby, 1978b; Bretherton, 1985, 1992, 1996; Collins, 1996; Collins & Read, 1990; Kobak & Sceery, 1988; Marrone, 1998; Mikulincer, 1995) como uma representação mental ou uma estrutura interna do *self*, da figura da vinculação e do mundo relacional. Os modelos internos dinâmicos são, segundo Berman & Sperling (1994) esquemas mentais cognitivos-afectivos-motivacionais construídos a partir das experiências relacionais do indivíduo. Estes modelos internos

dinâmicos resultam, como já foi dito, da qualidade das interações entre a criança e as figuras de vinculação e incluem sentimentos, crenças, expectativas, estratégias de comportamento, regras de conduta, atenção, interpretação da informação e organização da memória (Collin, 1996; Main *et al.*, 1985). Incluem duas dimensões importantes: a percepção de si próprio como possuindo valor e sujeito merecedor (ou não) de amor e de atenção, desencadeando na figura de vinculação a sensibilidade e disponibilidade para responder às suas necessidades (modelo do *self*) e a percepção dos outros como acessíveis e responsivos (ou não) no fornecimento de apoio e de protecção (modelo do outro) (Bowlby, 1978b; Lopez & Brennan, 2000). Vão ter, portanto, um efeito modelador das cognições, afectos e comportamentos em relações interpessoais futuras.

O facto de estes modelos internos serem dinâmicos tem inerente a sua capacidade de se transformarem e adaptarem face a novos contextos e períodos de desenvolvimento bem como face a experiências relacionais cuja qualidade os desconfirma, acomodando-se às novas situações (em vez do processo de assimilação que ocorre na maioria dos casos). Assim sendo, um modelo interno dinâmico que não se constitui como adequado às experiências que o indivíduo está a viver, pode ser activado, modificado e reformulado de modo a se adequar às novas situações (West & Sheldon-Keller, 1994). Quando não acontece esta modificação, o sujeito poderá estar a utilizar uma grelha de leitura que lhe fornece uma visão distorcida da realidade (Marrone, 1998). A dominância do processo de assimilação ao processo de acomodação justifica-se pelo modo inconsciente e involuntário e automático de operar dos modelos de representação.

Bowlby (1978b) salienta a relevância das experiências precoces, propondo que os modelos mentais de representação das figuras de vinculação são constituídos durante a primeira infância moldando a construção de relações interpessoais futuras.

## **2.8. Os estilos de vinculação**

De acordo com Berman e Sperling “os estilos de vinculação referem-se a um modelo interno dinâmico em particular que determina as respostas comportamentais a uma separação ou reunião real ou imaginária da sua figura de vinculação” (1994, p.11).

Ainsworth e colaboradores (1978), identificaram três padrões de interacção correspondentes a diferentes organizações comportamentais da vinculação resultantes dos estudos conduzidos no Uganda e em Baltimore: o seguro, o inseguro-ambivalente/resistente e o inseguro-evitante. Resultante ainda destes estudos é o procedimento laboratorial estandardizado de avaliação da vinculação designado de *Situação Estranha*. Este procedimento é constituído por uma sequência de oito episódios com a duração aproximada de três minutos cada, pretendendo a criação de condições para a activação do comportamento de vinculação e da exploração de bebés com aproximadamente um ano de vida.

As crianças classificadas como seguras, cerca de 60% dos casos, reagem emocionalmente à separação da figura de vinculação, mas em seguida envolvem-se em comportamentos de exploração do meio, manifestando contentamento perante o seu regresso. As figuras de vinculação das crianças seguras são sensíveis às necessidades da criança de modo consistente existindo reciprocidade nos seus comportamentos.

As crianças ansiosas/ambivalentes, cerca de 15% dos casos, demonstram elevados níveis de ansiedade quando a figura de vinculação se ausenta, sendo difícil aclamarem-se, não explorando o meio, e face ao regresso da figura de vinculação exibem comportamentos ambivalentes (choro e desejo de proximidade e revolta dando pontapés e tentando o afastamento). A vinculação ansiosa surge quando existe uma preocupação acentuada relativamente à acessibilidade e não responsividade das figuras de vinculação.

O terceiro padrão de interacção, o grupo das crianças ansiosas-evitantes, correspondem a 25% dos casos, aparentemente não se incomodam com a separação da figura de vinculação, prestando atenção aos brinquedos da sala (mas sem o contentamento das crianças seguras) e quando a figura regressa não procuram activamente o contacto, podendo exhibir comportamentos de evitamento,

tais como ignorar, tentar afastar-se ou olhar para o lado. As figuras de vinculação deste grupo de crianças não são sensíveis às suas necessidades, evitam manifestações de afecto e de contacto físico e exprimem poucas emoções, podendo verificar-se negligência e hostilidade.

São muitos os estudos na vinculação adulta que adoptam estes três padrões de Ainsworth, avaliados através da Entrevista da Vinculação no Adulto (*Adult Attachment Interview; AAI*) de Main e colaboradores (1985).

Sperling (Sperling & Berman, 1991) referem quatro estilos de vinculação definidos através da dimensão segurança-insegurança e que se caracterizam por diferentes níveis de segurança: o dependente, o evitante, o resistente ou ambivalente e o hostil.

Bowlby (1980) refere um padrão seguro (indivíduos que apresentam as dimensões cognitivas e afectivas da vinculação integradas) e quatro padrões de vinculação inseguros: o prestador de cuidados compulsivo ou ansioso (indivíduos muito preocupados com a tristeza dos outros e fazem tudo para os ajudar), o que procura os cuidados compulsivamente ou ansioso/ambivalente (necessita da proximidade da figura de vinculação constantemente), os auto-confiantes compulsivos ou evitantes (apresentam pouca autonomia e uma auto-confiança inconsistente) e o que se encontra emaranhado nas suas relações ou inseguro/resistente (lutam para agradar mas também apresentam irritação para com os pais e não gostam do seu afastamento).

Por seu lado, Bartholomew e Horowitz (1991) distinguem quatro estilos de vinculação resultantes da imagem que o indivíduo tem de si (positiva ou negativa) e dos outros (positiva ou negativa): o seguro (modelo positivo de si e modelo positivo dos outros), o desinvestido (modelo positivo de si e modelo negativo dos outros), o preocupado (modelo negativo de si e modelo positivo dos outros) e o amedrontado (modelo negativo de si e modelo negativo dos outros). Abordaremos esta concepção mais pormenorizadamente no ponto 4.3 deste capítulo.

### **3. Vinculação na adolescência e no jovem adulto**

A população-alvo do nosso estudo de avaliação da vinculação é o adolescente e o jovem adulto, tal como já referimos, e por este motivo consideramos pertinente abordar as mudanças cognitivo-emocionais deste período desenvolvimental analisando as suas repercussões ao nível das relações familiares.

Desde já, se salienta que a quantidade de estudos na vinculação na adolescência e juventude é relativamente recente, ainda sendo prevalentes os estudos da vinculação na infância.

Na adolescência os indivíduos confrontam-se com a tarefa desenvolvimental da aquisição da autonomia que não passa pelo suporte parental mas sim pela construção de novos relacionamentos (Allen & Land, 1999; Colin, 1996; Geuzaine, Debry & Liesens, 2000; Gnaulati & Heine, 2001; Grotevant & Cooper, 1985; Hoffman, 1984; Weiss, 1991). Contudo, a aquisição da autonomia não se opõe à vinculação, mas são complementares e interdependentes e factores importantes no desenvolvimento do adolescente (Gnaulati & Heine, 2001; Grotevant, 1983; Grotevant & Cooper, 1986; Hoffman, 1984; Lapsey, Rice & Shadid, 1989; Lopez, 1995; Lopez, Cambell & Watkins, 1988; Matos & Costa, 1996; Soares & Campos, 1988; Youniss & Smollar, 1985). Deste modo, a aquisição da autonomia acontece com base na proximidade emocional e segurança que a família transmite ao adolescente (Grotevant & Cooper, 1986; Lopez, 1995; Matos & Costa, 1996; Matos, Barbosa & Costa, 1999a; Soares & Campos, 1988; Soares, 1996; Weiss, 1982; Youniss & Smollar, 1985).

Nesta fase desenvolvimental, o sujeito apresenta ganhos ao nível cognitivo adquirindo capacidades representacionais e metacognitivas (Case, 1985; Chalmers & Lawrence, 1993; Selman, 1980) que lhe possibilita uma visão mais complexa e diferenciada de si próprio e dos outros (Harter, 1990; Marsh, 1989; Moretti & Higgins, 1990, 1999). Deste modo, os adolescentes são já capazes de formar percepções abstractas acerca deles próprios e dos outros tendo em conta diversos aspectos. Com a aquisição de competências metacognitivas são agora capazes de comparar a avaliação que eles próprios fazem desses aspectos com a



avaliação feita pelos outros (como os pais e pares). São também capazes de especular como seria se fossem uma outra pessoa, o que lhes fornece a oportunidade de imaginar alternativas de si próprios na relação com os outros e considerar as consequências de diferentes desempenhos de papéis.

Deste modo, a tarefa que propomos aos sujeitos no nosso estudo empírico de se posicionarem no lugar dos pais e de dizerem qual a satisfação que acham que eles retiram no desempenho dos papéis familiares conjugal e parental só com a entrada na adolescência se torna possível, já que até este momento as estruturas cognitivas que o sujeito dispunha não lhe permitiam fazer isso.

A adolescência implica a modificação das relações familiares e sociais do sujeito criando-se condições para se formarem novas e diferentes relações mais complexas. A alteração da relação com os pais, que pode assumir-se como conflituosa, confusa e contraditória, não significa uma desvinculação (Lamborn & Steinberg, 1993; Ryan, Deci, & Grolnick, 1995), mas sim uma transformação na relação. Segundo a perspectiva da vinculação, trata-se de um período de transição (Allen & Land, 1999) e não de uma ruptura com as experiências de vinculação anteriores. Aliás, a vinculação segura e a conectividade emocional com os pais facilita o aumento da autonomia (Ryan & Lynch, 1989).

De acordo com Ainsworth (1989), as mudanças que acontecem no processo de vinculação aquando da adolescência devem-se não apenas à experiência sócio-emocional deste período desenvolvimental, mas às mudanças que ocorrem ao nível cognitivo, hormonal e neurofisiológico. Este período de grandes transformações possibilita que o sujeito que na infância necessitava de receber os cuidados de outros significativos possa agora constituir-se como uma figura significativa para outro. Processa-se também a uma integração dos diferentes padrões de interacção estabelecidos com as várias figuras de vinculação, organização esta que se constituirá como preditiva dos comportamentos em relações de vinculação futuras (Steele, Steele & Fonagy, 1996). Escusado será dizer que esta capacidade de abstracção e de generalização das diversas relações de vinculação apenas se torna possível com os ganhos cognitivos desta fase de desenvolvimento, que até aí se encontrava limitada à

compreensão do concreto (Feeney & Noller, 1996). Com este pensamento formal, o adolescente pode comparar as relações que estabelece com diferentes figuras de vinculação, vendo se as relações com as figuras de vinculação primária lhe satisfazem ou não todas as suas necessidades, procurando novas relações (Kobak & Duemmler, 1994).

As novas relações de vinculação formadas na adolescência caracterizam-se pela reciprocidade, o que não acontecia nas relações pais-filhos na infância. Ou seja, as relações de vinculação que se estabelecem a partir da adolescência não são relações assimétricas onde apenas um elemento presta cuidados e serve de base segura ao outro (normalmente, a mãe relativamente à criança). Agora nas relações estabelecidas quer um quer o outro elemento podem fornecer cuidados e servir de base segura que promova a exploração noutros domínios, daí se caracterizarem pela reciprocidade. A partir desta fase, as relações de vinculação são diádicas, procurando-se ou mantendo-se a proximidade com outro de modo a alcançar segurança (West & Sheldon-Keller, 1994). Tal como na infância, a segurança depende da acessibilidade e responsividade da figura de vinculação, no entanto já não se torna necessário o contacto físico com ela dado os processos cognitivos serem centrais (Bowlby, 1978b; Colin, 1996).

Segundo Ainsworth (1991), um adolescente está vinculado a outro quando, à semelhança do que acontece na infância, em situações de *stress* deseja a proximidade com essa figura, procurando a segurança e o conforto, protestando quando esta não está acessível e fazendo o luto quando a perde. Ainda segundo a autora, podem constituir-se como vinculações a maioria das relações de casamento, muitos relacionamentos sexuais e relações de amizade. O aspecto distintivo entre uma relação de vinculação e uma relação de não vinculação é que no primeiro caso a perda da figura implica a dor, luto e a separação envolve tristeza ou ansiedade (Colin, 1996) o mesmo não acontecendo no segundo caso.

Deste modo, podemos destacar duas transformações importantes ao nível das relações de vinculação no período da adolescência: por um lado, temos a natureza recíproca das relações em que cada elemento da díade se pode constituir como figura de vinculação ao outro, e, por outro lado, a principal figura

de vinculação deixa de ser um dos progenitores passando a ser o companheiro amoroso.

A investigação tem procurado responder à questão da manutenção ou não dos processos de vinculação da infância na adolescência. Encontramos estudos que atestam a manutenção dos processos (Van Ijzendoorn, 1992; Benoit & Parker, 1994; Waters *et al.*, 1995 *cit in* Colin, 1996; Mikulincer & Florian, 1999) e outros que não encontram relações significativas entre a vinculação da infância e da adolescência (Weinfield, 1996; Zimmerman *et al.*, 1995 *cit in* Allen & Land, 1999).

No contexto português, Isabel Soares (1996) encontrou continuidade e descontinuidade dos padrões de vinculação intergeracionais com uma amostra de 60 adolescentes e respectivas mães. A autora confirma então de modo parcial a hipótese da continuidade intergeracional da vinculação. Convém não esquecermos a natureza dinâmica dos modelos internos, que podem assimilar novas experiências relacionais e desse modo se alterarem.

#### **4. A avaliação da vinculação no jovem e no adulto**

A teoria da vinculação tem-se constituído como pano de fundo de variadíssimos estudos, não só na infância, mas também no desenvolvimento do jovem e do adulto, podendo afirmar-se como uma das mais importantes linhas de investigação da actualidade (Cassidy & Shaver, 1999). De facto, no decurso do ciclo de vida, a vinculação institui-se como um processo de desenvolvimento contínuo (Bowlby, 1969/91, 1973, 1980), donde advém as suas inúmeras potencialidades de investigação, compreensão e interpretação do desenvolvimento humano normal.

Nesta secção, procuraremos percorrer os diferentes modelos de avaliação da vinculação no jovem e no adulto, colmatando com a justificação da abordagem utilizada no estudo empírico.

Podem distinguir-se três grandes modelos de investigação neste domínio: o modelo representacional da vinculação de Mary Main, a vinculação romântica de

Cindy Hazan e Philipp Shaver e o modelo bi-dimensional de avaliação da vinculação no adulto de Kim Bartholomew.

#### **4.1. O modelo representacional de vinculação de Mary Main**

Mary Main e colaboradoras (1985) reconceptualizam as diferenças observadas nos padrões de comportamento da vinculação, suportadas a nível empírico com os estudos laboratoriais da Situação Estranha, enquanto diferenças na representação mental da vinculação (modelos internos dinâmicos). Para as autoras o modelo interno dinâmico consiste num “conjunto de regras conscientes e/ou inconscientes que organizam a informação relevante para a vinculação e que permitem ou limitam o acesso a essa mesma informação, ou seja, a informação que diz respeito a experiências, sentimentos e ideias relacionadas com a vinculação” (Main *et al.*, 1985, pp. 66-67). Deste modo, os modelos internos dinâmicos funcionarão como mapas representacionais que direccionam o comportamento bem como a consequente avaliação cognitiva e/ou emocional do mesmo. Assim, consideram as diferenças nos modelos internos dinâmicos que explicam as diferenças observadas nos diferentes indivíduos ao nível da organização comportamental da vinculação.

Num primeiro momento, Main e colaboradores procuraram tornar evidente de que a segurança na vinculação poderia ser avaliada não só através de registos comportamentais, mas também utilizando a linguagem discursiva. Para demonstrar isso mesmo, realizaram um estudo com 40 crianças e respectivos pais e avaliaram-nas aos 12 e aos 18 meses de idade com o procedimento laboratorial da Situação Estranha e aos 6 anos de idade (avaliada pela organização discursiva), obtendo correlações significativas entre a avaliação da vinculação nesses dois períodos etários. Tentaram ainda perceber, realizando estudos sistemáticos, a relação entre os modelos de vinculação que os pais dessas crianças teriam com os seus pais e a segurança dos seus filhos (intergeracionalidade da vinculação). Para isso, formularam a *Adult attachment Interview* (AAI; George, Kaplan & Main, 1984) o que possibilitou a investigação da vinculação no jovem e no adulto bem como a condução de estudos acerca da

transmissão intergeracional da vinculação. A AAI consiste numa entrevista semi-estruturada cujo objectivo é a avaliação das memórias autobiográficas relacionadas com a vinculação através da coerência do discurso do sujeito. A AAI é o primeiro instrumento de avaliação da vinculação adulta e trata-se de uma entrevista semi-estruturada formada por 15 questões que abordam as experiências precoces de vinculação e nas representações que o sujeito tem no momento acerca delas. As entrevistas são então transcritas e permitem a identificação de três padrões de vinculação: o *seguro* (caracterizado por um discurso corrente, objectivo, dando valor às experiências de vinculação), o *desligado/ evitante* (apresenta dificuldades em contar determinadas experiências de vinculação, desvalorizando-as) e o *ansioso/ preocupado* (caracteriza-se pela existência de um discurso incoerente e revela confusão das experiências de vinculação) (Feeney & Noller, 1996). Posteriormente, foi encontrado o padrão *desorganizado*, referindo-se aos pais que apresentavam confusão relativamente a perdas/ traumas na vinculação. Este método de avaliação da vinculação tem sido muito utilizado e validado em diversos estudos, tal como aponta Van Ijzendoorn, (1995) na revisão da investigação realizada com a AAI. As principais desvantagens deste método de avaliação prendem-se com a condução da entrevista, a sua transcrição e cotação que precisam ser realizadas por pessoas devidamente treinadas para esse efeito.

#### **4.2. A vinculação romântica de Hazan e Shaver**

Cindy Hazan e Philipp Shaver alargaram o estudo da vinculação das relações pais-filhos para o amor romântico, inspirando inúmeros estudos ao nível do jovem e do adulto construindo uma medida de avaliação da vinculação amorosa (Hazan & Shaver, 1987). Estes autores partem de duas premissas para a construção da sua teoria: o adulto apresenta comportamentos de vinculação de promoção de proximidade e obtenção de segurança face ao seu companheiro amoroso, e a forma como experiencia a sua relação amorosa estaria relacionada com as experiências de vinculação precoces com os seus pais, dado os modelos

internos dinâmicos na sua grande maioria apresentarem continuidade ao longo do ciclo vital.

Para a construção do seu modelo de vinculação no adulto inspiram-se nas quatro fases do processo de vinculação descritas por Bowlby e consideram que no âmbito das relações amorosas teríamos: a fase de pré-vinculação (Caracterizada pela atracção interpessoal, reflexo do interesse numa maior aproximação), a fase de início de construção de uma vinculação (onde é seleccionado o companheiro amoroso), a fase de presença de uma vinculação (construção de uma relação de vinculação pautada pela reciprocidade) e parceria orientada por objectivos (a relação não se centra apenas no aspecto amoroso, mas torna-se base segura para a exploração).

Hazan e Shaver (1994) consideram que as relações amorosas se mantêm ao longo do tempo dado ocorrer o desenvolvimento da confiança no companheiro amoroso, caracterizando-se pela disponibilidade e sensibilidade ao outro, ao qual não são alheios os processos de *self-disclosure*, de intimidade, de comunicação franca e aberta, de resolução de problemas, etc. Justificam a permanência no tempo de relações amorosas insatisfatórias pela activação de comportamentos de vinculação provocados pela separação e consequente ansiedade de separação. Segundo os autores, o rompimento das relações amorosas seria consequência da relação não colmatar as necessidades de conforto, apoio emocional e de segurança.

Hazan e Shaver baseiam-se nos três padrões de vinculação de Ainsworth e constroem um pequeno questionário de auto-relato para a população adulta, composto por três parágrafos breves em que cada um ilustra um padrão de relacionamento (o seguro, o inseguro evitante e o inseguro ansioso/ ambivalente). Aos sujeitos é pedido para pensarem nas suas relações de vinculação significativas e escolherem o parágrafo que melhor corresponde à sua descrição.

Mais tarde, estes parágrafos descritivos dos padrões de vinculação em escalas de tipo *Likert* de 13 itens (Simpson, 1990) e de 18 itens na *Escala de Vinculação Adulta* (Collins & Read, 1990).

#### **4.3. O modelo bi-dimensional de avaliação da vinculação no adulto de Kim Bartholomew**

Para a formulação do seu quadro conceptual, Bartholomew baseia-se no conceito de modelos internos dinâmicos de Bowlby. Para Bowlby (1977, 1978b) as experiências de vinculação da infância são internalizadas em modelos internos dinâmicos que reúnem expectativas de si próprio e dos outros. Bartholomew (1990) dicotomizou estas duas dimensões do *self* e do outro em positivo e negativo, formulando um modelo de quatro protótipos de vinculação. Deste modo, os modelos internos do *self* podem ser positivos (o *self* como merecedor de amor e de apoio) ou negativos positivos (o *self* como não merecedor de amor e de apoio), bem como os modelos internos dos outros podem ser positivos (os outros são responsivos e confiáveis) ou negativos (os outros são rejeitantes e indisponíveis). Ao modelo do *self* está associado o grau de ansiedade e dependência nas relações próximas e ao modelo do outro associa-se o grau de responsividade e disponibilidade ou evitamento dos outros (Bartholomew & Shaver, 1998). Do cruzamento deste dois tipos de modelos obtêm quatro protótipos de vinculação: o *seguro*, o *preocupado*, o *amedrontado* e o *desinvestido* (Bartholomew, 1990). A figura 1. ilustra o modelo da vinculação no adulto de Bartholomew.

|                                 |          | MODELO DE SI PRÓPRIO<br>(Dependência) |             |
|---------------------------------|----------|---------------------------------------|-------------|
|                                 |          | Positivo                              | Negativo    |
| MODELO DO OUTRO<br>(Evitamento) | Positivo | SEGURO                                | PREOCUPADO  |
|                                 | Negativo | DESINVESTIDO                          | AMEDRONTADO |

Figura 1. Modelo da vinculação no adulto (Bartholomew & Horowitz, 1991)

Um estilo de vinculação *seguro* apresenta um modelo positivo de si próprio e um modelo positivo do outro, sentindo-se com valor e merecedor de amor tendo a expectativa relativamente aos outros de que estes são acessíveis e responsivos. Os sujeitos seguros têm a capacidade de desenvolverem relações de intimidade com os outros sentindo-se confortáveis com elas.

O estilo de vinculação *preocupado* caracteriza-se por um modelo negativo de si próprio e um modelo positivo do outro, caracterizando-se como indivíduos que buscam constantemente a atenção, aprovação e valorização dos outros, acreditando que só atingem a segurança se a resposta dos outros for no sentido desejado.

O *desinvestido* combina um modelo positivo de si com um modelo negativo do outro o que os leva a evitar as relações de intimidade para manterem a sua independência, negando o valor das relações de intimidade e distanciando-se dos outros.

Por último, o estilo de vinculação *amedrontado* caracteriza-se por um modelo negativo de si próprio aliado a um modelo negativo do outro, sendo uma pessoa com sentimento pessoal de desvalorização e com uma expectativa dos outros como não confiáveis e rejeitantes.



Em Portugal, o estudo da vinculação segundo este modelo conceptual tem sido conduzido por Paula Mena Matos e colaboradores (1977; 1998a; 1998b), tendo construído um instrumento de auto-relato, dirigidos a adolescentes e jovens adultos, para a avaliação da vinculação aos pais – *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM; Matos, Almeida & Costa, 1997; 1998a; 1998b) – e um instrumento de avaliação da vinculação amorosa – *Questionário de Vinculação Amorosa* (QVA; Matos; Barbosa & Costa, 1998; 2001).

O QVPM foi o questionário escolhido na presente investigação para a avaliação da vinculação aos pais, dado ser um instrumento construído e validado para a população portuguesa e que apresenta boas qualidades psicométricas.

## 5. Síntese

Em síntese, a teoria da vinculação a que se dedicou este capítulo constitui-se como uma importante grelha de leitura do desenvolvimento humano.

Os pontos que a seguir se apresentam tentam sistematizar as principais idéias desenvolvidas ao longo deste capítulo:

- 1) A teoria da vinculação afirma a necessidade humana universal do desenvolvimento de ligações afectivas de proximidade, que dêem segurança e possibilitem a exploração confiante do *self*, dos outros e do mundo;
- 2) O conceito de *vinculação* é definido por Bowlby e Ainsworth como um laço afectivo que uma pessoa forma com outrém, laço que os une e perdura no tempo (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1979), caracterizando-se como uma tendência para a procura e manutenção da proximidade a essa figura específica em situações ameaçadoras ou geradoras de *stress*;

- 3) A vinculação é um conceito distinto do de comportamento de vinculação. Os *comportamentos de vinculação* são todo o tipo de comportamentos que se destinam à promoção da proximidade ou contacto com a figura de vinculação, enquanto que a vinculação é o laço emocional e não esses comportamentos (Ainsworth, 1991);
- 4) A qualidade da vinculação não depende da quantidade de tempo que a figura de vinculação está com a criança sendo determinada pela natureza das interacções que se estabelecem. Para o seu desenvolvimento com qualidade, é necessária a *sensibilidade* da figura de vinculação para responder às necessidades de proximidade e de segurança da criança e a *disponibilidade*, quer em termos físicos quer em termos emocionais, para responder quando a criança a procura. Quando as figuras de vinculação agem de modo adequado sendo sensíveis e responsivas, estarão criadas as condições para o desenvolvimento de uma vinculação segura, fundamental para o desenvolvimento da criança.
- 5) A figura de vinculação pode ser utilizada como *base segura* e como *porto seguro*. Quando a criança procura a segurança na figura de vinculação está a utilizá-la como base segura. No entanto, quando alarmada, principalmente pela separação, a criança procura o contacto com a figura de vinculação para obter conforto utilizando-a como porto seguro.
- 6) O sistema comportamental da vinculação refere-se a uma predisposição biológica que os indivíduos têm para o estabelecimento de laços de vinculação cuja função é zelar pela sobrevivência, através da procura de protecção e segurança, face a situações ameaçadoras;
- 7) Bowlby (1969/91), sofrendo influência da teoria dos sistemas de controle, postula a existência de um sistema de controle, localizado no Sistema

- Nervoso Central que regula a activação e desactivação de um nível adequado de proximidade da figura de vinculação;
- 8) O desenvolvimento do comportamento de vinculação ocorre desde o nascimento até aos três anos de vida e consiste na aquisição de padrões comportamentais com maior estrutura e complexidade;
  - 9) De acordo com Bowlby (1969/91), existem processos orientadores da selecção de uma figura de vinculação: a predisposição inata para a orientação sensorial da criança para determinados estímulos, a aprendizagem por exposição, uma predisposição inata da criança para se aproximar do que lhe é familiar e o reforço do seu comportamento de acordo com o *feedback* de resultados.
  - 10) Bowlby (1961/91) designa de modelos internos dinâmicos ou modelos representacionais o conjunto de expectativas acerca do *self*, dos outros e do mundo que a criança desenvolve a partir da qualidade das interacções entre ela e as figuras de vinculação nos primeiros anos de vida;
  - 11) Ainsworth e colaboradores (1978), identificaram três padrões de interacção correspondentes a diferentes organizações comportamentais da vinculação: o seguro, o inseguro-ambivalente/resistente e o inseguro-evitante;
  - 12) Sperling (Sperling & Berman, 1991) referem quatro estilos de vinculação definidos através da dimensão segurança-insegurança e que se caracterizam por diferentes níveis de segurança: o dependente, o evitante, o resistente ou ambivalente e o hostil.
  - 13) Bowlby (1980) refere um padrão seguro e quatro padrões de vinculação inseguros: o prestador de cuidados compulsivo ou ansioso, o ansioso/ambivalente, o evitante e o inseguro/resistente

- 14) Bartholomew e Horowitz (1991) distinguem quatro estilos de vinculação resultantes da imagem que o indivíduo tem de si (positiva ou negativa) e dos outros (positiva ou negativa): o seguro (modelo positivo de si e modelo positivo dos outros), o desinvestido (modelo positivo de si e modelo negativo dos outros), o preocupado (modelo negativo de si e modelo positivo dos outros) e o amedrontado (modelo negativo de si e modelo negativo dos outros);
- 15) Destacam-se duas transformações importantes ao nível das relações de vinculação no período da adolescência: a reciprocidade das relações em que cada elemento da díade se pode constituir como figura de vinculação ao outro, e, por outro lado, a principal figura de vinculação deixa de ser um dos progenitores passando a ser o companheiro amoroso.
- 16) Podem distinguir-se três grandes modelos de investigação neste domínio: o modelo representacional da vinculação de Mary Main, a vinculação romântica de Cindy Hazan e Philipp Shaver e o modelo bi-dimensional de avaliação da vinculação no adulto de Kim Bartholomew.

## **Capítulo IV**

### **INFLUÊNCIAS DESENVOLVIMENTAIS DA FAMÍLIA**

## Capítulo IV

### **Influências desenvolvimentais da família**

Nos capítulos anteriores, revimos as duas teorias do desenvolvimento que servem de fio condutor a este trabalho – a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson e a teoria da vinculação bem como a forma como conceptualizamos a satisfação parental e conjugal. No presente capítulo tentaremos sistematizar de que modo a família de origem, unidade primária de desenvolvimento, influencia o curso desenvolvimental dos seus elementos.

É claramente reconhecido que a família tem influência no modo como o desenvolvimento se processa. Um denominador comum a qualquer processo de consulta psicológica é, sem dúvida, a qualidade das relações pais – filhos e as suas implicações no processo de desenvolvimento de cada indivíduo. De facto, desde o momento da concepção, o ser humano existe num contexto relacional, sendo a relação anterior à sua existência. O processo desenvolvimental que aí se inicia não é, de forma alguma, indiferente às características da sua instituição primária de desenvolvimento – a família. A família é conceptualizada segundo a perspectiva dos sistemas familiares enquanto sistema complexo e interdependente que vai tendo tensões e oportunidades para crescimento mútuo à medida que se move através de cada transição do ciclo de vida.

Actualmente, é claramente reconhecida a importância e influência que as relações de intimidade assumem ao nível do bem estar psicológico dos indivíduos nelas envolvidos. No âmbito das relações de intimidade as relações que se estabelecem entre o casal e deste com os seus filhos revestem-se de especial relevância.

O sistema familiar constituído por diferentes subsistemas – conjugal, parental, filial – pauta-se por uma multiplicidade de relações entre os seus elementos constitutivos, possuindo uma complexidade e um desenvolvimento constante em função do tipo de interações que aí se estabelecem. Na medida em que convergem nas mesmas pessoas as funções parentais e conjugais, elas acabam por serem sobrepostas, não sendo fácil delimitar fronteiras, o que

origina nesta sequência padrões disfuncionais com consequências ao nível da satisfação dos diferentes elementos da família. Shek (1999) encontrou correlações em amostras de pais, de mães e de adolescentes que mostravam de um modo consistente que as diferenças no funcionamento individual estão significativamente relacionadas com o funcionamento familiar. Isto sugere a importância de ter em conta o funcionamento individual de cada elemento da família na formulação de objectivos terapêuticos e no *design* do plano de intervenção. Por este motivo, numa situação de consulta psicológica torna-se importante a exploração do modo como se processa esta confluência de diferentes papéis, percebendo como os indivíduos de uma família sentem satisfação com as relações dentro deste sistema, como as interpretam, as avaliam e, conseqüentemente, integram estas experiências na sua organização individual, gerando-se um certo tipo de desenvolvimento.

### **1. O papel parental e o desenvolvimento**

O papel dos pais pode ser assumido com vários níveis de competência e segurança, mas é clara a importância de uma relação pais – filho construída com base na confiança, respeito, estabelecimento de fronteiras e investimento. A investigação tem demonstrado que uma das mais potentes influências do bem-estar psicológico e comportamental dos adolescentes é o tipo de desempenho parental que eles experienciam. As qualidades parentais da mãe e do pai exercem um forte impacto no bem estar psicológico do adolescente (Shek, 1999).

Muitos investigadores identificaram relações significativas entre os estilos parentais e o desenvolvimento social, emocional e cognitivo dos filhos (Baumrind, 1971, 1972; Deater – Deckard, Dodge, Bates & Petit, 1996; Grolnick & Ryan, 1989; Cochanska, Murray & Coy; 1997; Steinberg, Elmen & Mounts, 1989; in Bluestone & Tamis – LeMonda, 1999). Os pais que são responsivos às necessidades dos filhos, que lhes permitem participar no estabelecimento das regras familiares e que aplicam o raciocínio indutivo à disciplina dos filhos possuem com maior probabilidade filhos assertivos, independentes, amigáveis e cooperantes. Em contraste, baixos níveis de responsabilidade parental,

juntamente com altos níveis de assertividade de poder, tendem a estar associados com resultados negativos nos filhos, tais como internalização de consciência inadequada ou sintomas externalizados (Patterson, Reid & Dishion, 1992 in Bluestone & Tamis – LeMonda, 1999).

Fletcher, Steinberg & Sellers (1999) focaram a atenção nos jovens cujos pais têm padrões elevados para os comportamentos dos seus filhos, mantendo relações calorosas e apoiantes com eles e encorajando-os a desenvolver e exprimir as suas próprias ideias e opiniões – estilo parental denominado de autoritário-recíproco. Os produtos deste estilo parental, verificado independentemente da idade dos filhos, são uma melhor realização escolar, menor envolvimento em problemas de comportamento e melhor ajustamento psicológico em comparação com os pares criados em casas onde este estilo não se aplica (Maccoby & Martin, 1983; Steinberg, 1990). A este estilo parental contrastam-se três outros estilos parentais (Maccoby & Martin, 1983): os pais autoritários têm expectativas rígidas acerca do comportamento do seu filho, são emocionalmente distantes e não responsivos no que diz respeito ao papel parental; os pais permissivos têm relações calorosas e apoiantes com os seus filhos mas têm poucas expectativas acerca do comportamento maduro e responsável; finalmente, os pais negligentes não estão envolvidos nas vidas dos filhos, têm poucas expectativas acerca do comportamento maduro e responsável e mantêm relações frias e distantes com os filhos. Os adolescentes destes tipos de lares exibem menor ajustamento psicológico e comportamental do que os pares que são criados por pais autoritários-recíprocos (Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch, 1991; Steinberg, Lamberg, Darling, Mounts & Dornbusch, 1994 in Fletcher, Steinberg & Sellers, 1999). No estudo de Fletcher, Steinberg & Sellers (1999) que procurou perceber as implicações da consistência interparental de estilos verificou-se que os adolescentes com pelo menos uma figura parental autoritária-recíproca exibem maior competência académica do que os pares com pais mesmo que sejam consistentes, mas onde não exista este estilo parental; por outro lado, os adolescentes de casais em que um é autoritário e o outro é não autoritário-recíproco exibem maior angústia internalizada do que os jovens de lares



consistentes. Do mesmo modo, Strage (1998) os resultados do seu estudo revelaram que as percepções dos estudantes universitários dos pais e da família como emocionalmente próxima são preditores de confiança e sentido positivo do *self*, orientação para os objectivos escolares positiva, preocupação geral acerca da preparação para o futuro e ajustamento positivo à faculdade; por seu lado, as percepções dos pais como autoritários e de uma família como controladora ou aglutinada foram também preditores de preocupação com a preparação para o futuro, avaliando o curso como difícil e apresentando dificuldades de gestão do tempo e do esforço.

## **2. O papel conjugal e o desenvolvimento**

No entanto, as características de uma relação conjugal também contribuem para as diferenças individuais no papel de pais. Por este motivo, os membros da família precisam de trabalhar juntos de forma a encontrarem formas de relacionamento em que se sintam confortáveis, pautadas pela sua satisfação, o que inevitavelmente se traduzirá no bem estar do seu próprio sistema pessoal.

Greeff (2000) realizou um estudo com famílias encontrando as seguintes variáveis que contribuem substancialmente para o nível de funcionamento familiar: a satisfação familiar, a satisfação com a relação sexual e com a expressão de afecto existente entre o casal, a satisfação com a qualidade de vida em geral (i.e., a satisfação com a forma como as necessidades e interesses pessoais são satisfeitos), as forças familiares (i.e., os membros da família têm orgulho na sua família, são leais uns com os outros e confiam que a família é capaz de lidar com sucesso as crises e transições desenvolvimentais), a flexibilidade na forma como o tempo livre é passado na relação conjugal (o que permite a interacção em circunstâncias relaxantes e a exploração das suas próprias necessidades e interesses), a existência de boas relações com a família e os amigos, a gestão de conflitos e sua resolução efectiva, e uma comunicação efectiva entre marido e mulher no casamento (caracterizada pela liberdade de troca de informação, em que as convicções e sentimentos são

partilhados e o casal se sente satisfeito com o nível de comunicação entre eles).

### **3. Interdependência do papel conjugal e parental**

Unger & Powell (1991) referem a interdependência dos diversos papéis e funções dos elementos da família no sistema familiar.

Um indicador de prognóstico do funcionamento psicológico é a qualidade das relações íntimas que um indivíduo é capaz de estabelecer. Existem resultados consistentes que ligam a satisfação e o ajustamento conjugal (ou relação íntima) com o ajustamento psicológico individual (Emery, R. & Tuer, M., 1993 in Vondra & Belsky, 1993). Cox et. al. (1989) reportaram o efeito positivo de uma relação conjugal íntima e confidente no comportamento e atitudes parentais. Uma perspectiva alternativa, refere outro processo de influência que contribui para as relações entre o funcionamento psicológico, a satisfação na relação e a qualidade da acção parental, antevendo o papel das características da personalidade e ajustamento pessoal na criação e manutenção de todas as relações íntimas. De acordo com esta linha de pensamento, o indivíduo possui recursos psicológicos que podem ser utilizados para promover o funcionamento da relação – por exemplo, um sentimento básico de segurança e auto-estima, a capacidade de ser responsivo às necessidades e de regular as suas emoções, sentimentos de eficácia e desfrutar da intimidade – possui maior probabilidade de estabelecer relações íntimas e apoiantes com os outros (Bowen, 1978; Kobak & Sceery, 1988 in Vondra & Belsky, 1993).

Estas duas perspectivas não podem ser vistas como mutuamente exclusivas dado que o funcionamento psicológico facilita sem dúvida o desenvolvimento de uma relação positiva e apoiante que, por sua vez, promove o funcionamento psicológico dentro e fora das relações.

Os pais e as mães afectam os seus filhos não apenas enquanto pais, mas a relação entre os pais (a relação conjugal) pode ter uma influência profunda nos filhos.

Orbuch, Thornton & Cancio (2000) examinaram os efeitos a longo prazo da qualidade conjugal parental e divórcio nas relações entre pais e filhos

adultos. Os resultados indicam que nas famílias intactas, a qualidade conjugal parental tem efeitos a longo prazo nas relações pai-filho, independentemente do género, enquanto que efeitos a curto prazo são característicos das relações mãe-filho e apenas percebidas pela mãe.

#### **4. Relação conjugal e relação pais-filhos**

Encontramos duas visões diferentes em relação à natureza de ligação entre a qualidade conjugal e a relação pais – filhos. Por um lado, temos as teorias que propõem que um casamento pobre pode enriquecer ou beneficiar a relação pais – filhos, situando-se na hipótese compensatória. Por outro lado, temos a hipótese de que uma qualidade conjugal pobre mina a qualidade da relação pais – filhos.

A ligação entre a qualidade conjugal (ajustamento e satisfação conjugal) e a relação pais – filhos (qualidade relacional e exigência) revelou que os níveis mais elevados de qualidade conjugal foram concorrentemente e longitudinalmente associados com elevados níveis de qualidade relacional pais – filhos e níveis mais baixos da exigência relacional. As análises sugerem também que a qualidade conjugal é um precursor de mudança na qualidade relacional pais – filhos. Os resultados mostraram também que as forças de associação entre a qualidade conjugal e a relação pais – filhos foram semelhantes no pai e na mãe (Shek, 1998).

Neste campo, a prática clínica teria muitos exemplos para nos oferecer. No entanto, não se tratam de relações unidireccionais: assim como a relação conjugal interfere nos filhos, também os filhos afectam a relação conjugal. A influência directa dos filhos na satisfação conjugal foi bem documentada pela investigação com as mudanças na satisfação conjugal resultantes do nascimento do primeiro filho, estudando-se o efeito de crianças difíceis ou perturbadas na felicidade conjugal e a sua influência protectora no divórcio (Rathunde, K. & Csikszentmihalyi, M., 1991).

A relação entre os sistemas conjugal e parental deve ser compreendida no contexto do estágio do ciclo de vida da família. Em cada evento desenvolvimental requiere-se por parte do sistema familiar a sua organização e

acomodação, ou seja, os membros da família devem renegociar os limites existentes face ao poder interpessoal relativo e ao grau de proximidade emocional nas relações. Apesar das transições familiares mais óbvias ocorrerem na relação pais – filhos, a teoria dos sistemas prediz que as transições desenvolvimentais dos filhos necessitam também da renegociação da relação conjugal.

De facto, tal como afirmam Belsky & Vondra (1993) “compreender as diferenças individuais no desempenho parental, requer compreender um pai não apenas enquanto agente psicológico individual, mas também como um parceiro nas relações íntimas. Considerando o facto de que o funcionamento psicológico individual – bem como as experiências anteriores em relações íntimas – afectam quer a escolha de um parceiro de uma relação adulta quer a qualidade da relação que é estabelecida e mantida ao longo do tempo. A relação, por sua vez, tem influências importantes no bem estar psicológico e funcionamento de cada parceiro. Quer o funcionamento individual quer o funcionamento da relação afectam a natureza da gravidez e da experiência do nascimento. Desde aí eles moldam a qualidade da relação e interacção que se desenvolve entre cada pai e o filho em desenvolvimento ...O funcionamento individual e da relação têm origens desenvolvimentais na experiência dentro do sistema familiar desde a infância. Os indivíduos carregam das suas relações primárias experiências, atitudes, expectativas, emoções e padrões comportamentais que moldam a forma como eles funcionam – enquanto pais e esposos – nas famílias que estabelecem”.

### **5. A vinculação aos pais**

Um resultado robusto no âmbito da literatura da vinculação é de que a natureza da qualidade das relações íntimas dos indivíduos difere em função dos seus estilos de vinculação (Collins & Read, 1994).

Ducharme, Doyle & Markiewicz (2002) sugerem que, durante a adolescência, a segurança na vinculação à mãe e ao pai podem influenciar diferencialmente o comportamento interpessoal dos adolescentes e a qualidade afectiva das suas relações com ambos os pais e com os pares. Efectuaram um estudo com 105 adolescentes de 15-16 anos para compreender as

associações entre a segurança da vinculação à mãe, a segurança da vinculação ao pai e o seu afecto e comportamento nas interacções sociais com pais e pares. Os adolescentes cotaram a segurança da vinculação à mãe e ao pai e expressividade emocional e completaram um diário durante uma semana descrevendo as interacções positivas ou negativas com os pais e com os amigos íntimos. Os resultados revelaram que os sujeitos seguros na vinculação à mãe descrevem menos interacções emocionalmente negativas com os pais. Os sujeitos desinvestidos utilizam mais o desinvestimento na resolução de conflitos com os pais. Os adolescentes com uma vinculação segura cotam-se como mais expressivos emocionalmente do que os inseguros. Na vinculação ao pai, os indivíduos seguros reflectem menos conflitos nas suas relações com os pares. Os adolescentes que têm uma vinculação segura a um ou a ambos os pais referem interacções significativamente mais positivas e menores interacções negativas com os seus pais do que os adolescentes que têm uma vinculação insegura a ambos os pais.

Vários estudos referem a existência de uma associação positiva entre a vinculação aos pais e a identidade (Anderson & Fleming, 1996; Kendis & Tan, 1978; Quintana & Lapsley, 1987; Kroger & Haslett, 1988; Helsen, Volleberg & Meeus, 1999; Meeus, Oosterwegel & Vollebergh, 2002; Matos, Barbosa, Almeida & Costa, 1999).

Hill, Mullis, Readdick & Walters (2000) num estudo intergeracional cuja amostra consistiu em 170 tríades, compostas por uma filha adolescente, a sua mãe e a sua avó, obtiveram resultados para as três gerações de uma maior vinculação à mãe do que ao pai. Ainda neste estudo a vinculação à mãe foi maior para as adolescentes do que as mães e maior para as avós do que as mães, não se verificando diferenças significativas nas três gerações na vinculação ao pai.

Becker-Stoll, Delius & Scheitenberger (2001) obtiveram resultados de que a segurança na vinculação está relacionada com uma expressão de emoções positiva e aberta enquanto que o estilo de vinculação desinvestido estava associado a um comportamento inibitório da comunicação.

Mikulincer & Florian (1999) estudaram a associação entre os estilos de vinculação de casais e as suas percepções das dinâmicas familiares, mostrando que os indivíduos com um estilo de vinculação seguro percebem níveis mais elevados de coesão e adaptabilidade familiares; os indivíduos com o estilo de vinculação ansioso-ambivalente obtiveram níveis elevados de coesão familiar mas níveis baixos de adaptabilidade, e os indivíduos com o estilo de vinculação evitante revelaram níveis baixos em ambas as dimensões familiares.

Os estudos indicam que o estilo de vinculação se encontra relacionado com a qualidade das relações conjugais. O estudo de Cohn, Silver, Cowan & Cowan (1992) revelou que os maridos classificados como seguros mostraram interações mais positivas com as suas mulheres do que os maridos inseguros. Também Kobak & Hazan (1991) e Feeney, Noller & Callahan (1994) encontraram resultados de que a segurança da vinculação de maridos e mulheres está associada com a utilização menos frequente de respostas destrutivas ao conflito conjugal.

Sloman, Atkinson, Milligan & Liotti (2002) defendem que a vinculação e os sistemas de classificação sociais ("social rank systems") são biológicos-evolucionários e servem de modelos para a conceptualização das interações familiares. Ao explorar o modo como têm impacto na regulação dos afectos, podemos diferenciar entre processos que promovem o crescimento saudável e os que conduzem à psicopatologia individual.

Liddle & Schwartz (2002) ilustraram a utilidade da investigação das relações de vinculação para a terapia baseada na família com adolescentes (terapia familiar multidimensional).

Pederson, Gleason, Moran & Bento (1998) realizaram um estudo com 60 díades mãe-filho, onde avaliaram as crianças aos 13 meses em casas mediante o procedimento da Situação Estranha e entrevistaram as mães utilizando a *Adult Attachment Interview*, encontrando uma forte associação entre estas duas classificações. As mães autónomas eram mais sensíveis em casa do que as mães não-autónomas. As mães em relações seguras eram mais sensíveis em casa do que as mães em relações não seguras. A

sensibilidade materna explica 17% da relação entre as classificações da mãe na AAI e do filho na Situação Estranha.

Belsky, Campbell, Cohn & Moore (1996) avaliaram a estabilidade da segurança da vinculação pais-filhos, efectuando classificações da vinculação filho-mãe aos 12 e 18 meses de idade e classificações da vinculação filho-pai aos 13 e 20 meses, não se verificando uma estabilidade significativa, obtendo uma percentagem de estabilidade oscilando entre 6-55%.

Harvey & Byrd (2000) examinaram a relação entre as percepções da vinculação familiar de estudantes universitários e a maneira pela qual as famílias lidam com as dificuldades da vida. Os resultados revelam que os indivíduos com elevados níveis de vinculação segura percebem as suas famílias como usando estratégias de *coping* mais activas; os indivíduos com altos níveis de vinculação ansiosa/ambivalente percebem as suas famílias como usando uma estratégia de *coping* de avaliação passiva, possivelmente para evitar a confrontação por temerem a perturbação do acordo familiar.

Recorrendo ao modelo de determinantes da parentalidade de Belsky, Belsky (1996) examinou 126 díades pai-filho, avaliando o filho através da Situação Estranha sendo o pai avaliado 3 meses depois ao nível dos constructos do modelo dos determinantes da parentalidade ( por exemplo, a personalidade do pai, o temperamento da criança, a qualidade conjugal, o apoio social relações trabalho-família). Os resultados revelam que os pais de crianças seguras são mais extrovertidos e agradáveis do que os pais de crianças inseguras, tendem a ter casamentos mais positivos e experienciam a relação trabalho-família mais positiva em termos emocionais. Concluiu que quanto maior forem os recursos cumulativos que caracterizam a ecologia das relações mãe-criança, maior é a probabilidade de ter uma vinculação segura com a mãe.

Kenny & Gallagher (2002) obtiveram dados de que os filhos (quer rapazes quer raparigas) cotam o pai como promovendo mais a autonomia do que a mãe.

## **6. Continuidade e mudança nas relações pais-filhos**

Aquilino (1997) explorou a continuidade e mudança na relação pais-filhos na transição dos filhos para a vida adulta. Os resultados apoiam a noção de continuidade nas relações pais – filhos da adolescência para a vida adulta, estando consistentes com a teoria de aprendizagem social de que os padrões de interacção aprendidos continuam a influenciar as interacções parentais com os seus filhos crescidos mesmo quando eles desempenham papéis adultos. No entanto, a continuidade não explica tudo. Apesar de ser difícil às famílias cortar completamente com o passado, é também verdade que as maiores transições de vida dos membros de família criam possibilidades de mudança dos padrões. A evidência de efeitos a longo prazo foi mais forte em dois aspectos de relação pais – filhos: a proximidade emocional e o controlo – conflito.

Shulman, Rosenheim & Knafo (1999) encontrou resultados que se situam na linha de investigação que demonstra a influência familiar e parental no desenvolvimento do adolescente, estando os seus dados em consonância como o modelo de socialização em que a família serve de modelo para relações conjugais futuras. A título de exemplo, neste estudo os adolescentes de famílias tradicionais enfatizaram a proximidade e apoio e esperam uma divisão de papéis tradicional nas suas futuras vidas conjugais, enquanto que as famílias igualitárias procuram uma divisão de papéis mais igualitária. Os seus resultados são consonantes com as teorias de família de origem e da vinculação que postulam que a adopção dos modelos parentais é moderada pela qualidade da relação com estes modelos e a necessidade de se vincularem a eles. Resultados ainda deste estudo são os que se referem ao facto de que na família as mães têm um impacto maior nas expectativas conjugais futuras dos seus filhos. As expectativas maternas e a qualidade de vinculação à mãe estão associados com as expectativas conjugais dos adolescentes, exceptuando-se a contribuição mais significativa do pai em relação ao respeito pela individualidade.

Não podemos esquecer o papel que a plasticidade do desenvolvimento humano possui nestes fenómenos desenvolvimentais, não podendo cair-se no risco de estabelecer relações de causalidade linear entre as experiências



anteriores e as características relacionais actuais. De facto, se sob determinadas circunstâncias, os padrões anteriores possuem um poder preditivo inesperado no comportamento subsequente, noutras, é a falta de continuidade que é possível predizer. Em ambos os casos, o comportamento e experiências anteriores oferecem *insights* substanciais na génese do comportamento parental.

O modelo de determinantes do desempenho das funções de pais postula que este é multiplamente determinado por factores do contexto social, as experiências e o funcionamento psicológico dos pais e as características da criança. No entanto, enfatiza o papel central da personalidade na filtragem das influências sociocontextuais enquanto influentes no desempenho parental (Belsky, 1984; Belsky & Vondra, 1985, in Vondra & Belsky, 1993). Segundo este modelo, o impacto do casamento, do trabalho, do suporte social e da história desenvolvimental na acção parental são em parte mediados pelos seus efeitos no funcionamento psicológico individual. Os autores exemplificam que uma relação conjugal conflituosa pode alterar directamente o funcionamento familiar, bem como o desacordo relativo às práticas parentais interfere na orientação efectiva do filho. O aumento do *stress* parental, a irritabilidade e depressão resultantes do conflito conjugal podem conduzir à impaciência, inconsistência e/ou indisponibilidade emocional como pais. A investigação suporta a noção de que as diferenças no funcionamento psicológico (o bem estar psicológico) estão associadas com as diferenças qualitativas no modelo parental.

É no nível geral da maturidade psicológica, integração e ajustamento que os resultados convergem em descobertas preditoras de diferenças individuais (Vondra & Belsky, 1993). Estes resultados podem ser sumarizados de acordo com três padrões gerais:

- a) níveis mais elevados de maturidade psicológica e de diferenciação predizem o desempenho de funções parentais de forma mais competente, enquanto que,
- b) uma maior afectividade negativa – expressa em ansiedade ou depressão e/ou

- c) maior severidade do emparelhamento da saúde mental estão associadas com uma realização das funções parentais de forma menos competente.

A maturidade psicológica, complexidade e integração influem directamente na qualidade da relação estabelecida entre pais e filhos. Hauser (1991) procurou perceber o modo como as relações familiares podem inibir ou interferir o desenvolvimento do ego dos adolescentes, considerando importante a diversidade em detrimento da homogeneidade de experiências na facilitação da progressão desenvolvimental. Tal como Belsky e Vondra (1985) afirmaram, é pouco provável que um indivíduo que é apanhado pelas suas próprias preocupações psicológicas tenha a capacidade de se descentrar e tomar a perspectiva de um filho dependente. Sem os recursos psicológicos para compreender, e consequentemente tolerar, as exigências diárias e frustração de um filho, um pai será pressionado seriamente a demonstrar a paciência, sensibilidade e responsividade que a parentalidade efectiva exige. Isto é ainda mais aparente quando os pais sofrem de uma variedade de problemas de saúde mental.

A investigação de interações face-a-face entre mães deprimidas e os seus filhos novos (Bettes, 1988; Cohn, Matias, Tronick, Connell & Lyons-Ruth, 1986) e na qualidade do cuidado do filho entre pais deprimidos (Colletta, 1983; Crnic & Greenberg, 1985; Tronick & Field, 1986) é persuasiva em demonstrar que a indisponibilidade emocional e a auto-preocupação sintomática da depressão interfere com a capacidade do pai de nutrir e responder sensitivamente às necessidades do filho. Os pais e as mães que reportaram experienciar frequentemente estados afectivos negativos tendem a ser menos atentos e responsivos aos seus filhos, e mais assertivos no poder e inconsistentes na disciplina com os seus filhos em idade escolar (Conger, McCarty, Yang, Lahey & Kropp, 1984; Forehand, Lautenschlager, Faust & Graziano, 1985, in Vondra & Belsky, 1993).

Colocando a ênfase nas experiências e funcionamento psicológico dos pais, as avaliações cognitivas das mães das experiências da sua própria infância bem como as suas percepções de justiça ou severidade do castigo e o grau de rejeição que elas experienciaram enquanto crianças prediz vários

comportamentos parentais, incluindo o uso do castigo físico para manter a disciplina; os pais que experienciaram baixos níveis de *nurturance* durante a infância sancionam o uso do castigo físico (Hunter & Kilstrom, 1979; Ringwalt, Browne, Rosenbloom, Evans, & Kotch, 1989, in Bluestone & Tamis-LeMonda, 1999). Entre mães em baixo risco que percebem mais rejeição na sua infância verificou-se direccionarem mais afecto negativo aos seus filhos (Belsky, Herzog & Rovine, 1986; Belsky, Youngblood & Ponsky, 1989, in Bluestone & Tamis-LeMonda, 1999). Em contraste, as mães que afirmaram ter tido relações positivas e seguras com as suas mães durante a infância têm mais probabilidade de serem responsivas aos seus filhos e os seus filhos têm maior probabilidade de terem uma vinculação segura (Gara, Rosenberg & Herzog, 1996; Main & Goldwyn, 1984 in Bluestone & Tamis-LeMonda, 1999). O mesmo processo ocorre com mães deprimidas que se mostram menos responsivas e comunicativas com os seus filhos comparativamente a mães não deprimidas (Breznitz & Sherman, 1987; Cohn, Campbell, Matias & Hopkins, 1990, in Bluestone & Tamis-LeMonda, 1999). No respeitante às práticas disciplinares, as mães deprimidas utilizam mais o grito e o castigo físico com os seus filhos (Dumas & Wekerle, 1995; Jackson, 1993; McLoyd, 1990; Pannacione & Wahler, 1986 in Bluestone & Tamis-LeMonda, 1999), sendo menos consistentes e fornecendo menos estrutura, disciplina e reforço da regra (Goodman & Brumley, 1990 in Bluestone & Tamis-LeMonda, 1999). Bluestone & Tamis-LeMonda (1999) encontraram resultados no sentido de que a depressão compromete as capacidades da mãe em se comprometer com formas mais adequadas de desempenho parental.

Como é sabido, o *stress* psicológico e a indisponibilidade ocasionada por estados afectivos negativos são características críticas de muitas diferentes formas de doença mental. A presença de doença mental sugere que os recursos psicológicos para a parentalidade possam estar comprometidos ou ausentes. A severidade da doença mental assume um papel importante na determinação da extensão na qual os pais são capazes de fornecer cuidado sensível ou mesmo adequado aos seus filhos, o que é comprovado utilizando dados comparativos de populações clínicas (Vondra & Belsky, 1993). Não

podemos tratar de igual modo todas as doenças mentais uma vez que algumas formas são mais disruptivas do funcionamento familiar do que outras, dependendo do grau no qual elas interferem com a responsividade atencional e emocional dos pais.

No contínuo de diferenciação psicológica e maturidade à perturbação psicológica e doença mental, aplica-se a mesma linha condutora: à medida que os recursos pessoais aumentam, também aumenta a capacidade dos pais promoverem cuidados sensitivos e responsivos aos filhos. A personalidade parental e o ajustamento são, de certa forma, os determinantes mais proximais da parentalidade.

Um importante indicador prognóstico do funcionamento psicológico é a qualidade das relações íntimas que um indivíduo é capaz de estabelecer. Em populações normais, este facto torna-se visível pelos dados que ligam a satisfação conjugal (ou da relação) e o ajustamento com o ajustamento psicológico individual. Casamentos stressantes ou insatisfeitos tendem a envolver indivíduos relativamente mais stressados ou menos bem-ajustados (Elder, Caspi & Downey, 1986; Eysenck, 1980; Zaleski & Galkowska, 1978, in Vondra & Belsky, 1993).

Se a qualidade das relações conjugal ou íntimas prediz o funcionamento psicológico, e o funcionamento psicológico prediz a qualidade do cuidado parental, não deveria surpreender que a satisfação conjugal está também associada com diferenças individuais no desempenho parental.

Por um lado, uma relação íntima mais satisfeita tende a ser mais provedora de suporte emocional e de assistência instrumental para ambos os parceiros, enquanto eles funcionam numa variedade de papéis. Tornamo-nos mais eficientes em lidar com situações emocionalmente exigentes (como as funções parentais) quando as necessidades pessoais e situacionais são encontradas através de uma relação íntima apoiante.

Existem, contudo, outros processos de influência provável que explica as relações entre o funcionamento psicológico, satisfação com a relação e a qualidade da parentalidade. Este processo alternativo ressalta o papel das características da personalidade e o ajustamento pessoal na criação e manutenção de todas as relações íntimas, quer entre pai e esposo, pai e

amigos ou pai e filho. De acordo com esta linha de pensamento, o indivíduo que possui recursos psicológicos que podem ser usados para promover o funcionamento de relações – por exemplo, um sentido básico de segurança e auto-estima, a capacidade de ser nutritivo e de regular as nossas emoções, sentimentos de eficácia e gozo da intimidade – é provável estabelecer relações próximas/íntimas e apoiantes com outros (Bowen, 1978; Kobak & Sceery, 1988, in Vondra & Belsky, 1993).

As duas formas de influência – casamento para a personalidade para a parentalidade e personalidade para o casamento e parentalidade – não são concerteza mutuamente exclusivas. O funcionamento psicológico facilita sem dúvida o desenvolvimento de uma relação positiva e apoiante que, por sua vez, promove o funcionamento psicológico dentro e para além dessas relações. Visto de outra forma, o indivíduo com uma concepção positiva do self, uma abertura a novas ideias e experiências e uma crença na sua capacidade de fazer mudanças pode com maior probabilidade abandonar relações insatisfatórias, ajudar a criar relações positivas e a exprimir maior satisfação com boas relações. Com um parceiro apoiante e uma relação satisfeita, o indivíduo ganha em recursos emocionais e em reforço do self.

A investigação considera a importância da história desenvolvimental para o funcionamento dos indivíduos na vida adulta. Cada vez mais a investigação faz esforços para examinar a natureza e influência da experiência na explicação da continuidade e descontinuidade do desenvolvimento.

Muitos estudos tentaram ligar as experiências de perda interpessoal na infância e adolescência com a posterior depressão e outras disfunções na idade adulta (Bifulco, Brown & Harris, 1987; Frommer & O'Shea, 1973; Harris, Brown & Bifulco, 1990). De acordo com os princípios psicanalíticos – e mais tarde os da vinculação – esta perda pode produzir uma ansiedade intensa e não resolvida, culpa e raiva, tornando o indivíduo emocionalmente vulnerável a estes sentimentos durante o desenvolvimento subsequente face à perda percebida ou falta de carinho (Bibring, 1953; Bowlby, 1980). Portanto, a evidência sugere que as experiências primárias contribuem para uma afectividade negativa é pertinente para uma compreensão das origens

desenvolvimentais do comportamento da parentalidade (Vondra & Belsky, 1993).

Vondra & Belsky (1993) sintetizam um número de investigações que documentaram com sucesso ligações entre a indisponibilidade psicológica presumida e mau tratamento pelos pais e dificuldades na vida adulta. Estes estudos consideram a origem da depressão, afecto depressivo, solidão e outras expressões de afectividade negativa na vida adulta. A afectividade negativa representa um factor de personalidade significativo associado com a qualidade do cuidado parental.

As investigações retrospectivas documentando experiências de parentalidade mais pobres na infância entre adultos deprimidos e não deprimidos representa um corpo de evidência para efeitos a longo prazo da história desenvolvimental (Abraham & Whittock, 1969; Jacobson, Fasman & DiMascio, 1975; Raskin, Boothe, Reatig & Schulerbrand, 1971). Segundo os autores Vondra & Belsky (1993), os resultados comuns destes estudos incluem: a) mais atitudes e comportamentos negativos e de rejeição parental recordados pelos adultos deprimidos, b) menor calor parental e envolvimento recordado e c) as experiências mais pobres recordadas pelos deprimidos mais severamente. No entanto, a precisão das recordações de pessoas com desordens afectivas maiores permanece em dúvida. As populações clínicas e/ou adultos que experienciam frequentes estados de humor negativos podem estar inclinadas a insistir nos aspectos mais negativos da sua experiência passada e presente (Jacobson, Waldron & Moore, 1980). Por tudo isto, o valor da história familiar tem uma participação objectiva nas experiências de parentalidade na infância permanece ambígua.

Vamos agora debruçar-nos sobre os dados referentes ao papel das experiências familiares primárias na qualidade das subseqüentes relações pais-filho e relações íntimas adultas. Estes estudos são baseados no trabalho de Bowlby (1969, 1973) referente aos “modelos internos” das relações. A premissa subjacente a este corpo e investigação é de que uma criança e depois adulto adquire representações internas da(s) sua(s) figura(s) de vinculação primária(s) que serve como plantas/projectos para outras relações íntimas (Bretherton, 1985; Sroufe & Fleeson, 1986 in Vondra & Belsky, 1993).

O que é experienciado na família de origem molda o que é que um indivíduo espera de outras relações íntimas incluindo com o parceiro e os seus filhos. Quando ligada com dados acerca da significância da vinculação da criança (i. e. *working models*) para o subsequente desenvolvimento psicológico e social, estes esforços da investigação têm claras implicações processuais tendo em conta a contribuição da história desenvolvimental (neste caso os modelos internos de vinculação) no desempenho parental (Lewis, Feiring, McGuffog & Jaskir, 1984; Sroufe & Fleeson, 1988, in Vondra & Belsky, 1993).

Nos esforços de entender a etiologia do abuso da criança e negligência, os investigadores examinaram a incidência do maltrato e outras formas de quebra da parentalidade nos pais abusivos da família de origem. Os resultados estão em consonância com a teoria psicanalítica e estudos de casos clínicos ao descobrir que as mães abusivas e negligentes são incapazes de mobilizar recursos para o apoio do desenvolvimento dos seus filhos até que a sua própria história de perturbações de vinculação esteja reconhecida e tratada (Fraiberg, 1980; Fraiberg, Adelson, & Shapiro, 1975; Greenspan et al., 1987). Apesar das associações serem de modo nenhum perfeitas (Kaufman & Zigler, 1989), existe uma ampla evidência de que uma elevada proporção de pais que maltratam/ou têm uma criança tirada do seu cuidado experienciaram perturbações e disrupções nas suas relações com os seus próprios pais sem necessariamente terem sofrido a forma idêntica de maltrato que eles próprios perpetuam (Altemeir, O'Connor, Vietze, Sandler & Sherrod, 1982; Engfer & Schneewind, 1982; Herrenkohl, Herrenkohl & Toedter, 1983; Kotelchuck, 1982; Lyons-Ruth, Zoll, Connel & Grunebaum, 1989; Polansky, Chalmers, Williams & Bittenwieser, 1981, in Vondra & Belsky, 1993).

Os estudos indicam que o abuso conjugal é também repetitivo intergeracionalmente (Pagelow, 1981; Roscoe & Benaske, 1985; Straus, Gelles & Steinmetz, 1980 in Vondra & Belsky, 1993). Os indivíduos que testemunharam abuso conjugal ou mau trato infantil na sua família de origem têm mais probabilidade de descrever as suas relações de namoro e os seus casamentos como violentos (Gelles, 1976; Kalmuss, 1984, in *ibidem*). Os resultados sugerem que a transmissão intergeracional da violência é

particularmente forte em relações congruentes (i. e., conjugal para conjugal, pai-filho para pai-filho).

McNeal & Amato (1998) num estudo longitudinal com dados de pais e filhos, que os relatos dos pais de violência conjugal quando os filhos tinham entre 11 e 19 anos são preditores de resultados negativos nos filhos na idade jovem adulta, incluindo-se relações pais – filhos mais pobres, bem estar psicológico mais baixo e mais violência nas suas próprias relações.

Pais que experienciam raiva ou stress não resolvido nas relações familiares com os seus pais tendem a ter relações inseguras com os seus filhos (Main, Caplan & Cassidy, 1985; Ricks, 1985, in Vondra & Belsky, 1993).

A transmissão intergeracional não se reduz às relações pais – filhos. Quer a satisfação conjugal quer a estabilidade conjugal apresenta correspondência entre as gerações. Os esposos que recordam relações amistosas entre os seus pais têm mais probabilidades de reportarem mais satisfação com o seu próprio casamento. Crescer numa casa com um casamento conflituoso, como no caso do divórcio, coloca um indivíduo com um maior risco do seu casamento terminar em divórcio (Feng, Giarruso, Bengtson & Frye, 1999). O divórcio bem como níveis mais elevados de conflito entre os pais estão associados com níveis mais baixos de intimidade nas relações românticas dos filhos (Ensign, Scherman & Clark, 1998). Spruijt & Goede (1997) demonstram que a transição na estrutura familiar após problemas conjugais, divórcio ou recasamento tem efeitos significativos a longo prazo no bem estar do adolescente.

A teoria da vinculação avança o conceito de modelos internos, representações mentais carregadas de afecto do self, outros e das relações. Bowlby (1980) propôs que as representações internas são derivadas das experiências interaccionais primeiras e funcionam (fora da consciência) para dirigir a atenção e organizar a memória de uma forma que molda as atribuições acerca do self, que guia o comportamento interpessoal e que altera a interpretação da experiência social. A investigação recente derivada desta teoria tem-se tornado crescentemente efectiva em articular a como e quando os modelos internos demonstram continuidade ao longo do tempo e influenciam padrões de funcionamento psicológico e interpessoal.



As relações pais-filho problemáticas representam uma origem da afectividade negativa e/ou desadaptação. É apenas quando as relações perturbadas são mantidas ao longo do tempo no contexto do stress familiar (relações conjugais instáveis, baixo apoio social, pobre parentalidade) que o bem estar psicológico subsequente é comprometido (Weisner, Bernstein, Garnier, Rosenthal & Hamilton, 1990). As trajectórias desenvolvimentais, até mesmo nas populações socialmente e economicamente desfavorecidas, demonstram maleabilidade no contexto do apoio ambiental. Este mecanismo para esta trajectória desenvolvimental proposta é os modelos de vinculação internos. Quando os modelos de vinculação internos das crianças são derivados e mantidos ao longo do tempo com base em relações de vinculação inseguras, pode ser esperado que as relações com outros significativos tendem a reflectir padrões de insegurança que a criança carrega com ela para as relações com os outros em termos da cognição social, vieses perceptivos, reacções afectivas e comportamento interpessoal. Estes modelos internos influenciam a selecção de um parceiro e de uma rede de relações bem como os padrões das relações estabelecidas dentro de cada diáde.

Em síntese, dados recentes de diferente domínios da investigação desenvolvimental convergem em achar que as experiências de relações primárias são cruciais para o ajustamento da criança imediato e a longo prazo, considerando quer em termos do funcionamento individual e interpessoal. A significação das experiências primárias parece assentar em padrões dinâmicos cognitivos e afectivos, internalizados pela criança, que desenvolve em resposta a e são organizados à volta de experiências afectivas na família e particularmente dentro da relação entre a criança e a figura de vinculação primária. Estes padrões – quer considerados em termos de modelos internos de vinculação, auto-regulação ou estratégias de lidar com – demonstram maleabilidade ao longo do tempo. Como indicado pela investigação da continuidade desenvolvimental, a estabilidade e a mudança nos padrões adaptacionais podem ser antecipados com base nas circunstâncias familiares e de parentalidade que melhoram, degradam ou permanecem intactas ao longo do tempo.

## 7. Percepções familiares

Goldstein & Heaven (2000) concluem no seu estudo com adolescentes que as percepções dos adolescentes acerca dos processos familiares (laços parentais e estilos disciplinares parentais) formam uma rede coerente e integrada com implicações ao nível do ajustamento comportamental e emocional.

Leung & Leung (1992) no seu estudo com 1156 adolescentes chineses acerca do autoconceito, a relação com os pais e a satisfação com a vida obtiveram resultados após uma série de análises de regressão de que a relação com os pais domina a predição da satisfação com a vida.

Dolgin & Berndt (1997) obtiveram dados que indicam que os adolescentes acreditam que as suas mães *disclosure* mais a eles do que os seus pais, especialmente acerca dos seus problemas. Consideram que as mães partilham por razões mais emocionais e procurando conselhos mais frequentemente que os pais.

Segundo Dunn & Plomin (1991) diferentes membros da família lembram o comportamento parental actual de modo bastante diferente apesar dele ser dominado por um determinado estilo. Também Gerlsma, Snijders, van Duijn & Emmelkamp (1997) obtiveram resultados numa amostra de famílias (famílias com pai, mãe e dois filhos adultos, famílias com uma figura parental e dois filhos e famílias com as duas figuras parentais e um filho) que sugerem que as percepções dos estilos de educação parentais são primariamente histórias dos indivíduos, e numa medida muito menor são histórias das famílias, pais ou relações.

Por outro lado, num estudo de Gracia (2002) sobre o maltrato infantil no contexto da conduta parental, que avaliou as percepções dos pais e dos filhos acerca da conduta parental e do clima familiar em famílias de dois tipos famílias de risco e famílias de não-risco, os resultados revelam algumas diferenças entre as percepções dos pais e dos filhos. Assim, ao nível das dimensões do clima familiar, apesar de não se verificarem diferenças significativas no grupo de famílias de não-risco, no grupo de famílias de risco, verificaram-se diferenças entre a percepção dos pais e a dos filhos na

dimensão relações (grau de comunicação e livre expressão dentro da família e grau de interação conflituosa que a caracteriza). Contudo, ao nível das dimensões das condutas parentais, observaram-se diferenças significativas em ambos os grupos em que os pais tendem a avaliar-se de forma mais positiva do que os filhos.

Collins & Luebker (1994) referem que “as interdependências são produtos naturais das histórias partilhadas de pais e filhos e dos seus papéis complementares” mas afirmam também que “as expectativas que estão subjacentes às relações pais-filhos diferem indubitavelmente no conteúdo e na complexidade em diferentes períodos de vida, embora pouco se saiba acerca dos processos pelos quais os pais e os filhos formam diferentes expectativas de cada um num período das que tinham em períodos de vida anteriores” (pp.67).

A literatura revela que as percepções que os adolescentes têm relativamente a cada um dos progenitores são diferenciadas, ou seja as representações que os adolescentes têm relativamente à mãe não são coincidentes com as que têm acerca da figura paterna. Laursen, Noack, Wilder & Williams (2000) realizaram um estudo para avaliar a reciprocidade, autoridade e proximidade nas relações com as mães, os pais e os amigos. Na relação mãe-filho, verificaram-se relações entre a reciprocidade, autoridade e proximidade enquanto que na relação pai-filho a reciprocidade está associada com a autoridade e a proximidade e a autoridade está associada à proximidade. Os autores referem ter encontrado resultados consistentes com a visão de que as famílias são sistemas sociais complexos compostas por díades discretas e interligadas (Minuchin, 1985), existindo uma correspondência em muitos aspectos das relações com a mãe e com o pai. No entanto, a reciprocidade emergiu como saliente para a relação com a mãe e a autoridade emergiu na relação com o pai.

Phares (1993) num estudo com jovens adultos, acerca das suas percepções relativas à responsabilidade das mães e dos pais para o comportamento internalizado, externalizado ou prosocial, obteve resultados que indicam que a mãe era vista como mais responsável pelos problemas de

comportamento internalizados dos filhos, enquanto que o pai era mais responsável pelos problemas de comportamento externalizados, não diferindo ao nível dos comportamentos prosociais.

Vimos que as características preditoras das diferenças individuais na parentalidade, nomeadamente o ajustamento psicológico e a qualidade das relações íntimas, têm a sua origem nas experiências na família na infância. Nesta predição do funcionamento adulto, devemos ter em conta os factores contextuais bem como a história desenvolvimental. Os factores contextuais podem alterar as trajectórias desenvolvimentais e por isso alterar os resultados da parentalidade.

O papel de mediação das relações íntimas apoiantes para os efeitos da história desenvolvimental na parentalidade pode ocorrer apenas indirectamente.

Em conclusão, os efeitos de uma infância problemática e/ou perturbada nas dificuldades e disfunções parentais parecem depender muito das oportunidades para retrabalhar experiências relacionais pobres. Quando as crianças têm modelos relacionais alternativos disponíveis e/ou possam participar numa relação apoiante, onde os jovens podem retrabalhar assuntos relacionais pelo seu envolvimento a longo prazo (quer pessoal quer profissional) com um indivíduo carinhoso e apoiante, as relações que eles criam com os seus filhos não precisam de espelhar a privação do seu desenvolvimento.

## **Parte II**

### **ESTUDO EMPÍRICO**

## **Capítulo V**

### **METODOLOGIA**

## Capítulo V

### Metodologia

O breve enquadramento teórico e respectiva revisão da literatura e investigação realizadas no âmbito do tema do presente estudo constituem-se como fundamentais para a apresentação e leitura do estudo empírico que se passa a descrever. Deste modo, neste capítulo procederemos à especificação dos objectivos orientadores da condução deste estudo, enunciação das hipóteses em estudo, identificação da metodologia utilizada, definição das variáveis, constituição e caracterização da amostra, selecção dos instrumentos, e sua adaptação e validação. Ao nível da adaptação e validação dos instrumentos, faremos a sua apresentação em função dos diferentes estudos efectuados. Assim, começaremos por apresentar o estudo piloto realizado com adolescentes com vista a testar os instrumentos escolhidos para a avaliação das dimensões das percepções de satisfação com os papéis familiares conjugal e parental dos seus pais e a solidificar algumas das hipóteses apontadas no estudo principal; em seguida apresentaremos a adaptação dos instrumentos na amostra do nosso estudo empírico principal (tríades familiares); e, por último, apresentaremos o estudo de adaptação do instrumento “Erikson Psychosocial Stage Inventory” (EPSI; Rosenthal, Gurmey & Moore, 1981), quer para o adolescente e jovem adulto quer para o adulto. No âmbito deste estudo e dada a complexidade da amostra (tríades familiares compostas por pai, mãe e filho de uma mesma família) optou-se por uma metodologia de avaliação quantitativa utilizando para o efeito instrumentos de auto-relato.

## **I. Objectivos, hipóteses e metodologia de avaliação**

### **1. Objectivos**

O presente estudo pretende compreender de que modo as experiências de satisfação com o desempenho nos papéis familiares conjugal e parental medeiam o desenvolvimento do adolescente e jovem adulto. Pretende ainda analisar de que forma as percepções dos diferentes elementos constitutivos da família (pai, mãe e filho(a)) têm percepções convergentes ou divergentes e qual o efeito de cada uma dessas condições ao nível do desenvolvimento. De facto, apesar de se tratar da mesma realidade familiar cada elemento pode construir significados diferenciados em função do tipo de modelo interno dinâmico que lhe serve como grelha de leitura da realidade e que se foi desenvolvendo no contexto relacional. Pretende ainda analisar o papel da variável género ao nível das percepções de satisfação e do desenvolvimento.

Esta investigação constitui-se como inovadora ao tentar alargar o estudo das percepções da satisfação conjugal e parental do casal para o sistema filial de modo a aceder às representações que os filhos têm acerca da forma como os seus pais vivenciam o desempenho desses papéis. Por esta mesma razão, a condução deste estudo implicou a adaptação de instrumentos de avaliação da satisfação conjugal e parental existentes apenas na versão do casal para a versão filhos, de modo a possibilitar a comparação entre as percepções dos três elementos da mesma família.

Deste modo, com a realização do presente estudo procurou-se a resposta para os objectivos que se seguem:

- Adaptar instrumentos de avaliação da satisfação conjugal e parental bem como do desenvolvimento psicossocial à população portuguesa, especificamente a pais e a adolescentes e/ou jovens adultos;



- Analisar o papel do gênero, idade e nível sociocultural nas percepções de satisfação conjugal, de satisfação parental, no desenvolvimento psicossocial e na vinculação;
- Analisar as diferenças da vinculação em função do gênero da figura parental;
- Analisar o grau de concordância entre o estilo de vinculação ao pai e o estilo de vinculação à mãe;
- Analisar de que forma o desenvolvimento psicossocial dos pais se encontra associado ao desenvolvimento psicossocial dos filhos;
- Averiguar de que modo a percepção de satisfação na família dos diferentes elementos familiares (nos papéis conjugal e parental dos pais) medeia o desenvolvimento psicossocial e o estilo de vinculação dos filhos;
- Analisar o efeito da convergência /divergência de percepções de satisfação conjugal e parental (dos pais e dos filhos) no desenvolvimento psicossocial e na vinculação;
- Discutir as implicações destes resultados para a intervenção psicológica na qualidade da relação pais – filhos.

## **2. Método**

### **2.1. Variáveis**

#### *Variáveis demográficas*

Foram consideradas quatro variáveis demográficas como podendo contribuir para diferenças nos resultados. Deste modo, apresentam-se em seguida essas mesmas variáveis e os níveis que assumem:

- Gênero do adolescente: masculino ou feminino
- Gênero dos pais: mãe ou pai
- Grupo etário: adolescência (até aos 18 anos) e jovem adulto (Mais de 18 anos)
- Nível sociocultural: baixo, médio-baixo, médio-alto e alto

## **2.2. Instrumentos**

Com excepção da avaliação da vinculação aos pais que só foi avaliada nos adolescentes e jovens adultos, todas as restantes variáveis foram avaliadas quer para os pais quer para os filhos. Deste modo, no caso da avaliação das percepções de satisfação conjugal e parental, foram construídas versões para o adolescente dos instrumentos eleitos para a avaliação dessas mesmas dimensões no casal. Como já foi referido anteriormente, neste estudo optou-se pela utilização de uma metodologia quantitativa recorrendo para isso aos seguintes instrumentos de auto-relato:

*Instrumento de avaliação do desenvolvimento psicossocial*

Erikson Psychosocial Stage Inventory (Rosenthal, Gurmey & Moore, 1981)

*Instrumento de avaliação da vinculação aos pais*

Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (Matos, Almeida & Costa, 1997)

*Instrumento de avaliação da Satisfação Parental (nas versões pais e filhos)*

Adaptação do *Parental Comparison Level Index* (Waldron-Henessey & Sabatelli, 1997)

*Instrumento de avaliação da Satisfação Conjugal (nas versões pais e filhos)*

Escala de avaliação da satisfação em áreas da vida conjugal (Narciso & Costa, 1996)

Em seguida, apresentam-se os três estudos de adaptação de instrumentos de avaliação de modo a averiguar até que ponto os referidos possuem as características psicométricas de sensibilidade, validade e fidelidade adequadas, de modo a que os resultados deste estudo possam ser analisados com segurança. De facto, quando a validade não se encontra assegurada, não poderá garantir-se que o instrumento avalie as dimensões pretendidas. Do mesmo modo, quando não se encontra assegurada a fidelidade não teremos medidas consistentes

internamente e que permitam a obtenção da constância temporal das observações.

Em primeiro lugar, apresentaremos o estudo piloto realizado com adolescentes e jovens adultos, seguindo-se a apresentação dos resultados provenientes da amostra utilizado no estudo empírico principal, e por fim, apresentaremos os dados referentes à adaptação do EPSI. A realização do estudo piloto pretendeu assegurar a viabilidade da avaliação das percepções que os filhos têm da satisfação que os seus pais retiram do desempenho dos seus papéis familiares, tal como previsto pelas aquisições cognitivas que ocorrem na adolescência.

## **II. Percepções dos adolescentes da satisfação dos pais nos papéis conjugal e parental e estilos de vinculação: Estudo Piloto**

Esta secção pretende apresentar o estudo de adaptação de dois instrumentos, destinados ao adolescente e jovem adulto, que possibilitem a avaliação das suas percepções relativamente à satisfação que os seus pais retiram no desempenho dos papéis conjugal e parental. Tratam-se de instrumentos de autorelato adaptados com base em versões concebidas para a avaliação dessas mesmas dimensões na população adulta, a qual já se encontra a desempenhar os papéis conjugal e parental. Com a realização deste primeiro estudo, pretendíamos garantir a utilização de medidas válidas e fiáveis no estudo principal constituído por tríades familiares. Com o objectivo de reforçar as hipóteses adiantadas para o nosso estudo empírico, além dos referidos instrumentos foi administrado o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)*.

Começaremos pela apresentação para cada instrumento dos estudos conduzidos para a verificação das suas propriedades psicométricas, da estrutura factorial e da sua validade. Por fim, apresentaremos os estudos correlacionais e diferenciais realizados com vista à re-elaboração das nossas hipóteses de estudo.

### **A. Estudo de adaptação de instrumentos de avaliação**

#### **1. Amostra e procedimento**

*Amostra.* A amostra para este estudo foi de 260 adolescentes e jovens adultos, provenientes de uma amostra alargada de 296 sujeitos que

responderam aos questionários sendo seleccionados os sujeitos pertencentes a famílias intactas. Esta selecção prende-se com a natureza do estudo principal (tríades familiares) e com o facto da amostra total não representar ganhos nos tratamentos estatísticos efectuados. A amostra (Quadro 2) é constituída por 260 sujeitos, de idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos ( $M = 19,40$ ;  $DP = 2.23$ ), sendo 179 sujeitos (68,8%) do sexo feminino e 81 (31,2%) do sexo masculino. Os sujeitos foram seleccionados aleatoriamente. A maioria dos sujeitos são estudantes (88,8%) do sistema de aprendizagem, escolas secundárias e ensino universitário, encontrando-se uma minoria a trabalhar. Quase a totalidade dos sujeitos mora com os pais (87,3%), apesar de se verificar a existência de sujeitos que não se encontram nesta situação.

Analisando com mais detalhe as características da amostra, vemos que a escolaridade dos pais se situa maioritariamente até ao primeiro ciclo do ensino básico (a frequência na distribuição da mãe é de 51,4% e do pai de 49,4%), sendo o nível ocupacional dos pais predominantemente médio e baixo.

Quadro 2.

Caracterização da amostra ( N=260)

|                                     |       |       |                            |           |       |
|-------------------------------------|-------|-------|----------------------------|-----------|-------|
| <b>Sexo</b>                         |       |       |                            |           |       |
| Feminino                            |       | 68,8% | n=179                      |           |       |
| Masculino                           |       | 31,2% | n=81                       |           |       |
| <hr/>                               |       |       |                            |           |       |
| <b>Idade</b>                        |       |       |                            |           |       |
| 15                                  |       | 3,1%  | n=8                        |           |       |
| 16                                  |       | 7,7%  | n=20                       |           |       |
| 17                                  |       | 10,0% | n=26                       |           |       |
| 18                                  |       | 15,4% | n=40                       |           |       |
| 19                                  |       | 14,6% | n=38                       |           |       |
| 20                                  |       | 18,5% | n=48                       |           |       |
| 21                                  |       | 14,6% | n=38                       |           |       |
| 22                                  |       | 6,2%  | n=16                       |           |       |
| 23                                  |       | 5,0%  | n=13                       | M = 19,40 |       |
| 24                                  |       | 5,0%  | n=13                       | DP =2, 23 |       |
| <hr/>                               |       |       |                            |           |       |
| <b>Situação familiar</b>            |       |       |                            |           |       |
| Famílias intactas                   |       | 100%  |                            |           |       |
| <hr/>                               |       |       |                            |           |       |
| <b>Ocupação</b>                     |       |       |                            |           |       |
| Estudante                           |       | 88,8% | n=231                      |           |       |
| Não estudante                       |       | 11,2% | n=29                       |           |       |
| <hr/>                               |       |       |                            |           |       |
| <b>Escolaridade do pai</b>          |       |       | <b>Escolaridade da mãe</b> |           |       |
| Analfabeto                          | 0,0%  | n=0   |                            | 0,4%      | n=1   |
| 1º ciclo do E.B.                    | 46,9% | n=122 |                            | 48,8%     | n=127 |
| 2º ciclo do E.B.                    | 10,8% | n=28  |                            | 10,8%     | n=28  |
| 3º ciclo do E.B.                    | 10,4% | n=27  |                            | 9,2%      | n=24  |
| Ensino Secundário                   | 13,5% | n=35  |                            | 11,9%     | n=31  |
| Ensino politécnico ou universitário | 13,5% | n=35  |                            | 14,6%     | n=38  |
| Valores omissos: 13                 |       |       | Valores omissos: 11        |           |       |

*Procedimento.* A administração do instrumento foi feita em turmas inteiras, durante um período lectivo, juntamente com os outros questionários e uma ficha de identificação (Anexo I).

A equipa de administradores era constituída por psicólogos das diversas instituições onde decorreu a passagem de questionários, tendo sido previamente informados acerca das questões relativas à sua administração, de modo a uniformizar as condições em que esta decorria.

Após se terem efectuado todas as diligências necessárias junto da direcção das instituições, apelando à sua colaboração, os psicólogos procederam à administração em data agendada previamente.

Aos sujeitos foi-lhes explicado, de forma sucinta, os objectivos do estudo que estava a ser realizado, e para o qual se solicitava a sua colaboração, enfatizando-se a confidencialidade e a participação voluntária. Reviram-se, então, as instruções de preenchimento dos questionários.

Não foi dado tempo limite para o preenchimento dos questionários. Apenas se solicitou que respondessem aos questionários de uma vez só, e que dessem resposta a todas as questões. O tempo de preenchimento total dos instrumentos durou em média 30 minutos, tendo os questionários sido administrados no mês de Março de 2000.

## **2. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (Narciso & Costa, 1996)**

### **– Estudos de validação**

#### **2.1. Adaptação da EASAVIC**

A versão original do questionário é constituída por um conjunto de 44 itens, os quais foram transformados numa versão para adolescentes e jovens adultos. Esta versão, após a sua análise num grupo de psicólogos, foi submetida a procedimentos de reflexão falada junto de um pequeno grupo de adolescentes e jovens adultos, o qual sugeriu a alteração de alguns dos itens. Outros itens tiveram de ser retirados dada a sua difícil compreensão. Esta versão ficou então com 34 itens. Com estes procedimentos assegurou-se uma melhor inteligibilidade e compreensão dos itens na população a que se destina.

*Instruções.* No que se refere às instruções, é pedido ao sujeito para "pensar na relação conjugal dos seus pais e escolher a afirmação da escala

que melhor descreve o que acha que o seu pai e a sua mãe sentem", assinalando em colunas separadas as respostas referentes às percepções relativas ao pai e à mãe.

*Formato de resposta.* A resposta é dada numa escala tipo *Likert* de seis pontos (*nada satisfeito(a)*, *pouco satisfeito(a)*, *razoavelmente satisfeito(a)*, *satisfeito(a)*, *muito satisfeito(a)*, *completamente satisfeito(a)*).

## **2.2. Validade de construto da EASAVIC – versão adolescente**

Começamos por analisar a percentagem de valores omissos existente para o questionário. O conjunto de itens avaliativos da área da sexualidade do casal foi também retirado, dada a sua difícil resposta, ou mesmo ausência de resposta, por parte do jovem.

Em seguida, procedemos ao estudo da validade factorial da EASAVIC realizando para o efeito a análise factorial exploratória de componentes principais (Kaiser, 1969; SPSS 11.0 para Windows). Efectuaram-se análises factoriais separadas para o pai e para a mãe, no sentido de avaliar em que medida os jovens possuem percepções de satisfação, diferenciadas para as duas figuras parentais, relativamente ao desempenho dos papéis conjugais.

Um primeiro passo deste processo consistiu em examinar a matriz de correlações, em ordem a investigar a pertinência de esta ser sujeita a procedimentos de análise factorial. Para tal, apreciaram-se os valores da estatística de Kaiser-Meyer-Olkin e o teste de esfericidade de Bartlett.

O teste de Kaiser-Meyer-Olkin apresenta um valor de 0,952 para os dados do pai e um valor de 0,957 para os dados da mãe, pelo que as matrizes de dados se ajustam muito bem a procedimentos de análise factorial. Quanto ao teste de esfericidade de Bartlett, o valor relativo aos dados do pai é de 4732,544, enquanto que o valor dos dados da mãe é de 5164,543. Os níveis de significância são de 0,000. Mais uma vez estes resultados indicam que a



matriz é susceptível de ser submetida e avaliada a partir de procedimentos de análise factorial.

O *ratio* número de sujeitos/número de variáveis é de 7,6 (260/34), pelo que se adequa às condições de obtenção de factores estáveis.

Para efeitos da análise exploratória, efectuaram-se análise factorial após rotação ortogonal (*varimax*). Para a eliminação de itens, utilizaram-se os seguintes critérios: (a) uma saturação inferior a 0,30 num factor; (b) a existência de itens factorialmente complexos, i.e., com correlações simultâneas com dois factores, sendo a distância entre os valores não superior a 0,10.

Apesar das estruturas factoriais finais se assemelharem para o pai e para a mãe, apresentam algumas diferenças, pelo que apresentamos cada uma separadamente. De qualquer modo, podemos adiantar que ambas as soluções fizeram emergir os dois factores conceptualizados teoricamente: *amor* e *funcionamento*.

### **2.2.1. Estrutura factorial da EASAVIC da versão Mãe**

A estrutura factorial final da EASAVIC da versão Mãe, após rotação *varimax*, é composta por 29 itens, distribuídos pelas 2 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 55% da variância total. A estrutura factorial da versão Mãe é apresentada no Quadro 3.

Quadro 3.

Estrutura factorial da EASAVIC- adolescentes na versão Mãe

|   | <i>Dimensões/ Itens</i><br><i>Factores</i>         | Factor 1    | Factor 2    | Comunalidades |
|---|--|-------------|-------------|---------------|
| <i>Amor</i>                                     |  |             |             |               |
| 28  | A admiração que sentem um pelo outro.              | <b>,831</b> | ,239        | ,747          |
| 27  | A confiança que têm um no outro.                   | <b>,803</b> | ,203        | ,686          |
| 32  | As expectativas quanto ao futuro da relação.       | <b>,796</b> | ,163        | ,660          |
| 26  | O apoio emocional que recebe do marido.            | <b>,792</b> | ,269        | ,700          |
| 29  | A partilha de interesses e actividades.            | <b>,758</b> | ,239        | ,632          |
| 19  | O que sentem um pelo outro.                        | <b>,749</b> | ,278        | ,638          |
| 18  | O modo como resolvem os conflitos.                 | <b>,746</b> | ,319        | ,658          |
| 25  | O apoio emocional que dá ao marido.                | <b>,746</b> | ,175        | ,587          |
| 30  | A atenção que dedicam aos interesses um do outro.  | <b>,742</b> | ,331        | ,660          |
| 20  | O modo como expressam o que sentem um pelo outro.  | <b>,739</b> | ,272        | ,620          |
| 14  | A frequência com que conversam.                    | <b>,708</b> | ,370        | ,638          |
| 15  | O modo como conversam.                             | <b>,703</b> | ,428        | ,678          |
| 34  | As características e hábitos um do outro.          | <b>,696</b> | ,385        | ,632          |
| 31  | Os seus projectos para o futuro.                   | <b>,678</b> | ,286        | ,542          |
| 17  | A frequência de conflitos que têm.                 | <b>,669</b> | ,228        | ,499          |
| 16  | Os assuntos sobre os quais conversam.              | <b>,643</b> | ,445        | ,612          |
| 3   | O modo como tomam as decisões.                     | <b>,598</b> | ,389        | ,509          |
| 10  | A sua privacidade e autonomia.                     | <b>,585</b> | ,454        | ,548          |
| 33  | O aspecto físico um do outro.                      | <b>,581</b> | ,261        | ,406          |
| 1   | O modo como gerem a sua situação financeira.       | <b>,499</b> | ,393        | ,403          |
| <i>Funcionamento</i>                            |  |             |             |               |
| 13  | A sua relação com a profissão do marido.           | ,204        | <b>,649</b> | ,463          |
| 6   | A quantidade de tempos livres.                     | ,036        | <b>,627</b> | ,394          |
| 8   | O modo como se relacionam com a família do marido. | ,192        | <b>,626</b> | ,429          |
| 12  | A sua relação com a profissão.                     | ,174        | <b>,600</b> | ,390          |
| 9   | O modo como se relacionam com a sua família.       | ,310        | <b>,591</b> | ,445          |
| 11  | A privacidade e autonomia do marido.               | ,440        | <b>,575</b> | ,524          |
| 7   | O modo como se relacionam com os amigos.           | ,272        | <b>,572</b> | ,401          |
| 5   | O modo como passam os tempos livres.               | ,378        | <b>,542</b> | ,437          |
| 2   | A distribuição de tarefas domésticas.              | ,319        | <b>,482</b> | ,334          |
| <i>Valor próprio</i>                            |  | 14,155      | 1,716       |               |
| <i>Percentagem de variância total explicada</i> |  | 48,809      | 5,917       |               |
| <i>Variância total explicada</i>                |  |             |             | 54,727        |

O factor 1 ( $n = 20$ ), com um valor próprio de 14,155, inclui itens com saturações entre 0,499 e 0,831 e explica 48,809% da variância total. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a percepção do amor da mãe.

O factor 2 ( $n = 9$ ), com um valor próprio de 1,716, é composto por itens que contribuem para explicar 5,917% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,482 e 0,649 e refere-se à percepção de funcionamento conjugal da mãe.

### **2.2.2. Estrutura factorial da EASAVIC da versão Pai**

A estrutura factorial final da EASAVIC da versão Pai, após rotação *varimax*, é composta por 28 itens, distribuídos pelas 2 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 53% da variância total. A estrutura factorial da versão Pai é apresentada no Quadro 4.

O factor 1 ( $n = 18$ ), com um valor próprio de 12,980, inclui itens com saturações entre 0,427 e 0,820 e explica 46,357% da variância total. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a percepção do amor do pai.

O factor 2 ( $n = 10$ ), com um valor próprio de 1,897 é composto por itens que contribuem para explicar 6,775% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,500 e 0,692 e refere-se à percepção de funcionamento conjugal do pai.

Quadro 4.

Estrutura factorial da EASAVIC- adolescentes na versão Pai

| Dimensões/ Itens<br>Factores             |   | Factor 1    | Factor 2    | Comunalidades |
|--|---|-------------|-------------|---------------|
| <i>Amor</i>                              |   |             |             |               |
| 32                                       | As suas expectativas quanto ao futuro da relação. | <b>,820</b> | ,135        | ,690          |
| 27                                       | A confiança que têm um no outro.                  | <b>,796</b> | ,180        | ,666          |
| 28                                       | A admiração que sentem um pelo outro.             | <b>,784</b> | ,258        | ,681          |
| 19                                       | O que sentem um pelo outro.                       | <b>,774</b> | ,233        | ,654          |
| 25                                       | O apoio emocional que dá à mulher.                | <b>,746</b> | ,299        | ,646          |
| 29                                       | A partilha de interesses e actividades.           | <b>,743</b> | ,221        | ,601          |
| 30                                       | A atenção que dedicam aos interesses um do outro. | <b>,730</b> | ,229        | ,585          |
| 20                                       | O modo como expressam o que sentem um pelo outro. | <b>,729</b> | ,243        | ,590          |
| 15                                       | O modo como conversam.                            | <b>,717</b> | ,317        | ,615          |
| 34                                       | As características e hábitos um do outro.         | <b>,703</b> | ,311        | ,591          |
| 14                                       | A frequência com que conversam.                   | <b>,698</b> | ,409        | ,654          |
| 31                                       | Os seus projectos para o futuro.                  | <b>,695</b> | ,189        | ,519          |
| 26                                       | O apoio emocional que recebe da mulher.           | <b>,693</b> | ,344        | ,599          |
| 18                                       | O modo como resolvem os conflitos.                | <b>,686</b> | ,400        | ,631          |
| 33                                       | O aspecto físico um do outro.                     | <b>,686</b> | ,226        | ,521          |
| 17                                       | A frequência de conflitos que têm.                | <b>,613</b> | ,231        | ,429          |
| 16                                       | Os assuntos sobre os quais conversam.             | <b>,612</b> | ,431        | ,560          |
| 1  | O modo como gerem a sua situação financeira.      | <b>,427</b> | ,336        | ,295          |
| <i>Funcionamento</i>                     |   |             |             |               |
| 6  | A quantidade de tempos livres.                    | -,082       | <b>,692</b> | ,485          |
| 5  | O modo como passam os tempos livres.              | ,147        | <b>,684</b> | ,490          |
| 10                                       | A sua privacidade e autonomia.                    | ,410        | <b>,640</b> | ,578          |
| 11                                       | A privacidade e autonomia do marido.              | ,342        | <b>,592</b> | ,468          |
| 4  | A distribuição de responsabilidades.              | ,378        | <b>,563</b> | ,460          |
| 3  | O modo como tomam as decisões.                    | ,458        | <b>,557</b> | ,520          |
| 13                                       | A sua relação com a profissão do marido.          | ,211        | <b>,533</b> | ,329          |
| 12                                       | A sua relação com a profissão.                    | ,304        | <b>,529</b> | ,373          |
| 2  | A distribuição de tarefas domésticas.             | ,163        | <b>,525</b> | ,302          |
| 7  | O modo como se relacionam com os amigos.          | ,312        | <b>,500</b> | ,347          |
| Valor próprio                            |   | 12,980      | 1,897       |               |
| Percentagem de variância total explicada |   | 46,357      | 6,775       |               |
| Variância total explicada                |   |             |             | 53,131        |

Deste modo, podemos afirmar que a EASAVIC possui validade de construto quer na versão pai quer na versão mãe.

### 2.3. Fidelidade da EASAVIC – versão adolescente

No sentido de averiguarmos a fidelidade da EASAVIC – versão adolescente, foi utilizado o método de consistência interna recorrendo ao cálculo do valor da estatística *alpha* de Cronbach. De modo a facilitar a comparação de resultados entre as versões da escala, foram seleccionados apenas os itens comuns em cada factor na versão da mãe e do pai. Assim, no factor 1 (amor) temos 17 itens e no factor 2 (funcionamento) temos 7 itens. A análise dos valores obtidos, que são apresentados no Quadro 5, permite-nos assegurar que ambas as dimensões da escala, quer para a avaliação relativa à mãe quer para o pai, possuem boa consistência interna.

#### Quadro 5.

*Consistência interna da EASAVIC – adolescentes para a versão Mãe e para a versão Pai*

| Dimensões     | Nº de itens | Versão Mãe               | Versão Pai               |
|---------------|-------------|--------------------------|--------------------------|
|               |             | <i>Alpha</i> de cronbach | <i>Alpha</i> de cronbach |
| Amor          | 17          | ,961                     | ,957                     |
| Funcionamento | 7           | ,778                     | ,754                     |

### 3. Índice do nível de comparação parental (PCLI, Waldron-Henessey, R. & Sabatteli, R. M., 1997))

#### – Estudos de validação

O PCLI é um questionário de auto-relato composto por 62 itens concebido para avaliação das percepções de satisfação com o papel parental. É constituído por duas subescalas – recompensas e custos da parentalidade. Baseada neste instrumento, foi construída uma versão para adolescentes e

jovens adultos, necessitando-se para isso da adaptação das instruções de modo a facilitar a resposta.

### **3.1. Adaptação do PCLI**

A versão original do questionário é constituída por um conjunto de 62 itens, os quais foram transformados numa versão para adolescentes e jovens adultos. Esta versão, após a sua análise num grupo de psicólogos, foi submetida a procedimentos de reflexão falada junto de um pequeno grupo de adolescentes e jovens adultos, o qual sugeriu a alteração de alguns dos itens. Com estes procedimentos assegurou-se uma melhor inteligibilidade e compreensão dos itens na população a que se destina.

*Instruções.* No que se refere às instruções, e no caso dos filhos, é pedido ao sujeito para "ler cada uma das afirmações e procurar identificar as respostas que melhor exprimem a sua opinião relativamente ao grau como cada um dos seus pais se sente satisfeito com a sua experiência de pai/mãe.", assinalando em colunas separadas as respostas referentes às percepções relativas ao pai e à mãe.

*Formato de resposta.* A resposta é dada numa escala tipo *Likert* de cinco pontos (*nada satisfeito(a)*, *pouco satisfeito(a)*, *satisfeito(a)*, *muito satisfeito(a)*, *completamente satisfeito(a)*).

### **3.2. Validade de construto do PCLI – versão adolescente**

Mais uma vez, começamos examinar a matriz de correlações, de modo a investigar a pertinência de esta ser sujeita a procedimentos de análise factorial. O teste de Kaiser-Meyer-Olkin apresenta um valor de 0,943 para os dados da mãe e um valor de 0,949 para os dados do pai, pelo que as matrizes de dados se ajustam muito bem a procedimentos de análise factorial. Quanto ao teste de

esfericidade de Bartlett, o valor relativo aos dados da mãe é de 10419,254, enquanto que o valor dos dados do pai é de 10554,686. Os níveis de significância são de 0,000. Mais uma vez estes resultados indicam que a matriz é susceptível de ser submetida e avaliada a partir de procedimentos de análise factorial, dado não se tratar da matriz de identidade mas sim de uma matriz cujos itens apresentam intercorrelações.

O *ratio* número de sujeitos/número de variáveis é de 4,19 (260/62), pelo que se adequa às condições de obtenção de factores estáveis.

Para efeitos da análise exploratória, foi efectuada a análise factorial após rotação ortogonal (*varimax*).

### **3.2.1. Estrutura factorial do PCLI – adolescente da versão Mãe**

A estrutura factorial final do PCLI – adolescente da versão Mãe, após rotação *varimax*, é composta por 59 itens, distribuídos pelas 2 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 67% da variância total. A estrutura factorial da versão Mãe é apresentada no Quadro 6.

O factor 1 ( $n = 35$ ), com um valor próprio de 21,287, inclui itens com saturações entre 0,408 e 0,784 e explica 56,079% da variância total. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a percepção das recompensas da parentalidade da mãe.

O factor 2 ( $n = 24$ ), com um valor próprio de 6,625 é composto por itens que contribuem para explicar 11,229% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,491 e 0,790 e refere-se à percepção de custos da parentalidade da mãe.

**Quadro 6.***Estrutura factorial da PCLI- adolescentes na versão Mãe*

|                    | <i>Dimensões/ Itens</i><br><i>Factores</i>                                       | Factor 1    | Factor 2    | Comunalidades |
|--------------------|--|-------------|-------------|---------------|
| <i>Recompensas</i> |  |             |             |               |
| 23                 | Como o serem pais dá significado às suas vidas.                                  | <b>,784</b> | ,144        | ,636          |
| 62                 | A felicidade que sentem sendo pais.  | <b>,759</b> | ,092        | ,585          |
| 2                  | A satisfação que sentem em ver-me crescer e desenvolver.                         | <b>,738</b> | ,094        | ,553          |
| 27                 | O sentimento de serem uma família.   | <b>,736</b> | ,078        | ,547          |
| 53                 | O prazer que sentem ao ajudarem os seus filhos a crescerem e a desenvolverem-se. | <b>,733</b> | ,109        | ,549          |
| 47                 | O prazer que sentem ao transmitir os seus valores aos filhos.                    | <b>,728</b> | ,188        | ,565          |
| 61                 | A vivacidade/alegria que sentem com um filho em casa.                            | <b>,725</b> | ,108        | ,538          |
| 55                 | As coisas boas que eles têm e transmitem aos seus filhos.                        | <b>,725</b> | ,144        | ,546          |
| 1                  | A alegria/prazer que sentem por serem pais.                                      | <b>,720</b> | ,073        | ,524          |
| 26                 | O sentimento de realização que têm ao serem pais.                                | <b>,715</b> | ,265        | ,581          |
| 48                 | O incentivo que a experiência de serem pais lhes dá.                             | <b>,714</b> | ,255        | ,575          |
| 31                 | O prazer que sentem ao partilharem a vida com os filhos.                         | <b>,713</b> | ,175        | ,539          |
| 10                 | O amor que recebem como pais.  | <b>,712</b> | ,105        | ,509          |
| 13                 | O afecto que recebem dos filhos.   | <b>,699</b> | ,140        | ,519          |
| 10                 | O amor que recebem como pais.  | <b>,694</b> | ,134        | ,509          |
| 58                 | As reacções positivas que recebem dos filhos.                                    | <b>,692</b> | ,207        | ,499          |
| 17                 | O companheirismo que sentem pelo facto de serem pais.                            | <b>,678</b> | ,201        | ,522          |
| 4                  | A realização que sentem pelo facto de serem pais.                                | <b>,676</b> | ,214        | ,500          |
| 49                 | A responsabilidade que têm pelo facto de serem pais.                             | <b>,674</b> | ,172        | ,502          |
| 16                 | O orgulho que têm naquilo que os filhos fazem.                                   | <b>,661</b> | ,087        | ,484          |
| 38                 | A estabilidade que sentem na sua vida.   | <b>,631</b> | ,181        | ,431          |
| 20                 | O sentimento de competência que têm pelo facto de serem pais.                    | <b>,621</b> | ,252        | ,449          |
| 8                  | O prazer que sentem por saberem que eu preciso deles.                            | <b>,604</b> | ,076        | ,304          |
| 42                 | Como o ser pai/ mãe foi uma experiência de crescimento para eles.                | <b>,600</b> | ,310        | ,456          |
| 56                 | A segurança que sentem na sua velhice pelo facto de serem pais.                  | <b>,588</b> | ,251        | ,409          |
| 34                 | Como o ser pais os faz sentir adultos.   | <b>,583</b> | ,302        | ,431          |
| 37                 | Como o ser pai/mãe melhorou o seu casamento.                                     | <b>,546</b> | ,256        | ,364          |
| 3                  | O trabalho que eles têm pelo facto de serem pais.                                | <b>,529</b> | ,183        | ,313          |
| 21                 | O prazer que retiram ao sentirem que influenciam/ajudam os filhos.               | <b>,526</b> | ,305        | ,369          |
| 33                 | A satisfação que retiram do contacto físico com os seus filhos.                  | <b>,515</b> | ,323        | ,369          |
| 19                 | A esperança no futuro que retiram pelo facto de serem pais.                      | <b>,504</b> | ,396        | ,411          |
| 44                 | O prazer que sentem pelo facto de terem dado netos aos seus pais.                | <b>,498</b> | ,158        | ,273          |
| 18                 | A preocupação que sentem pelo facto de serem pais.                               | <b>,492</b> | ,249        | ,304          |
| 51                 | A forma como o ser pai/mãe requer a organização da casa e das rotinas diárias.   | <b>,471</b> | ,324        | ,327          |
| 50                 | A forma como o facto de serem pai/mãe os faz sentir mais novos.                  | <b>,408</b> | ,264        | ,236          |
| <i>Custos</i>      |  |             |             |               |
| 39                 | A falta de privacidade que sentem pelo facto de serem pais.                      | ,244        | <b>,790</b> | ,684          |
| 45                 | A forma como o ser pai/mãe os limita.  | ,166        | <b>,769</b> | ,618          |
| 40                 | A quantidade de coisas que não podem fazer.                                      | ,112        | <b>,767</b> | ,601          |



|   |  |        |             |        |
|---|--|--------|-------------|--------|
| 29  | Como a sua liberdade fica limitada pelo facto de serem pais.                           | ,235   | <b>,764</b> | ,411   |
| 30  | Os conflitos com outros familiares pelo facto de serem pais.                           | ,092   | <b>,759</b> | ,584   |
| 60  | A perda de individualidade que sentem pelo facto de serem pais.                        | ,176   | <b>,740</b> | ,578   |
| 59  | Como a permanência do papel parental os faz sentir presos.                             | ,134   | <b>,719</b> | ,536   |
| 25  | A restrição nas suas actividades fora de casa por serem pais.                          | ,103   | <b>,717</b> | ,524   |
| 32  | Como o serem pais interfere na sua vida social.  | ,239   | <b>,708</b> | ,558   |
| 46  | A fadiga que sentem pelo facto de serem pais.  | ,244   | <b>,694</b> | ,541   |
| 28  | Como o ser pai/mãe interfere na sua relação conjugal.                                  | ,284   | <b>,671</b> | ,531   |
| 24  | Como o serem pais cria conflitos com os pais deles.                                    | -,014  | <b>,671</b> | ,451   |
| 22  | Como o facto de serem pais interfere no seu trabalho ou carreira.                      | ,252   | <b>,669</b> | ,511   |
| 54  | A dificuldade que sentem ao serem pais.  | ,269   | <b>,664</b> | ,514   |
| 41  | As coisas que não gostam neles e que sentem terem passado aos seus filhos.             | ,037   | <b>,654</b> | ,429   |
| 15  | A falta de flexibilidade na sua vida pelo facto de serem pais.                         | ,112   | <b>,648</b> | ,432   |
| 43  | O sentimento que têm de que a sua vida não é sua propriedade pelo facto de serem pais. | ,361   | <b>,629</b> | ,526   |
| 35  | As reacções negativas dos filhos.  | ,130   | <b>,580</b> | ,353   |
| 14  | Os conflitos que têm entre eles por serem pais.  | ,178   | <b>,573</b> | ,360   |
| 52  | A tensão que o ter filhos acrescenta à organização familiar.                           | ,343   | <b>,560</b> | ,431   |
| 12  | Como o facto de serem pais interfere com os seus objectivos pessoais.                  | ,297   | <b>,559</b> | ,401   |
| 11  | Como a saúde deles é afectada negativamente pelo facto de serem pais.                  | ,164   | <b>,538</b> | ,317   |
| 6   | Como a vida deles no dia-a-dia é complicada pelo facto de serem pais.                  | ,233   | <b>,502</b> | ,307   |
| 9   | O peso/fardo que sentem por serem pais.  | ,121   | <b>,491</b> | ,256   |
| <i>Valor próprio</i>                            |  | 21,287 | 6,625       |        |
| <i>Percentagem de variância total explicada</i> |  | 56,079 | 11,229      |        |
| <i>Variância total explicada</i>                |  |        |             | 67,308 |

### 3.2.2. Estrutura factorial do PCLI – adolescente da versão Pai

A estrutura factorial final do PCLI – adolescente da versão Pai, após rotação *varimax*, é composta por 57 itens, distribuídos pelas 2 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 69% da variância total. A estrutura factorial da versão Pai é apresentada no Quadro 7.

O factor 1 ( $n = 35$ ), com um valor próprio de 21,848, inclui itens com saturações entre 0,445 e 0,798 e explica 58,330% da variância total. Os itens

que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a percepção das recompensas da parentalidade do pai.

## Quadro 7.

*Estrutura factorial da PCLI- adolescentes na versão Pai*

|                    | <i>Dimensões/ Itens</i><br><i>Factores</i>                                  | Factor 1    | Factor 2    | Comunalidades |
|--------------------|---|-------------|-------------|---------------|
| <i>Recompensas</i> |   |             |             |               |
| 23                 | Como o serem pais dá significado às suas vidas.                             | <b>,798</b> | ,137        | ,656          |
| 62                 | A felicidade que sentem sendo pais.   | <b>,792</b> | ,048        | ,629          |
| 27                 | O sentimento de serem uma família.  | <b>,781</b> | ,109        | ,622          |
| 31                 | O prazer que sentem ao partilharem a vida com os filhos.                    | <b>,771</b> | ,197        | ,633          |
| 1                  | A alegria/prazer que sentem por serem pais.                                 | <b>,763</b> | ,104        | ,593          |
| 26                 | O sentimento de realização que têm ao serem pais.                           | <b>,761</b> | ,229        | ,631          |
| 53                 | O prazer que sentem ao ajudarem os filhos a crescerem e a desenvolverem-se. | <b>,752</b> | ,148        | ,587          |
| 55                 | As coisas boas que eles têm e transmitem aos filhos.                        | <b>,733</b> | ,170        | ,566          |
| 2                  | A satisfação que sentem em ver-me crescer e desenvolver.                    | <b>,730</b> | ,111        | ,545          |
| 17                 | O companheirismo que sentem pelo facto de serem pais.                       | <b>,726</b> | ,230        | ,580          |
| 4                  | A realização que sentem pelo facto de serem pais.                           | <b>,712</b> | ,199        | ,547          |
| 13                 | O afecto que recebem dos filhos.  | <b>,709</b> | ,180        | ,535          |
| 61                 | A vivacidade/alegria que sentem com um filho em casa.                       | <b>,709</b> | ,102        | ,513          |
| 48                 | O incentivo que a experiência de serem pais lhes dá.                        | <b>,700</b> | ,288        | ,573          |
| 58                 | As reacções positivas que recebem dos filhos.                               | <b>,699</b> | ,188        | ,525          |
| 36                 | O prazer que têm ao fazer coisas pelos filhos.                              | <b>,697</b> | ,093        | ,494          |
| 20                 | O sentimento de competência que têm pelo facto de serem pais.               | <b>,685</b> | ,244        | ,528          |
| 49                 | A responsabilidade que têm pelo facto de serem pais.                        | <b>,681</b> | ,220        | ,512          |
| 42                 | Como o ser pai/mãe foi uma experiência de crescimento para eles.            | <b>,667</b> | ,309        | ,540          |
| 38                 | A estabilidade que sentem na sua vida.                                      | <b>,666</b> | ,201        | ,484          |
| 10                 | O amor que recebem como pais.   | <b>,662</b> | ,184        | ,472          |
| 47                 | O prazer que sentem ao transmitir os seus valores aos filhos.               | <b>,661</b> | ,226        | ,488          |
| 16                 | O orgulho que têm naquilo que os filhos fazem                               | <b>,631</b> | ,183        | ,431          |
| 8                  | O prazer que sentem por saber que eu preciso deles.                         | <b>,603</b> | ,063        | ,367          |
| 34                 | Como o ser pais os faz sentir adultos.                                      | <b>,601</b> | ,312        | ,458          |
| 56                 | A segurança que sentem na sua velhice pelo facto de serem pais.             | <b>,596</b> | ,259        | ,422          |
| 3                  | O trabalho que eles têm pelo facto de serem pais.                           | <b>,593</b> | ,213        | ,397          |
| 37                 | Como o ser pai/mãe melhorou o seu casamento.                                | <b>,583</b> | ,299        | ,430          |
| 33                 | A satisfação que retiram do contacto físico com os filhos.                  | <b>,539</b> | ,319        | ,392          |
| 21                 | O prazer que retiram ao sentirem que influenciam/ajudam os filhos.          | <b>,538</b> | ,275        | ,365          |
| 44                 | O prazer que sentem pelo facto de terem dado netos aos seus pais.           | <b>,527</b> | ,160        | ,303          |
| 18                 | A preocupação que sentem pelo facto de serem pais.                          | <b>,466</b> | ,251        | ,281          |
| 50                 | A forma como o facto de serem pai/mãe os faz sentir mais novos.             | <b>,445</b> | ,328        | ,306          |
| <i>Custos</i>      |   |             |             |               |
| 39                 | A falta de privacidade que sentem pelo facto de serem pais.                 | ,213        | <b>,794</b> | ,676          |
| 45                 | A forma como o ser pai/mãe os limita.                                       | ,197        | <b>,784</b> | ,654          |
| 29                 | Como a sua liberdade fica limitada pelo facto de serem pais.                | ,160        | <b>,778</b> | ,631          |
| 40                 | A quantidade de coisas que não podem fazer.                                 | ,135        | <b>,769</b> | ,609          |
| 30                 | Os conflitos com outros familiares pelo facto de serem pais.                | ,068        | <b>,750</b> | ,567          |
| 60                 | A perda de individualidade que sentem pelo facto de                         | ,164        | <b>,743</b> | ,579          |

|       |  |        |             |        |
|-------|--|--------|-------------|--------|
|       | serem pais.  |        |             |        |
| 25    | A restrição nas suas actividades fora de casa pelo facto de serem pais.                | ,092   | <b>,740</b> | ,556   |
| 46    | A fadiga que sentem pelo facto de serem pais.  | ,210   | <b>,735</b> | ,585   |
| 59    | A responsabilidade que têm pelo facto de serem pais.                                   | ,186   | <b>,719</b> | ,552   |
| 32    | Como o serem pais interfere na sua vida social.  | ,273   | <b>,706</b> | ,574   |
| 41    | As coisas que não gostam neles e que sentem terem passado aos seus filhos.             | ,085   | <b>,692</b> | ,486   |
| 24    | Como o serem pais cria conflitos com os pais deles.                                    | -,111  | <b>,680</b> | ,475   |
| 28    | Como o ser pai/mãe interfere na sua vida social.                                       | ,315   | <b>,670</b> | ,548   |
| 15    | A falta de flexibilidade na sua vida pelo facto de serem pais.                         | ,200   | <b>,666</b> | ,484   |
| 43    | O sentimento que têm de que a sua vida não é sua propriedade pelo facto de serem pais. | ,372   | <b>,641</b> | ,548   |
| 22    | Como o facto de serem pais interfere no seu trabalho ou carreira.                      | ,243   | <b>,640</b> | ,468   |
| 54    | A dificuldade que sentem ao serem pais.  | ,346   | <b>,640</b> | ,529   |
| 52    | A tensão que o ter filhos acrescenta à organização familiar.                           | ,347   | <b>,614</b> | ,497   |
| 14    | Os conflitos que têm entre eles por serem pais.  | ,214   | <b>,589</b> | ,393   |
| 11    | Como a saúde deles é afectada negativamente pelo facto de serem pais.                  | ,148   | <b>,573</b> | ,351   |
| 35    | As reacções negativas dos filhos.  | ,174   | <b>,550</b> | ,333   |
| 12    | Como o facto de serem pais interfere com os seus objectivos pessoais.                  | ,280   | <b>,531</b> | ,360   |
| 9     | O peso/fardo que sentem por serem pais.  | ,196   | <b>,489</b> | ,277   |
| 6     | Como a vida deles no dia-a-dia é complicada pelo facto de serem pais.                  | ,299   | <b>,483</b> | ,322   |
| <hr/> |  |        |             |        |
|       | <i>Valor próprio</i>   | 21,848 | 6,611       |        |
|       | <i>Percentagem de variância total explicada</i>  | 58,330 | 11,599      |        |
|       | <i>Variância total explicada</i>   |        |             | 69,929 |

O factor 2 ( $n = 24$ ), com um valor próprio de 6,611 é composto por itens que contribuem para explicar 11,599% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,491 e 0,790 e refere-se à percepção de custos da parentalidade do pai.

Tal como podemos constatar pelo que foi apresentado, podemos afirmar que o PCLI possui validade de construto quer na versão pai quer na versão mãe.

### 3.3. Fidelidade do PCLI – versão adolescente

Também para a averiguação da fidelidade do PCLI – versão adolescente foi utilizado o método de consistência interna recorrendo ao cálculo do valor da estatística *alpha* de Cronbach. De modo a facilitar a comparação de resultados entre as versões da escala, foram seleccionados apenas os itens comuns em

cada factor na versão da mãe e do pai. Assim, no factor 1 (Recompensas) temos 33 itens e no factor 2 (custos) temos 24 itens. A análise dos valores obtidos, que são apresentados no Quadro 8, permite-nos assegurar que ambas as dimensões da escala, quer para a avaliação relativa à mãe quer para o pai, possuem boa consistência interna.

#### **Quadro 8.**

*Consistência interna do PCLI– adolescentes para a versão Mãe e para a versão Pai*

| Dimensões     | Nº de itens | Versão Mãe               | Versão Pai               |
|---------------|-------------|--------------------------|--------------------------|
|               |             | <i>Alpha</i> de cronbach | <i>Alpha</i> de cronbach |
| Amor          | 33          | ,962                     | ,966                     |
| Funcionamento | 24          | ,950                     | ,953                     |

#### **4. O Questionário de Vinculação ao pai e à mãe (QVPM, Matos, P.M., Milheiro Almeida, H. & Costa, M.E., 1998)**

##### **– Estudos de validação**

O QVPM é um questionário de auto-relato composto por 44 itens concebido para avaliação da vinculação parental. É constituído por quatro subescalas – Inibição da Exploração e da Individualidade, Qualidade do Laço Emocional, Ansiedade de Separação e Dependência e Inversão de papéis.

##### **4.1. Validação do QVPM**

*Instruções.* No que se refere às instruções, e no caso dos filhos, é pedido ao sujeito para "ler atentamente cada uma das frases e assinalar, rodeando o número correspondente com um círculo, a resposta que melhor exprime o modo como se sente com cada um dos seus pais", respondendo em colunas separadas para o pai e para a mãe.

*Formato de resposta.* A resposta é dada numa escala tipo *Likert* de seis pontos (discordo totalmente, Discordo, Discordo moderadamente, Concordo moderadamente, Concordo, Concordo totalmente).

#### **4.2. Validade de construto do QVPM**

Mais uma vez, começamos examinar a matriz de correlações, de modo a investigar a pertinência de esta ser sujeita a procedimentos de análise factorial. O teste de Kaiser-Meyer-Olkin apresenta um valor de 0,884 para os dados da mãe e um valor de 0,897 para os dados do pai, pelo que as matrizes de dados se ajustam muito bem a procedimentos de análise factorial. Quanto ao teste de esfericidade de Bartlett, o valor relativo aos dados da mãe é de 3580,540, enquanto que o valor dos dados do pai é de 3890,700. Os níveis de significância são de 0,000. Mais uma vez estes resultados indicam que a matriz é susceptível de ser submetida e avaliada a partir de procedimentos de análise factorial.

O *ratio* número de sujeitos/número de variáveis é de 5,9 (260/44), pelo que se adequa às condições de obtenção de factores estáveis.

Para efeitos da análise exploratória, foi efectuada a análise factorial após rotação ortogonal (*varimax*).

##### **4.2.1. Estrutura factorial do QVPM – versão Mãe**

A estrutura factorial final do QVPM –versão Mãe, após rotação *varimax*, é composta por 34 itens, distribuídos pelas 4 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 48,8% da variância total. A estrutura factorial da versão Mãe é apresentada no Quadro 9.

O factor 1 ( $n = 15$ ), com um valor próprio de 8,886, inclui itens com saturações entre 0,466 e 0,731 e explica 26,135% da variância total. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a Inibição da Exploração e da Individualidade.

O factor 2 (n = 6), com um valor próprio de 3,649 é composto por itens que contribuem para explicar 10,732% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,634 e 0,733 e refere-se à Qualidade do laço emocional.

O factor 3 (n = 7), com um valor próprio de 2,062 é composto por itens que contribuem para explicar 6,065% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,536 e 0,693 e refere-se à Ansiedade de Separação e Dependência.

O factor 4 (n = 6), com um valor próprio de 1,829 é composto por itens que contribuem para explicar 5,380% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,493 e 0,662 e refere-se à Inversão de Papéis.

Quadro 9.

Estrutura factorial do QVPM na versão Mãe

|    | Dimensões/ Itens   | Factores               | Factor 1 | Factor 2 | Factor 3 | Factor 4 | Comunalidades |
|----|--|------------------------|----------|----------|----------|----------|---------------|
|    | <i>Inibição da Exploração e da Individualidade</i>   |                        |          |          |          |          |               |
| 10 | Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.                                  | <b>,731</b>            | -,022    | ,069     | ,121     | ,554     |               |
| 9  | Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.   | <b>,724</b>            | -,065    | ,054     | ,044     | ,534     |               |
| 13 | Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.                       | <b>,715</b>            | ,049     | ,083     | ,095     | ,528     |               |
| 15 | Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.                            | <b>,708</b>            | -,138    | -,009    | ,088     | ,528     |               |
| 21 | Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.                                       | <b>,682</b>            | -,058    | -,023    | ,033     | ,470     |               |
| 23 | Não gosto de pedir o apoio dos meus pais, porque sei que eles nunca me compreenderiam.                       | <b>,664</b>            | -,180    | -,092    | ,273     | ,557     |               |
| 22 | Não vale muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer.                    | <b>,664</b>            | -,046    | ,089     | ,180     | ,483     |               |
| 24 | Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.   | <b>,656</b>            | -,253    | ,070     | ,223     | ,549     |               |
| 1  | Os meus pais respeitam as minhas opiniões, mesmo quando são diferentes das deles.                            | <b>-,602</b>           | ,292     | ,115     | -,013    | ,462     |               |
| 2  | Os meus pais têm o feitio ideal.   | <b>-,602</b>           | ,247     | ,340     | ,184     | ,573     |               |
| 30 | Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.  | <b>,598</b>            | -,084    | ,290     | ,204     | ,490     |               |
| 5  | Gostava muito que os meus pais tivessem um feitio diferente.   | <b>,594</b>            | -,162    | -,044    | ,110     | ,393     |               |
| 26 | Gostaria de poder contar com o apoio dos meus pais em certos momentos, mas é difícil para mim confiar neles. | <b>,582</b>            | -,107    | ,023     | ,320     | ,453     |               |
| 8  | Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.  | <b>,513</b>            | -,197    | ,015     | ,232     | ,356     |               |
| 42 | Os meus pais incentivam-me a fazer   | <del><b>,466</b></del> | ,203     | ,266     | -,075    | ,334     |               |

|   |  |        |        |       |       |        |
|---|--|--------|--------|-------|-------|--------|
|   | coisas diferentes.   |        |        |       |       |        |
|   | <i>Qualidade do laço emocional</i>   |        |        |       |       |        |
| 29  | Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.   | -,035  | ,733   | ,091  | -,096 | ,556   |
| 7   | Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.                                    | -,231  | ,673   | ,105  | -,237 | ,573   |
| 25  | Em muitas coisas eu admiro os meus pais.   | -,245  | ,672   | ,134  | -,209 | ,574   |
| 11  | Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.   | -,258  | ,672   | ,121  | -,127 | ,549   |
| 4   | Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vá manter no tempo.                                  | -,350  | ,647   | ,043  | -,042 | ,545   |
| 14  | Apesar dos meus conflitos com os meus pais, eles são únicos para mim.  | -,005  | ,634   | ,113  | ,100  | ,424   |
|   | <i>Ansiedade de Separação e Dependência</i>  |        |        |       |       |        |
| 16  | Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.                                       | ,056   | -,047  | ,693  | -,253 | ,549   |
| 33  | Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.   | ,087   | ,088   | ,666  | -,192 | ,496   |
| 34  | É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que penso.                                      | ,099   | ,190   | ,633  | ,041  | ,448   |
| 27  | Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.  | -,088  | -,008  | ,630  | ,214  | ,450   |
| 19  | Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.  | -,251  | ,291   | ,618  | ,034  | ,531   |
| 18  | Se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a).                                  | ,020   | ,028   | ,603  | -,355 | ,491   |
| 17  | Fico irritado quando combinamos coisas juntos e os meus pais não podem estar comigo.                         | ,058   | ,113   | ,536  | ,009  | ,304   |
|   | <i>Inversão de Papéis</i>  |        |        |       |       |        |
| 44  | O apoio dos meus pais não é importante para mim. Sei que sou capaz de resolver os meus problemas sozinho(a). | ,169   | -,188  | -,022 | ,662  | ,503   |
| 37  | Não preciso dos cuidados dos meus pais.  | ,237   | -,148  | -,155 | ,631  | ,500   |
| 41  | Era-me indiferente, se os meus pais fossem trabalhar para outro país.  | ,245   | -,225  | -,022 | ,603  | ,475   |
| 3   | Tenho confiança em mim e não preciso dos meus pais para enfrentar situações novas.                           | -,003  | ,018   | -,095 | ,582  | ,348   |
| 36  | Preferia que os meus pais morassem longe.  | ,389   | -,225  | -,217 | ,539  | ,539   |
| 31  | Sei que os meus pais precisam mais do meu apoio do que eu do deles.  | ,201   | ,105   | ,114  | ,493  | ,307   |
| <i>Valor próprio</i>                            |  | 8,886  | 3,649  | 2,062 | 1,829 |        |
| <i>Percentagem de variância total explicada</i> |  | 26,135 | 10,732 | 6,065 | 5,380 |        |
| <i>Variância total explicada</i>                |  |        |        |       |       | 48,831 |

4.2.2. Estrutura factorial do QVPM – versão Pai

A estrutura factorial final do QVPM –versão Pai, após rotação *varimax*, é composta por 35 itens, distribuídos pelas 4 dimensões anteriormente



mencionadas, explicando 49% da variância total. A estrutura factorial da versão Pai é apresentada no Quadro 10.

Quadro 10.

Estrutura factorial do QVPM na versão Pai

| Dimensões/ Itens                                   |  | Factores     | Factor 1     | Factor 2    | Factor 3 | Factor 4 | Comunalidades |
|--|--|--------------|--------------|-------------|----------|----------|---------------|
| <i>Inibição da Exploração e da Individualidade</i> |  |              |              |             |          |          |               |
| 15   | Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.                            | <b>,764</b>  | -,072        | -,122       | ,099     |          | ,613          |
| 22   | Não vale muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer.                    | <b>,752</b>  | ,029         | ,006        | ,151     |          | ,589          |
| 30   | Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.  | <b>,696</b>  | -,039        | ,192        | ,168     |          | ,550          |
| 9  | Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.   | <b>,692</b>  | -,123        | ,056        | ,141     |          | ,518          |
| 21   | Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.                                       | <b>,686</b>  | -,044        | ,098        | ,060     |          | ,486          |
| 5  | Gostava muito que os meus pais tivessem um feitio diferente.   | <b>,680</b>  | -,170        | -,000       | ,171     |          | ,521          |
| 23   | Não gosto de pedir o apoio dos meus pais, porque sei que eles nunca me compreenderiam.                       | <b>,672</b>  | -,229        | -,014       | ,313     |          | ,605          |
| 24   | Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.   | <b>,672</b>  | -,242        | ,102        | ,176     |          | ,552          |
| 2  | Os meus pais têm o feitio ideal.   | <b>-,645</b> | ,246         | ,292        | ,123     |          | ,577          |
| 1  | Os meus pais respeitam as minhas opiniões, mesmo quando são diferentes das deles.                            | <b>-,624</b> | ,148         | ,221        | ,067     |          | ,465          |
| 26   | Gostaria de poder contar com o apoio dos meus pais em certos momentos, mas é difícil para mim confiar neles. | <b>,620</b>  | -,116        | ,127        | ,261     |          | ,482          |
| 8  | Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.  | <b>,601</b>  | -,219        | -,009       | ,155     |          | ,434          |
| 42   | Os meus pais incentivam-me a fazer coisas diferentes.  | <b>-,549</b> | ,208         | ,296        | ,031     |          | ,432          |
| <i>Qualidade do laço emocional</i>                 |  |              |              |             |          |          |               |
| 29   | Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.   | -,064        | <b>,755</b>  | ,097        | -,104    |          | ,594          |
| 14   | Apesar dos meus conflitos com os meus pais, eles são únicos para mim.  | -,030        | <b>,679</b>  | ,067        | ,071     |          | ,472          |
| 25   | Em muitas coisas eu admiro os meus pais.   | -,295        | <b>,652</b>  | ,118        | -,238    |          | ,583          |
| 11   | Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.   | -,350        | <b>,623</b>  | ,250        | -,195    |          | ,612          |
| 4  | Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vá manter no tempo.                                  | -,493        | <b>,599</b>  | ,015        | ,001     |          | ,602          |
| 7  | Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.                                    | -,472        | <b>,570</b>  | ,067        | -,044    |          | ,554          |
| 12   | Os meus pais só pensam em si próprios.   | ,344         | <b>-,516</b> | ,030        | ,324     |          | ,491          |
| <i>Ansiedade de Separação e Dependência</i>        |  |              |              |             |          |          |               |
| 33   | Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.   | ,026         | ,181         | <b>,634</b> | -,148    |          | ,457          |

|   |  |        |       |             |             |        |
|---|--|--------|-------|-------------|-------------|--------|
| 34  | É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que penso.                                      | ,017   | ,180  | <b>,631</b> | ,037        | ,432   |
| 27  | Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.  | -,139  | -,043 | <b>,624</b> | ,131        | ,427   |
| 16  | Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.                                       | -,059  | ,064  | <b>,615</b> | -,206       | ,428   |
| 18  | Se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a).                                  | ,038   | ,038  | <b>,608</b> | -,339       | ,487   |
| 19  | Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.  | -,375  | ,260  | <b>,569</b> | ,008        | ,533   |
| 17  | Fico irritado quando combinamos coisas juntos e os meus pais não podem estar comigo.                         | ,074   | ,134  | <b>,566</b> | -,015       | ,343   |
| 28  | Sinto-me posto de lado, quando os meus pais decidem fazer coisas com outras pessoas.                         | ,113   | -,373 | <b>,514</b> | ,260        | ,483   |
| 6   | Acho que os meus pais deviam preocupar-se mais com o que eu faço nos tempos livres.                          | ,057   | -,208 | <b>,385</b> | ,042        | ,197   |
| <i>Inversão de Papéis</i>                       |  |        |       |             |             |        |
| 37  | Não preciso dos cuidados dos meus pais.  | ,203   | -,219 | -,186       | <b>,641</b> | ,535   |
| 44  | O apoio dos meus pais não é importante para mim. Sei que sou capaz de resolver os meus problemas sozinho(a). | ,210   | -,238 | -,036       | <b>,637</b> | ,508   |
| 36  | Preferia que os meus pais morassem longe.  | ,374   | -,186 | -,227       | <b>,592</b> | ,577   |
| 41  | Era-me indiferente, se os meus pais fossem trabalhar para outro país.  | ,229   | -,235 | -,035       | <b>,582</b> | ,448   |
| 3   | Tenho confiança em mim e não preciso dos meus pais para enfrentar situações novas.                           | -,016  | ,102  | -,059       | <b>,537</b> | ,303   |
| 31  | Sei que os meus pais precisam mais do meu apoio do que eu do deles.  | ,079   | ,077  | ,217        | <b>,471</b> | ,281   |
| <i>Valor próprio</i>                            |  | 9,604  | 3,485 | 2,210       | 1,870       |        |
| <i>Percentagem de variância total explicada</i> |  | 27,439 | 9,956 | 6,314       | 5,343       |        |
| <i>Variância total explicada</i>                |  |        |       |             |             | 49,053 |

O factor 1 (n = 13), com um valor próprio de 9,604, inclui itens com saturações entre 0,549 e 0,764 e explica 27,439% da variância total. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a Inibição da Exploração e da Individualidade.

O factor 2 (n = 7), com um valor próprio de 3,485 é composto por itens que contribuem para explicar 9,956% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,516 e 0,755 e refere-se à Qualidade do laço emocional.

O factor 3 (n = 9), com um valor próprio de 2,210 é composto por itens que contribuem para explicar 6,314% da variância total e cujas saturações se

situam entre 0,385 e 0,634 e refere-se à Ansiedade de Separação e Dependência.

O factor 4 (n = 6), com um valor próprio de 1,870 é composto por itens que contribuem para explicar 5,343% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,471 e 0,641 e refere-se à Inversão de Papéis.

4.3. Fidelidade do PCLI – versão adolescente

Procedeu-se posteriormente à averiguação da fidelidade do instrumento na nossa amostra utilizando o método de consistência interna recorrendo ao cálculo do valor da estatística *alpha* de Cronbach.

Uma vez que no estudo principal da parte empírica desta dissertação, se utilizou uma versão mais recente deste questionário de avaliação da vinculação parental, para o cálculo do valor da fidelidade bem como para os restantes tratamentos estatísticos iremos utilizar apenas as três primeiras dimensões. Deste modo facilita a comparação de resultados entre os dois estudos efectuados. A análise dos valores obtidos, que são apresentados no Quadro 11, permite-nos assegurar que ambas as dimensões da escala, quer para a avaliação relativa à mãe quer para o pai, possuem boa consistência interna.

Quadro 11.

Consistência interna do QVPM

| Dimensões                                   | Nº de itens | Versão Mãe               | Versão Pai               |
|---|-------------|--------------------------|--------------------------|
|   |             | <i>Alpha</i> de cronbach | <i>Alpha</i> de cronbach |
| Inibição da exploração e da individualidade | 13          | ,896                     | ,898                     |
| Qualidade do laço emocional                 | 8           | ,810                     | ,837                     |
| Ansiedade de Separação e Dependência        | 7           | ,662                     | ,646                     |

B. Apresentação e discussão dos resultados

1. Estudo correlacional

Com vista a explorar quais as dimensões que estão associadas, foi efectuada uma correlação de Pearson. O quadro 12 apresenta a matriz de correlações obtida.

Quadro 12.

Matriz de correlações entre as dimensões da satisfação parental, conjugal e da vinculação

| Dimensões  | IEIPai  | IEIMãe  | QLEPai | QLEMãe | ASDPai | ASDMãe | PAPai  | PAPMãe | PFPai  | PFMãe  | PRPai  | PRMãe  | PCPai  | PCMãe |
|--|---------|---------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-------|
| Inibição da exploração e da individualidade – Pai (IEIPai) |         |         |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |       |
| Inibição da exploração e da individualidade – Mãe (IEIMãe) | ,833**  |         |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |       |
| Qualidade do laço emocional – Pai (QLEPai)                 | -,592** | -,443** |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |       |
| Qualidade do laço emocional – Mãe (QLEMãe)                 | -,447** | -,517** | ,780** |        |        |        |        |        |        |        |        |        |        |       |
| Ansiedade de Separação e dependência – Pai (ASDPai)        | -,173** | -,069   | ,330** | ,228** |        |        |        |        |        |        |        |        |        |       |
| Ansiedade de Separação e dependência – Mãe (ASDMãe)        | -,062   | -,103   | ,201** | ,295** | ,912** |        |        |        |        |        |        |        |        |       |
| Percepção do amor – Pai (PAPai)                            | -,398** | -,255** | ,429** | ,319** | ,209** | ,135*  |        |        |        |        |        |        |        |       |
| Percepção do amor – Mãe (PAPMãe)                           | -,434** | -,253** | ,478** | ,265** | ,249** | ,131*  | ,914** |        |        |        |        |        |        |       |
| Percepção da funcionalidade – Pai (PFPai)                  | -,187** | -,173** | ,252** | ,177** | ,059   | ,017   | ,604** | ,503** |        |        |        |        |        |       |
| Percepção da funcionalidade – Mãe (PFMãe)                  | -,305** | -,217** | ,331** | ,172** | ,155*  | ,073   | ,609** | ,685** | ,687** |        |        |        |        |       |
| Percepção das recompensas – Pai (PRPai)                    | -,437** | -,315** | ,637** | ,490** | ,269** | ,154*  | ,608** | ,599** | ,404** | ,444** |        |        |        |       |
| Percepção das recompensas – Mãe (PRMãe)                    | -,342** | -,388** | ,528** | ,616** | ,208** | ,224** | ,521** | ,463** | ,374** | ,373** | ,881** |        |        |       |
| Percepções dos custos – Pai (PCPai)                        | -,190** | -,097   | ,214** | ,160*  | ,026   | -,048  | ,400** | ,373** | ,309** | ,257** | ,544** | ,477** |        |       |
| Percepções dos custos – Mãe (PCMãe)                        | -,171** | -,137*  | ,200** | ,198** | ,006   | -,032  | ,364** | ,320** | ,309** | ,233** | ,511** | ,523** | ,968** |       |

\* correlação significativa a 0,05; \*\*, Correlação significativa a 0,01

A matriz de correlações mostra que as dimensões se encontram correlacionadas, quase todas estatisticamente significativas. Destes resultados emergem que todas as dimensões de satisfação conjugal e parental têm correlações significativas negativas com a dimensão Inibição da Exploração e da Individualidade e, por outro lado, estão positivamente associadas com a Qualidade do laço emocional.

2. Diferenças de acordo com o género do adolescente

Foram realizados testes t para amostras independentes de modo a determinar as diferenças existentes nas dimensões avaliadas em função do género. Os valores das médias, desvios padrão e os valores do teste t e respectiva significância podem observar-se no quadro 13.

Quadro 13.

Análise de diferenças em função do género: média, desvio padrão, valor t e significância

| Dimensões  | Masculino |        | Feminino |        | t      | P      |
|--|-----------|--------|----------|--------|--------|--------|
|  | M         | DP     | M        | DP     |        |        |
| Inibição da Exploração e da Individualidade do pai | 36,477    | 11,554 | 34,402   | 12,130 | 1,297  | ,196   |
| Inibição da Exploração e da Individualidade da mãe | 35,296    | 10,559 | 32,730   | 11,925 | 1,663  | ,097   |
| Qualidade do laço emocional do pai                 | 38,776    | 7,754  | 42,463   | 4,838  | -3,946 | .000** |
| Qualidade do laço emocional da mãe                 | 40,079    | 6,260  | 43,569   | 4,390  | -4,538 | ,000** |
| Ansiedade de separação e dependência do pai        | 21,839    | 5,359  | 24,477   | 5,338  | -3,685 | ,000** |
| Ansiedade de separação e dependência da mãe        | 22,127    | 5,215  | 25,299   | 5,605  | -4,317 | ,000** |
| Amor – pai   | 75,845    | 15,328 | 78,108   | 15,358 | -1,101 | ,272   |
| Amor – mãe   | 74,204    | 16,709 | 75,603   | 17,269 | -,611  | ,542   |
| Funcionamento – pai                                | 30,379    | 5,468  | 29,903   | 5,297  | ,666   | ,506   |
| Funcionamento – mãe                                | 28,386    | 6,045  | 27,777   | 5,788  | ,774   | ,440   |
| Recompensas – pai                                  | 127,589   | 21,463 | 137,417  | 19,101 | -3,694 | ,000** |
| Recompensas – mãe                                  | 130,002   | 21,423 | 140,399  | 17,051 | -3,851 | ,000** |
| Custos – pai                                       | 80,288    | 16,469 | 80,981   | 16,839 | -,309  | ,757   |
| Custos – mãe                                       | 80,727    | 16,538 | 81,809   | 16,364 | -,492  | ,623   |

Nota: \*\* p< .001

No que diz respeito às dimensões da vinculação, emergiram diferenças significativas para o género, indicando que as raparigas possuem médias mais elevadas do que os rapazes na Qualidade do Laço Emocional à Mãe, na

Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe, na Qualidade do Laço Emocional ao Pai e na Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai.

Não se verificaram diferenças significativas nas subescalas de percepções da satisfação conjugal dos pais.

Nas dimensões das percepções da satisfação parental, obtiveram-se diferenças significativas indicadoras de que as raparigas percebem mais recompensas da parentalidade para o pai e para a mãe do que os rapazes.

### **3. Diferenças de acordo com o género dos pais**

Foram conduzidos testes t para amostras emparelhadas para determinar as diferenças de género nestas dimensões. Os valores das médias, desvios padrão e os valores do teste t e respectiva significância podem observar-se no quadro 14.

#### **Quadro 14.**

*Análise de diferenças em função do género dos pais: média, desvio padrão, valor t e significância*

| Dimensões                                   | Pai     |        | Mãe     |        | t      | p      |
|---|---------|--------|---------|--------|--------|--------|
|   | M       | DP     | M       | DP     |        |        |
| Inibição da Exploração e da Individualidade | 35,048  | 11,970 | 33,529  | 11,558 | 3,593  | .000** |
| Qualidade do laço emocional                 | 41,315  | 6,131  | 42,482  | 5,289  | -4,870 | .000** |
| Ansiedade de separação e dependência        | 23,656  | 5,473  | 24,311  | 5,671  | -4,500 | .000** |
| Amor  | 77,403  | 15,355 | 75,167  | 17,077 | 5,200  | .000** |
| Funcionamento                               | 30,051  | 5,345  | 27,967  | 5,864  | 7,540  | .000** |
| Recompensas                                 | 134,355 | 20,342 | 137,161 | 19,101 | -4,675 | .000** |
| Custos                                      | 80,766  | 16,696 | 81,472  | 16,394 | -2,726 | .007** |

Nota: \*\* p< .01

Nas dimensões da vinculação, foram encontradas diferenças significativas para o género dos pais, revelando que os sujeitos têm médias significativamente superiores na dimensão Inibição da Exploração e da Individualidade em relação ao Pai comparativamente com a mesma dimensão na mãe, na dimensão Qualidade do Laço Emocional da Mãe comparada com a do pai, e na Ansiedade de Separação e Dependência da Mãe comparada com a do pai.

No que diz respeito às percepções de satisfação conjugal dos pais, os adolescentes percebem maiores valores de satisfação no Amor e Funcionamento do Pai do que nas mesmas dimensões da Mãe.

Nas percepções de satisfação com a parentalidade, os adolescentes têm médias mais elevadas na percepção das Recompensas da Mãe e nos Custos da Mãe comparativamente às mesma dimensões do pai.

4. Diferenças de acordo com a vinculação parental

Foram efectuados procedimentos de análise de clusters (K-Means and Simple Euclidean Distance) para avaliar a existência de configurações específicas na organização das dimensões. As análises de clusters para a vinculação ao pai e à mãe revelaram quatro grupos diferenciados, interpretados como os quatro protótipos sugeridos por Kim Bartholomew (ver Quadro 15 e Quadro 16).

Quadro 15.

Análise de clusters para o pai

|   | Seguro<br>n = 79 | Desinvestido<br>n=5 | Preocupado<br>n = 116 | Amedrontado<br>n = 60 |
|---|------------------|---------------------|-----------------------|-----------------------|
| Inibição da Exploração e da Individualidade | 22,00            | 63,60               | 34,79                 | 50,34                 |
| Qualidade do Laço Emocional                 | 45,60            | 22,20               | 41,62                 | 36,49                 |
| Ansiedade de Separação e Dependência        | 24,81            | 15,20               | 23,80                 | 22,57                 |

Quadro 16.

Análise de clusters para a mãe

|   | Seguro<br>n = 86 | Desinvestido<br>n=67 | Preocupado<br>n = 68 | Amedrontado<br>n = 39 |
|---|------------------|----------------------|----------------------|-----------------------|
| Inibição da Exploração e da Individualidade | 21,82            | 38,81                | 31,80                | 53,29                 |
| Qualidade do Laço Emocional                 | 45,58            | 39,01                | 44,30                | 38,44                 |
| Ansiedade de Separação e Dependência        | 23,35            | 22,02                | 29,02                | 22,16                 |

As análises de variância multivariadas (MANOVA) realizadas com as percepções dos adolescentes acerca da satisfação retirada pelos seus pais com o desempenho dos papéis conjugal e parental como variáveis dependentes revelaram diferenças significativas entre os clusters. A estatística Pillai's Trace indicou diferenças significativas para o estilo de vinculação ao pai

( $F(3, 260) = 6.608$ ,  $p < .001$ ) e para os estilos de vinculação à mãe ( $F(3, 260) = 6.874$ ,  $p < .001$ ). Considerando os estilos de vinculação ao pai, as análises seguintes em cada dimensão revelaram diferenças significativas na percepção do amor do pai ( $F(3, 260) = 5.507$ ,  $p = .001$ ), percepção do amor da mãe ( $F(3, 260) = 6.024$ ,  $p = .001$ ), e percepção das recompensas da mãe ( $F(3, 260) = 8.062$ ,  $p < .001$ ). O teste de Scheffé mostrou que a vinculação segura ao pai possui um nível maior na percepção do amor do pai do que o amedrontado, desinvestido e preocupado. Na percepção do amor do pai não só o seguro tem valores mais elevados como também o preocupado tem valores mais elevados do que o amedrontado. No que diz respeito à percepção das recompensas do pai, os indivíduos seguros possuem um nível mais elevado do que os desinvestidos, que têm valores mais elevados do que o amedrontado. Os preocupados também têm valores mais elevados do que os desinvestidos.

Considerando os estilos de vinculação à mãe, as análises de variância revelaram diferenças significativas na percepção do funcionamento conjugal do pai ( $F(3, 260) = 3.700$ ,  $p = .012$ ), percepções das recompensas do pai ( $F(3, 260) = 4.357$ ,  $p = .005$ ), e percepções das recompensas da mãe ( $F(3, 260) = 7.336$ ,  $p < .001$ ). O teste de Scheffé mostrou que na percepção do funcionamento conjugal do pai, os indivíduos seguros apresentam valores mais elevados do que os desinvestidos. Nas percepções das recompensas do pai e da mãe, a vinculação segura apresenta um nível superior ao desinvestido e ao amedrontado. Por outro lado, a vinculação preocupada tem valores mais elevados que o desinvestido e o amedrontado.



### **III. Estudo de adaptação de instrumentos de avaliação na amostra do estudo empírico**

#### **A. HIPÓTESES**

O enquadramento teórico realizado na primeira parte deste trabalho possibilitou uma identificação das variáveis consideradas relevantes para os objectivos a que nos propomos. Depois de se ter procedido ao enunciado dos objectivos desta investigação e à apresentação do estudo piloto, apresenta-se em seguida a formulação das hipóteses apontadas para este estudo. A opção pela apresentação em primeiro lugar do estudo piloto e só agora a formulação das hipóteses deve-se ao facto deste ter servido para as reforçar.

##### ***1. Diferenças em função do género do adolescente***

**Hipótese 1.** Espera-se que os jovens do género feminino apresentem valores mais elevados nas dimensões da vinculação aos pais do que os do género masculino.

Na investigação encontramos resultados de dois tipos no que se refere ao efeito do género na vinculação aos pais. Por um lado, existem estudos que não evidenciaram diferenças de género ao nível da vinculação parental (Frank, Pirsch & Wright, 1990; Hauser & Levine, 1993; Rice, 1992). Por outro lado, os estudos têm demonstrado a existência de diferenças de género na vinculação parental, indicando que são as raparigas que apresentam valores mais elevada comparativamente aos rapazes (Barbosa, 2001; Bartholomew & Horowitz, 1991; Brennan, Shaver & Tobey, 1991; Levy, Blatt & Shaver, 1998; Matos, 2003; Matos, Barbosa, Almeida & Costa, 1999; Moore, 1987; Oliveira & Costa, 2001; Ryan Stille & Lynch, 1994; Sharfe & Bartholomew, 1994; West, Rose, Spreng, Sheldon-Keller & Adam, 1998). Como podemos verificar pelo número de estudos em cada uma das condições parece-nos que a hipótese do género como uma variável com efeitos ao nível da vinculação ganha mais poder. Aliado aos resultados dos estudos empíricos, não podemos esquecer que a presente investigação é realizada no contexto da cultura portuguesa, onde as

raparigas demonstram uma maior proximidade emocional com as figuras parentais.

**Hipótese 2.** Espera-se diferenças de género do adolescente relativamente aos estádios do desenvolvimento psicossocial, em especial nos valores da confiança vs. desconfiança que nas raparigas serão inferiores aos dos rapazes.

Ao nível do desenvolvimento psicossocial, não se verifica a existência de muitos estudos empíricos. Na formulação desta hipótese tivemos em conta o estudo de Silva (2002), onde as autoras obtiveram diferenças significativas em função do género, sendo as raparigas as que apresentam médias mais baixas ao nível da confiança vs. desconfiança e uma média mais elevada na dimensão indústria vs. inferioridade. Tivemos também em consideração a prática clínica que nos revela uma maior prevalência no sexo feminino de perturbações, nomeadamente de ansiedade, intimamente ligadas com a resolução do estágio confiança vs. desconfiança básica.

**Hipótese 3.** Não são esperadas diferenças de género do adolescente relativamente às percepções de satisfação conjugal dos pais.

De facto, todas as hipóteses adiantadas no que diz respeito às percepções que os filhos têm da satisfação decorrente da vivência dos papéis familiares dos pais, assumem um carácter exploratório, dada a inexistência de estudos nesse âmbito. Temos apenas em conta o resultado do estudo piloto realizado que, no caso das percepções de satisfação conjugal, não aponta diferenças significativas em função do género do adolescente (Oliveira & Costa, 2001).

**Hipótese 4.** Esperam-se diferenças de género do adolescente relativamente às percepções de satisfação parental dos pais, nomeadamente na dimensão recompensas da parentalidade, devendo as raparigas reportar percepções superiores aos rapazes.

Neste caso, o estudo piloto realizado evidenciou diferenças entre as raparigas e os rapazes no que diz respeito às percepções de satisfação parental, sendo as raparigas a perceberem uma maior satisfação ao nível das

recompensas com a parentalidade, quer por parte da mãe quer por parte do pai, comparativamente aos rapazes (Oliveira & Costa, 2001).

## **2. Diferenças em função do género dos pais**

**Hipótese 5.** Espera-se que a mãe seja a figura de vinculação de eleição e por isso espera-se que a *qualidade de laço emocional* e a *ansiedade de separação e dependência* à mãe tenham valores significativamente mais elevados do que as mesmas dimensões relativamente ao pai; por outro lado, espera-se que a dimensão *inibição da exploração e da individualidade* apresente médias superiores relativamente ao pai do que à mãe.

Os estudos têm revelado que a forma como os adolescentes se relacionam com os seus pais e como caracterizam essa mesma relação não é igual quando se trata da mãe ou do pai (Collins & Russel, 1991; Hill & Holmbeck, 1986; Hill, Mullis, Readdick & Walters, 2000; Paterson, Field & Pryor, 1994; Pipp, Shaver, Jennings, Lamborn, & Fisher, 1985).

**Hipótese 6.** Espera-se que o estilo de vinculação à mãe seja coincidente com o estilo de vinculação ao pai.

Os estudos empíricos indicam a existência de uma concordância entre o estilo de vinculação à mãe e o estilo de vinculação ao pai (Belsky, Rovine & Taylor, 1984; Cobb, 1996; Cox, Owen, Henderson & Margand, 1992).

**Hipótese 7.** Relativamente ao género dos pais, não é esperado que produza diferenças nas percepções de satisfação conjugal, sendo os homens a reportar índices superiores de satisfação conjugal comparativamente às mulheres.

A investigação de Narciso (2001), com casais portugueses, acerca da satisfação conjugal não revelou a existência de diferenças de género nas diversas variáveis consideradas.

**Hipótese 8.** Relativamente ao género dos pais, é esperado que produza diferenças nas percepções de satisfação parental, sendo as mulheres a

reportar índices superiores de satisfação parental comparativamente aos homens.

Esta formulação de hipótese justifica-se dada a realidade portuguesa. Apesar da mudança socialmente referida ao nível das práticas educativas, não podemos negar uma organização e funcionamento familiar ainda caracterizado por um sistema patriarcal, em que o pai é detentor do poder e com papéis sexuais definidos de uma forma tradicional: a mãe é frequentemente a responsável máxima pela educação dos filhos, sendo o pai chamado apenas nas situações consideradas mais importantes para exercer as suas funções de autoridade. Mesmo nas famílias em que o casal trabalha, o pai é ainda o elemento da família mais ausente afectivamente e fisicamente, valorizando o apoio instrumental, enquanto a mãe, a que está mais presente, valoriza mais a vertente do apoio emocional. Tendo em conta esta organização familiar é esperado que os pais se distingam nas formas como percebem o exercício das suas funções parentais.

No entanto, encontramos dois estudos que reportam a satisfação parental no sentido de serem os pais a retirar mais satisfação com a parentalidade comparativamente às mães (Guidubaldi & Cleminshaw, 1985; Johnston & Mash, 1989).

### ***3. Diferenças em função da idade do adolescente***

**Hipótese 9.** Não são esperadas diferenças nas dimensões da vinculação em função da idade.

Apesar de muitos estudos apontarem que com o avançar da idade o jovem vai utilizar as figuras de vinculação mais como apoio emocional (Sullivan & Sullivan, 1980; Van Wel, 1994), o estudo de Matos (2003) no contexto português não evidenciou diferenças significativas nas dimensões da vinculação com a idade.

**Hipótese 10.** A existência de diferenças de idade relativamente aos estádios de desenvolvimento psicossocial assume neste estudo um carácter

exploratório. No entanto, dado que com o aumentar da idade o adolescente tem mais oportunidades de resolver as crises psicossociais, é esperado que os sujeitos mais velhos tenham níveis superiores de resolução dos estádios psicossociais, em especial o estágio intimidade vs. isolamento que só emerge verdadeiramente após a construção da identidade.

**Hipótese 11.** A existência de diferenças de idade nas percepções que o adolescente tem da satisfação conjugal dos pais assume também um carácter exploratório. No entanto, é esperado que à medida que a idade aumenta as percepções de satisfação no papel conjugal dos pais sejam mais realistas e não tão idealizadas e, por isso mesmo, sejam mais baixas.

**Hipótese 12.** A existência de diferenças de idade nas percepções que o adolescente tem da satisfação parental dos pais assume também um carácter exploratório. Tal como na hipótese anterior, é esperado que à medida que a idade aumenta as percepções de satisfação no papel parental dos pais sejam mais realistas e não tão idealizadas e, por isso mesmo, sejam mais baixas.

#### ***4. Diferenças em função do nível sociocultural***

**Hipótese 13.** Não são esperadas diferenças significativas na vinculação aos pais em função do nível sociocultural.

O estudo conduzido por Youniss & Ketterlinus (1987) obteve resultados que confirmam a existência de diferenças em função do nível sociocultural, sendo que o nível sociocultural mais baixo apresenta uma pior qualidade do laço emocional aos pais comparativamente ao nível sociocultural mais alto. Por outro lado, no contexto português Barbosa (2001) e Matos (2003) não obtiveram diferenças em função do nível sociocultural. No entanto, na nossa sociedade, a cultura é cada vez mais pautada pela homogeneidade, havendo um quase equitativo acesso às coisas. Por exemplo, mesmo aqueles adolescentes que não tenham condições económicas para ter um computador em casa, podem aceder a ele em locais gratuitos devidamente criados para tal,

como por exemplo, em bibliotecas municipais. Deste modo, não esperamos existirem diferenças relativas ao nível sociocultural. Esta mesma justificação é aplicada às hipóteses exploratórias que se seguem.

**Hipótese 14.** Não são esperadas diferenças significativas do nível sociocultural no desenvolvimento psicossocial (quer ao nível dos filhos quer ao nível do pai e da mãe).

**Hipótese 15.** Não são esperadas diferenças significativas do nível sociocultural nas percepções de satisfação conjugal (dos filhos, do pai e da mãe).

**Hipótese 16.** Não são esperadas diferenças significativas do nível sociocultural nas percepções de satisfação parental (dos filhos, do pai e da mãe).

### ***5. Relações entre o desenvolvimento psicossocial***

**Hipótese 17.** Espera-se que o desenvolvimento psicossocial dos filhos se associe ao desenvolvimento psicossocial dos pais.

**Hipótese 18.** Espera-se que o desenvolvimento psicossocial dos elementos do casal se associe.

### ***6. Diferenças no desenvolvimento em função das percepções de satisfação familiar***

**Hipótese 19.** Espera-se que percepções de satisfação na família mais elevadas se associem a uma resolução mais bem sucedida das crises psicossociais em cada estágio do desenvolvimento psicossocial, havendo uma associação positiva entre os estádios do desenvolvimento psicossocial e as dimensões da satisfação com os papéis familiares.

**Hipótese 20.** Espera-se que percepções de satisfação na família mais elevadas se associem ao estilo de vinculação seguro, havendo uma associação positiva entre as dimensões da vinculação e as dimensões da satisfação com os papéis familiares.

**7. Diferenças no desenvolvimento em função da convergência/divergência de percepções de satisfação familiar**

**Hipótese 21.** Espera-se que a convergência, comparativamente à divergência, de percepções de satisfação conjugal e parental (dos pais e dos filhos) se associe positivamente com o desenvolvimento psicossocial.

**Hipótese 22.** Espera-se que a convergência, comparativamente à divergência, de percepções de satisfação conjugal e parental (dos pais e dos filhos) se associe positivamente com a vinculação segura.

## **B. ESTUDO EMPÍRICO - ADAPTAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO**

Nesta secção debruçamo-nos sobre as análises estatísticas conduzidas com o objectivo da adaptação dos instrumentos de auto-relato para a avaliação das variáveis em estudo na amostra do estudo empírico constituída por tríades familiares (pai, mãe e respectivo filho(a) adolescente ou jovem adulto). Apresentaremos para cada instrumento (quer para a versão filho adolescente ou jovem adulto quer para a versão pais) os estudos conduzidos para a verificação das suas propriedades psicométricas, da estrutura factorial e da sua validade. No que diz respeito à apresentação destes procedimentos para a amostra de filhos adolescentes e jovens adultos, apesar de correremos o risco de uma repetição, não quisemos deixar de apresentar o modo como estas medidas adaptadas de um original concebido para o adulto que se encontra no desempenho dos papéis familiares conjugal e parental se comportam para uma população de filhos adolescentes. Assim, para cada instrumento iremos ter a versão dos filhos (com avaliações separadas para o pai e para a mãe) e a versão dos pais (pai e mãe separadamente).

### **1. Amostra e procedimento**

*Amostra.* A amostra para este estudo foi de 230 tríades familiares constituídas pelo pai, mãe e respectivo filho(a) adolescente ou jovem adulto pertencentes a famílias intactas. Esta amostra foi obtida através do procedimento designado “bola de neve”, recorrendo a psicólogo e a estudantes de psicologia para a passagem dos instrumentos de auto-relato. O critério para a constituição da amostra foi a família ter pelo menos um filho adolescente ou jovem adulto.

A amostra (Quadro 17) dos filhos é constituída por 230 sujeitos, de idades compreendidas entre os 12 e os 26 anos ( $M = 19,18$ ;  $DP = 3,105$ ), sendo 147 sujeitos (63,9%) do sexo feminino e 83 (36,1%) do sexo masculino. A maioria



dos sujeitos são estudantes (88,9%). Quase a totalidade dos sujeitos mora com os pais (n= 219), apesar de se verificar a existência de sujeitos que não se encontram nesta situação (n= 10).

Analisando com mais detalhe as características da amostra, vemos que os pais têm um tempo médio de casamento de 23,15 anos (DP= 4,907) e o número médio de filhos é de dois (M= 2,06; DP= 0,857).

**Quadro 17.**

*Caracterização da amostra ( N=230 tríades familiares)*

|                            |       |                               |           |
|----------------------------|-------|-------------------------------|-----------|
| <b>Sexo</b>                |       |                               |           |
| Feminino                   | 63,9% | n=147                         |           |
| Masculino                  | 36,1% | n=83                          |           |
| <b>Idade</b>               |       |                               |           |
| 12                         | 1,7%  | n=4                           |           |
| 13                         | 3,0%  | n=7                           |           |
| 14                         | 1,7%  | n=4                           |           |
| 15                         | 5,7%  | n=13                          |           |
| 16                         | 6,1%  | n=14                          |           |
| 17                         | 10,0% | n=23                          |           |
| 18                         | 16,5% | n=38                          |           |
| 19                         | 10,4% | n=24                          |           |
| 20                         | 10,4% | n=24                          |           |
| 21                         | 7,0%  | n=16                          |           |
| 22                         | 9,6%  | n=22                          |           |
| 23                         | 8,3%  | n=19                          |           |
| 24                         | 6,5%  | n=15                          |           |
| 25                         | 2,2%  | n=5                           | M = 19,18 |
| 26                         | 0,4%  | n=1                           | DP =3,105 |
| <b>Situação familiar</b>   |       |                               |           |
| Famílias intactas          | 100%  | 228 casados; 2 União de facto |           |
| <b>Ocupação</b>            |       |                               |           |
| Estudante                  | 88,8% | n=231                         |           |
| Não estudante              | 11,2% | n=29                          |           |
| <b>Nível sociocultural</b> |       |                               |           |
| Baixo                      | 10,0% | n=23                          |           |
| Médio-baixo                | 30,9% | n=71                          |           |
| Médio-alto                 | 34,8% | n=80                          |           |
| Alto                       | 24,3% | n=56                          |           |

*Procedimento.* A administração dos questionários e de uma ficha de caracterização demográfica (Anexo II) foi feita por administradores devidamente instruídos numa tentativa de uniformização das condições em que esta decorre. A acompanhar os instrumentos seguia uma carta da investigadora principal do projecto a explicar as razões deste estudo bem como garantir a confidencialidade e anonimato das respostas.

Aos sujeitos foi-lhes explicado, de forma sucinta, os objectivos do estudo que estava a ser realizado, e para o qual se solicitava a sua colaboração, enfatizando-se a confidencialidade e a participação voluntária. Reviram-se, então, as instruções de preenchimento dos questionários.

Não foi dado tempo limite para o preenchimento dos questionários. Apenas se solicitou que respondessem aos questionários de uma vez só, e que dessem resposta a todas as questões. A recolha dos questionários decorreu entre 2001 e 2003.

## **2. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (Narciso & Costa, 1996)**

### **– Estudos de validação**

#### **2.1. Adaptação da EASAVIC**

A versão original do questionário destinada aos casais é constituída por um conjunto de 44 itens, e a versão para adolescentes e jovens adultos por 34 itens (como vimos no estudo piloto).

*Instruções.* No que se refere às instruções, é pedido aos casais para “pensar na sua relação conjugal e utilizar a escala de modo a expressar o que sente relativamente a cada expressão” e aos filhos para “pensar na relação conjugal dos seus pais e escolher a afirmação da escala que melhor descreve o

que acha que o seu pai e a sua mãe sentem", assinalando em colunas separadas as respostas referentes às percepções relativas ao pai e à mãe.

*Formato de resposta.* A resposta é dada numa escala tipo *Likert* de seis pontos (*nada satisfeito(a)*, *pouco satisfeito(a)*, *razoavelmente satisfeito(a)*, *satisfeito(a)*, *muito satisfeito(a)*, *completamente satisfeito(a)*).

## **2.2. Validade de construto da EASAVIC – versão adolescente**

Procedemos então ao estudo da validade factorial da EASAVIC realizando para o efeito a análise factorial exploratória de componentes principais (Kaiser, 1969; SPSS 11.0 para Windows). Efectuaram-se análises factoriais separadas para o pai e para a mãe, no sentido de avaliar em que medida os jovens possuem percepções de satisfação, diferenciadas para as duas figuras parentais, relativamente ao desempenho dos papéis conjugais.

Um primeiro passo deste processo consistiu em examinar a matriz de correlações, em ordem a investigar a pertinência de esta ser sujeita a procedimentos de análise factorial. Para tal, apreciaram-se os valores da estatística de Kaiser-Meyer-Olkin e o teste de esfericidade de Bartlett.

O teste de Kaiser-Meyer-Olkin apresenta um valor de 0,938 para os dados do pai e um valor de 0,946 para os dados da mãe, pelo que as matrizes de dados se ajustam muito bem a procedimentos de análise factorial. Quanto ao teste de esfericidade de Bartlett, o valor relativo aos dados do pai é de 4824,746, enquanto que o valor dos dados da mãe é de 4585,173. Os níveis de significância são de 0,000. Mais uma vez estes resultados indicam que a matriz é susceptível de ser submetida e avaliada a partir de procedimentos de análise factorial.

O *ratio* número de sujeitos/número de variáveis é de 6,76 (230/34), pelo que se adequa às condições de obtenção de factores estáveis.

Para efeitos da análise exploratória, efectuaram-se análise factorial após rotação ortogonal (*varimax*). Para a eliminação de itens, utilizaram-se os seguintes critérios: (a) uma saturação inferior a 0,30 num factor; (b) a existência de itens factorialmente complexos, i.e., com correlações simultâneas com dois factores, sendo a distância entre os valores não superior a 0,10.

Apesar das estruturas factoriais finais se assemelharem para o pai e para a mãe, apresentam algumas diferenças, pelo que apresentamos cada uma separadamente. De qualquer modo, podemos adiantar que ambas as soluções fizeram emergir os dois factores conceptualizados teoricamente: *amor* e *funcionamento*.

### **2.2.1. Estrutura factorial da EASAVIC –adolescente versão Mãe**

A estrutura factorial final da EASAVIC – adolescente da versão Mãe, após rotação *varimax*, é composta por 29 itens, distribuídos pelas 2 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 54% da variância total. A estrutura factorial da versão adolescente – Mãe é apresentada no Quadro 18.

O factor 1 (n = 17), com um valor próprio de 13,423, inclui itens com saturações entre 0,470 e 0,826 e explica 46,286% da variância total. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a percepção que o filho tem da satisfação com o amor conjugal relativa à mãe.

O factor 2 (n = 12), com um valor próprio de 2,296, é composto por itens que contribuem para explicar 7,917% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,498 e 0,679 e refere-se à percepção de satisfação que o filho tem da satisfação com o amor conjugal relativa à mãe.

**Quadro 18. Estrutura factorial da EASAVIC adolescentes- versão mãe**

|   | <i>Dimensões/ Itens<br/>Factores</i>                      | Factor 1    | Factor 2    | Comunalidades |
|---|---|-------------|-------------|---------------|
| <b>Amor</b>                                     |   |             |             |               |
| 28  | As suas expectativas quanto ao futuro da relação.         | <b>,826</b> | ,166        | ,711          |
| 22  | O apoio emocional que recebe do marido/mulher.            | <b>,826</b> | ,252        | ,746          |
| 19  | O que sentem um pelo outro.                               | <b>,824</b> | ,101        | ,689          |
| 24  | A admiração que sentem um pelo outro.                     | <b>,795</b> | ,236        | ,688          |
| 23  | A confiança que têm um no outro.                          | <b>,786</b> | ,131        | ,635          |
| 20  | O modo como expressam o que sentem um pelo outro.         | <b>,784</b> | ,229        | ,666          |
| 21  | O apoio emocional que dá ao marido/mulher.                | <b>,759</b> | ,226        | ,627          |
| 30  | As características e hábitos um do outro.                 | <b>,741</b> | ,322        | ,652          |
| 26  | A atenção que dedicam aos interesses um do outro.         | <b>,723</b> | ,339        | ,638          |
| 15  | O modo como conversam.                                    | <b>,712</b> | ,386        | ,656          |
| 25  | A partilha de interesses e actividades.                   | <b>,705</b> | ,338        | ,611          |
| 16  | Os assuntos sobre os quais conversam.                     | <b>,683</b> | ,299        | ,556          |
| 18  | O modo como resolvem os conflitos.                        | <b>,677</b> | ,373        | ,597          |
| 14  | A frequência com que conversam.                           | <b>,662</b> | ,423        | ,617          |
| 29  | O aspecto físico um do outro.                             | <b>,598</b> | ,278        | ,434          |
| 27  | Os seus projectos para o futuro.                          | <b>,593</b> | ,420        | ,528          |
| 17  | A frequência de conflitos que têm.                        | <b>,470</b> | ,294        | ,307          |
| <b>Funcionamento</b>                            |   |             |             |               |
| 6   | A quantidade de tempos livres.                            | ,080        | <b>,679</b> | ,468          |
| 12  | A sua relação com a profissão.                            | ,134        | <b>,669</b> | ,465          |
| 7   | O modo como se relacionam com os amigos.                  | ,297        | <b>,641</b> | ,499          |
| 1   | O modo como gerem a sua situação financeira.              | ,120        | <b>,634</b> | ,416          |
| 13  | A sua relação com a profissão do marido/mulher.           | ,348        | <b>,611</b> | ,495          |
| 4   | A distribuição de responsabilidades.                      | ,372        | <b>,607</b> | ,507          |
| 5   | O modo como passam os tempos livres.                      | ,317        | <b>,603</b> | ,464          |
| 2   | A distribuição de tarefas domésticas.                     | ,114        | <b>,598</b> | ,371          |
| 3   | O modo como tomam as decisões.                            | ,370        | <b>,581</b> | ,475          |
| 10  | A sua privacidade e autonomia.                            | ,473        | <b>,553</b> | ,529          |
| 8   | O modo como se relacionam com a família do marido/mulher. | ,206        | <b>,543</b> | ,338          |
| 9   | O modo como se relacionam com a sua família.              | ,290        | <b>,498</b> | ,332          |
| <b>Valor próprio</b>                            |   | 13,423      | 2,296       |               |
| <b>Percentagem de variância total explicada</b> |   | 46,286      | 7,917       |               |
| <b>Variância total explicada</b>                |   |             |             | 54,203        |

### **2.2.2. Estrutura factorial da EASAVIC adolescente da versão Pai**

A estrutura factorial final da EASAVIC – adolescente da versão Pai, após rotação *varimax*, é composta por 30 itens, distribuídos pelas 2 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 54% da variância total. A estrutura factorial da versão adolescente – Pai é apresentada no Quadro 19.

O factor 1 ( $n = 17$ ), com um valor próprio de 13,836, inclui itens com saturações entre 0,496 e 0,829 e explica 46,121% da variância total. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a percepção que o filho tem da satisfação com o amor conjugal relativa ao pai.

O factor 2 ( $n = 13$ ), com um valor próprio de 2,398, é composto por itens que contribuem para explicar 7,992% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,495 e 0,693 e refere-se à percepção de que o filho tem da satisfação com o funcionamento conjugal relativa ao pai.

**Quadro 19. Estrutura factorial da EASAVIC adolescentes- versão pai**

|   | <i>Dimensões/ Itens</i><br><i>Factores</i>                | Factor 1    | Factor 2    | Comunalidades |
|---|---|-------------|-------------|---------------|
| <b>Amor</b>                                     |   |             |             |               |
| 28  | As suas expectativas quanto ao futuro da relação.         | <b>,829</b> | ,147        | ,709          |
| 19  | O que sentem um pelo outro.                               | <b>,809</b> | ,161        | ,681          |
| 20  | O modo como expressam o que sentem um pelo outro.         | <b>,784</b> | ,271        | ,687          |
| 21  | O apoio emocional que dá ao marido/mulher.                | <b>,781</b> | ,237        | ,666          |
| 24  | A admiração que sentem um pelo outro.                     | <b>,781</b> | ,240        | ,667          |
| 22  | O apoio emocional que recebe do marido/mulher.            | <b>,778</b> | ,260        | ,672          |
| 26  | A atenção que dedicam aos interesses um do outro.         | <b>,749</b> | ,230        | ,614          |
| 29  | O aspecto físico um do outro.                             | <b>,734</b> | ,222        | ,588          |
| 15  | O modo como conversam.                                    | <b>,715</b> | ,413        | ,882          |
| 18  | O modo como resolvem os conflitos.                        | <b>,708</b> | ,315        | ,590          |
| 30  | As características e hábitos um do outro.                 | <b>,692</b> | ,359        | ,608          |
| 23  | A confiança que têm um no outro.                          | <b>,691</b> | ,217        | ,525          |
| 25  | A partilha de interesses e actividades.                   | <b>,680</b> | ,320        | ,565          |
| 16  | Os assuntos sobre os quais conversam.                     | <b>,666</b> | ,333        | ,554          |
| 27  | Os seus projectos para o futuro.                          | <b>,596</b> | ,396        | ,512          |
| 14  | A frequência com que conversam.                           | <b>,588</b> | ,479        | ,575          |
| 17  | A frequência de conflitos que têm.                        | <b>,496</b> | ,165        | ,273          |
| <b>Funcionamento</b>                            |   |             |             |               |
| 13  | A sua relação com a profissão do marido/mulher.           | ,200        | <b>,693</b> | ,520          |
| 7   | O modo como se relacionam com os amigos.                  | ,241        | <b>,669</b> | ,506          |
| 5   | O modo como passam os tempos livres.                      | ,194        | <b>,658</b> | ,471          |
| 10  | A sua privacidade e autonomia.                            | ,436        | <b>,640</b> | ,599          |
| 1   | O modo como gerem a sua situação financeira.              | ,153        | <b>,636</b> | ,427          |
| 12  | A sua relação com a profissão.                            | ,234        | <b>,632</b> | ,454          |
| 3   | O modo como tomam as decisões.                            | ,393        | <b>,628</b> | ,549          |
| 2   | A distribuição de tarefas domésticas.                     | ,087        | <b>,618</b> | ,389          |
| 4   | A distribuição de responsabilidades.                      | ,353        | <b>,611</b> | ,498          |
| 9   | O modo como se relacionam com a sua família.              | ,297        | <b>,594</b> | ,442          |
| 11  | A privacidade e autonomia do marido/mulher.               | ,496        | <b>,594</b> | ,600          |
| 6   | A quantidade de tempos livres.                            | ,085        | <b>,516</b> | ,274          |
| 8   | O modo como se relacionam com a família do marido/mulher. | ,301        | <b>,495</b> | ,336          |
| <b>Valor próprio</b>                            |   | 13,836      | 2,398       |               |
| <b>Percentagem de variância total explicada</b> |   | 46,121      | 7,992       |               |
| <b>Variância total explicada</b>                |   |             |             | 54,114        |

### **2.3. Validade de construto da EASAVIC – versão adulto**

Do mesmo modo, procedemos ao estudo da validade factorial da EASAVIC - adulto realizando para o efeito a análise factorial exploratória de componentes principais (Kaiser, 1969; SPSS 11.0 para Windows).

O teste de Kaiser-Meyer-Olkin apresenta um valor de 0,959 pelo que as matrizes de dados se ajustam muito bem a procedimentos de análise factorial. Quanto ao teste de esfericidade de Bartlett, o valor relativo aos dados é 18357,180 com um nível de significância de 0,000. Mais uma vez estes resultados indicam que a matriz é susceptível de ser submetida e avaliada a partir de procedimentos de análise factorial.

O *ratio* número de sujeitos/número de variáveis é de 10,45 (460/34), pelo que se adequa às condições de obtenção de factores estáveis.

#### **2.3.1. Estrutura factorial da EASAVIC – adulto**

A estrutura factorial final da EASAVIC adulto, após rotação *varimax*, é composta por 43 itens, distribuídos pelas 2 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 59% da variância total. A estrutura factorial da versão adulto é apresentada no Quadro 20.

O factor 1 (n = 26), com um valor próprio de 21,575, inclui itens com saturações entre 0,666 e 0,804 e explica 51,368% da variância total. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a percepção da satisfação com o amor conjugal.

O factor 2 (n = 17), com um valor próprio de 3,150, é composto por itens que contribuem para explicar 7,500% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,495 e 0,728 e refere-se à percepção da satisfação com o funcionamento conjugal.



**Quadro 20.***Estrutura factorial da EASAVIC- versão Pais*

|             | <i>Dimensões/ Itens</i><br><i>Factores</i>                                 | Factor 1    | Factor 2 | Comunalidades |
|-------------|--|-------------|----------|---------------|
| <b>Amor</b> |  |             |          |               |
| 24          | O desejo sexual que o meu cônjuge sente por mim.                           | <b>,804</b> | ,245     | ,706          |
| 40          | As expectativas do meu cônjuge quanto ao futuro da relação.                | <b>,785</b> | ,326     | ,723          |
| 39          | As minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação.                  | <b>,782</b> | ,328     | ,718          |
| 28          | A qualidade das nossas relações sexuais.                                   | <b>,775</b> | ,170     | ,629          |
| 27          | O prazer que o meu cônjuge sente quando temos relações sexuais.            | <b>,774</b> | ,194     | ,637          |
| 34          | A admiração que o meu cônjuge sente por mim.                               | <b>,774</b> | ,295     | ,687          |
| 30          | O apoio emocional que o meu cônjuge me dá.                                 | <b>,771</b> | ,342     | ,712          |
| 20          | O que o meu cônjuge sente por mim.   | <b>,768</b> | ,296     | ,677          |
| 26          | O prazer que sinto quando temos relações sexuais.                          | <b>,761</b> | ,152     | ,603          |
| 22          | O modo como o meu cônjuge expressa o que sente por mim.                    | <b>,742</b> | ,330     | ,660          |
| 33          | A admiração que sinto pelo meu cônjuge.                                    | <b>,741</b> | ,308     | ,644          |
| 25          | A frequência que temos relações sexuais.                                   | <b>,737</b> | ,235     | ,599          |
| 23          | O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge.                                | <b>,723</b> | ,311     | ,619          |
| 29          | O apoio emocional que dou ao meu cônjuge.                                  | <b>,723</b> | ,318     | ,623          |
| 42          | A opinião que o meu cônjuge tem sobre o meu aspecto físico.                | <b>,721</b> | ,278     | ,596          |
| 32          | A confiança que o meu cônjuge tem em mim.                                  | <b>,712</b> | ,247     | ,568          |
| 43          | As características e hábitos do meu cônjuge.                               | <b>,711</b> | ,409     | ,674          |
| 31          | A confiança que tenho no meu cônjuge.                                      | <b>,706</b> | ,204     | ,539          |
| 19          | O que sinto pelo meu cônjuge.  | <b>,705</b> | ,293     | ,583          |
| 41          | O aspecto físico do meu cônjuge.   | <b>,703</b> | ,241     | ,552          |
| 35          | A partilha de interesses e actividades.                                    | <b>,698</b> | ,449     | ,690          |
| 37          | A atenção que o meu cônjuge dedica aos meus interesses.                    | <b>,698</b> | ,435     | ,677          |
| 44          | A opinião que o meu cônjuge tem sobre as minhas características e hábitos. | <b>,678</b> | ,430     | ,645          |
| 38          | Os nossos projectos para o futuro.   | <b>,675</b> | ,400     | ,616          |
| 36          | A atenção que dedico aos interesses do meu cônjuge.                        | <b>,673</b> | ,371     | ,591          |
| 21          | O modo como expresso o que sinto pelo meu cônjuge.                         | <b>,666</b> | ,328     | ,552          |

| Funcionamento                            |  |        |        |
|--|--|--------|--------|
| 13                                       | A nossa relação com a profissão do meu cônjuge.            | ,168   | ,558   |
| 12                                       | A nossa relação com a minha profissão.                     | ,168   | ,541   |
| 10                                       | A minha privacidade e autonomia.                           | ,261   | ,572   |
| 11                                       | A privacidade e autonomia do meu cônjuge.                  | ,334   | ,613   |
| 3  | O modo como tomamos decisões.                              | ,392   | ,653   |
| 4  | A distribuição de responsabilidades.                       | ,406   | ,642   |
| 5  | O modo como passamos os tempos livres.                     | ,308   | ,568   |
| 6  | A quantidade de tempos livres.                             | ,145   | ,486   |
| 16                                       | Os assuntos sobre os quais conversamos.                    | ,495   | ,648   |
| 7  | O modo como nos relacionamos com os amigos.                | ,308   | ,496   |
| 14                                       | A frequência com que conversamos.                          | ,485   | ,625   |
| 2  | A distribuição de tarefas domésticas.                      | ,240   | ,440   |
| 1  | O modo como gerimos a nossa situação financeira.           | ,243   | ,425   |
| 8  | O modo como nos relacionamos com a família do meu cônjuge. | ,150   | ,330   |
| 9  | O modo como nos relacionamos com a minha família.          | ,168   | ,302   |
| 17                                       | A frequência de conflitos que temos.                       | ,241   | ,303   |
| Valor próprio                            |  | 21,575 | 3,150  |
| Percentagem de variância total explicada |  | 51,368 | 7,500  |
| Variância total explicada                |  |        | 58,868 |

2.4. Fidelidade da EASAVIC

No sentido de averiguarmos a fidelidade da EASAVIC foi utilizado o método de consistência interna recorrendo ao cálculo do valor da estatística *alpha* de Cronbach. A análise dos valores obtidos, que são apresentados no Quadro 21, permite-nos assegurar que as dimensões da escala, em todas as versões, possuem boa consistência interna.

Quadro 21.

Consistência interna da EASAVIC – adolescentes para a versão Mãe e para a versão Pai e da EASAVIC – adultos

| Dimensões     | Adol – Versão Mãe | Adol – Versão Pai | Adultos               |                       |
|---------------|-------------------|-------------------|-----------------------|-----------------------|
|               | Alpha de Cronbach | Alpha de Cronbach | Alpha de Cronbach Mãe | Alpha de Cronbach Pai |
| Amor          | ,9483             | ,9465             | ,9518                 | ,9503                 |
| Funcionamento | ,8939             | ,8990             | ,9135                 | ,9258                 |

### **3. Índice do nível de comparação parental (PCLI, Waldron-Henessey, R. & Sabatteli, R. M., 1997))**

#### **– Estudos de validação**

Como já foi referido na secção anterior, o PCLI é um questionário de auto-relato composto por 62 itens concebido para avaliação das percepções de satisfação com o papel parental. É constituído por duas subescalas – recompensas e custos da parentalidade. Seguem-se os procedimentos estatísticos que asseguram as características psicométricas das duas versões do PCLI adolescentes e adultos na presente amostra.

#### **3.1. Adaptação do PCLI**

A versão original do questionário é constituída por um conjunto de 62 itens, os quais foram transformados numa versão para adolescentes e jovens adultos. Esta versão, após a sua análise num grupo de psicólogos, foi submetida a procedimentos de reflexão falada junto de um pequeno grupo da população a que se destina.

Com estes procedimentos assegurou-se uma melhor inteligibilidade e compreensão dos itens na população a que se destina.

*Instruções.* No que se refere às instruções, e no caso dos filhos, é pedido ao sujeito para "ler cada uma das afirmações e procurar identificar as respostas que melhor exprimem a sua opinião relativamente ao grau como cada um dos seus pais se sente satisfeito com a sua experiência de pai/mãe.", assinalando em colunas separadas as respostas referentes às percepções relativas ao pai e à mãe.

No caso dos pais, é pedido ao sujeito para "ler cada uma das afirmações e procurar identificar as respostas que melhor exprimem a sua opinião relativamente ao grau como se sente satisfeito com a sua experiência de

pai/mãe, utilizando a seguinte escala".

*Formato de resposta.* A resposta é dada numa escala tipo *Likert* de cinco pontos (*nada satisfeito(a)*, *pouco satisfeito(a)*, *satisfeito(a)*, *muito satisfeito(a)*, *completamente satisfeito(a)*).

### **3.2. Validade de construto do PCLI – versão adolescente**

Mais uma vez, começamos examinar a matriz de correlações, de modo a investigar a pertinência de esta ser sujeita a procedimentos de análise factorial. O teste de Kaiser-Meyer-Olkin apresenta um valor de 0,934 para os dados da mãe e um valor de 0,941 para os dados do pai, pelo que as matrizes de dados se ajustam muito bem a procedimentos de análise factorial. Quanto ao teste de esfericidade de Bartlett, o valor relativo aos dados da mãe é de 9182,036, enquanto que o valor dos dados do pai é de 9766,262. Os níveis de significância são de 0,000. Mais uma vez estes resultados indicam que a matriz é susceptível de ser submetida e avaliada a partir de procedimentos de análise factorial, dado não se tratar da matriz de identidade mas sim de uma matriz cujos itens apresentam intercorrelações.

O *ratio* número de sujeitos/número de variáveis é de 3,71 (230/62), pelo que se adequa às condições de obtenção de factores estáveis.

Para efeitos da análise exploratória, foi efectuada a análise factorial após rotação ortogonal (*varimax*).

#### **3.2.1. Estrutura factorial do PCLI – adolescente versão Mãe**

A estrutura factorial final do PCLI – adolescente da versão Mãe, após rotação *varimax*, é composta por 59 itens, distribuídos pelas 2 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 46% da variância total. A estrutura factorial da versão Mãe é apresentada no Quadro 22.

**Quadro 22. Estrutura factorial do PCLI mãe - versão adolescente**

|                    | <i>Dimensões/ Itens</i><br><i>Factores</i>                                       | Factor 1    | Factor 2 | Comunalidades |
|--------------------|--|-------------|----------|---------------|
| <b>Recompensas</b> |  |             |          |               |
| 53                 | O prazer que sentem ao ajudarem os seus filhos a crescerem e a desenvolverem-se. | <b>,776</b> | ,197     | ,641          |
| 23                 | Como o serem pais dá significado às suas vidas.                                  | <b>,768</b> | ,107     | ,601          |
| 26                 | O sentimento de realização que têm ao serem pais                                 | <b>,767</b> | ,082     | ,595          |
| 61                 | A vivacidade/alegria que sentem com um filho em casa.                            | <b>,739</b> | ,134     | ,564          |
| 55                 | As coisas boas que eles têm e transmitem aos seus filhos.                        | <b>,727</b> | ,156     | ,552          |
| 48                 | O incentivo que a experiência de serem pais lhes dá.                             | <b>,724</b> | ,244     | ,584          |
| 62                 | A felicidade que sentem sendo pais.  | <b>,721</b> | ,052     | ,523          |
| 31                 | O prazer que sentem ao partilharem a vida com os pais.                           | <b>,709</b> | ,151     | ,526          |
| 27                 | O sentimento de que têm uma família por serem pais.                              | <b>,706</b> | ,145     | ,520          |
| 47                 | O prazer que sentem ao transmitirem os seus valores aos filhos.                  | <b>,703</b> | ,173     | ,524          |
| 17                 | O companheirismo que sentem pelo facto de serem pais.                            | <b>,698</b> | ,155     | ,511          |
| 1                  | A alegria/prazer que sentem por serem pais.                                      | <b>,694</b> | ,035     | ,482          |
| 4                  | A realização que sentem pelo facto de serem pais.                                | <b>,691</b> | ,060     | ,481          |
| 33                 | A satisfação que retiram do contacto físico com os seus filhos.                  | <b>,691</b> | ,122     | ,492          |
| 10                 | O amor que recebem como pais.  | <b>,664</b> | ,117     | ,454          |
| 42                 | Como o ser pai/mãe foi uma experiência de crescimento para eles.                 | <b>,660</b> | ,270     | ,509          |
| 13                 | O afecto que recebem dos filhos.   | <b>,649</b> | ,162     | ,448          |
| 49                 | A responsabilidade que têm pelo facto de serem pais.                             | <b>,649</b> | ,252     | ,484          |
| 58                 | As reacções positivas que recebem dos filhos.                                    | <b>,643</b> | ,107     | ,425          |
| 2                  | A satisfação que sentem em ver-me crescer e desenvolver.                         | <b>,618</b> | ,056     | ,385          |
| 34                 | Como o ser pais os faz sentir adultos.   | <b>,617</b> | ,222     | ,430          |
| 20                 | O sentimento de competência que têm pelo facto de serem pais.                    | <b>,611</b> | ,292     | ,459          |
| 16                 | O orgulho que têm naquilo que os filhos fazem.                                   | <b>,602</b> | ,244     | ,422          |
| 21                 | O prazer que retiram ao sentirem que influenciam/ajudam os filhos.               | <b>,592</b> | ,229     | ,403          |
| 36                 | O prazer que têm ao fazerem coisas pelo filhos.                                  | <b>,590</b> | ,214     | ,394          |
| 19                 | A esperança no futuro que retiram pelo facto de serem pais.                      | <b>,548</b> | ,309     | ,395          |
| 8                  | O prazer que sentem por saberem que eu preciso deles.                            | <b>,539</b> | ,204     | ,332          |
| 50                 | A forma como o facto de serem pai/mãe os faz sentir mais novos.                  | <b>,510</b> | ,305     | ,353          |
| 44                 | O prazer que sentem pelo facto de terem dado netos aos seus pais.                | <b>,505</b> | ,093     | ,264          |
| 37                 | Como ser pai/mãe melhorou o seu casamento.                                       | <b>,504</b> | ,338     | ,369          |
| 3                  | O trabalho que eles têm pelo facto de serem pais.                                | <b>,494</b> | ,205     | ,286          |
| 38                 | A estabilidade que sentem na sua vida.   | <b>,476</b> | ,224     | ,277          |

|   |  |               |               |               |
|---|--|---------------|---------------|---------------|
| 56  | A segurança que sentem na sua velhice pelo facto de serem pais.                    | <b>,475</b>   | ,270          | ,298          |
|   | <b>Custos</b>  |               |               |               |
| 59  | Como a permanência do papel parental os faz sentir presos.                         | ,178          | <b>,779</b>   | ,638          |
| 30  | Os conflitos com outros familiares pelo facto de serem pais.                       | ,018          | <b>,763</b>   | ,582          |
| 40  | A quantidade de coisas que não podem fazer.  | ,196          | <b>,762</b>   | ,619          |
| 25  | A restrição nas suas actividades fora de casa por serem pais.                      | ,089          | <b>,758</b>   | ,582          |
| 39  | A falta de privacidade que sentem pelo facto de serem pais.                        | ,181          | <b>,755</b>   | ,603          |
| 60  | A perda de individualidade que sentem pelo facto de serem pais.                    | ,159          | <b>,745</b>   | ,580          |
| 54  | A dificuldade que sentem ao serem pais.  | ,185          | <b>,739</b>   | ,580          |
| 45  | A forma como o ser pai/mãe os limita.  | ,245          | <b>,728</b>   | ,590          |
| 46  | A fadiga que sentem pelo facto de serem pais.                                      | ,201          | <b>,716</b>   | ,554          |
| 24  | Como o serem pais cria conflitos com os pais deles.                                | -,012         | <b>,707</b>   | ,500          |
| 22  | Como o serem pais interfere no seu trabalho ou carreira.                           | ,212          | <b>,693</b>   | ,526          |
| 15  | A falta de flexibilidade na sua vida por serem pais.                               | ,150          | <b>,679</b>   | ,483          |
| 29  | Como a sua liberdade fica limitada pelo facto de serem pais.                       | ,222          | <b>,661</b>   | ,486          |
| 14  | Os conflitos que têm entre eles pelo facto de serem pais.                          | ,152          | <b>,656</b>   | ,453          |
| 12  | Como o facto de serem pais interfere com os seus objectivos pessoais.              | ,223          | <b>,655</b>   | ,479          |
| 11  | Como a saúde deles é afectada negativamente pelo facto de serem pais.              | ,093          | <b>,643</b>   | ,422          |
| 52  | A tensão que o ter filhos acrescenta à organização familiar.                       | ,304          | <b>,643</b>   | ,506          |
| 32  | Como o serem pais interfere na sua vida social.                                    | ,335          | <b>,634</b>   | ,513          |
| 41  | As coisas que não gostam neles e sentem terem passado aos seus filhos              | ,024          | <b>,628</b>   | ,395          |
| 9   | O peso/fardo que sentem pelo facto de serem pais.                                  | ,201          | <b>,596</b>   | ,395          |
| 43  | O sentimento que têm de que a vida não é sua propriedade pelo facto de serem pais. | ,294          | <b>,567</b>   | ,408          |
| 28  | Como o ser pai/mãe interfere na sua relação conjugal.                              | ,230          | <b>,563</b>   | ,369          |
| 35  | As reacções negativas dos filhos.  | ,018          | <b>,561</b>   | ,316          |
| 57  | Os custos emocionais que requer ser pai/mãe.                                       | ,338          | <b>,527</b>   | ,391          |
| 7   | Os gastos financeiros que eles têm pelo facto de serem pais.                       | ,282          | <b>,403</b>   | ,242          |
| 6   | Como a vida deles no dia-a-dia é complicada pelo facto de serem pais.              | ,285          | <b>,365</b>   | ,215          |
| 5   | A tensão que sentem pelo facto de serem pais.                                      | ,204          | <b>,316</b>   | ,142          |
| <b>Valor próprio</b>                            |  | <b>20,603</b> | <b>6,948</b>  |               |
| <b>Percentagem de variância total explicada</b> |  | <b>34,339</b> | <b>11,579</b> |               |
| <b>Variância total explicada</b>                |  |               |               | <b>45,918</b> |

O factor 1 ( $n = 33$ ), com um valor próprio de 20,603, inclui itens com saturações entre 0,475 e 0,776 e explica 34,339% da variância total. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a percepção das recompensas da parentalidade da mãe.

O factor 2 ( $n = 26$ ), com um valor próprio de 6,948 é composto por itens que contribuem para explicar 11,579% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,316 e 0,779 e refere-se à percepção de custos da parentalidade da mãe.

### **3.2.2. Estrutura factorial do PCLI – adolescente versão Pai**

A estrutura factorial final do PCLI – adolescente da versão Pai, após rotação *varimax*, é composta por 60 itens, distribuídos pelas 2 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 46% da variância total. A estrutura factorial da versão Mãe é apresentada no Quadro 23.

O factor 1 ( $n = 33$ ), com um valor próprio de 21,786, inclui itens com saturações entre 0,504 e 0,811 e explica 36,311% da variância total. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a percepção das recompensas da parentalidade do pai.

O factor 2 ( $n = 27$ ), com um valor próprio de 6,965 é composto por itens que contribuem para explicar 11,608% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,319 e 0,794 e refere-se à percepção de custos da parentalidade do pai.

**Quadro 23. Estrutura factorial do PCLI pai - versão adolescente**

|                    | <i>Dimensões/ Itens<br/>Factores</i>   | Factor 1    | Factor 2 | Comunalidades |
|--------------------|--|-------------|----------|---------------|
| <b>Recompensas</b> |  |             |          |               |
| 23                 | Como o serem pais dá significado às suas vidas.                                  | <b>,811</b> | ,133     | ,676          |
| 53                 | O prazer que sentem ao ajudarem os seus filhos a crescerem e a desenvolverem-se. | <b>,785</b> | ,185     | ,651          |
| 26                 | O sentimento de realização que têm ao serem pais                                 | <b>,780</b> | ,111     | ,622          |
| 27                 | O sentimento de que têm uma família por serem pais.                              | <b>,745</b> | ,161     | ,581          |
| 55                 | As coisas boas que eles têm e transmitem aos seus filhos.                        | <b>,743</b> | ,116     | ,566          |
| 17                 | O companheirismo que sentem pelo facto de serem pais.                            | <b>,743</b> | ,193     | ,590          |
| 1                  | A alegria/prazer que sentem por serem pais.                                      | <b>,737</b> | ,025     | ,543          |
| 62                 | A felicidade que sentem sendo pais.  | <b>,731</b> | ,064     | ,538          |
| 31                 | O prazer que sentem ao partilharem a vida com os pais.                           | <b>,722</b> | ,155     | ,546          |
| 61                 | A vivacidade/alegria que sentem com um filho em casa.                            | <b>,716</b> | ,188     | ,549          |
| 4                  | A realização que sentem pelo facto de serem pais.                                | <b>,716</b> | ,098     | ,522          |
| 48                 | O incentivo que a experiência de serem pais lhes dá.                             | <b>,705</b> | ,283     | ,577          |
| 10                 | O amor que recebem como pais.  | <b>,695</b> | ,074     | ,489          |
| 13                 | O afecto que recebem dos filhos.   | <b>,695</b> | ,126     | ,499          |
| 47                 | O prazer que sentem ao transmitirem os seus valores aos filhos.                  | <b>,684</b> | ,226     | ,518          |
| 42                 | Como o ser pai/mãe foi uma experiência de crescimento para eles.                 | <b>,683</b> | ,255     | ,532          |
| 34                 | Como o ser pais os faz sentir adultos.   | <b>,664</b> | ,245     | ,500          |
| 58                 | As reacções positivas que recebem dos filhos.                                    | <b>,655</b> | ,085     | ,436          |
| 20                 | O sentimento de competência que têm pelo facto de serem pais.                    | <b>,643</b> | ,271     | ,487          |
| 33                 | A satisfação que retiram do contacto físico com os seus filhos.                  | <b>,640</b> | ,118     | ,423          |
| 2                  | A satisfação que sentem em ver-me crescer e desenvolver.                         | <b>,639</b> | ,156     | ,433          |
| 49                 | A responsabilidade que têm pelo facto de serem pais.                             | <b>,630</b> | ,300     | ,487          |
| 21                 | O prazer que retiram ao sentirem que influenciam/ajudam os filhos.               | <b>,617</b> | ,218     | ,429          |
| 16                 | O orgulho que têm naquilo que os filhos fazem.                                   | <b>,595</b> | ,225     | ,405          |
| 38                 | A estabilidade que sentem na sua vida.   | <b>,561</b> | ,224     | ,400          |
| 36                 | O prazer que têm ao fazerem coisas pelo filhos.                                  | <b>,584</b> | ,270     | ,414          |
| 8                  | O prazer que sentem por saberem que eu preciso deles.                            | <b>,573</b> | ,210     | ,373          |
| 37                 | Como ser pai/mãe melhorou o seu casamento.                                       | <b>,565</b> | ,332     | ,430          |
| 19                 | A esperança no futuro que retiram pelo facto de serem pais.                      | <b>,559</b> | ,358     | ,440          |
| 56                 | A segurança que sentem na sua velhice pelo facto de serem pais.                  | <b>,523</b> | ,240     | ,331          |
| 44                 | O prazer que sentem pelo facto de terem dado netos aos seus pais.                | <b>,512</b> | ,095     | ,272          |



|   |  |        |        |        |
|---|--|--------|--------|--------|
| 50  | A forma como o facto de serem pai/mãe os faça sentir mais novos.                   | ,508   | ,328   | ,366   |
| 3   | O trabalho que eles têm pelo facto de serem pais.                                  | ,504   | ,178   | ,286   |
| <b>Custos</b>                                   |  |        |        |        |
| 59  | Como a permanência do papel parental os faz sentir presos.                         | ,145   | ,794   | ,652   |
| 25  | A restrição nas suas actividades fora de casa por serem pais.                      | ,049   | ,778   | ,607   |
| 60  | A perda de individualidade que sentem pelo facto de serem pais.                    | ,113   | ,771   | ,607   |
| 40  | A quantidade de coisas que não podem fazer.  | ,136   | ,759   | ,595   |
| 45  | A forma como o ser pai/mãe os limita.  | ,145   | ,759   | ,598   |
| 46  | A fadiga que sentem pelo facto de serem pais.                                      | ,212   | ,754   | ,614   |
| 54  | A dificuldade que sentem ao serem pais.  | ,250   | ,741   | ,611   |
| 30  | Os conflitos com outros familiares pelo facto de serem pais.                       | ,052   | ,738   | ,548   |
| 39  | A falta de privacidade que sentem pelo facto de serem pais.                        | ,194   | ,730   | ,571   |
| 24  | Como o serem pais cria conflitos com os pais deles.                                | ,012   | ,695   | ,483   |
| 52  | A tensão que o ter filhos acrescenta à organização familiar.                       | ,311   | ,691   | ,574   |
| 29  | Como a sua liberdade fica limitada pelo facto de serem pais.                       | ,211   | ,681   | ,509   |
| 22  | Como o serem pais interfere no seu trabalho ou carreira.                           | ,211   | ,670   | ,493   |
| 15  | A falta de flexibilidade na sua vida por serem pais.                               | ,171   | ,669   | ,476   |
| 12  | Como o facto de serem pais interfere com os seus objectivos pessoais.              | ,208   | ,662   | ,481   |
| 14  | Os conflitos que têm entre eles pelo facto de serem pais.                          | ,243   | ,654   | ,487   |
| 11  | Como a saúde deles é afectada negativamente pelo facto de serem pais.              | ,104   | ,650   | ,433   |
| 41  | As coisas que não gostam neles e sentem terem passado aos seus filhos              | ,089   | ,633   | ,409   |
| 9   | O peso/fardo que sentem pelo facto de serem pais.                                  | ,277   | ,611   | ,450   |
| 32  | Como o serem pais interfere na sua vida social.                                    | ,344   | ,609   | ,489   |
| 43  | O sentimento que têm de que a vida não é sua propriedade pelo facto de serem pais. | ,297   | ,568   | ,411   |
| 28  | Como o ser pai/mãe interfere na sua relação conjugal.                              | ,268   | ,560   | ,385   |
| 57  | Os custos emocionais que requer ser pai/mãe.                                       | ,393   | ,550   | ,456   |
| 35  | As reacções negativas dos filhos.  | ,052   | ,497   | ,250   |
| 7   | Os gastos financeiros que eles têm pelo facto de serem pais.                       | ,310   | ,400   | ,256   |
| 6   | Como a vida deles no dia-a-dia é complicada pelo facto de serem pais.              | ,266   | ,388   | ,221   |
| 5   | A tensão que sentem pelo facto de serem pais.                                      | ,274   | ,319   | ,177   |
| <b>Valor próprio</b>                            |  | 21,786 | 6,965  |        |
| <b>Percentagem de variância total explicada</b> |  | 36,311 | 11,608 |        |
| <b>Variância total explicada</b>                |  |        |        | 47,919 |

### **3.3. Validade de construto do PCLI – versão adulto**

Mais uma vez, começamos examinar a matriz de correlações, de modo a investigar a pertinência de esta ser sujeita a procedimentos de análise factorial. O teste de Kaiser-Meyer-Olkin apresenta um valor de 0,955, pelo que a matriz de dados se ajusta muito bem a procedimentos de análise factorial. Quanto ao teste de esfericidade de Bartlett, o valor é de 18959,096 com um nível de significância são de 0,000. Mais uma vez estes resultados indicam que a matriz é susceptível de ser submetida e avaliada a partir de procedimentos de análise factorial, dado não se tratar da matriz de identidade mas sim de uma matriz cujos itens apresentam intercorrelações.

O *ratio* número de sujeitos/número de variáveis é de 7,41 (460/62), pelo que se adequa às condições de obtenção de factores estáveis.

Para efeitos da análise exploratória, foi efectuada a análise factorial após rotação ortogonal (*varimax*).

#### **3.3.1. Estrutura factorial do PCLI – adulto**

A estrutura factorial final do PCLI – adulto, após rotação *varimax*, é composta por 61 itens, distribuídos pelas 2 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 46% da variância total. A estrutura factorial da versão Mãe é apresentada no Quadro 24.

O factor 1 ( $n = 35$ ), com um valor próprio de 20,608, inclui itens com saturações entre 0,457 e 0,779 e explica 34,644% da variância total. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a percepção das recompensas da parentalidade.

O factor 2 ( $n = 26$ ), com um valor próprio de 6,948 é composto por itens que contribuem para explicar 11,631% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,416 e 0,801 e refere-se à percepção de custos da parentalidade.

**Quadro 24** *Estrutura factorial do PCLI - versão Pais*

|                    | <i>Dimensões/ Itens<br/>Factores</i>                                       | Factor 1    | Factor 2 | Comunalidades |
|--------------------|--|-------------|----------|---------------|
| <b>Recompensas</b> |  |             |          |               |
| 53                 | O prazer que sinto ao ajudar o meu filho a crescer e a desenvolver-se.     | <b>,779</b> | ,157     | ,632          |
| 26                 | O sentimento de realização que tenho ao ser pai.                           | <b>,767</b> | ,126     | ,605          |
| 23                 | Como o serem pai dá significado à minha vida.                              | <b>,752</b> | ,111     | ,578          |
| 31                 | O prazer que sinto ao partilhar a vida com o meu filho.                    | <b>,741</b> | ,135     | ,568          |
| 61                 | A vivacidade/alegria que sinto com um filho em casa.                       | <b>,728</b> | ,081     | ,536          |
| 4                  | A realização que sinto pelo facto de ser pai.                              | <b>,718</b> | ,044     | ,518          |
| 27                 | O sentimento de que tenho uma família por ser pai.                         | <b>,718</b> | ,177     | ,547          |
| 62                 | A felicidade que sinto sendo pai.  | <b>,713</b> | -,000    | ,508          |
| 48                 | O incentivo que a experiência de ser pai me dá.                            | <b>,711</b> | ,230     | ,558          |
| 16                 | O orgulho que tenho naquilo que o meu filho faz.                           | <b>,682</b> | ,119     | ,479          |
| 55                 | As coisas boas que tenho e transmito ao meu filho.                         | <b>,675</b> | ,188     | ,491          |
| 1                  | A alegria/prazer que sinto por ser pai.                                    | <b>,671</b> | ,052     | ,453          |
| 58                 | As reacções positivas que recebo do meu filho.                             | <b>,666</b> | ,111     | ,456          |
| 47                 | O prazer que sinto ao transmitir os meus valores ao meu filho.             | <b>,659</b> | ,205     | ,476          |
| 2                  | A satisfação que sinto em ver o meu filho crescer e desenvolver.           | <b>,658</b> | ,036     | ,435          |
| 17                 | O companheirismo que sinto pelo facto de ser pai.                          | <b>,653</b> | ,157     | ,451          |
| 36                 | O prazer que tenho ao fazer coisas pelo meu filho.                         | <b>,647</b> | ,214     | ,464          |
| 49                 | A responsabilidade que tenho pelo facto de ser pai.                        | <b>,635</b> | ,316     | ,503          |
| 10                 | O amor que recebo como pai.  | <b>,628</b> | ,037     | ,395          |
| 13                 | O afecto que recebo do meu filho.  | <b>,619</b> | ,075     | ,389          |
| 21                 | O prazer que retiro ao sentir que influencio/ajudo o meu filho.            | <b>,608</b> | ,226     | ,421          |
| 42                 | Como o ser pai foi uma experiência de crescimento para mim.                | <b>,597</b> | ,262     | ,425          |
| 33                 | A satisfação que retiro do contacto físico com o meu filho.                | <b>,591</b> | ,237     | ,406          |
| 38                 | A estabilidade que sinto na minha vida.                                    | <b>,577</b> | ,234     | ,387          |
| 20                 | O sentimento de competência que tenho pelo facto de ser pai.               | <b>,555</b> | ,308     | ,403          |
| 50                 | A forma como o facto de ser pai me faz sentir mais novo.                   | <b>,549</b> | ,287     | ,383          |
| 3                  | O trabalho que tenho pelo facto de ser pai.                                | <b>,542</b> | ,197     | ,333          |
| 18                 | A preocupação que sinto pelo facto de ser pai.                             | <b>,531</b> | ,329     | ,390          |
| 51                 | A forma como o ser pai requer a organização da casa e das rotinas diárias. | <b>,516</b> | ,387     | ,416          |
| 8                  | O prazer que sinto por saber que o meu filho precisa de mim                | <b>,504</b> | ,186     | ,289          |

|   |   |             |             |        |
|---|---|-------------|-------------|--------|
| 19  | A esperança no futuro que retiro pelo facto de ser pai.                             | <b>,504</b> | ,397        | ,412   |
| 34  | Como o ser pai me faz sentir adulto.  | <b>,497</b> | ,264        | ,317   |
| 44  | O prazer que sinto pelo facto de ter dado netos aos meus pais.                      | <b>,476</b> | ,163        | ,253   |
| 56  | A segurança que sinto na minha velhice pelo facto de ser pai.                       | <b>,458</b> | ,287        | ,292   |
| 37  | Como ser pai melhorou o meu casamento.  | <b>,457</b> | ,364        | ,341   |
| <b>Custos</b>                                   |   |             |             |        |
| 39  | A falta de privacidade que sinto pelo facto de ser pai.                             | ,100        | <b>,801</b> | ,651   |
| 60  | A perda de individualidade que sinto pelo facto de ser pai.                         | ,131        | <b>,789</b> | ,639   |
| 45  | A forma como o ser pai me limita.   | ,146        | <b>,789</b> | ,643   |
| 40  | A quantidade de coisas que não posso fazer.   | ,102        | <b>,780</b> | ,619   |
| 29  | Como a minha liberdade fica limitada pelo facto de ser pai.                         | ,191        | <b>,760</b> | ,614   |
| 46  | A fadiga que sinto pelo facto de ser pai.   | ,183        | <b>,739</b> | ,580   |
| 25  | A restrição nas minhas actividades fora de casa por ser pai.                        | ,106        | <b>,730</b> | ,545   |
| 59  | Como a permanência do papel parental me faz sentir preso.                           | ,204        | <b>,723</b> | ,564   |
| 30  | Os conflitos com outros familiares pelo facto de ser pai.                           | ,065        | <b>,722</b> | ,526   |
| 15  | A falta de flexibilidade na minha vida por ser pai.                                 | ,245        | <b>,707</b> | ,560   |
| 54  | A dificuldade que sinto ao ser pai.   | ,188        | <b>,696</b> | ,519   |
| 12  | Como o facto de ser pai interfere com os meus objectivos pessoais.                  | ,192        | <b>,690</b> | ,513   |
| 24  | Como o ser pai cria conflitos com os meus pais.                                     | -,014       | <b>,685</b> | ,470   |
| 32  | Como o ser pais interfere na minha vida social.                                     | ,215        | <b>,682</b> | ,512   |
| 52  | A tensão que o ter filhos acrescenta à organização familiar.                        | ,209        | <b>,664</b> | ,485   |
| 22  | Como o ser pai interfere no meu trabalho ou carreira.                               | ,231        | <b>,659</b> | ,487   |
| 11  | Como a minha saúde é afectada negativamente pelo facto de ser pai.                  | ,135        | <b>,656</b> | ,449   |
| 14  | Os conflitos que eu e a minha mulher temos pelo facto de sermos pais.               | ,197        | <b>,634</b> | ,440   |
| 41  | As coisas que não gostam em mim e sinto ter passado aos meus filhos.                | ,065        | <b>,615</b> | ,389   |
| 28  | Como o ser pai interfere na minha relação conjugal.                                 | ,258        | <b>,574</b> | ,396   |
| 35  | As reacções negativas do meu filho.   | ,092        | <b>,563</b> | ,325   |
| 6   | Como a minha vida no dia-a-dia é complicada por ser pai.                            | ,288        | <b>,545</b> | ,380   |
| 57  | Os custos emocionais que requer ser pai.  | ,356        | <b>,541</b> | ,419   |
| 9   | O peso/fardo que sinto por ser pai..  | ,198        | <b>,532</b> | ,322   |
| 43  | O sentimento que tenho de que a vida não é minha propriedade pelo facto de ser pai. | ,414        | <b>,522</b> | ,444   |
| 7   | Os gastos financeiros que tenho por ser pai.  | ,243        | <b>,416</b> | ,232   |
| <i>Valor próprio</i>                            |   | 20,603      | 6,948       |        |
| <i>Percentagem de variância total explicada</i> |   | 34,644      | 11,631      |        |
| <i>Variância total explicada</i>                |   |             |             | 46,275 |

3.4. Fidelidade do PCLI

No sentido de averiguarmos a fidelidade do PCLI foi utilizado o método de consistência interna recorrendo ao cálculo do valor da estatística *alpha* de Cronbach. A análise dos valores obtidos, que são apresentados no Quadro 25, permite-nos assegurar que as dimensões da escala, em todas as versões, possuem boa consistência interna.

Quadro 25.

*Consistência interna do PCLI – adolescentes para a versão Mãe e para a versão Pai e do PCLI – adultos*

| Dimensões     | Adol – Versão Mãe        | Adol – Versão Pai        | Adultos                  |
|---------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
|               | <i>Alpha</i> de Cronbach | <i>Alpha</i> de Cronbach | <i>Alpha</i> de Cronbach |
| Amor          | ,9589                    | ,9620                    | ,9590                    |
| Funcionamento | ,9519                    | ,9515                    | ,9549                    |

4. O Questionário de Vinculação ao pai e à mãe (QVPM, Matos, P.M., Milheiro Almeida, H. & Costa, M.E., 1998)

– Estudos de validação

O QVPM é um questionário de auto-relato de avaliação da vinculação parental concebido para a população portuguesa. Dada a diferença temporal entre o estudo piloto e o estudo empírico, no presente estudo utilizou-se a versão mais recente do instrumento. De facto, a autora reuniu dados de diversas amostras o que a conduziu à sua actualização. Nesta versão é constituído por três subescalas – Inibição da Exploração e da Individualidade, Qualidade do Laço Emocional e Ansiedade de Separação.

4.1. Validação do QVPM

*Instruções.* No que se refere às instruções, e no caso dos filhos, é pedido

ao sujeito para "ler atentamente cada uma das frases e assinalar, rodeando o número correspondente com um círculo, a resposta que melhor exprime o modo como se sente com cada um dos seus pais", respondendo em colunas separadas para o pai e para a mãe.

*Formato de resposta.* A resposta é dada numa escala tipo *Likert* de seis pontos (discordo totalmente, Discordo, Discordo moderadamente, Concordo moderadamente, Concordo, Concordo totalmente).

#### **4.2. Validade de construto do QVPM**

Mais uma vez, começamos examinar a matriz de correlações, de modo a investigar a pertinência de esta ser sujeita a procedimentos de análise factorial. O teste de Kaiser-Meyer-Olkin apresenta um valor de 0,897 para os dados da mãe e um valor de 0,914 para os dados do pai, pelo que as matrizes de dados se ajustam muito bem a procedimentos de análise factorial. Quanto ao teste de esfericidade de Bartlett, o valor relativo aos dados da mãe é de 3213,632, enquanto que o valor dos dados do pai é de 3745,535. Os níveis de significância são de 0,000. Mais uma vez estes resultados indicam que a matriz é susceptível de ser submetida e avaliada a partir de procedimentos de análise factorial.

O *ratio* número de sujeitos/número de variáveis é de 7,42 (230/31), pelo que se adequa às condições de obtenção de factores estáveis.

Para efeitos da análise exploratória, foi efectuada a análise factorial após rotação ortogonal (*varimax*).

##### **4.2.1. Estrutura factorial do QVPM – versão Mãe**

A estrutura factorial final do QVPM –versão Mãe, após rotação *varimax*, é composta por 30 itens, distribuídos pelas 3 dimensões anteriormente

mencionadas, explicando 50,8% da variância total. A estrutura factorial da versão Mãe é apresentada no Quadro 26.

**Quadro 26.** *Estrutura factorial do QVPM na versão Mãe*

| Itens  | Dimensões  | Factores    | Factor 1    | Factor 2    | Factor 3 | Comunalidades |
|--|--|-------------|-------------|-------------|----------|---------------|
| <b>Qualidade do Laço emocional</b>                 |  |             |             |             |          |               |
| 14   | Em muitas coisas eu admiro os meus pais.   | <b>,787</b> | -,112       | ,143        | ,653     |               |
| 5  | Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos para mim.               | <b>,766</b> | ,019        | ,108        | ,600     |               |
| 17   | Apesar dos conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.                              | <b>,742</b> | -,071       | ,126        | ,571     |               |
| 11   | Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.                | <b>,722</b> | -,205       | ,186        | ,597     |               |
| 2  | Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo.             | <b>,662</b> | -,056       | -,082       | ,448     |               |
| 20   | Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles.                         | <b>,641</b> | -,185       | ,073        | ,451     |               |
| 23   | Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.                             | <b>,622</b> | -,187       | ,274        | ,497     |               |
| 31   | Eu e os meus pais temos uma relação de confiança.  | <b>,613</b> | -,347       | ,315        | ,595     |               |
| 8  | Os meus pais conhecem-me bem.  | <b>,605</b> | -,292       | ,349        | ,572     |               |
| 30   | Apesar de gostar muito de estar com os meus amigos, é bom regressar a casa.              | <b>,557</b> | -,220       | ,353        | ,483     |               |
| 27   | Os meus pais fazem-me sentir bem comigo próprio(a).                                      | <b>,555</b> | -,364       | ,420        | ,616     |               |
| 3  | É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu penso.               | <b>,517</b> | ,149        | ,379        | ,433     |               |
| <b>Inibição da Exploração e da Individualidade</b> |  |             |             |             |          |               |
| 13   | Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.   | ,157        | <b>,763</b> | -,079       | ,613     |               |
| 4  | Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.                                    | -,054       | <b>,724</b> | ,090        | ,536     |               |
| 16   | Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.                         | -,218       | <b>,705</b> | ,075        | ,550     |               |
| 1  | Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.              | ,053        | <b>,656</b> | -,012       | ,433     |               |
| 28   | Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim.                       | ,060        | <b>,654</b> | -,118       | ,446     |               |
| 22   | Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.  | -,295       | <b>,654</b> | -,066       | ,518     |               |
| 19   | Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.        | -,348       | <b>,651</b> | -,024       | ,545     |               |
| 25   | Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.                                     | -,241       | <b>,638</b> | ,069        | ,470     |               |
| 7  | Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.                   | -,248       | <b>,567</b> | ,163        | ,410     |               |
| 10   | Não vale muito a pena discutirmos porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer. | -,208       | <b>,561</b> | -,019       | ,359     |               |
| <b>Ansiedade de Separação e Dependência</b>        |  |             |             |             |          |               |
| 9  | Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.                   | ,012        | -,004       | <b>,716</b> | ,512     |               |
| 29   | Se tivesse de ir morar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido.                   | ,139        | -,020       | <b>,715</b> | ,531     |               |
| 24   | Tenho medo de ficar sozinho se um dia perder os meus pais.                               | ,184        | ,135        | <b>,714</b> | ,563     |               |
| 26   | Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.                          | -,042       | ,076        | <b>,693</b> | ,487     |               |

|  |   |        |        |             |        |
|--|---|--------|--------|-------------|--------|
| 15                                       | Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.                   | ,320   | -,104  | <b>,630</b> | ,511   |
| 18                                       | Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida. | ,104   | ,026   | <b>,629</b> | ,407   |
| 6  | Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.    | ,379   | ,003   | <b>,563</b> | ,460   |
| 21                                       | Faço tudo para agradar os meus pais.                          | ,288   | -,061  | <b>,539</b> | ,378   |
| Valor próprio                            |   | 8,688  | 4,292  | 2,265       |        |
| Percentagem de variância total explicada |   | 28,959 | 14,307 | 7,550       |        |
| Variância total explicada                |   |        |        |             | 50,816 |

O factor 1 (n = 12), com um valor próprio de 8,688, inclui itens com saturações entre 0,517 e 0,787 e explica 28,959% da variância total. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a Qualidade do laço emocional.

O factor 2 (n = 10), com um valor próprio de 4,292 é composto por itens que contribuem para explicar 14,307% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,561 e 0,763 e refere-se à Inibição da Exploração e da Individualidade.

O factor 3 (n = 8), com um valor próprio de 2,265 é composto por itens que contribuem para explicar 7,550% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,539 e 0,716 e refere-se à Ansiedade de Separação e Dependência.

4.2.2. Estrutura factorial do QVPM – versão Pai

A estrutura factorial final do QVPM –versão Pai, após rotação *varimax*, é composta por 30 itens, distribuídos pelas 3 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 54,8% da variância total. A estrutura factorial da versão Mãe é apresentada no Quadro 27.

O factor 1 (n = 12), com um valor próprio de 9,928, inclui itens com saturações entre 0,554 e 0,7817 e explica 33,094% da variância total. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a Qualidade do laço emocional.

O factor 2 (n = 10), com um valor próprio de 4,310 é composto por itens que contribuem para explicar 14,367% da variância total e cujas saturações se





|   |  |        |        |            |        |
|---|--|--------|--------|------------|--------|
| 29  | Se tivesse de ir morar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido. | ,172   | -,003  | <b>732</b> | ,566   |
| 9   | Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo. | ,061   | ,002   | <b>726</b> | ,531   |
| 26  | Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.        | -,067  | ,022   | <b>721</b> | ,525   |
| 24  | Tenho medo de ficar sozinho se um dia perder os meus pais.             | ,277   | ,104   | <b>680</b> | ,549   |
| 18  | Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.          | ,195   | ,100   | <b>584</b> | ,389   |
| 15  | Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.                            | ,426   | -,088  | <b>561</b> | ,504   |
| 6   | Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.             | ,412   | -,030  | <b>550</b> | ,473   |
| 21  | Faço tudo para agradar os meus pais.                                   | ,375   | -,054  | <b>516</b> | ,410   |
| <i>Valor próprio</i>                            |  | 9,928  | 4,310  | 2,209      |        |
| <i>Percentagem de variância total explicada</i> |  | 33,094 | 14,367 | 7,364      |        |
| <i>Variância total explicada</i>                |  |        |        |            | 54,899 |

### 4.3. Fidelidade do QVPM

No sentido de averiguarmos a fidelidade do QVPM foi utilizado o método de consistência interna recorrendo ao cálculo do valor da estatística *alpha* de Cronbach. A análise dos valores obtidos, que são apresentados no Quadro 28, permite-nos assegurar que as dimensões da escala, em todas as versões, possuem boa consistência interna.

#### Quadro 28.

##### *Consistência interna do QVPM*

| Dimensões                                   | Nº de itens | QVPM Mãe                 | QVPM Pai                 |
|---|-------------|--------------------------|--------------------------|
|   |             | <i>Alpha</i> de Cronbach | <i>Alpha</i> de Cronbach |
| Qualidade do Laço Emocional                 | 12          | ,905                     | ,931                     |
| Inibição da Exploração e da Individualidade | 10          | ,866                     | ,871                     |
| Ansiedade de Separação e Dependência        | 8           | ,834                     | ,837                     |

Concluimos deste modo os estudos de adaptação e validação dos instrumentos de auto-relato para a avaliação das variáveis do nosso estudo. Pretendemos com estes estudos assegurar a qualidade das medidas utilizadas, pois só dessa forma a análise de resultados poderá ter implicações na compreensão e prática psicológica.

## IV. Adaptação do “Erikson Psychosocial Stage Inventory”

Esta secção deste capítulo pretende apresentar o estudo de adaptação do instrumento “Erikson Psychosocial Stage Inventory” (EPSI; Rosenthal, Gurmey & Moore, 1981), quer para o adolescente e jovem adulto quer para o adulto. Dadas as especificidades dos pressupostos teóricos que subjazem à construção de um instrumento de avaliação do desenvolvimento psicossocial segundo a perspectiva de Erikson, optamos pela realização de análises factoriais confirmatórias, nas quais impomos o modelo teórico aos dados obtidos, verificando-se a adequabilidade dos valores de ajustamento. De facto, não é adequado obter uma estrutura factorial exploratória que replique os estádios de Erikson dado que o sujeito ao trabalhar um determinado estágio ou crise psicossocial, re-trabalha os estádios anteriores e influencia os que se seguem. Para a realização das análises factoriais confirmatórias, recorreremos ao Amos 4.0.

### 1. Descrição do EPSI

O EPSI é um inventário concebido para a avaliação dos seis primeiros estádios da teoria psicossocial de Erikson. Este questionário de autorelato é constituído por 72 itens, organizados em seis sub-escalas correspondentes aos primeiros estádios definidos por Erikson. Por sua vez, cada sub-escala é composta por 12 itens, seis dos quais correspondentes à resolução com sucesso da “crise” e os restantes seis ao insucesso na sua resolução.

*Instruções.* No que se refere às instruções, é dito ao sujeito que “vai encontrar a seguir afirmações sobre a maneira como se vê e sente num conjunto de situações diferentes”, devendo para cada uma escolher “a resposta que melhor corresponde à sua maneira de a ver e sentir”.

*Formato de resposta.* A resposta é dada numa escala tipo *Likert* de cinco pontos (quase nunca é verdade, poucas vezes é verdade, umas vezes é verdade, outras não, bastantes vezes é verdade, quase sempre é verdade).

## 2. Adaptação do EPSI para adolescentes e jovens adultos

### 2.1. Amostra e procedimento

*Amostra.* A amostra (Quadro 29) para este estudo foi de 741 adolescentes e jovens adultos, de idades compreendidas entre os 12 e os 26 anos ( $M = 20,36$ ;  $DP = 2,46$ ), sendo 510 sujeitos (68,8%) do sexo feminino e 231 (31,2%) do sexo masculino. Os sujeitos foram seleccionados aleatoriamente. A maioria dos sujeitos são estudantes (96,5%), majoritariamente, do ensino universitário, mas também do sistema de aprendizagem e escolas secundárias, encontrando-se uma minoria a trabalhar.

#### Quadro 29.

##### Caracterização da amostra (N=741)

|                     |       |       |                             |
|---------------------|-------|-------|-----------------------------|
| <b>Sexo</b>         |       |       |                             |
| Feminino            | 68,8% | n=510 |                             |
| Masculino           | 31,2% | n=231 |                             |
| <b>Idade</b>        |       |       |                             |
| 12                  | 0,5%  | n=4   |                             |
| 13                  | 0,9%  | n=7   |                             |
| 14                  | 0,5%  | n=4   |                             |
| 15                  | 1,8%  | n=13  |                             |
| 16                  | 1,9%  | n=14  |                             |
| 17                  | 3,2%  | n=24  |                             |
| 18                  | 10,0% | n=74  |                             |
| 19                  | 17,5% | n=130 |                             |
| 20                  | 15,1% | n=112 |                             |
| 21                  | 15,1% | n=112 |                             |
| 22                  | 15,7% | n=116 |                             |
| 23                  | 7,8%  | n=58  |                             |
| 24                  | 6,1%  | n=45  |                             |
| 25                  | 1,9%  | n=14  | M = 20,36                   |
| 26                  | 1,8%  | n=13  | DP = 2,46 Valores omissos=1 |
| <b>Ocupação</b>     |       |       |                             |
| Estudante           | 96,5% | n=715 |                             |
| Não estudante       | 3,5%  | n=23  |                             |
| Valores omissos = 3 |       |       |                             |

*Procedimento.* A administração do instrumento foi feita em turmas inteiras, durante um período lectivo, juntamente com uma ficha de caracterização.

## **2.2. Estrutura factorial do EPSI – versão adolescente**

Como já referimos, uma vez que estamos na presença de uma teoria desenvolvimental em que todas as tarefas estão presentes ao longo da vida e cuja resolução de cada crise é interdependente das outras (Mellor, 1989), a análise foi efectuada estágio a estágio. De salientar, que os conteúdos das diferentes crises desenvolvimentais (confiança vs. desconfiança, autonomia vs. Vergonha, indústria vs. Inferioridade, identidade vs. Confusão da identidade, intimidade vs. Isolamento) coexistem de alguma forma no decurso de todo o desenvolvimento do ser humano (Meacham *et al.*, 1982), o que reforça esta opção.

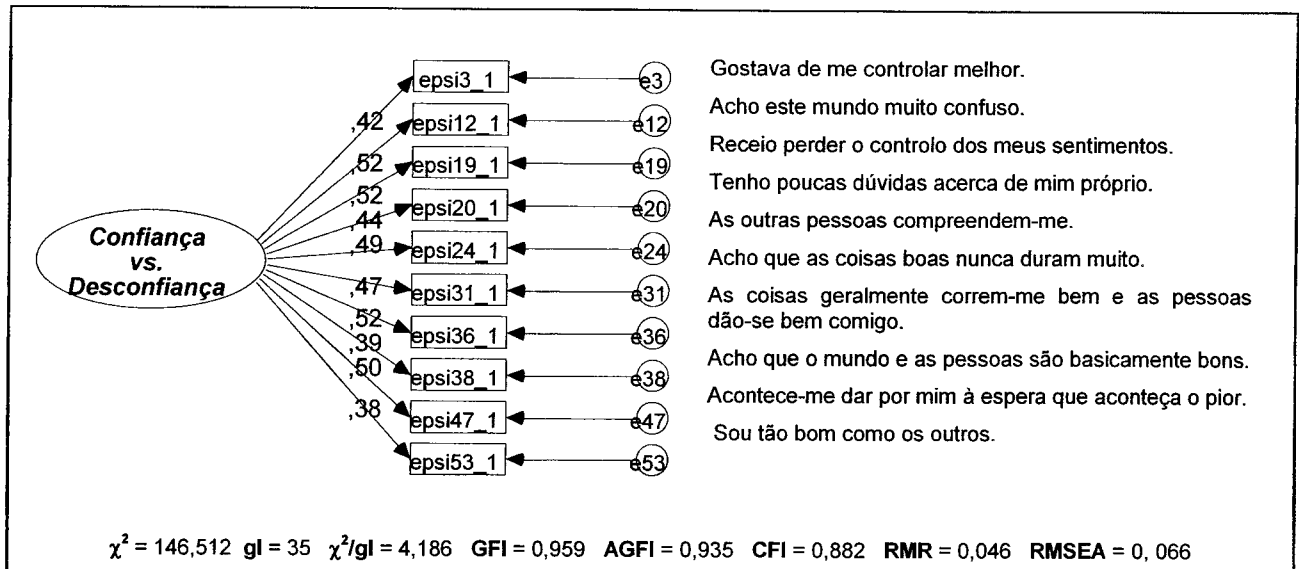
Na realização dos procedimentos de análise factorial confirmatória consideramos como valores de saturação no factor aceitáveis acima de 0,30.

### **Confiança vs. Desconfiança básica**

Aquando da sujeição dos 12 itens conceptualmente definidos para a avaliação da crise psicossocial confiança vs. desconfiança básica, verificou-se que nem todos os itens obedeciam aos critérios estabelecidos. Deste modo, foram eliminados do factor, com contributos para um melhor ajustamento do modelo, os itens 42 e o item 64 por apresentarem valores de saturação no factor inferiores a 0,30 (0,28 e 0,26, respectivamente). A Figura 2 apresenta os itens e o seu conteúdo da sub-escala resultante após a análise bem como os valores de ajustamento.

### **Figura 2.**

Análise confirmatória da escala confiança vs. desconfiança básica, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento.

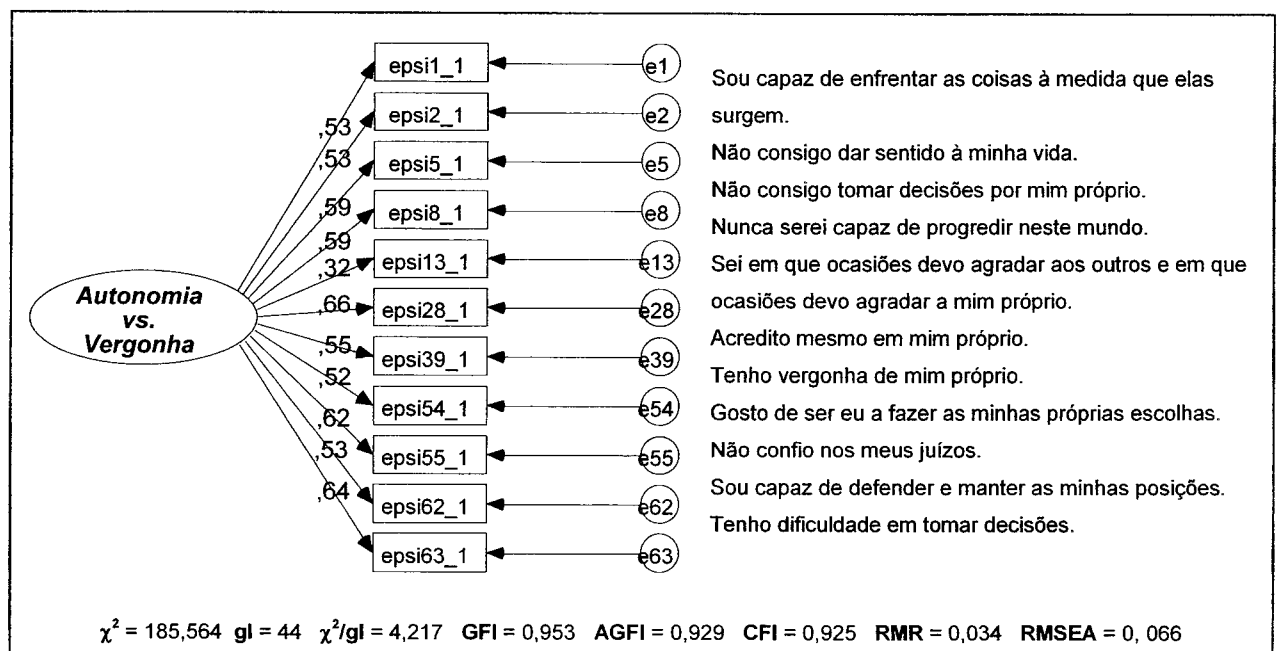


Da análise dos índices de ajustamento seleccionados, pode-se constatar um bom nível de ajustamento entre o agrupamento dos itens constituintes desta sub-escala e os dados do estudo.

### **Autonomia vs. Vergonha**

No que se refere aos itens representativos da resolução da crise autonomia vs. vergonha, apenas o item 65 apresenta saturação inferior a 0,30 (0,28), pelo que foi retirado da escala. A Figura 3 apresenta os elementos síntese da análise confirmatória efectuada.

**Figura 3.** Análise confirmatória da escala autonomia vs. vergonha e dúvida, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento.



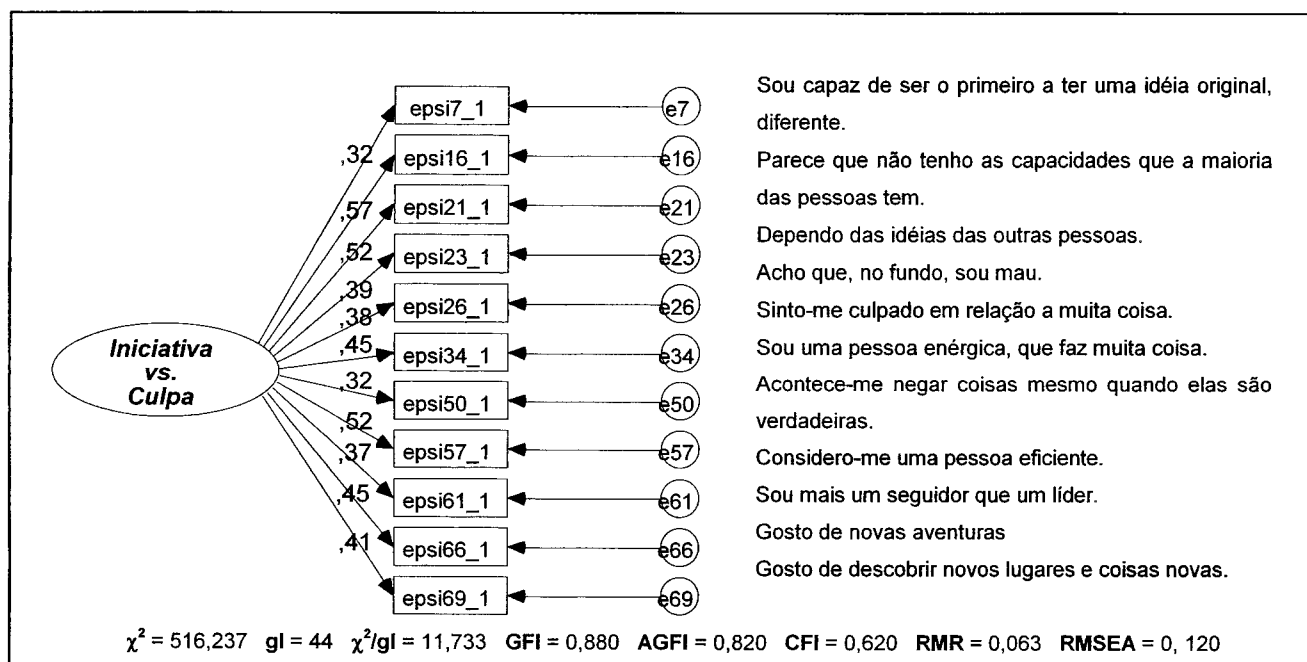
Obteve-se, como se pode observar pela observação da figura, níveis de ajustamento muito bons.

### ***Iniciativa vs. Culpa***

No que concerne a esta escala, e tal como acontecera na anterior, apenas um item não saturou no factor de acordo com o critério estipulado. Trata-se do item 46 que com um valor de saturação de 0,206 foi retirado, contribuindo para um melhor ajustamento do modelo aos dados. A Figura 4 é ilustrativa da análise confirmatória conduzida.

**Figura 4.**

Análise confirmatória da escala iniciativa vs. culpa, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento.



Nesta escala, e apesar de relativamente mais baixos, os valores dos índices de ajustamento considerados, são aceitáveis.

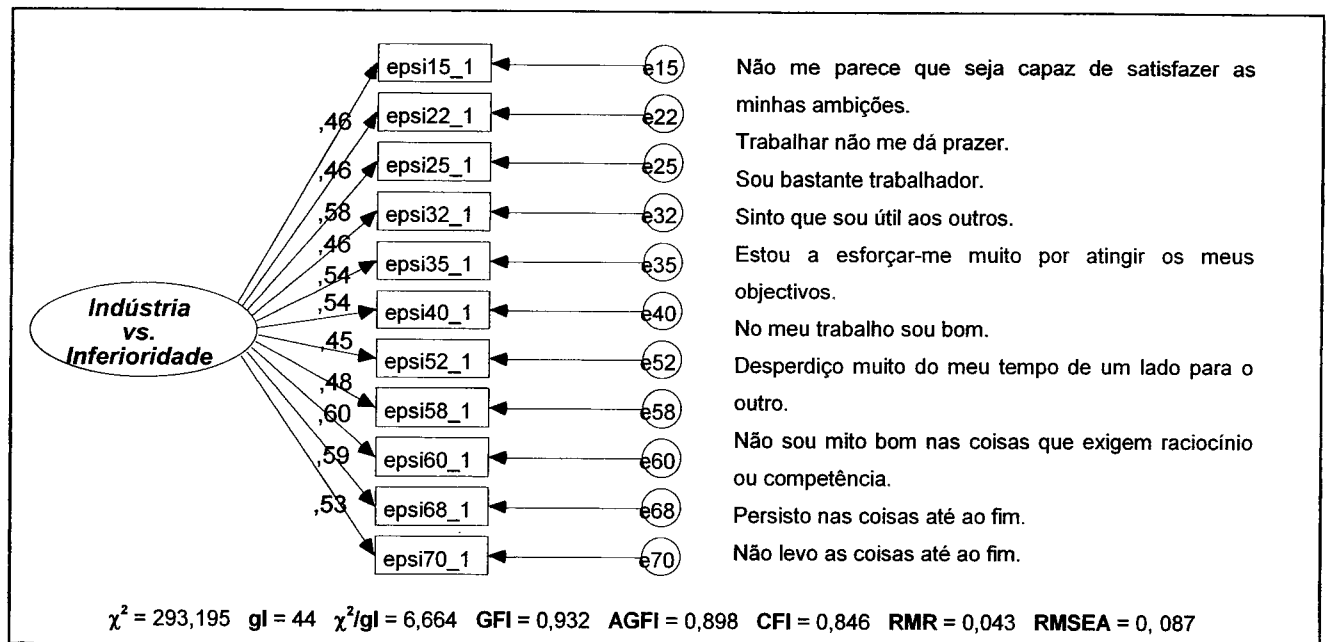
### ***Indústria vs. Inferioridade***

Mais uma vez, apenas um dos itens constituintes da escala foi retirado pela sua insuficiente saturação. Trata-se do item 45, que com um valor de

0,244 foi retirado da escala. Na Figura 5 encontram-se os dados relativos à análise confirmatória referente à presente escala.

**Figura 5.**

Análise confirmatória da escala indústria vs. inferioridade, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento.



De novo, os valores de ajustamento são considerados adequados, tal como se pode constatar pela leitura da figura.

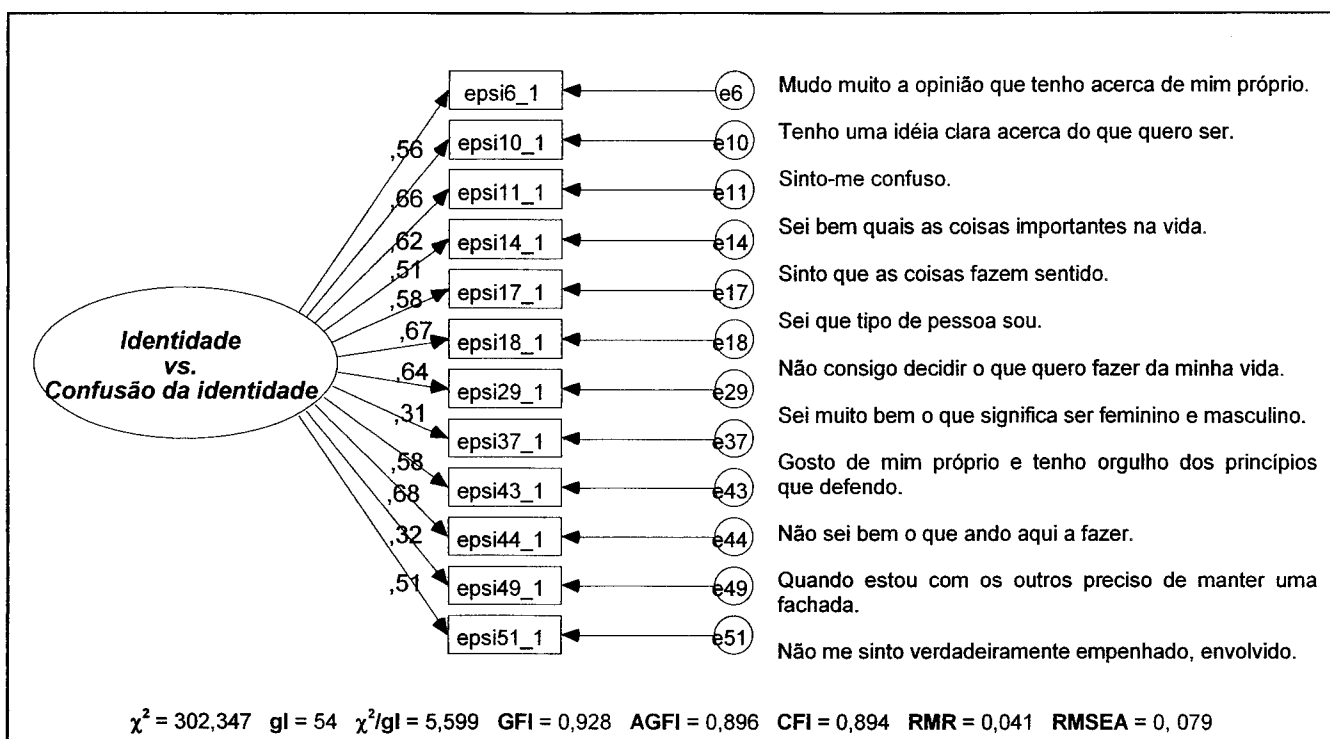
### **Identidade vs. Confusão da identidade**

Em relação à escala representativa da tarefa central para Erikson, podemos afirmar a saturação adequada de todos os seus itens constitutivos. Estes factos são facilmente observáveis na análise da Figura 6.

**Figura 6.**

Análise confirmatória da escala identidade vs. confusão de identidade, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento.

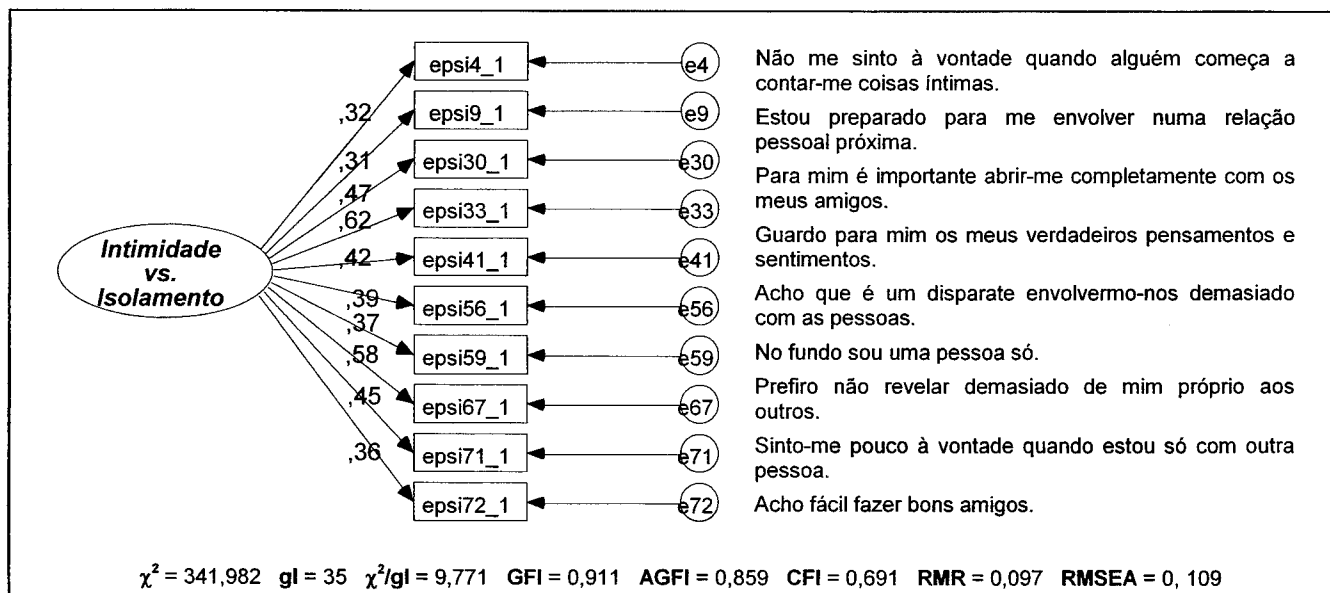




### Intimidade vs. Isolamento

Por último, a escala intimidade vs. isolamento, quando submetida à análise confirmatória implicou a eliminação dos itens 27 (0,281) e 48 (0,213). Posto isto, obtiveram-se bons valores de ajustamento, tal como se pode deparar na Figura 7.

**Figura 7.** Análise confirmatória da escala intimidade vs. isolamento, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento.



### 2.3. Fidelidade do EPSI – versão adolescente

No sentido de averiguarmos a fidelidade da EPSI – versão adolescente, foi utilizado o método de consistência interna recorrendo ao cálculo do valor da estatística *alpha* de Cronbach. A análise dos valores obtidos, que são apresentados no Quadro 30, permite-nos assegurar que as dimensões da escala possuem boa consistência interna.

#### Quadro 30.

##### Consistência interna do EPSI – adolescentes

| Dimensões                             | Nº de itens | Alpha de Cronbach |
|---------------------------------------|-------------|-------------------|
| Confiança vs. Desconfiança básica     | 10          | 0,7334            |
| Autonomia vs. vergonha                | 11          | 0,8282            |
| Iniciativa vs. culpa                  | 11          | 0,7106            |
| Indústria vs. inferioridade           | 11          | 0,8014            |
| Identidade vs. Confusão da identidade | 12          | 0,8409            |
| Intimidade vs. isolamento             | 10          | 0,6966            |

## 3. Adaptação do EPSI para adultos

### 3.1. Amostra e procedimento

*Amostra.* A amostra (Quadro 31) para este estudo foi de 460 adultos, marido e mulher de 230 casais, de idades compreendidas entre os 30 e os 76 anos ( $M = 47,77$ ;  $DP = 6,13$ ), sendo 230 sujeitos (50%) do sexo feminino e 230 (50%) do sexo masculino. Todos os casais tinham filhos, sendo o número médio de filhos por casal de 2 ( $M = 2,06$ ,  $DP = 0,857$ ). O tempo de casamento oscilava entre os valores 5 e 44 anos ( $M = 23,15$ ,  $DP = 4,902$ ).

**Quadro 31.***Caracterização da amostra ( N=460)*

|                           |       |           |                     |
|---------------------------|-------|-----------|---------------------|
| <b>Sexo</b>               |       |           |                     |
| Feminino                  | 50%   | n=230     |                     |
| Masculino                 | 50%   | n=230     |                     |
| <b>Idade</b>              |       |           |                     |
| Valor mínimo              | 30    | M = 47,77 |                     |
| Valor máximo              | 76    | DP =6,130 | Valores omissos = 9 |
| <b>Tempo de casamento</b> |       |           |                     |
| Valor mínimo              | 5     | M = 23,15 |                     |
| Valor máximo              | 44    | DP =4,902 | Valores omissos = 2 |
| <b>Número de filhos</b>   |       |           |                     |
| 1                         | 20,7% | n=95      |                     |
| 2                         | 60,0% | n=276     |                     |
| 3                         | 14,1% | n=65      |                     |
| 4                         | 3,7%  | n=17      |                     |
| 5                         | 0,2%  | n=1       |                     |
| 7                         | 0,9%  | n=4       |                     |
|                           |       |           | Valores omissos = 2 |

**3.2. Estrutura factorial do EPSI – versão adulto**

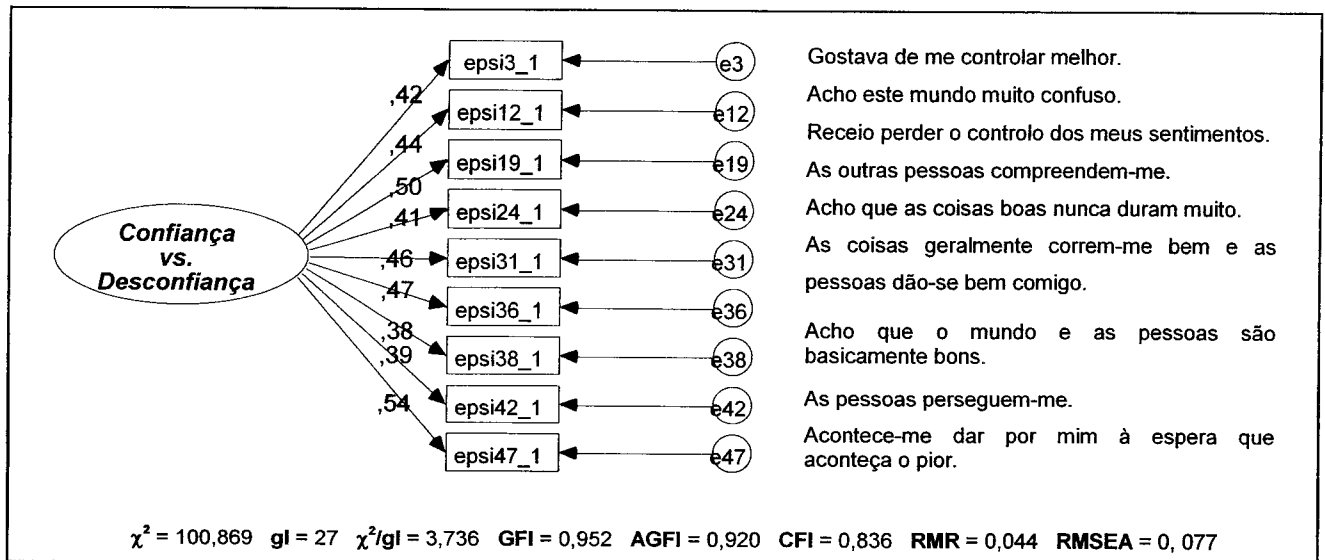
À semelhança da amostra de adolescentes e jovens adultos, foram conduzidas análises factoriais confirmatórias para as escalas do EPSI na população adulta.

**Confiança vs. desconfiança básica**

Na amostra adulta, foram três os itens desta escala que não apresentaram valores de saturação consideráveis. São eles o item 20 (0,172), o item 53 (0,278) e o item 64 (0,270). Após a sua remoção, a escala comportou-se com bons valores de ajustamento, como se pode observar na Figura 8.

**Figura 8.**

Análise confirmatória da escala confiança vs. desconfiança básica, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento.

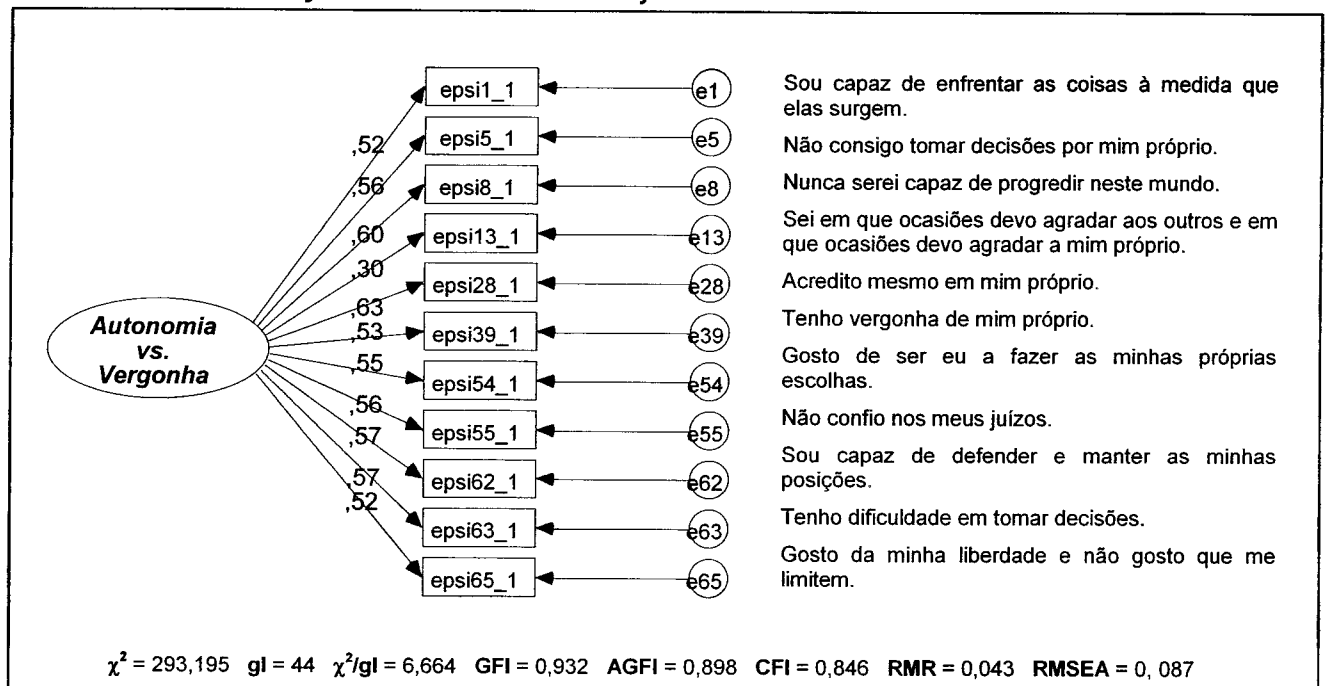


### **Autonomia vs. Vergonha e dúvida**

Após a sua sujeição ao procedimento de análise confirmatória, apenas o item 2 foi retirado dado o seu baixo valor de saturação( saturação de 0,206). Tal como se pode constatar da análise da Figura 9, os índices de ajustamento revelaram-se bons.

**Figura 9.**

Análise confirmatória da escala autonomia vs. vergonha e dúvida, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento.

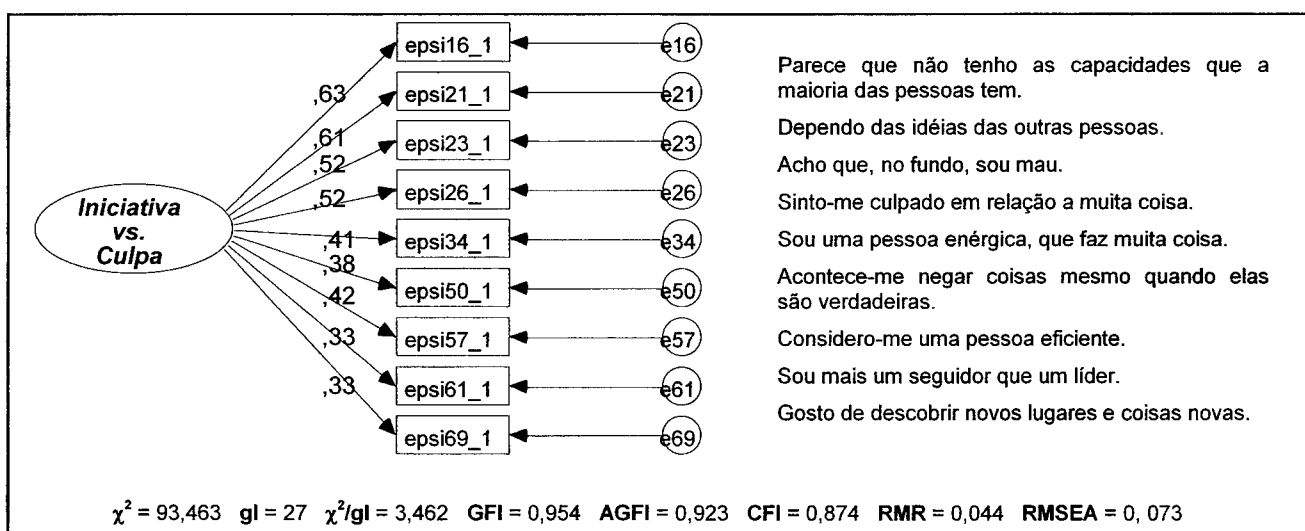


### Iniciativa vs. Culpa

Foram três os itens que caíram do factor devido à sua fraca saturação: o item 7 (0,284), o item 46 (0,166) e o item 66 (0,196). Os índices de ajustamento apontam para valores bons e adequados.

**Figura 10.**

Análise confirmatória da escala iniciativa vs. culpa, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento.

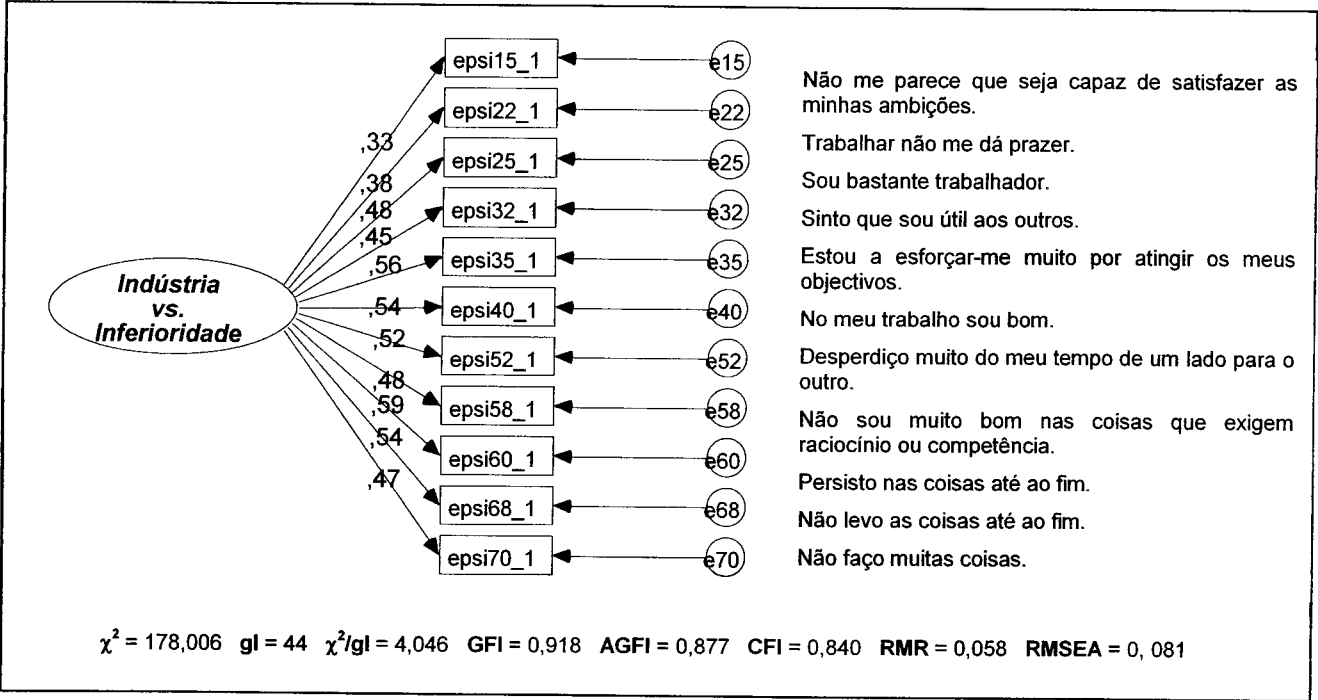


### Indústria vs. Inferioridade

Apenas o item 45, com uma saturação de 0,214 foi retirado desta escala, após o que se obtiveram valores adequados de ajustamento (Figura 11).

**Figura 11.**

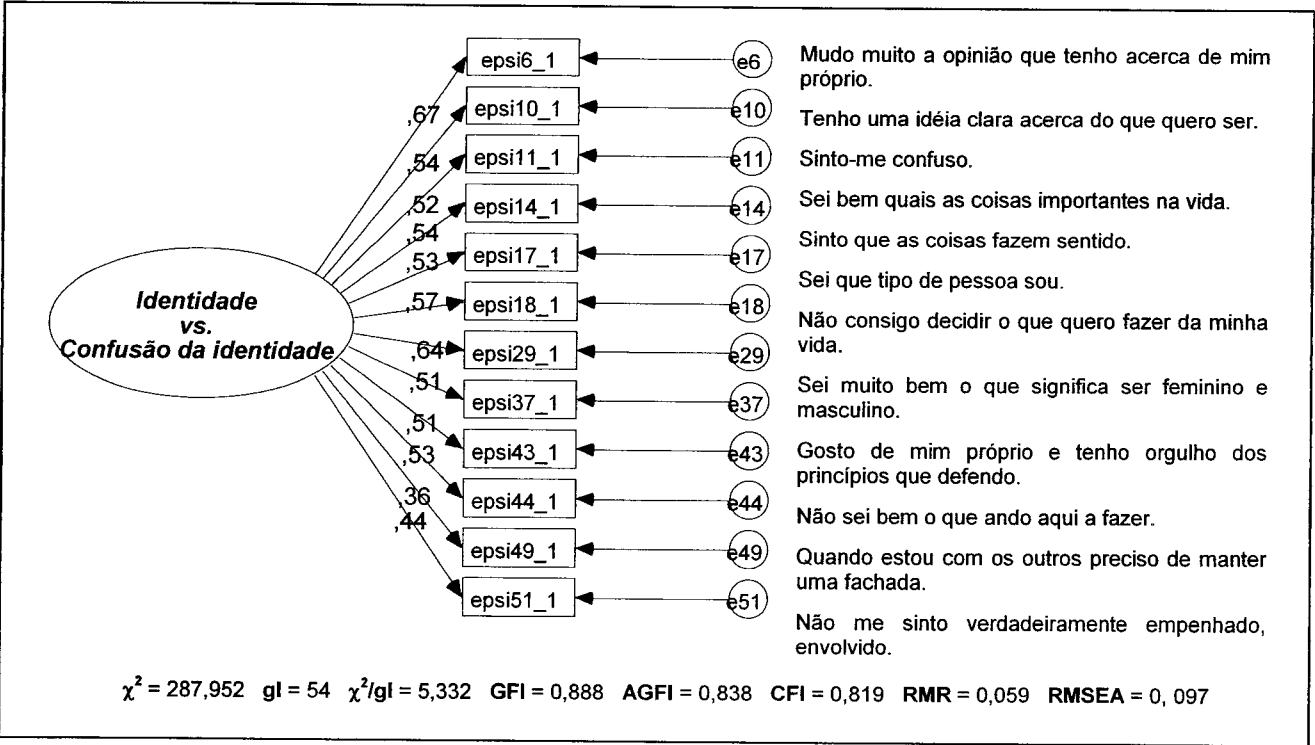
Análise confirmatória da escala indústria vs. inferioridade, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento.



**Identidade vs. Confusão da identidade**

Tal como aconteceu na amostra de adolescentes e jovens adultos, esta escala mantém todos os itens com valores adequados. Os índices de ajustamento obtidos são também considerados bons (Figura 12).

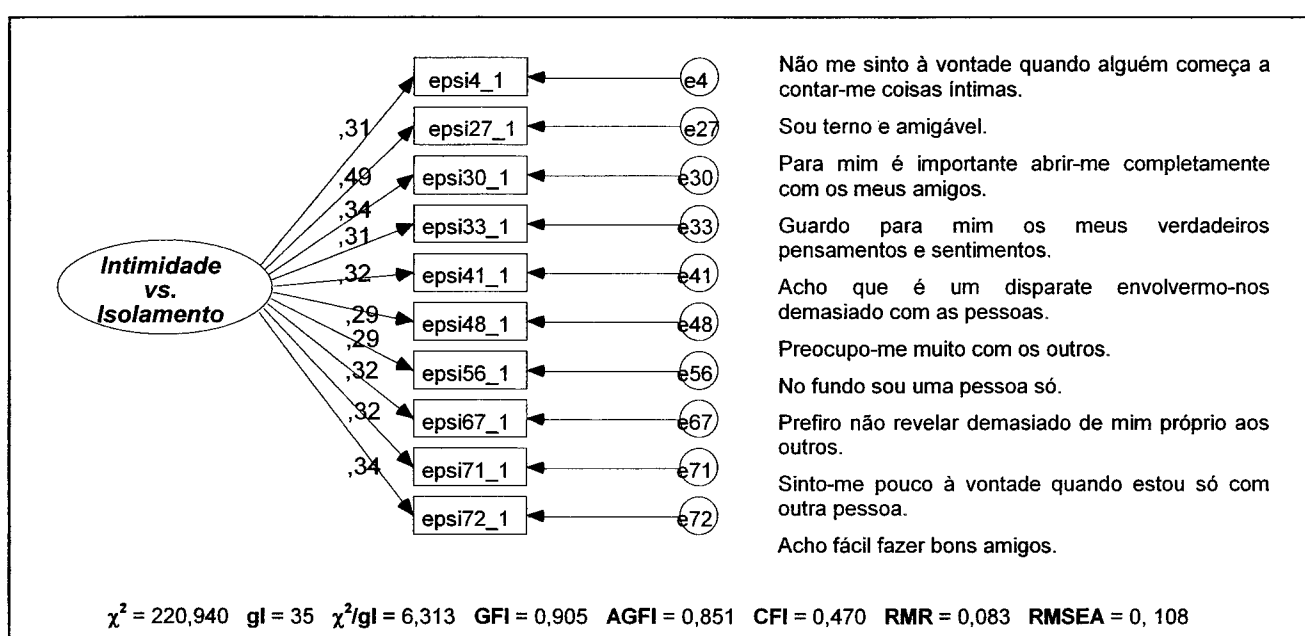
**Figura 12.** Análise confirmatória da escala Identidade VS. Confusão da Identidade, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento.



### **Intimidade vs. Isolamento**

Nesta escala foram dois os itens que tiveram de ser retirados: item 48 (0,277) e o item 59 (0,150), após o que se obteve a estrutura da Figura 13.

**Figura 13.** Análise confirmatória da escala Identidade VS. Isolamento da Identidade, com os valores das saturações e dos índices de ajustamento.



Esta é, pois a escala com valores de ajustamento mais frágeis e, portanto deve ser lida com atenção. Isto prende-se com o facto de na concepção do instrumento estarem amostras de adolescentes e não de adultos.

### **3.3. Fidelidade do EPSI – versão adulto**

No sentido de averiguarmos a fidelidade da EPSI – versão adulto foi utilizado o método de consistência interna recorrendo ao cálculo do valor da estatística *alpha* de Cronbach. A análise dos valores obtidos, que são apresentados no Quadro 32, permite-nos assegurar que as dimensões da escala possuem boa consistência interna, com excepção da escala intimidade vs. isolamento. Uma interpretação para o valor inaceitável nesta escala

prende-se com a formulação dos itens que têm em conta as características dos adolescentes e não dos adultos.

**Quadro 32.***Consistência interna do EPSI – adulto*

| Dimensões                             | Nº de itens | Alpha de Cronbach |
|---------------------------------------|-------------|-------------------|
| Confiança vs. Desconfiança básica     | 10          | 0,6686            |
| Autonomia vs. vergonha                | 11          | 0,8019            |
| Iniciativa vs. culpa                  | 11          | 0,7067            |
| Indústria vs. inferioridade           | 11          | 0,7725            |
| Identidade vs. Confusão da identidade | 12          | 0,8239            |
| Intimidade vs. isolamento             | 10          | 0,4939            |



## **Capítulo VI**

### **APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

## Capítulo VI

### Apresentação dos resultados

O presente capítulo dedica-se inteiramente à apresentação dos resultados do estudo empírico com vista à verificação das hipóteses adiantadas. Começamos por apresentar os resultados referentes aos efeitos que as variáveis demográficas género, idade e nível sociocultural nas dimensões da vinculação (qualidade do laço emocional, inibição da exploração e da individualidade e ansiedade de separação e dependência), do desenvolvimento psicossocial (confiança vs. desconfiança básica, autonomia vs. vergonha e dúvida, iniciativa vs. culpa, indústria vs. Inferioridade, identidade vs. confusão da identidade e intimidade vs. isolamento), da satisfação conjugal (amor e funcionamento) e da satisfação parental (recompensas e custos). Apresentam-se os resultados obtidos para os diferentes elementos da família (filho, mãe e pai) sempre que existem dados para tal. Em seguida, apresentam-se os resultados que procuram averiguar o tipo de relações existentes entre as variáveis, nomeadamente entre as dimensões referentes ao desenvolvimento (à luz das teorias da vinculação e do desenvolvimento psicossocial) e as dimensões das percepção de satisfação familiar. Por fim, descrevem-se os resultados respeitantes ao efeito da convergência/ divergência de percepções de satisfação familiar no desenvolvimento.

#### 1.1. Diferenças em função do género do adolescente

No sentido de se analisar a existência de diferenças significativas nas dimensões em estudo em função do género do filho adolescente ou jovem adulto, foram conduzidos testes *t* de *Student* para amostras independentes.

No quadro 33 apresentam-se as médias, desvios padrão, valor do *t* e respectiva significância para as dimensões da vinculação ao pai e à mãe – qualidade do laço emocional (QLE), inibição da exploração e da individualidade

(IEI) e ansiedade de separação e dependência (ASD) – respeitantes ao género dos filhos.

**Quadro 33.** *Resultados dos testes t para amostras independentes para as dimensões da vinculação segundo o género do adolescente*

| Dimensão | Masculino |               | Feminino |               | t     | Sig. |
|----------|-----------|---------------|----------|---------------|-------|------|
|          | Média     | Desvio-padrão | Média    | Desvio-padrão |       |      |
| QLE mãe  | 61,30     | 9,12          | 63,75    | 6,25          | -2,17 | ,032 |
| IEI mãe  | 29,32     | 8,45          | 29,58    | 8,91          | -,22  | ,825 |
| ASD mãe  | 27,27     | 6,84          | 32,19    | 7,23          | -5,03 | ,000 |
| QLE pai  | 60,53     | 9,46          | 61,55    | 8,49          | -,84  | ,399 |
| IEI pai  | 28,55     | 8,37          | 29,40    | 9,11          | -,70  | ,484 |
| ASD pai  | 27,03     | 6,83          | 31,08    | 7,35          | -4,11 | ,000 |

Os resultados do referido procedimento estatístico revelam existirem diferenças significativas entre os rapazes e as raparigas nas dimensões da vinculação à mãe qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência e na dimensão da vinculação ao pai ansiedade de separação e dependência. Deste modo, e como se pode constatar no quadro anterior, são as raparigas que apresentam médias significativamente mais elevadas nas dimensões qualidade do laço emocional à mãe, ansiedade de separação e dependência à mãe e ansiedade de separação e dependência ao pai.

Do mesmo modo, realizaram-se testes t para amostras independentes para averiguar as diferenças de género do filho nas dimensões do desenvolvimento psicossocial confiança vs. desconfiança básica, autonomia vs. vergonha e dúvida, iniciativa vs. culpa, indústria vs. Inferioridade, identidade vs. confusão da identidade e intimidade vs. isolamento. Os resultados encontram-se no quadro 34. Foi registada apenas uma diferença de médias significativa referente ao estágio de desenvolvimento psicossocial confiança vs. desconfiança básica, sendo que os rapazes apresentam valores superiores aos das raparigas.

**Quadro 34.** Resultados dos testes *t* para amostras independentes para as dimensões do desenvolvimento psicossocial segundo o gênero do adolescente

| Dimensão                           | Masculino |               | Feminino |               | t     | Sig.        |
|------------------------------------|-----------|---------------|----------|---------------|-------|-------------|
|                                    | Média     | Desvio-padrão | Média    | Desvio-padrão |       |             |
| Confiança vs. Desconfiança         | 27,08     | 4,51          | 25,56    | 4,53          | 2,42  | <b>,016</b> |
| Autonomia vs. Vergonha e Dúvida    | 40,79     | 5,49          | 39,44    | 5,29          | 1,84  | ,067        |
| Iniciativa vs. Culpa               | 35,12     | 4,65          | 34,56    | 3,92          | ,96   | ,337        |
| Indústria vs. Inferioridade        | 40,70     | 6,31          | 41,83    | 5,40          | -1,43 | ,154        |
| Identidade vs. Conf. da identidade | 47,42     | 6,60          | 46,70    | 6,55          | ,79   | ,425        |
| Intimidade vs. Isolamento          | 27,54     | 4,66          | 27,39    | 4,25          | ,25   | ,806        |

Depois de exploradas as diferenças de gênero nas dimensões do desenvolvimento dos filhos, passamos agora à sua averiguação relativamente às percepções de satisfação familiar.

Começando pelas percepções que os filhos têm acerca da satisfação conjugal que os seus pais experimentam, podemos observar no quadro 35 os valores das médias, desvios padrão, *t* e nível de significância.

**Quadro 35.** Resultados dos testes *t* para amostras independentes para as dimensões da satisfação conjugal segundo o gênero do adolescente

| Dimensão          | Masculino |               | Feminino |               | T    | Sig.        |
|-------------------|-----------|---------------|----------|---------------|------|-------------|
|                   | Média     | Desvio-padrão | Média    | Desvio-padrão |      |             |
| Amor mãe          | 56,38     | 11,53         | 55,08    | 10,37         | ,88  | ,379        |
| Funcionamento mãe | 56,04     | 10,36         | 53,44    | 9,04          | 1,98 | <b>,049</b> |
| Amor pai          | 57,41     | 10,39         | 56,09    | 9,41          | ,98  | ,328        |
| Funcionamento pai | 58,32     | 9,80          | 55,69    | 8,77          | 2,08 | <b>,038</b> |

Assim, obtiveram-se diferenças estatisticamente significativas para a dimensão funcionamento conjugal da mãe e do pai, sendo que os rapazes apresentam valores de percepção de satisfação superiores aos das raparigas.

Finalmente, no quadro 36 apresentam-se as diferenças existentes nas dimensões das percepções que o filho tem acerca da satisfação que o seu pai e a sua mãe retiram do desempenho do papel parental.

**Quadro 36.** Resultados dos testes *t* para amostras independentes para as dimensões da satisfação parental segundo o género do adolescente

| Dimensão        | Masculino |               | Feminino |               | T    | Sig.        |
|-----------------|-----------|---------------|----------|---------------|------|-------------|
|                 | Média     | Desvio-padrão | Média    | Desvio-padrão |      |             |
| Recompensas mãe | 129,76    | 17,73         | 129,25   | 14,55         | ,23  | ,815        |
| Custos mãe      | 81,62     | 16,79         | 77,83    | 14,48         | 1,80 | ,074        |
| Recompensas pai | 127,64    | 17,46         | 125,97   | 16,63         | ,72  | ,473        |
| Custos pai      | 81,03     | 16,06         | 76,74    | 14,66         | 2,06 | <b>,041</b> |

Encontrou-se uma diferença de médias significativa referente à dimensão custos do papel parental percebida pelo filho e referente ao pai. De facto, os sujeitos do género masculino percebem o pai como retirando mais satisfação com os custos da parentalidade do que os do género feminino.

## 1.2. Diferenças em função do género dos pais

De modo a averiguarmos se as percepções dos filhos em relação ao pai e à mãe diferem, foram conduzidos testes *t* de *Student* para amostras emparelhadas para as dimensões da vinculação, das percepções de satisfação conjugal e percepções de satisfação parental.

No quadro 37 podemos encontrar os valores das médias, desvios padrão, *t* e respectiva significância para as dimensões da vinculação em função do género dos pais.

**Quadro 37.** Resultados dos testes *t* para amostras emparelhadas para as dimensões da vinculação segundo o género dos pais

| Dimensão                                    | Mãe   |               | Pai   |               | t    | Sig.        |
|---|-------|---------------|-------|---------------|------|-------------|
|   | Média | Desvio-padrão | Média | Desvio-padrão |      |             |
| Qualidade do laço emocional                 | 62,86 | 7,49          | 61,18 | 8,85          | 4,66 | <b>,000</b> |
| Inibição da exploração e da individualidade | 29,48 | 8,73          | 29,09 | 8,84          | 1,35 | ,180        |
| Ansiedade de separação e dependência        | 30,41 | 7,49          | 29,62 | 7,42          | 3,65 | <b>,000</b> |

Obtiveram-se duas diferenças estatisticamente significativas. Uma na dimensão qualidade do laço emocional e outra na dimensão ansiedade de separação e dependência. Quer numa dimensão quer na outra os sujeitos apresentam valores mais elevados quando se referem à mãe do que quando se referem ao pai.

Ao nível das percepções que os filhos têm da satisfação conjugal dos pais, tanto a dimensão amor como a dimensão funcionamento originaram diferenças significativas em função da figura parental a que se referem. Deste modo, os sujeitos percebem o pai como retirando níveis superiores de satisfação conjugal (amor e funcionamento) comparativamente à mãe, tal como podemos constatar pela leitura do quadro 38.

**Quadro 38.** Resultados dos testes *t* para amostras emparelhadas para as dimensões da satisfação conjugal segundo o género dos pais

| Dimensão      | Mãe   |               | Pai   |               | t    | Sig. |
|---------------|-------|---------------|-------|---------------|------|------|
|               | Média | Desvio-padrão | Média | Desvio-padrão |      |      |
| Amor          | 55,55 | 10,79         | 56,57 | 9,77          | 4,27 | ,000 |
| Funcionamento | 54,38 | 9,59          | 56,64 | 9,21          | 6,68 | ,000 |

No que diz respeito ao género dos pais, também nas dimensões das percepções de satisfação parental se obtiveram diferenças significativas. Com base na análise do quadro 39, podemos dizer que contrariamente às dimensões da satisfação conjugal, nas dimensões da satisfação parental, os filhos percebem as mães como retirando mais satisfação, quer na dimensão recompensas quer na dimensão custos, do que os pais.

**Quadro 39.** Resultados dos testes *t* para amostras emparelhadas para as dimensões da satisfação parental segundo o género dos pais

| Dimensão    | Mãe    |               | Pai    |               | t     | Sig. |
|-------------|--------|---------------|--------|---------------|-------|------|
|             | Média  | Desvio-padrão | Média  | Desvio-padrão |       |      |
| Recompensas | 129,44 | 15,74         | 126,57 | 16,92         | -4,99 | ,000 |
| Custos      | 79,19  | 15,43         | 78,29  | 15,28         | -2,55 | ,012 |

1.3. Diferenças em função da idade

Para se verificar a existência de diferenças em função da idade dos filhos, procedemos a uma recodificação da variável agrupando os sujeitos em dois grupos etários: até aos 18 anos de idade inclusivamente e maiores de 18 anos. Depois, foram conduzidos testes t para amostras independentes de modo a acedermos às eventuais diferenças em função da idade.

Em primeiro lugar, vamos analisar as diferenças obtidas nas dimensões da vinculação. Os resultados referentes a estas análises estatísticas encontram-se no quadro 40.

**Quadro 40.** Resultados dos testes t para amostras independentes para as dimensões da vinculação segundo a idade do adolescente

| Dimensão | Até aos 18 anos |               | Mais de 18 anos |               | t     | Sig. |
|----------|-----------------|---------------|-----------------|---------------|-------|------|
|          | Média           | Desvio-padrão | Média           | Desvio-padrão |       |      |
| QLE mãe  | 63,08           | 7,57          | 62,72           | 7,47          | ,36   | ,716 |
| IEI mãe  | 30,65           | 8,95          | 28,42           | 8,38          | 1,,94 | ,054 |
| ASD mãe  | 32,23           | 6,92          | 28,98           | 7,65          | 3,34  | ,001 |
| QLE pai  | 61,39           | 8,34          | 61,02           | 9,31          | ,31   | 758  |
| QLE pai  | 30,00           | 8,78          | 28,27           | 8,84          | 1,47  | ,142 |
| ASD pai  | 31,28           | 6,72          | 28,30           | 7,72          | 3,07  | ,002 |

Foram encontradas diferenças significativas nas dimensões de ansiedade de separação e dependência à mãe e ansiedade de separação e dependência ao pai, sendo que os mais novos apresentam valores superiores aos mais velhos.

Ao nível das dimensões do desenvolvimento psicossocial, não se encontraram diferenças significativas em função da idade do adolescente ou jovem adulto. Estes resultados encontram-se no quadro que se segue (Quadro 41).

**Quadro 41.** Resultados dos testes *t* para amostras independentes para as dimensões do desenvolvimento psicossocial segundo a idade do adolescente

| Dimensão                           | Até aos 18 anos |               | Mais de 18 anos |               | t     | Sig. |
|------------------------------------|-----------------|---------------|-----------------|---------------|-------|------|
|                                    | Média           | Desvio-padrão | Média           | Desvio-padrão |       |      |
| Confiança vs. Desconfiança         | 25,87           | 5,03          | 26,31           | 4,19          | -,72  | ,473 |
| Autonomia vs. Vergonha e Dúvida    | 39,65           | 5,51          | 40,11           | 5,31          | -,63  | ,527 |
| Iniciativa vs. Culpa               | 34,43           | 4,24          | 35,02           | 4,17          | -1,05 | ,295 |
| Indústria vs. Inferioridade        | 41,15           | 6,41          | 41,66           | 5,19          | -,65  | ,515 |
| Identidade vs. Conf. da identidade | 46,57           | 6,86          | 47,21           | 6,31          | -,73  | ,468 |
| Intimidade vs. Isolamento          | 27,91           | 5,04          | 27,07           | 3,78          | 1,39  | ,164 |

Ao nível das dimensões da satisfação conjugal, são os sujeitos mais novos que percebem quer a mãe quer o pai como retirando mais satisfação do que os sujeitos mais velhos, tal como se poderá verificar no quadro 42.

**Quadro 42.** Resultados dos testes *t* para amostras independentes para as dimensões da satisfação conjugal segundo a idade do adolescente

| Dimensão          | Até aos 18 anos |               | Mais de 18 anos |               | t    | Sig.        |
|-------------------|-----------------|---------------|-----------------|---------------|------|-------------|
|                   | Média           | Desvio-padrão | Média           | Desvio-padrão |      |             |
| Amor mãe          | 57,57           | 9,98          | 53,87           | 11,22         | 2,61 | <b>,010</b> |
| Funcionamento mãe | 56,43           | 10,31         | 52,77           | 8,68          | 2,91 | <b>,004</b> |
| Amor pai          | 58,16           | 9,62          | 55,26           | 9,77          | 2,24 | <b>,026</b> |
| Funcionamento pai | 58,5            | 9,75          | 55,26           | 8,58          | 2,55 | <b>,011</b> |

As dimensões da satisfação parental não produziram diferenças em função da idade dos filhos. As médias, desvios padrão, valores do *t* e significância encontram-se no quadro 43.



**Quadro 43.** Resultados dos testes *t* para amostras independentes para as dimensões da satisfação parental segundo a idade do adolescente

| Dimensão        | Até aos 18 anos |               | Mais de 18 anos |               | t   | Sig. |
|-----------------|-----------------|---------------|-----------------|---------------|-----|------|
|                 | Média           | Desvio-padrão | Média           | Desvio-padrão |     |      |
| Recompensas mãe | 130,34          | 16,58         | 128,61          | 15,06         | ,82 | ,411 |
| Custos mãe      | 80,06           | 16,13         | 78,23           | 14,72         | ,87 | ,383 |
| Recompensas pai | 127,74          | 16,90         | 125,53          | 16,97         | ,98 | ,327 |
| Custos pai      | 79,16           | 15,24         | 77,36           | 15,21         | ,89 | ,374 |

1.4. Diferenças em função do nível sociocultural

Um dos objectivos a que nos propusemos neste estudo foi a análise do efeito do nível sociocultural nas dimensões da vinculação, do desenvolvimento psicossocial, da satisfação conjugal e da satisfação parental. Para este efeito, com base nos níveis de escolaridade e nas profissões do pai e da mãe as famílias foram categorizadas como pertencendo a um nível sociocultural baixo, médio-baixo, médio-alto ou alto. Posteriormente, foram conduzidas análises de variância (*one way ANOVA*) com o intuito de verificar as diferenças de médias nas dimensões em estudo decorrentes da pertença a determinado nível sociocultural.

Assim, no quadro 44 encontram-se as médias e desvios padrões para as dimensões da vinculação à mãe e ao pai em função do nível sociocultural.

**Quadro 44.** Médias e desvios padrão para as dimensões da vinculação em função do nível sociocultural

| Dimensão | Baixo |      | Médio-Baixo |      | Médio-Alto |       | Alto  |      |
|----------|-------|------|-------------|------|------------|-------|-------|------|
|          | Média | DP   | Média       | DP   | Média      | DP    | Média | DP   |
| QLE mãe  | 66,14 | 4,03 | 63,49       | 6,42 | 60,70      | 8,97  | 63,80 | 6,78 |
| IEI mãe  | 25,34 | 9,35 | 29,56       | 8,98 | 29,75      | 7,63  | 30,71 | 9,32 |
| ASD mãe  | 29,39 | 7,48 | 30,60       | 7,49 | 29,72      | 8,06  | 31,58 | 6,60 |
| QLE pai  | 63,17 | 9,26 | 61,93       | 8,31 | 58,90      | 10,10 | 62,66 | 6,69 |
| QLE pai  | 25,47 | 9,29 | 29,27       | 8,87 | 29,22      | 7,73  | 30,16 | 9,89 |
| ASD pai  | 27,82 | 8,32 | 29,88       | 7,16 | 28,70      | 7,88  | 31,31 | 6,40 |

Os resultados da análise de variância para as dimensões da vinculação em função do nível sociocultural, contendo os graus de liberdade, o valor F e respectiva significância e os resultados dos testes posteriores de Scheffe, encontram-se no quadro 45.

**Quadro 45.** *Resultados da ANOVA para as dimensões da vinculação segundo o nível sociocultural*

| Dimensão | gl | F     | Sig. | Scheffe            |
|----------|----|-------|------|--------------------|
| QLE mãe  | 3  | 4,341 | ,005 | Baixo > Médio-Alto |
| IEI mãe  | 3  | 2,152 | ,095 | -                  |
| ASD mãe  | 3  | ,844  | ,471 | -                  |
| QLE pai  | 3  | 2,910 | ,035 | -                  |
| QLE pai  | 3  | 1,582 | ,195 | -                  |
| ASD pai  | 3  | 1,882 | ,133 | -                  |

Da análise do quadro anterior, vemos a emergência de duas diferenças estatisticamente significativas – qualidade do laço emocional à mãe e qualidade do laço emocional ao pai – no entanto, apenas a primeira revela diferenças no teste de Scheffe. Assim, a qualidade do laço emocional à mãe é superior no grupo de nível sociocultural baixo comparativamente ao grupo médio-alto.

Ao nível das variáveis do desenvolvimento psicossocial, dado que possuímos informação acerca dos três elementos constituintes das tríades familiares, apresentaremos os resultados para cada um deles em termos individuais. Deste modo, começaremos pelo filho, seguindo-se a análise para as dimensões da mãe e por último as do pai.

No que diz respeito à análise de variância conduzida para as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho em função do nível sociocultural, os resultados obtidos podem observar-se nos quadros 46 e 47.

**Quadro 46.** Médias e desvios padrão para as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho em função do nível sociocultural

| Dimensão                        | Baixo |      | Médio-Baixo |      | Médio-Alto |      | Alto  |      |
|---------------------------------|-------|------|-------------|------|------------|------|-------|------|
|                                 | Média | DP   | Média       | DP   | Média      | DP   | Média | DP   |
| Confiança vs. Desconfiança      | 27,30 | 3,98 | 26,76       | 4,30 | 25,82      | 4,56 | 25,25 | 5,02 |
| Autonomia vs. Vergonha e Dúvida | 41,52 | 5,11 | 40,46       | 5,22 | 39,49      | 5,56 | 39,19 | 5,40 |
| Iniciativa vs. Culpa            | 36,00 | 4,44 | 35,17       | 3,63 | 34,49      | 4,41 | 34,11 | 4,39 |
| Indústria vs. Inferioridade     | 42,46 | 5,44 | 41,47       | 5,83 | 40,71      | 5,91 | 41,92 | 5,57 |
| Identidade vs. Conf. identidade | 48,60 | 5,56 | 47,30       | 6,54 | 46,79      | 6,65 | 46,07 | 6,85 |
| Intimidade vs. Isolamento       | 29,43 | 3,98 | 27,95       | 4,87 | 26,97      | 3,92 | 26,64 | 4,31 |

**Quadro 47.** Resultados da ANOVA para as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho segundo o nível sociocultural

| Dimensão                        | gl | f     | Sig. | Scheffe |
|---------------------------------|----|-------|------|---------|
| Confiança vs. Desconfiança      | 3  | 1,784 | ,151 | -       |
| Autonomia vs. Vergonha e Dúvida | 3  | 1,434 | ,234 | -       |
| Iniciativa vs. Culpa            | 3  | 1,463 | ,225 | -       |
| Indústria vs. Inferioridade     | 3  | ,791  | ,500 | -       |
| Identidade vs. Conf. identidade | 3  | ,899  | ,443 | -       |
| Intimidade vs. Isolamento       | 3  | 2,877 | ,037 | -       |

Foi encontrada uma diferença significativa para a dimensão intimidade vs. isolamento, no entanto o teste de Scheffe não revelou distinção entre os grupos.

Seguem-se os quadros (Quadros 48 e 49) que reúnem informação das análises da variância das dimensões do desenvolvimento psicossocial da mãe em função do nível sociocultural.

**Quadro 48.** *Médias e desvios padrão para as dimensões do desenvolvimento psicossocial da mãe em função do nível sociocultural*

| Dimensão                        |  | Baixo |      | Médio-Baixo |      | Médio-Alto |      | Alto  |      |
|---------------------------------|--|-------|------|-------------|------|------------|------|-------|------|
|                                 |  | Média | DP   | Média       | DP   | Média      | DP   | Média | DP   |
| Confiança vs. Desconfiança      |  | 26,21 | 4,33 | 26,56       | 4,09 | 26,07      | 4,60 | 25,51 | 4,09 |
| Autonomia vs. Vergonha e Dúvida |  | 39,07 | 4,91 | 40,13       | 5,19 | 37,76      | 6,30 | 37,98 | 4,96 |
| Iniciativa vs. Culpa            |  | 33,78 | 4,34 | 34,84       | 4,10 | 33,62      | 4,71 | 33,30 | 3,74 |
| Indústria vs. Inferioridade     |  | 42,68 | 4,98 | 43,65       | 5,31 | 41,22      | 5,75 | 41,62 | 4,69 |
| Identidade vs. Conf. identidade |  | 48,48 | 4,83 | 48,76       | 6,45 | 46,61      | 7,06 | 46,19 | 5,76 |
| Intimidade vs. Isolamento       |  | 25,96 | 3,93 | 26,26       | 3,59 | 26,21      | 4,30 | 25,62 | 3,29 |

**Quadro 49.** *Resultados da ANOVA para as dimensões do desenvolvimento psicossocial da mãe segundo o nível sociocultural*

| Dimensão                        | gl | f     | Sig.        | Scheffe |
|---------------------------------|----|-------|-------------|---------|
| Confiança vs. Desconfiança      | 3  | ,622  | ,601        | -       |
| Autonomia vs. Vergonha e Dúvida | 3  | 2,707 | <b>,046</b> | -       |
| Iniciativa vs. Culpa            | 3  | 1,625 | ,184        | -       |
| Indústria vs. Inferioridade     | 3  | 2,973 | <b>,033</b> | -       |
| Identidade vs. Conf. identidade | 3  | 2,356 | ,073        | -       |
| Intimidade vs. Isolamento       | 3  | ,358  | ,783        | -       |

Tal como no caso do filho, nas dimensões do desenvolvimento psicossocial da mãe apesar da autonomia vs. vergonha e dúvida e indústria vs. inferioridade apresentarem um valor de F significativo, as diferenças entre os grupos não emergiram aquando da realização do teste Scheffe.

Os quadros 50 e 51 apresentam-nos este mesmo tipo de dados mas agora refeeindo-se ao desenvolvimento psicossocial do pai. Como se pode constatar não se evidencia nenhuma diferença significativa para as dimensões do desenvolvimento psicossocial do pai em função do nível sociocultural.

**Quadro 50.** *Médias e desvios padrão para as dimensões do desenvolvimento psicossocial do pai em função do nível sociocultural*

| Dimensão                        | Baixo |      | Médio-Baixo |      | Médio-Alto |      | Alto  |      |
|---------------------------------|-------|------|-------------|------|------------|------|-------|------|
|                                 | Média | DP   | Média       | DP   | Média      | DP   | Média | DP   |
| Confiança vs. Desconfiança      | 26,21 | 3,35 | 27,32       | 4,21 | 26,81      | 4,12 | 26,72 | 4,33 |
| Autonomia vs. Vergonha e Dúvida | 39,52 | 5,05 | 40,72       | 5,13 | 39,98      | 5,78 | 40,07 | 5,44 |
| Iniciativa vs. Culpa            | 34,56 | 4,29 | 35,33       | 4,76 | 34,21      | 4,99 | 34,32 | 4,44 |
| Indústria vs. Inferioridade     | 41,52 | 5,82 | 43,18       | 5,76 | 41,89      | 6,12 | 42,13 | 6,15 |
| Identidade vs. Conf. identidade | 47,43 | 6,59 | 49,49       | 5,93 | 48,13      | 6,76 | 47,76 | 6,64 |
| Intimidade vs. Isolamento       | 25,60 | 2,90 | 25,62       | 3,84 | 25,30      | 3,76 | 25,55 | 3,66 |

**Quadro 51.** *Resultados da ANOVA para as dimensões do desenvolvimento psicossocial do pai segundo o nível sociocultural*

| Dimensão                        | gl | f     | Sig. | Scheffe |
|---------------------------------|----|-------|------|---------|
| Confiança vs. Desconfiança      | 3  | ,503  | ,681 | -       |
| Autonomia vs. Vergonha e Dúvida | 3  | ,392  | ,759 | -       |
| Iniciativa vs. Culpa            | 3  | ,813  | ,488 | -       |
| Indústria vs. Inferioridade     | 3  | ,776  | ,508 | -       |
| Identidade vs. Conf. identidade | 3  | 1,068 | ,363 | -       |
| Intimidade vs. Isolamento       | 3  | ,111  | ,954 | -       |

Passando agora para a exploração das diferenças que o nível sociocultural origina ao nível das percepções da satisfação conjugal, apresentamos em seguida os resultados referentes às percepções do filho seguindo-se os dos seus pais.

Assim, os quadros 52 e 53 representativos da análise de variância conduzida nas dimensões das percepções de satisfação conjugal relativa aos pais e percebida pelo filho, revelam verificar-se diferenças significativas nas dimensões funcionamento da mãe e do pai. Contudo, os testes de Scheffe realizados permitem apenas a distinção entre grupos apenas na dimensão funcionamento conjugal da mãe, sendo que os indivíduos pertencentes ao nível sociocultural baixo apresentam médias significativamente superiores aos do grupo nível sociocultural alto.

**Quadro 52.** Médias e desvios padrão para as dimensões das percepções de satisfação conjugal do filho em função do nível sociocultural

| Dimensão     | Baixo |      | Médio-Baixo |       | Médio-Alto |       | Alto  |       |
|--------------|-------|------|-------------|-------|------------|-------|-------|-------|
|              | Média | DP   | Média       | DP    | Média      | DP    | Média | DP    |
| Amor mãe     | 58,83 | 9,73 | 55,09       | 11,48 | 55,54      | 10,93 | 54,77 | 10,11 |
| Funcion. mãe | 58,56 | 8,96 | 55,05       | 10,69 | 54,53      | 9,05  | 51,58 | 8,50  |
| Amor pai     | 59,99 | 9,01 | 56,27       | 10,59 | 56,02      | 9,75  | 56,32 | 8,95  |
| Funcion. pai | 61,52 | 8,68 | 56,39       | 9,68  | 56,42      | 9,11  | 55,26 | 8,53  |

**Quadro 53.** Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de satisfação conjugal do filho segundo o nível sociocultural

| Dimensão          | gl | f     | Sig. | Scheffe      |
|-------------------|----|-------|------|--------------|
| Amor mãe          | 3  | ,844  | ,471 | -            |
| Funcionamento mãe | 3  | 3,254 | ,023 | Baixo > Alto |
| Amor pai          | 3  | 1,063 | ,366 | -            |
| Funcionamento pai | 3  | 2,654 | ,049 | -            |

Agora passemos à análise do mesmo procedimento estatístico para as percepções de satisfação conjugal do pai e da mãe. Pela observação dos quadros 54 e 55 verificamos não existirem diferenças significativas entre níveis socioculturais nas percepções dos pais da satisfação que retiram no desempenho do papel conjugal.

**Quadro 54.** Médias e desvios padrão para as dimensões das percepções de satisfação conjugal da mãe e do pai em função do nível sociocultural

| Dimensão            | Baixo |       | Médio-Baixo |       | Médio-Alto |       | Alto  |      |
|---------------------|-------|-------|-------------|-------|------------|-------|-------|------|
|                     | Média | DP    | Média       | DP    | Média      | DP    | Média | DP   |
| M<br>ã<br>e<br>Amor | 53,60 | 8,99  | 53,77       | 10,86 | 53,06      | 10,30 | 56,02 | 9,45 |
| Funcion.            | 54,34 | 8,66  | 52,43       | 10,15 | 51,00      | 9,81  | 52,47 | 8,96 |
| P<br>a<br>i<br>Amor | 53,21 | 9,30  | 54,79       | 9,81  | 55,27      | 9,08  | 54,91 | 9,65 |
| Funcion.            | 55,00 | 10,18 | 55,47       | 9,10  | 54,51      | 9,22  | 52,78 | 8,41 |

**Quadro 55.** *Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de satisfação conjugal da mãe e do pai em função do nível sociocultural*

| Dimensão  |               | gl | f    | Sig. | Scheffe |
|-----------|---------------|----|------|------|---------|
| Mãe e pai | Amor          | 3  | ,993 | ,397 | -       |
|           | Funcionamento | 3  | ,820 | ,484 | -       |
|           | Amor          | 3  | ,283 | ,837 | -       |
|           | Funcionamento | 3  | ,954 | ,415 | -       |

Debruçando-nos agora nas dimensões referentes às percepções de satisfação parental, passamos a apresentar os resultados das análises de variância para os dados referentes aos filhos e logo a seguir os dos pais.

No que diz respeito aos filhos, a pertença a determinado nível sociocultural não origina diferenças ao nível das percepções por parte dos filhos da satisfação parental dos pais (Ver Quadros 56 e 57).

**Quadro 56.** *Médias e desvios padrão para as percepções de satisfação parental do filho em função do nível sociocultural*

| Dimensão    | Baixo  |       | Médio-Baixo |       | Médio-Alto |       | Alto   |       |
|-------------|--------|-------|-------------|-------|------------|-------|--------|-------|
|             | Média  | DP    | Média       | DP    | Média      | DP    | Média  | DP    |
| Recomp. mãe | 135,23 | 14,12 | 130,97      | 14,38 | 126,12     | 17,09 | 129,84 | 15,33 |
| Custos mãe  | 83,53  | 15,85 | 79,83       | 15,58 | 78,16      | 15,50 | 78,07  | 14,99 |
| Recomp. pai | 132,40 | 16,56 | 127,46      | 16,52 | 123,85     | 17,13 | 126,92 | 16,93 |
| Custos pai  | 84,09  | 15,03 | 77,91       | 15,47 | 77,58      | 15,60 | 77,37  | 14,57 |

**Quadro 57.** *Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de satisfação parental do filho segundo o nível sociocultural*

| Dimensão        | gl | f     | Sig. | Scheffe |
|-----------------|----|-------|------|---------|
| Recompensas mãe | 3  | 2,505 | ,060 | -       |
| Custos mãe      | 3  | ,863  | ,461 | -       |
| Recompensas pai | 3  | 1,690 | ,170 | -       |
| Custos pai      | 3  | 1,249 | ,293 | -       |

Esta mesma situação acontece na análise de variância referente às percepções de satisfação parental dos próprios pais, sendo que o nível

sociocultural não influencia no tipo de avaliação do papel parental que quer o pai quer a mãe fazem. Os dados relativos a esta conclusão podem ser observados nos quadros 58 e 59.

**Quadro 58.** Médias e desvios padrão para as dimensões das percepções de satisfação parental da mãe e do pai em função do nível sociocultural

| Dimensão |         | Baixo  |       | Médio-Baixo |       | Médio-Alto |       | Alto   |       |
|----------|---------|--------|-------|-------------|-------|------------|-------|--------|-------|
|          |         | Média  | DP    | Média       | DP    | Média      | DP    | Média  | DP    |
| Mãe      | Recomp. | 125,17 | 14,53 | 130,53      | 14,24 | 127,78     | 15,13 | 129,78 | 14,94 |
|          | Custos  | 73,49  | 17,24 | 75,07       | 15,67 | 73,55      | 15,77 | 76,49  | 15,48 |
| Pai      | Recomp. | 123,43 | 12,10 | 124,63      | 17,19 | 123,68     | 16,14 | 125,05 | 13,93 |
|          | Custos  | 78,39  | 14,85 | 73,63       | 16,25 | 75,26      | 14,13 | 73,37  | 13,62 |

**Quadro 59.** Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de satisfação parental da mãe e do pai em função do nível sociocultural

| Dimensão |             | gl | f    | Sig. | Scheffe |
|----------|-------------|----|------|------|---------|
| Mãe      | Recompensas | 3  | ,995 | ,396 | -       |
|          | Custos      | 3  | ,436 | ,728 | -       |
| Pai      | Recompensas | 3  | ,119 | ,949 | -       |
|          | Custos      | 3  | ,787 | ,502 | -       |

1.5. Relações entre o desenvolvimento psicossocial

No que se refere à avaliação do desenvolvimento psicossocial, para a mesma família possuímos dados relativos ao desenvolvimento psicossocial do filho, do pai e da mãe. Parece-nos pertinente averiguar a forma como o desenvolvimento de um elemento da tríade familiar se associa a outro. Por isso mesmo, efectuaram-se correlações de *Pearson* entre as dimensões de um elemento com as do outro elemento da família.

Em primeiro lugar, apresentam-se os resultados da correlação entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho com as mesmas dimensões da mãe (ver quadro 60).



**Quadro 60.** *Correlação de Pearson entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho e as mesmas dimensões da mãe*

| <b>Dimensões do<br/>Filho</b>            | <b>Confiança vs.<br/>Desconfiança</b> | <b>Autonomia vs.<br/>Vergonha e<br/>dúvida</b> | <b>Iniciativa vs.<br/>e Culpa</b> | <b>Indústria vs.<br/>Inferioridade</b> | <b>Identidade vs.<br/>Conf. da<br/>identidade</b> | <b>Intimidade vs.<br/>da Isolamento</b> |
|--|---------------------------------------|--|-----------------------------------|--|---|---|
| <b>Mãe</b>                               |                                       |  |                                   |  |   |   |
| Confiança vs.<br>desconfiança            | <b>,218**</b>                         | ,108   | ,102                              | ,124                                   | ,082  | ,053                                    |
| Autonomia vs.<br>Vergonha e<br>dúvida    | ,002                                  | <b>,167**</b>                                  | <b>,138**</b>                     | <b>,133*</b>                           | ,075  | ,090                                    |
| Iniciativa vs.<br>Culpa                  | <b>,152*</b>                          | <b>,185**</b>                                  | <b>,173**</b>                     | <b>,144*</b>                           | <b>,146*</b>                                      | ,096                                    |
| Indústria vs.<br>Inferioridade           | ,064                                  | <b>,171**</b>                                  | <b>,151*</b>                      | <b>,139*</b>                           | ,063  | ,086                                    |
| Identidade vs.<br>Conf. da<br>identidade | ,122                                  | <b>,202**</b>                                  | <b>,186**</b>                     | <b>,199**</b>                          | ,129  | ,103                                    |
| Intimidade vs.<br>Isolamento             | ,064                                  | ,083   | ,017                              | ,089                                   | ,037  | <b>,167*</b>                            |

A análise do quadro anterior permite-nos afirmar a existência de correlações positivas entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho e as dimensões do desenvolvimento psicossocial da mãe. No entanto, nem todas os valores de correlação obtidos são estatisticamente significativos. O valor de correlação mais elevado obteve-se entre as dimensões de confiança vs. Desconfiança do filho com a mesma dimensão da mãe ( $r = ,218$ ), o que nos possibilita afirmar que à medida que os valores na dimensão da mãe aumentam, os valores na dimensão do filho também aumentam. O outro estágio da mãe que se correlaciona com o estágio da confiança básica vs. Desconfiança é o da iniciativa vs. Culpa. Os estádios de desenvolvimento psicossocial da mãe autonomia vs. vergonha e dúvida, iniciativa vs. culpa, indústria vs. inferioridade e identidade vs. confusão da identidade encontram-se significativamente correlacionados com os estádios do filho autonomia vs. vergonha e dúvida, Iniciativa vs. culpa, indústria vs. inferioridade. A dimensão da mãe iniciativa vs. Culpa é a única dimensão que apresenta correlação significativa com a dimensão identidade vs. Confusão da identidade do filho. Verifica-se ainda uma correlação entre as dimensões intimidade vs. Isolamento da mãe e do filho.

Em segundo lugar, apresentam-se os resultados da correlação entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho com as mesmas dimensões do pai (ver quadro 61).

**Quadro 61.** *Correlação de Pearson entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho e as mesmas dimensões do pai*

| <b>Dimensões do Pai</b>            | <b>Confiança vs. Desconfiança</b> | <b>Autonomia vs. Vergonha e dúvida</b> | <b>Iniciativa vs. Culpa</b> | <b>Indústria vs. Inferioridade</b> | <b>Identidade vs. Conf. da identidade</b> | <b>Intimidade vs. Isolamento</b> |
|------------------------------------|-----------------------------------|--|-----------------------------|------------------------------------|---|----------------------------------|
| Confiança vs. desconfiança         | ,098                              | ,119                                   | ,054                        | ,125                               | ,057                                      | ,105                             |
| Autonomia vs. Vergonha e dúvida    | ,037                              | ,116                                   | ,110                        | <b>,151*</b>                       | ,075                                      | ,061                             |
| Iniciativa vs. Culpa               | ,049                              | ,100                                   | <b>,138*</b>                | <b>,186*</b>                       | ,085                                      | ,030                             |
| Indústria vs. Inferioridade        | -,017                             | ,068                                   | ,097                        | <b>,167*</b>                       | ,022                                      | ,025                             |
| Identidade vs. Conf. da identidade | ,057                              | <b>,140*</b>                           | ,125                        | <b>,153*</b>                       | ,095                                      | ,075                             |
| Intimidade vs. Isolamento          | ,017                              | ,007                                   | -,039                       | ,021                               | -,012                                     | ,109                             |

Através da observação atenta do quadro anterior, podemos constatar valores mais baixos das correlações das dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho com as do pai comparativamente ao que sucedeu com a mãe. Deste modo, a dimensão de indústria vs. inferioridade do filho encontra-se correlacionada com as dimensões autonomia vs. vergonha e dúvida, iniciativa vs. culpa, indústria vs. inferioridade e identidade vs. confusão da identidade. Registam-se ainda duas correlações significativas : a dos estádios iniciativa vs. culpa do filho e do pai e a correlação entre autonomia vs. vergonha e dúvida do filho com o estágio identidade vs. Confusão da identidade do pai.

Por último, apresentam-se os resultados da correlação entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do pai com as mesmas dimensões da mãe (ver quadro 62).

**Quadro 62. Correlação de Pearson entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do pai e as mesmas dimensões da mãe**

| <b>Dimensões do Pai</b>            | <b>Confiança vs. Desconfiança</b> | <b>Autonomia vs. Vergonha e dúvida</b> | <b>Iniciativa vs. Culpa</b> | <b>Indústria vs. Inferioridade</b> | <b>Identidade vs. Conf. da identidade</b> | <b>Intimidade vs. Isolamento</b> |
|------------------------------------|-----------------------------------|--|-----------------------------|------------------------------------|---|----------------------------------|
| <b>Mãe</b>                         |                                   |  |                             |                                    |   |                                  |
| Confiança vs. desconfiança         | <b>,235**</b>                     | ,057                                   | ,089                        | ,101                               | ,119                                      | ,094                             |
| Autonomia vs. Vergonha e dúvida    | ,055                              | <b>,198**</b>                          | <b>,162*</b>                | <b>,169*</b>                       | <b>,276**</b>                             | ,034                             |
| Iniciativa vs. Culpa               | <b>,160*</b>                      | <b>,204**</b>                          | <b>,230**</b>               | <b>,205**</b>                      | <b>,276**</b>                             | ,077                             |
| Indústria vs. Inferioridade        | ,079                              | <b>,208**</b>                          | <b>,188**</b>               | <b>,217**</b>                      | <b>,278**</b>                             | ,073                             |
| Identidade vs. Conf. da identidade | ,132                              | <b>,217**</b>                          | <b>,223**</b>               | <b>,261**</b>                      | <b>,369**</b>                             | ,097                             |
| Intimidade vs. Isolamento          | ,082                              | ,017                                   | -,019                       | ,058                               | ,081                                      | ,129                             |

É para este caso que os valores de correlação são mais elevados o que se justifica dado quer o pai quer a mãe estarem a lidar com o mesmo tipo de tarefas desenvolvimentais. O valor de correlação mais elevado obteve-se entre as dimensões do pai e da mãe de identidade vs. confusão da identidade ( $r = ,369$ ). Os estádios de desenvolvimento psicossocial da mãe autonomia vs. vergonha e dúvida, iniciativa vs. culpa, indústria vs. inferioridade e identidade vs. confusão da identidade encontram-se significativamente correlacionados com os mesmos estádios referentes ao pai. As dimensões da mãe confiança vs. desconfiança e iniciativa vs. Culpa apresentam correlações significativas com a dimensão identidade vs. Confusão da identidade do pai. De notar a ausência de correlações significativas entre as dimensões intimidade vs. Isolamento, facto este que estará provavelmente relacionado com o tipo de itens da escala que, tal como referimos anteriormente, se encontram mais direccionados para a intimidade do adolescente (a escala original foi concebida para os adolescentes).

De modo a avaliar como diferentes níveis de evolução em cada estágio de desenvolvimento psicossocial de um elemento da família coincidem com os níveis de evolução dos estádios noutro elemento, foram criados 3 grupos diferentes para o filho, a mãe e para o pai. Extraíram-se 3 *clusters* como se pode ver nos quadros que se seguem, correspondentes a níveis de

desenvolvimento psicossocial baixos, médios ou altos. O quadro 63 apresenta os clusters obtidos para o filho.

**Quadro 63.** *Clusters do EPSI para o filho.*

| Cluster                            | Cluster 1 | Cluster 2 | Cluster 3 |
|------------------------------------|-----------|-----------|-----------|
| Dimensão                           | Médio     | Alto      | Baixo     |
|                                    | n = 117   | n = 70    | n = 43    |
| Confiança vs. desconfiança         | 25,26     | 30,22     | 21,81     |
| Autonomia vs. Vergonha e dúvida    | 39,77     | 44,91     | 32,24     |
| Iniciativa vs. Culpa               | 34,34     | 38,74     | 29,43     |
| Indústria vs. Inferioridade        | 40,39     | 47,04     | 35,07     |
| Identidade vs. Conf. da identidade | 46,51     | 53,55     | 37,45     |
| Intimidade vs. Isolamento          | 26,34     | 30,70     | 25,13     |

O primeiro cluster extraído corresponde a valores médios nos estádios de desenvolvimento psicossocial e por isso mesmo designamo-lo de desenvolvimento psicossocial médio. O segundo cluster corresponde aos valores mais elevados por isso consideramos os indivíduos pertencentes a este grupo como aqueles que têm maior maturidade psicossocial. Finalmente, o terceiro cluster corresponde às médias mais baixas, por isso estamos na presença de indivíduos que são menos desenvolvidos em termos psicossociais.

Do mesmo modo, para a mãe obtiveram-se os três clusters que se podem observar no quadro 64.

**Quadro 64.** *Clusters do EPSI para a mãe.*

| Cluster                            | Cluster 1 | Cluster 2 | Cluster 3 |
|------------------------------------|-----------|-----------|-----------|
| Dimensão                           | Médio     | Alto      | Baixo     |
|                                    | N = 102   | n = 53    | n = 75    |
| Confiança vs. desconfiança         | 25,59     | 30,84     | 23,45     |
| Autonomia vs. Vergonha e dúvida    | 39,45     | 45,49     | 32,83     |
| Iniciativa vs. Culpa               | 33,94     | 39,07     | 30,31     |
| Indústria vs. Inferioridade        | 42,92     | 48,35     | 36,93     |
| Identidade vs. Conf. da identidade | 48,19     | 55,45     | 40,52     |
| Intimidade vs. Isolamento          | 26,39     | 28,48     | 23,91     |

Assim, à semelhança do que aconteceu para a situação filho, temos o primeiro cluster correspondente a médias intermédias e por isso designada de desenvolvimento psicossocial médio, o segundo cluster associado às médias maiores, designando-se de desenvolvimento psicossocial alto e o terceiro cluster, onde se registam médias inferiores, é nomeado de desenvolvimento psicossocial baixo.

Em seguida apresenta-se a extracção de clusters para o pai ( ver quadro 65).

**Quadro 65. Clusters do EPSI para o pai.**

| Cluster                            | Cluster 1 | Cluster 2 | Cluster 3 |
|------------------------------------|-----------|-----------|-----------|
| Dimensão                           | Alto      | Médio     | Baixo     |
|                                    | n = 71    | n = 101   | n = 58    |
| Confiança vs. desconfiança         | 30,12     | 26,30     | 23,96     |
| Autonomia vs. Vergonha e dúvida    | 45,51     | 40,24     | 33,58     |
| Iniciativa vs. Culpa               | 39,66     | 33,83     | 29,84     |
| Indústria vs. Inferioridade        | 48,91     | 41,59     | 35,51     |
| Identidade vs. Conf. da identidade | 54,94     | 48,42     | 40,32     |
| Intimidade vs. Isolamento          | 26,80     | 25,73     | 23,49     |

O primeiro cluster obtido corresponde ao desenvolvimento psicossocial alto, o segundo ao médio e o terceiro ao baixo.

Em seguida, avaliamos o grau de concordância entre os níveis de desenvolvimento psicossocial entre os elementos da família. No quadro 66 podemos observar o grau de concordância entre o desenvolvimento psicossocial do filho e o desenvolvimento psicossocial da mãe.

**Quadro 66.** *Concordância entre o desenvolvimento psicossocial do filho e o desenvolvimento psicossocial da mãe*

| Desenvolvimento<br>Psicossocial do filho | Desenvolvimento Psicossocial da mãe |       |      | Total |
|--|-------------------------------------|-------|------|-------|
|  | Baixo                               | Médio | Alto |       |
| Baixo                                    | 20                                  | 16    | 7    | 43    |
| Médio                                    | 41                                  | 50    | 26   | 117   |
| Alto                                     | 14                                  | 36    | 20   | 70    |
| Total                                    | 75                                  | 102   | 53   | 230   |

Para esta distribuição obteve-se um valor de  $\chi^2$  de 9,345 para um nível de significância de 0,053. A estatística Kappa que avalia o grau de acordo tem o valor de 0,054 para um nível de significância de 0,241.

**Quadro 67.** *Concordância entre o desenvolvimento psicossocial do filho e o desenvolvimento psicossocial do pai*

| Desenvolvimento<br>Psicossocial do filho | Desenvolvimento Psicossocial do pai |       |      | Total |
|--|-------------------------------------|-------|------|-------|
|  | Baixo                               | Médio | Alto |       |
| Baixo                                    | 17                                  | 13    | 13   | 43    |
| Médio                                    | 25                                  | 61    | 31   | 117   |
| Alto                                     | 16                                  | 27    | 27   | 70    |
| Total                                    | 75                                  | 102   | 53   | 230   |

Para esta distribuição obteve-se um valor de  $\chi^2$  de 10,503 para um nível de significância de 0,033. A estatística Kappa que avalia o grau de acordo tem o valor de - 0,018 para um nível de significância de 0,693.

**Quadro 68.** *Concordância entre o desenvolvimento psicossocial do pai e o desenvolvimento psicossocial da mãe*

| Desenvolvimento<br>Psicossocial da mãe | Desenvolvimento Psicossocial do pai |       |      | Total |
|--|-------------------------------------|-------|------|-------|
|  | Baixo                               | Médio | Alto |       |
| Baixo                                  | 30                                  | 32    | 13   | 75    |
| Médio                                  | 20                                  | 50    | 32   | 102   |
| Alto                                   | 26                                  | 19    | 26   | 53    |
| Total                                  | 58                                  | 101   | 71   | 230   |

Para esta distribuição obteve-se um valor de  $\chi^2$  de 21,482 para um nível de significância de 0,000. A estatística Kappa tem o valor de 0,047 para um nível de significância de 0,286.

## **1.6. Diferenças no desenvolvimento em função das percepções de satisfação familiar**

### **1.6.1. Percepções de satisfação e desenvolvimento psicossocial**

No sentido de percebermos de que modo as percepções de satisfação conjugal e parental se associam às dimensões do desenvolvimento psicossocial, foram realizadas correlações de *Pearson*. Este procedimento estatístico foi calculado para o filho, para a mãe e para o pai.

No que diz respeito ao filho, os valores das correlações obtidos encontram-se no quadro 69 bem como a indicação da significância do valor obtido. Uma análise do referido quadro permitem-nos afirmar a existência de correlações positivas entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho e as percepções que tem relativamente à satisfação que os seus pais retiram do desempenho dos papéis familiares conjugal e parental. Verifica-se que a dimensão que praticamente não se encontra associada é a dimensão dos custos da parentalidade quer relativos à mãe quer relativos ao pai. Isto significa que sujeitos com valores de desenvolvimento psicossocial mais elevados possuem percepções da satisfação que os seus pais retiram mais elevadas.

**Quadro 69.** *Correlação de Pearson entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho e as percepções de satisfação conjugal e parental referentes aos seus pais*

| Dimensões do filho | Confiança vs. Desconfiança | Autonomia vs. Vergonha e dúvida | Iniciativa vs. Culpa | Indústria vs. Inferioridade | Identidade vs. Conf. identidade | Intimidade vs. Isolamento |
|--------------------|----------------------------|---------------------------------|----------------------|-----------------------------|---------------------------------|---------------------------|
| Amor –mãe          | ,174**                     | ,141*                           | ,205**               | ,184**                      | ,239**                          | ,117**                    |
| Funcionamento-mãe  | ,315**                     | ,176**                          | ,236**               | ,226**                      | ,256**                          | ,325**                    |
| Amor –pai          | ,176**                     | ,150*                           | ,192**               | ,233**                      | ,256**                          | ,236**                    |
| Funcionamento-pai  | ,261**                     | ,187**                          | ,241**               | ,285**                      | ,249**                          | ,344**                    |
| Recompensas – Mãe  | ,188**                     | ,248**                          | ,293**               | ,316**                      | ,293**                          | ,290**                    |
| Custos - Mãe       | ,079                       | ,102                            | ,131*                | ,088                        | ,090                            | ,144**                    |
| Recompensas - Pai  | ,218**                     | ,263**                          | ,314**               | ,320**                      | ,326**                          | ,301**                    |
| Custos - Pai       | ,090                       | ,089                            | ,126                 | ,082                        | ,106                            | ,166*                     |

Do mesmo modo, temos para a mãe valores de correlação significativos entre as suas percepções de satisfação conjugal e parental e o desenvolvimento psicossocial, com excepção da dimensão custos da parentalidade (ver quadro 70).

**Quadro 70.** *Correlação de Pearson entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial da mãe e as suas percepções de satisfação conjugal e parental*

| Dimensões da Mãe | Confiança vs. Desconfiança | Autonomia vs. Vergonha e dúvida | Iniciativa vs. Culpa | Indústria vs. Inferioridade | Identidade vs. Conf. identidade | Intimidade vs. Isolamento |
|------------------|----------------------------|---------------------------------|----------------------|-----------------------------|---------------------------------|---------------------------|
| Amor             | ,268**                     | ,100                            | ,192**               | ,225**                      | ,253**                          | ,146*                     |
| Funcionamento    | ,350**                     | ,232**                          | ,251**               | ,246**                      | ,320**                          | ,184**                    |
| Recompensas      | ,179**                     | ,222**                          | ,225**               | ,324**                      | ,354**                          | ,200**                    |
| Custos           | ,140*                      | ,067                            | -,039                | ,109                        | ,101                            | ,012                      |

Também para o pai este facto é visível: a dimensão da satisfação com os custos da parentalidade apresenta valores de correlação baixos e não significativos com as dimensões do desenvolvimento psicossocial; as restantes dimensões encontram-se associadas positivamente (ver quadro 71).



**Quadro 71.** *Correlação de Pearson entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do pai e as suas percepções de satisfação conjugal e parental*

| Dimensões do Pai | Confiança vs. Desconfiança | Autonomia vs. Vergonha e dúvida | Iniciativa vs. Culpa | Indústria vs. Inferioridade | Identidade vs. Conf. identidade | Intimidade vs. Isolamento |
|------------------|----------------------------|---------------------------------|----------------------|-----------------------------|---------------------------------|---------------------------|
| Amor             | ,227**                     | ,201**                          | ,199**               | ,307**                      | ,305**                          | ,254**                    |
| Funcionamento    | ,290**                     | ,099                            | ,180**               | ,234**                      | ,182**                          | ,189**                    |
| Recompensas      | ,071                       | ,218**                          | ,199**               | ,277**                      | ,251**                          | ,182**                    |
| Custos           | ,039                       | ,065                            | ,102                 | ,115                        | ,079                            | ,002                      |

Seguidamente ao estudo correlacional efectuado, foram conduzidas análises de variância (one way ANOVA) para as dimensões da satisfação familiar em função do nível de desenvolvimento psicossocial dos sujeitos.

Assim, em primeiro lugar vamos ver de que forma o nível de desenvolvimento psicossocial produz diferenças nas dimensões da vinculação, de modo a perceber as associações existentes entre as duas teorias do desenvolvimento que guiaram o nosso estudo. Os resultados referentes à análise de variância encontram-se no quadro 72.

**Quadro 72.** *Análises de diferenças por grupos de clusters de desenvolvimento psicossocial do filho para as dimensões da vinculação: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffé..*

|         | Baixo |      | Médio |      | Elevado |      | F(2, 227) | p    | Scheffé |
|---------|-------|------|-------|------|---------|------|-----------|------|---------|
|         | M     | DP   | M     | DP   | M       | DP   |           |      |         |
| QLE mãe | 58,86 | 8,71 | 62,51 | 7,30 | 65,90   | 5,52 | 13,353    | ,000 | A>M>B   |
| IEI mãe | 34,75 | 7,40 | 30,24 | 8,25 | 24,99   | 8,12 | 20,551    | ,000 | A<M<B   |
| ASD mãe | 31,89 | 7,06 | 30,06 | 7,55 | 30,09   | 7,63 | 1,037     | ,356 | -       |
| QLE pai | 57,23 | 7,99 | 60,52 | 9,76 | 64,70   | 6,12 | 11,033    | ,000 | A>M>B   |
| IEI pai | 34,19 | 7,87 | 29,97 | 8,22 | 24,49   | 8,30 | 20,091    | ,000 | A<M<B   |
| ASD pai | 31,50 | 6,72 | 29,09 | 7,72 | 29,33   | 7,19 | 1,744     | ,177 | -       |

Verificaram-se diferenças significativas nas dimensões qualidade do laço emocional à mãe e ao pai e inibição da exploração e da individualidade da mãe e do pai. Enquanto que nas dimensões da qualidade do laço emocional o grupo de desenvolvimento psicossocial alto tem médias mais elevadas que o grupo médio e este mais elevadas que o grupo baixo, nas dimensões da

inibição da exploração e da individualidade, o grupo baixo é o que apresenta valores mais elevados, seguindo-se o médio, sendo o alto o que apresenta valores mais baixos. A dimensão ansiedade de separação e dependência não se diferencia quanto aos grupos de desenvolvimento psicossocial.

Analisemos agora as diferenças produzidas pelo nível de desenvolvimento psicossocial nas dimensões da percepção da satisfação conjugal. No quadro 73 estão os dados referentes ao filho.

**Quadro 73.** *Análises de diferenças por grupos de clusters do desenvolvimento psicossocial do filho para as dimensões da satisfação conjugal: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffe.*

|                                   | Baixo |       | Médio |       | Elevado |      | F(2, 227) | p    | Scheffé |
|-----------------------------------|-------|-------|-------|-------|---------|------|-----------|------|---------|
|                                   | M     | DP    | M     | DP    | M       | DP   |           |      |         |
| Percepções amor da mãe            | 53,10 | 11,22 | 54,86 | 11,16 | 58,19   | 9,41 | 3,513     | ,031 | -       |
| Percepção do funcionamento da mãe | 51,23 | 9,75  | 53,53 | 9,55  | 57,72   | 8,68 | 7,420     | ,001 | A>M,B   |
| Percepção do amor do pai          | 53,88 | 9,47  | 55,90 | 10,02 | 59,33   | 8,96 | 4,843     | ,009 | A>B     |
| Percepção do funcionamento do pai | 53,18 | 8,40  | 55,82 | 9,01  | 60,13   | 9,01 | 9,119     | ,000 | A>M,B   |

Verificaram-se diferenças significativas em todas as dimensões da satisfação conjugal em função dos grupos de desenvolvimento psicossocial. No caso da percepção do amor da mãe, o teste Scheffe não distinguiu os grupos. Na avaliação que o filho faz da satisfação que a mãe tem com o funcionamento conjugal, o grupo que apresenta um nível de desenvolvimento psicossocial alto apresenta valores mais elevados do que os médio e baixo. No caso da percepção do amor do pai, o grupo alto apresenta valores superiores ao grupo baixo desenvolvimento psicossocial. Ao nível das percepções do funcionamento do pai, o grupo alto apresenta mais satisfação do que o grupo médio e este maior que o grupo baixo.

Passamos agora a esta mesma análise mas agora relativamente Às dimensões da satisfação parental. Aqui, apenas as dimensões das recompensas com a parentalidade relativas ao pai e à mãe apresentam

diferenças significativas. Mais uma vez, o grupo alto é correspondente ao que tem maior satisfação comparativamente aos outros (ver quadro 74).

**Quadro 74.** *Análises de diferenças por grupos de clusters do desenvolvimento psicossocial do filho para as dimensões da satisfação parental: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffé..*

|                                   |     | Baixo  |       | Médio  |       | Elevado |       | F(2, 227) | p    | Scheffé |
|-----------------------------------|-----|--------|-------|--------|-------|---------|-------|-----------|------|---------|
|                                   |     | M      | DP    | M      | DP    | M       | DP    |           |      |         |
| Percepções das recompensas da mãe | da  | 120,86 | 14,95 | 129,46 | 15,56 | 134,65  | 14,32 | 11,123    | ,000 | A>B     |
| Percepção dos custos da mãe       | dos | 75,87  | 11,21 | 79,33  | 15,50 | 81,00   | 17,29 | 1,485     | ,229 | -       |
| Percepções das recompensas do pai | das | 117,06 | 13,50 | 126,40 | 17,37 | 132,70  | 15,39 | 12,538    | ,000 | A>M>B   |
| Percepção dos custos do pai       | dos | 75,35  | 10,48 | 78,19  | 15,50 | 80,24   | 17,18 | 1,374     | ,255 | -       |

No que diz respeito ao desenvolvimento psicossocial da mãe e as suas percepções de satisfação conjugal, vemos mais uma vez que o grupo mais desenvolvido em termos psicossociais apresenta percepções de satisfação superiores, tal como se observa no quadro 75.

**Quadro 75.** *Análises de diferenças por grupos de clusters do desenvolvimento psicossocial da mãe para as dimensões da satisfação conjugal: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffé..*

|                                   |    | Baixo |       | Médio |      | Elevado |       | F(2, 227) | p    | Scheffé |
|-----------------------------------|----|-------|-------|-------|------|---------|-------|-----------|------|---------|
|                                   |    | M     | DP    | M     | DP   | M       | DP    |           |      |         |
| Percepções amor da mãe            | da | 51,05 | 10,69 | 54,44 | 8,65 | 57,56   | 10,99 | 6,828     | ,001 | A>B     |
| Percepção do funcionamento da mãe | do | 48,52 | 8,74  | 52,73 | 9,04 | 56,11   | 10,13 | 10,921    | ,000 | A=M>B   |

Do mesmo modo, nas dimensões da satisfação parental da mãe (quadro 76), verifica-se uma diferença significativa ao nível das percepções das recompensas, em que o grupo alto e o médio se diferenciam do grupo baixo, o qual apresenta médias significativamente mais baixas (sendo por isso menos satisfeitos).

**Quadro 76.** *Análises de diferenças por grupos de clusters do desenvolvimento psicossocial da mãe para as dimensões da satisfação parental: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffé..*

|                                   | Baixo  |       | Médio  |       | Elevado |       | F(2, 227) | p    | Scheffé |
|-----------------------------------|--------|-------|--------|-------|---------|-------|-----------|------|---------|
|                                   | M      | DP    | M      | DP    | M       | DP    |           |      |         |
| Percepções das recompensas da mãe | 123,02 | 13,80 | 130,49 | 13,70 | 133,94  | 15,59 | 10,419    | ,000 | A=M>B   |
| Percepção dos custos da mãe       | 73,50  | 12,89 | 74,42  | 16,88 | 77,05   | 17,21 | ,820      | ,442 | -       |

Para o pai seguiram-se os mesmos procedimentos estatísticos.

**Quadro 77.** *Análises de diferenças por grupos de clusters do desenvolvimento psicossocial do pai para as dimensões da satisfação conjugal: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffé.*

|                                   | Baixo |      | Médio |      | Elevado |      | F(2, 227) | p    | Scheffé |
|-----------------------------------|-------|------|-------|------|---------|------|-----------|------|---------|
|                                   | M     | DP   | M     | DP   | M       | DP   |           |      |         |
| Percepções amor do pai            | 57,44 | 9,56 | 55,50 | 8,38 | 50,47   | 9,65 | 9,893     | ,000 | A=M>B   |
| Percepção do funcionamento do pai | 57,07 | 9,34 | 53,60 | 8,31 | 52,66   | 9,53 | 4,664     | ,010 | A>M,B   |

No que diz respeito ao desenvolvimento psicossocial do pai e as suas percepções de satisfação conjugal, e, à semelhança do que aconteceu para a mãe, vemos mais uma vez que o grupo mais desenvolvido em termos psicossociais apresenta percepções de satisfação superiores, tal como se observa no quadro 77.

**Quadro 78.** *Análises de diferenças por grupos de clusters do desenvolvimento psicossocial do pai para as dimensões da satisfação parental: médias, desvios padrão, valores de F e de p e a direcção das diferenças no teste de Scheffé..*

|                                   | Baixo  |       | Médio  |       | Elevado |       | F(2, 227) | p    | Scheffé |
|-----------------------------------|--------|-------|--------|-------|---------|-------|-----------|------|---------|
|                                   | M      | DP    | M      | DP    | M       | DP    |           |      |         |
| Percepções das recompensas do pai | 126,84 | 16,58 | 126,14 | 13,92 | 117,90  | 15,37 | 6,915     | ,001 | A=M>B   |
| Percepção dos custos do pai       | 76,08  | 16,35 | 73,88  | 14,38 | 74,10   | 13,39 | ,508      | ,602 | -       |

Nas dimensões da satisfação parental da do pai (Quadro 78), verifica-se uma diferença significativa ao nível das percepções das recompensas, em que o grupo alto e o médio se diferenciam do grupo baixo, o qual apresenta médias significativamente mais baixas (sendo por isso menos satisfeitos).

### 1.6.2. Percepções de satisfação e vinculação

Começamos por analisar a matriz de correlações entre as dimensões da vinculação e as percepções que o filho tem da satisfação conjugal e parental que os pais têm (quadro 79).

**Quadro 79.** *Correlação de Pearson entre as dimensões da vinculação aos pais e as dimensões das percepções do filho relativas à satisfação conjugal e parental dos pais*

| Dimensões           | QLE Mãe | IEI Mãe | ASD Mãe | QLE Pai | IEI Pai | ASD Pai |
|---------------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Amor – Mãe          | ,425**  | -,217** | ,306**  | ,496**  | -,267** | ,368**  |
| Funcionamento – Mãe | ,374**  | -,204** | ,292**  | ,380**  | -,216** | ,304**  |
| Amor – Pai          | ,443**  | -,272** | ,290**  | ,479**  | -,301** | ,343**  |
| Funcionamento – Pai | ,428**  | -,214** | ,279**  | ,403**  | -,229** | ,274**  |
| Recompensas – Mãe   | ,664**  | -,280** | ,342**  | ,510**  | -,227   | ,281**  |
| Custos – Mãe        | ,273**  | -,068   | ,096    | ,206**  | -,033   | ,071    |
| Recompensas – Pai   | ,595**  | -,291** | ,310**  | ,685**  | -,352** | ,346    |
| Custos – Pai        | ,249**  | -,083   | ,095    | ,310**  | -,114   | ,103    |

As dimensões qualidade do laço emocional à mãe e ao pai apresentam correlações positivas e significativas com as percepções de satisfação conjugal e parental, sendo os valores mais elevados com a dimensão das recompensas. Por outro lado, com a dimensão inibição da exploração e da individualidade, apresentam correlações negativas e significativas na sua maioria. Por último, a dimensão ansiedade de separação e dependência encontra-se também associada com as percepções de satisfação.

No sentido de analisar a relação entre o estilo de vinculação ao pai e à mãe, operacionalizado nos quatro protótipos do modelo bi-dimensional de

Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991), e as percepções de satisfação familiar foram efectuadas análise de variância. Para este efeito, foi conduzida uma análise de *clusters* (*K – means e simple euclidian distance*) para avaliar a existência de configurações específicas na organização das dimensões da vinculação. Foram obtidos os resultados apresentados nos quadros 80 e 81.

**Quadro 80. Análise de clusters do QVPM – versão mãe.**

| Dimensão                                 | Clusters           |                        |                          |                         |
|--|--------------------|------------------------|--------------------------|-------------------------|
|  | Seguro<br>(n = 74) | Preocupado<br>(n = 63) | Desinvestido<br>(n = 72) | Amedrontado<br>(n = 21) |
| Qualidade de laço emocional              | 68,46              | 63,96                  | 60,93                    | 46,48                   |
| Inibição da exploração e individualidade | 22,46              | 38,03                  | 26,67                    | 38,30                   |
| Ansiedade de separação e dependência     | 35,45              | 34,36                  | 24,34                    | 21,65                   |

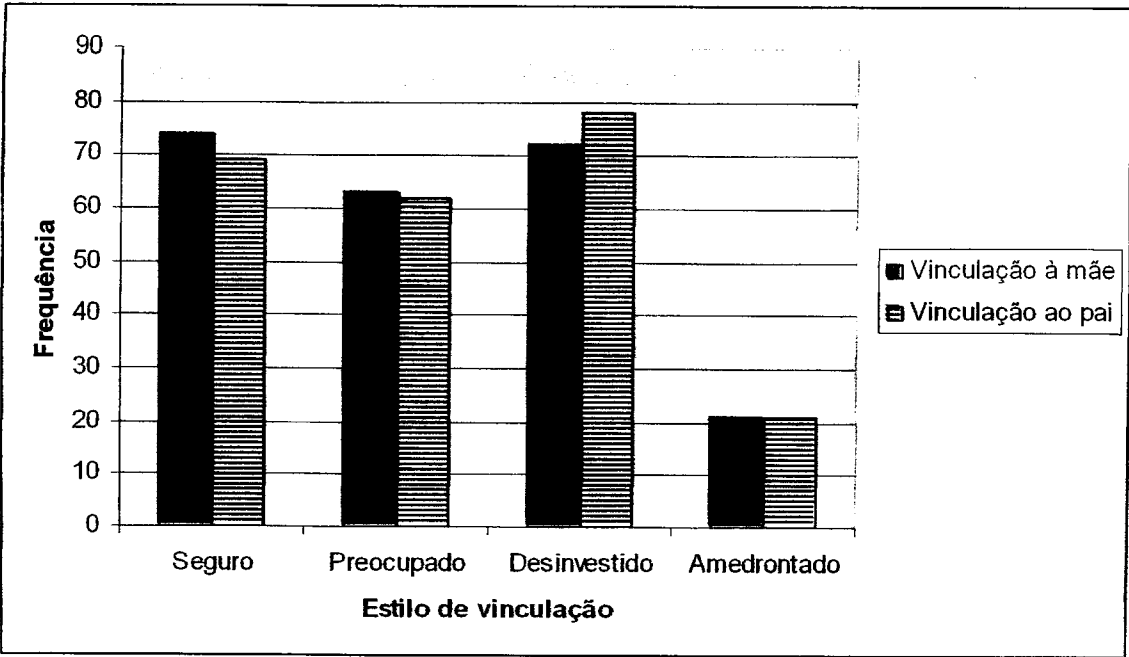
**Quadro 81. Análise de clusters do QVPM – versão pai.**

| Dimensão                                 | Clusters           |                        |                          |                         |
|--|--------------------|------------------------|--------------------------|-------------------------|
|  | Seguro<br>(n = 69) | Preocupado<br>(n = 62) | Desinvestido<br>(n = 78) | Amedrontado<br>(n = 21) |
| Qualidade de laço emocional              | 68,36              | 61,38                  | 60,29                    | 40,33                   |
| Inibição da exploração e individualidade | 20,64              | 38,47                  | 27,40                    | 35,50                   |
| Ansiedade de separação e dependência     | 33,62              | 33,55                  | 25,96                    | 18,46                   |

A interpretação dos clusters foi realizada à luz dos pressupostos teóricos enunciados no capítulo III.

De modo a podermos visualizar as diferenças e/ou semelhanças na distribuição dos estilos de vinculação em função da figura parental, foi elaborado o gráfico que se segue (figura 14).

Figura 14. Distribuição dos estilos de vinculação à mãe em comparação com os estilos de vinculação ao pai



De modo a averiguarmos até que ponto o mesmo sujeito tem o mesmo estilo de vinculação à mãe e ao pai ou se por outro lado o modo como se vincula à mãe é diferenciado do modo como se vincula ao pai, procedemos à análise da distribuição dos sujeitos por estas duas variáveis. A concordância do estilo de vinculação à mãe e ao pai pode ser observada no quadro 42.

Quadro 82. Concordância do estilo de vinculação à mãe e ao pai.

|                            |              | Estilo de vinculação ao pai |            |              |             | Total |
|----------------------------|--------------|-----------------------------|------------|--------------|-------------|-------|
|                            |              | Seguro                      | Preocupado | Desinvestido | Amedrontado |       |
| Estilo de vinculação à mãe | Seguro       | 55                          | 6          | 12           | 1           | 74    |
|                            | Preocupado   | 5                           | 51         | 5            | 2           | 63    |
|                            | Desinvestido | 9                           | 1          | 58           | 4           | 72    |
|                            | Amedrontado  | 0                           | 4          | 3            | 14          | 21    |
|                            | Total        | 69                          | 62         | 78           | 21          | 230   |

Nesta distribuição a medida de acordo , Estatística Kappa tem o valor de – 0,196 e uma significância de 0,000. No quadro anterior podemos verificar a tendência para a concordância entre o estilo de vinculação à mãe e ao pai (77,4% de concordância de estilos).

Uma vez identificados os estilos de vinculação dos sujeitos, procedeu-se à realização de análises de variância com o intuito de perceber as diferenças que a vinculação tem ao nível das percepções de satisfação familiar. Começamos pela análise das percepções de satisfação conjugal em função do estilo de vinculação à mãe (quadros 83 e 84).

**Quadro 83.** *Médias e desvios padrão para as dimensões das percepções de satisfação conjugal do filho em função do estilo de vinculação à mãe*

| Dimensão     | Seguro (S) |      | Preocupado (P) |      | Desinvestido (D) |       | Amedrontado (A) |       |
|--------------|------------|------|----------------|------|------------------|-------|-----------------|-------|
|              | Média      | DP   | Média          | DP   | Média            | DP    | Média           | DP    |
| Amor mãe     | 60,10      | 9,56 | 56,22          | 9,34 | 52,89            | 10,77 | 46,59           | 11,40 |
| Funcion. mãe | 58,25      | 8,79 | 54,09          | 8,87 | 52,00            | 9,80  | 49,71           | 9,37  |
| Amor pai     | 61,07      | 9,44 | 56,44          | 8,17 | 54,37            | 9,19  | 48,59           | 10,04 |
| Funcion. pai | 60,17      | 8,90 | 56,57          | 8,77 | 54,74            | 8,97  | 50,87           | 8,05  |

**Quadro 84.** *Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de satisfação conjugal do filho segundo o estilo de vinculação à mãe*

| Dimensão          | gl | F      | Sig. | Scheffe      |
|-------------------|----|--------|------|--------------|
| Amor mãe          | 3  | 12,336 | ,000 | S>D,A;D>P    |
| Funcionamento mãe | 3  | 7,781  | ,000 | S>D,A        |
| Amor pai          | 3  | 12,839 | ,000 | S>P,D,A; A<P |
| Funcionamento pai | 3  | 8,066  | ,000 | S>D,A        |

Obtiveram-se diferenças significativas em todas as dimensões das percepções da satisfação conjugal que os filhos têm relativamente aos seus pais. De facto, ter um determinado tipo de vinculação à mãe está associado a percepções de satisfação conjugal diferenciadas. De um modo geral, o estilo de vinculação seguro é aquele que se apresenta como tendo representações do desempenho dos papéis conjugais dos seus pais com mais satisfação. Por outro lado, o estilo de vinculação amedrontado é que se associa a percepções de satisfação mais baixas.



Temos o mesmo tipo de dados para a vinculação ao pai. Os resultados decorrentes das análises encontram-se nos quadros 85 e 86.

**Quadro 85.** Médias e desvios padrão para as dimensões das percepções de satisfação conjugal do filho em função do estilo de vinculação ao pai

| Dimensão     | Seguro |      | Preocupado |      | Desinvestido |      | Amedrontado |       |
|--------------|--------|------|------------|------|--------------|------|-------------|-------|
|              | Média  | DP   | Média      | DP   | Média        | DP   | Média       | DP    |
| Amor mãe     | 61,08  | 9,47 | 55,67      | 9,43 | 53,51        | 9,94 | 44,55       | 11,32 |
| Funcion. mãe | 58,15  | 9,60 | 54,90      | 8,87 | 52,49        | 8,96 | 47,42       | 8,77  |
| Amor pai     | 62,34  | 8,61 | 55,79      | 9,09 | 54,55        | 8,73 | 47,40       | 8,61  |
| Funcion. pai | 61,13  | 8,85 | 56,67      | 8,63 | 54,43        | 8,55 | 50,00       | 7,88  |

**Quadro 86.** Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de satisfação conjugal do filho segundo o estilo de vinculação ao pai

| Dimensão          | gl | F      | Sig. | Scheffe        |
|-------------------|----|--------|------|----------------|
| Amor mãe          | 3  | 17,277 | ,000 | S>P,D,A; P,D>A |
| Funcionamento mãe | 3  | 9,193  | ,000 | S>D,A; P>A     |
| Amor pai          | 3  | 19,082 | ,000 | S>P,D,A; P,D>A |
| Funcionamento pai | 3  | 12,149 | ,000 | S>P,D,A; P,D>A |

Os resultados para o estilo de vinculação ao pai são semelhantes aos obtidos para o estilo de vinculação à mãe, sendo que a vinculação segura apresenta valores médios de percepções de satisfação conjugal mais elevados e a vinculação amedrontada os valores médios mais baixos.

Ao nível das percepções de satisfação parental que o filho possui, os estilos de vinculação à mãe originaram diferenças significativas apenas nas dimensões recompensas da mãe e do pai (quadros 87 e 88).

**Quadro 87.** Médias e desvios padrão para as percepções de satisfação parental do filho em função do estilo de vinculação à mãe

| Dimensão    | Seguro |       | Preocupado |       | Desinvestido |       | Amedrontado |       |
|-------------|--------|-------|------------|-------|--------------|-------|-------------|-------|
|             | Média  | DP    | Média      | DP    | Média        | DP    | Média       | DP    |
| Recomp. mãe | 137,81 | 12,45 | 129,84     | 13,71 | 125,49       | 14,25 | 112,21      | 18,38 |
| Custos mãe  | 81,82  | 17,88 | 78,74      | 14,65 | 78,44        | 13,60 | 73,84       | 13,28 |
| Recomp. pai | 135,19 | 13,16 | 125,34     | 15,32 | 123,41       | 16,95 | 110,71      | 17,77 |
| Custos pai  | 80,92  | 17,35 | 77,26      | 14,06 | 77,72        | 14,58 | 73,97       | 12,57 |

**Quadro 88.** Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de satisfação parental do filho segundo o estilo de vinculação à mãe

| Dimensão        | gl | F      | Sig. | Scheffe        |
|-----------------|----|--------|------|----------------|
| Recompensas mãe | 3  | 21,416 | ,000 | S>P,D,A; A<P,D |
| Custos mãe      | 3  | 1,647  | ,179 | -              |
| Recompensas pai | 3  | 19,193 | ,000 | S>P,D,A; A<P,D |
| Custos pai      | 3  | 1,424  | ,236 | -              |

Tal como sucedeu para o caso das percepções de satisfação conjugal também aqui os sujeitos seguros são os que apresentam médias mais elevadas e os amedrontados médias mais baixas.

No que diz respeito ao estilo de vinculação ao pai, as diferenças que emergiram ao nível da análise de variância foram também nas dimensões das recompensas da mãe e do pai e também na dimensão custos da mãe. Estes dados foram registados nos quadros que se seguem (quadros 90 e 91).

**Quadro 90.** Médias e desvios padrão para as percepções de satisfação parental do filho em função do estilo de vinculação ao pai

| Dimensão    | Seguro |       | Preocupado |       | Desinvestido |       | Amedrontado |       |
|-------------|--------|-------|------------|-------|--------------|-------|-------------|-------|
|             | Média  | DP    | Média      | DP    | Média        | DP    | Média       | DP    |
| Recomp. mãe | 137,93 | 12,36 | 130,76     | 14,05 | 125,41       | 13,61 | 112,53      | 19,55 |
| Custos mãe  | 81,76  | 18,27 | 79,88      | 16,27 | 77,66        | 12,39 | 74,38       | 11,50 |
| Recomp. pai | 137,25 | 12,66 | 126,42     | 14,58 | 123,33       | 13,62 | 103,95      | 19,90 |
| Custos pai  | 81,80  | 17,97 | 78,03      | 15,00 | 77,20        | 12,62 | 71,50       | 13,47 |

**Quadro 91.** Resultados da ANOVA para as dimensões das percepções de satisfação parental do filho segundo o estilo de vinculação à mãe

| Dimensão        | gl | F      | Sig. | Scheffe        |
|-----------------|----|--------|------|----------------|
| Recompensas mãe | 3  | 3,749  | ,000 | S>P,D,A; P,D>A |
| Custos mãe      | 3  | 2,796  | ,041 | -              |
| Recompensas pai | 3  | 20,956 | ,000 | S>P,D,A; P,D>A |
| Custos pai      | 3  | 1,632  | ,183 | -              |

No entanto, a realização dos testes posteriores de Scheffe só fez emergir diferenças entre os estilos de vinculação para as dimensões recompensas. Quer nas percepções de recompensas do filho referente à mãe quer nas referentes ao pai, a vinculação segura é coincidente com os valores mais elevados e a vinculação amedrontada com os valores mais baixos.

Analizamos ainda o efeito do estilo de vinculação à mãe e ao pai ao nível do desenvolvimento psicossocial, no sentido de percebermos até que ponto as duas teorias se aproximam em termos de grelha de leitura do desenvolvimento. Em seguida apresentam-se os quadros (92, 93, 94 e 95) referentes aos procedimentos de análise de variância conduzidos, primeiramente para o estilo de vinculação à mãe e depois para o estilo de vinculação ao pai.

**Quadro 92.** Médias e desvios padrão para as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho em função do estilo de vinculação à mãe

| Dimensão                        | Seguro |      | Preocupado |      | Desinvestido |      | Amedrontado |      |
|---------------------------------|--------|------|------------|------|--------------|------|-------------|------|
|                                 | Média  | DP   | Média      | DP   | Média        | DP   | Média       | DP   |
| Confiança vs. Desconfiança      | 27,74  | 3,88 | 24,12      | 4,34 | 26,86        | 4,69 | 23,85       | 4,25 |
| Autonomia vs. Vergonha e Dúvida | 41,16  | 5,19 | 37,92      | 5,24 | 40,98        | 5,11 | 37,93       | 5,47 |
| Iniciativa vs. Culpa            | 35,72  | 4,02 | 33,50      | 4,16 | 35,58        | 3,91 | 32,33       | 4,21 |
| Indústria vs. Inferioridade     | 43,30  | 5,34 | 39,78      | 5,49 | 41,95        | 5,51 | 37,85       | 6,14 |
| Identidade vs. Conf. Identidade | 49,45  | 5,89 | 44,57      | 6,29 | 47,71        | 6,30 | 42,71       | 6,38 |
| Intimidade vs. Isolamento       | 28,07  | 4,41 | 26,83      | 4,14 | 27,98        | 4,24 | 25,19       | 4,85 |

**Quadro 93.** Resultados da ANOVA para as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho segundo o estilo de vinculação à mãe

| Dimensão                        | gl | F      | Sig. | Scheffe      |
|---------------------------------|----|--------|------|--------------|
| Confiança vs. Desconfiança      | 3  | 10,623 | ,000 | S>P,A; D>P   |
| Autonomia vs. Vergonha e Dúvida | 3  | 6,515  | ,000 | P<S,D        |
| Iniciativa vs. Culpa            | 3  | 6,943  | ,000 | S>P,A; D>P,A |
| Indústria vs. Inferioridade     | 3  | 7,896  | ,000 | S>P,A; D>A   |
| Identidade vs. Conf. identidade | 3  | 10,805 | ,000 | S>P,A; D>P,A |
| Intimidade vs. Isolamento       | 3  | 3,220  | ,024 | -            |

O estilo de vinculação à mãe originou diferenças significativas em todas as dimensões do desenvolvimento psicossocial. As diferenças vão no sentido da associação do estilo de vinculação à mãe seguro a um maior nível de desenvolvimento psicossocial. Por outro lado, o estilo amedrontado é o que apresenta valores mais baixos nos estádios de desenvolvimento psicossocial.

**Quadro 94.** Médias e desvios padrão para as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho em função do estilo de vinculação ao pai

| Dimensão                        | Seguro |      | Preocupado |      | Desinvestido |      | Amedrontado |      |
|---------------------------------|--------|------|------------|------|--------------|------|-------------|------|
|                                 | Média  | DP   | Média      | DP   | Média        | DP   | Média       | DP   |
| Confiança vs. Desconfiança      | 27,59  | 4,46 | 24,21      | 3,83 | 26,71        | 4,50 | 24,71       | 5,11 |
| Autonomia vs. Vergonha e Dúvida | 41,66  | 5,20 | 37,74      | 5,29 | 40,44        | 5,04 | 38,69       | 5,44 |
| Iniciativa vs. Culpa            | 36,17  | 4,14 | 33,33      | 4,06 | 35,13        | 3,80 | 32,95       | 4,51 |
| Indústria vs. Inferioridade     | 43,86  | 5,27 | 39,76      | 5,62 | 41,31        | 5,42 | 38,66       | 6,15 |
| Identidade vs. Conf. Identidade | 50,44  | 5,53 | 43,95      | 6,19 | 47,06        | 5,96 | 43,95       | 7,49 |
| Intimidade vs. Isolamento       | 28,63  | 4,38 | 26,68      | 4,07 | 27,75        | 3,99 | 24,61       | 5,30 |

**Quadro 95.** Resultados da ANOVA para as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho segundo o estilo de vinculação ao pai

| Dimensão                        | gl | F      | Sig. | Scheffe      |
|---------------------------------|----|--------|------|--------------|
| Confiança vs. Desconfiança      | 3  | 7,720  | ,000 | S>P;P<D      |
| Autonomia vs. Vergonha e Dúvida | 3  | 6,880  | ,000 | S>P;P<D      |
| Iniciativa vs. Culpa            | 3  | 7,001  | ,000 | S>P,A        |
| Indústria vs. Inferioridade     | 3  | 8,180  | ,000 | S>P,A        |
| Identidade vs. Conf. identidade | 3  | 14,446 | ,000 | S>P,D,A; D>P |
| Intimidade vs. Isolamento       | 3  | 5,670  | ,001 | S>A; D>A     |

Tal como na vinculação à mãe, o estilo de vinculação ao pai produziu diferenças de médias significativas nas dimensões do desenvolvimento psicossocial: o seguro associado a maiores níveis desenvolvimentais e os amdrontados a menores.

### 1.7. Diferenças no desenvolvimento em função da convergência/ divergência de percepções de satisfação familiar

No sentido de se perceberem as associações existentes entre as percepções de satisfação dos diferentes elementos constitutivos da tríade familiar, foi efectuado o estudo correlacional descrito no quadro que se segue.

**Quadro 96.** *Correlações de Pearson entre as percepções do pai e da mãe e as percepções dos filhos relativas aos pais*

| Percepção de satisfação do filho relativa aos pais |               | Percepção de satisfação do pai |               |                |               | Percepção de satisfação da mãe |               |                |               |
|--|---------------|--------------------------------|---------------|----------------|---------------|--------------------------------|---------------|----------------|---------------|
|  |               | Papel Parental                 |               | Papel Conjugal |               | Papel Parental                 |               | Papel Conjugal |               |
|  |               | Recomp.                        | Custos        | Amor           | Funcion.      | Recomp.                        | Custos        | Amor           | Funcion.      |
| Papel  | Recompensas   | <b>,373**</b>                  | <b>,251**</b> | <b>,222**</b>  | <b>,227**</b> | <b>,383**</b>                  | <b>,183**</b> | <b>,168*</b>   | <b>,099</b>   |
| Parental   | Custos        | <b>,202**</b>                  | <b>,321**</b> | <b>,070</b>    | <b>,124</b>   | <b>,148*</b>                   | <b>,269**</b> | <b>,049</b>    | <b>,079</b>   |
| Papel  | Amor          | <b>,269**</b>                  | <b>,222**</b> | <b>,321**</b>  | <b>,275**</b> | <b>,215**</b>                  | <b>,024</b>   | <b>,462**</b>  | <b>,297**</b> |
| Conjugal   | Funcionamento | <b>,279**</b>                  | <b>,221**</b> | <b>,239**</b>  | <b>,301**</b> | <b>,290**</b>                  | <b>,139*</b>  | <b>,300**</b>  | <b>,344**</b> |

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; A negrito assinalam-se as correlações entre as percepções relativas à mesma dimensão entre pai/mãe e o filho.

Pela análise do quadro 96, podemos concluir que apesar das correlações entre as percepções dos pais e dos filhos em relação às mesmas dimensões serem todas positivas e significativas, a sua ordem de grandeza permite-nos afirmar que não são coincidentes. Deste modo, podemos afirmar a idiosincrasia do processo de construção de significados de cada um dos elementos das tríades familiares no que se refere à satisfação com os papéis conjugal e parental. Também é clara a correlação positiva entre a percepção de satisfação no papel parental e o papel conjugal, o que demonstra o efeito de contaminação da

satisfação num papel para o outro. De facto, os estudos têm demonstrado a interferência do conflito conjugal na relação pais – filhos (ver revisão de Erel & Burman, 1995).

Também se verifica que os filhos diferenciam as duas figuras parentais nas percepções de satisfação que atribuem à mãe e ao pai. Isto porque apesar de na mesma dimensão referente ao pai e à mãe apresentarem valores de correlação elevados, não soa coincidentes. Estes dados encontram-se no quadro seguinte (Quadro 97).

**Quadro 97.** *Correlação de Pearson entre as percepções de satisfação conjugal e parental do filho relativas à mãe com as relativas ao pai*

| Dimensões     | Pai | Amor   | Funcionamento | Recompensas | Custos |
|---------------|-----|--------|---------------|-------------|--------|
| <b>Mãe</b>    |     |        |               |             |        |
| Amor          |     | ,943** | ,578**        | ,627**      | ,391** |
| Funcionamento |     | ,658** | ,852**        | ,587**      | ,372** |
| Recompensas   |     | ,570** | ,598**        | ,860**      | ,443** |
| Custos        |     | ,254** | ,354**        | ,417**      | ,938** |

### Estudo diferencial

Com o intuito de se averiguarem as diferenças existentes nas percepções das dimensões de satisfação parental e conjugal entre o pai, a mãe e o respectivo filho, efectuou-se um teste t para amostras emparelhadas, sendo considerada como unidade de análise a família e não os três sujeitos constitutivos por si só. Os resultados obtidos podem ser observados nos quadros 98, 99 e 100..

**Quadro 98.** *Resultados dos testes t para amostras emparelhadas entre a percepção do filho e a do pai*

| Dimensão      | Percepções do filho |               | Percepções do pai |               | t     | Sig. |
|---------------|---------------------|---------------|-------------------|---------------|-------|------|
|               | Média               | Desvio-padrão | Média             | Desvio-padrão |       |      |
| Recompensas   | 126,57              | 16,92         | 124,28            | 15,53         | 1,904 | ,058 |
| Custos        | 78,29               | 15,28         | 74,62             | 14,76         | 3,182 | ,002 |
| Amor          | 56,57               | 9,77          | 54,84             | 9,43          | 2,350 | ,020 |
| Funcionamento | 56,64               | 9,22          | 54,44             | 9,09          | 3,087 | ,002 |

No que se refere, às diferenças existentes entre a percepção do pai e a percepção que o seu filho tem da sua satisfação no desempenho dos papéis conjugal e parental, verificaram-se diferenças significativas ao nível das dimensões custos da parentalidade, amor conjugal e funcionamento conjugal. Em todas elas a percepção dos filhos é de maior satisfação do que a que efectivamente o pai refere. O mesmo se passa com as diferenças entre a percepção dos filhos e a percepção das mães (ver Quadro 99).

**Quadro 99.** *Resultados dos testes t para amostras emparelhadas entre a percepção do filho e a da mãe*

| Dimensão      | Percepções do filho |               | Percepções da mãe |               | t     | Sig. |
|---------------|---------------------|---------------|-------------------|---------------|-------|------|
|               | Média               | Desvio-padrão | Média             | Desvio-padrão |       |      |
| Recompensas   | 129,44              | 15,74         | 128,86            | 14,76         | ,519  | ,604 |
| Custos        | 79,19               | 15,42         | 74,73             | 15,77         | 3,588 | ,000 |
| Amor          | 55,55               | 10,79         | 54,06             | 10,16         | 2,079 | ,039 |
| Funcionamento | 54,38               | 9,59          | 52,14             | 9,60          | 3,090 | ,002 |

Comparando as duas figuras parentais relativamente à avaliação da satisfação relativa aos papéis familiares, verificaram-se diferenças significativas ao nível das recompensas da parentalidade e do funcionamento conjugal. Ao nível das recompensas são as mães que apresentam maior nível de satisfação, enquanto que no funcionamento conjugal são os pais que reportam níveis mais elevados de satisfação.

**Quadro 100.** Resultados dos testes *t* para amostras emparelhadas entre a percepção da mãe e a do pai

| Dimensão      | Percepções da mãe |               | Percepções do pai |               | t      | Sig. |
|---------------|-------------------|---------------|-------------------|---------------|--------|------|
|               | Média             | Desvio-padrão | Média             | Desvio-padrão |        |      |
| Recompensas   | 128,86            | 14,76         | 124,28            | 15,54         | 4,379  | ,000 |
| Custos        | 74,73             | 15,76         | 74,61             | 14,76         | ,108   | ,914 |
| Amor          | 54,06             | 10,16         | 54,84             | 9,43          | -1,283 | ,201 |
| Funcionamento | 52,14             | 9,60          | 54,44             | 9,09          | -3,314 | ,001 |

**Modelo estrutural**

No sentido de percebermos de que modo a constelação de percepções de satisfação com os papéis parental e conjugal dos pais se relaciona com a percepção de satisfação dos filhos, efectuou-se a análise do seguinte modelo de equações estruturais.





### **Convergência /Divergência de percepções de satisfação na família**

De modo a percebermos de que forma a convergência/divergência de percepções de satisfação entre o filho e os seus pais influencia o seu desenvolvimento, constituíram-se dois grupos de sujeitos correspondentes à situação de convergência de percepções e à situação de divergência de percepções. Para isso, para cada dimensão da satisfação conjugal e parental, calculou-se o valor da diferença da percepção entre o filho e a mãe/pai. Posteriormente, foi calculado o valor da média e do desvio padrão das diferenças. Com base nesses valores a variável diferença entre as percepções na díade foi recodificada do seguinte modo: os sujeitos cuja diferença de valores se situasse entre o valor da média mais ou menos um desvio padrão foram classificados como tendo percepções convergentes; por outro lado, os indivíduos cujo valor da diferença se situasse fora desse intervalo foram considerados como divergentes ao nível das percepções. Posteriormente, foram conduzidos testes *t* de *student* para amostras independentes entre as dimensões do desenvolvimento do adolescente (desenvolvimento psicossocial e vinculação) e a convergência/divergência face a determinada percepção de satisfação familiar. Procuramos sistematizar os resultados obtidos no quadro que se segue.

**Quadro 101.** Resultados dos testes *t* conduzidos para as dimensões do desenvolvimento psicossocial e da vinculação em função da convergência/divergência de percepções de satisfação familiares

| Convergência de percepções entre | Dimensão      |                                 | Resultados                 |
|----------------------------------|---------------|---------------------------------|----------------------------|
| Filho e Mãe                      | Amor          |                                 | -                          |
|                                  | Funcionamento | QLE Mãe                         | Convergência > Divergência |
|                                  |               | IEI Mãe                         | Convergência < Divergência |
|                                  | Recompensas   | QLE Mãe                         | Convergência > Divergência |
|                                  | Custos        | QLE Mãe                         | Convergência < Divergência |
| Filho e Pai                      | Amor          |                                 | -                          |
|                                  | Funcionamento |                                 | -                          |
|                                  | Recompensas   |                                 | -                          |
|                                  | Custos        | Confiança vs. Desconfiança      | Convergência < Divergência |
|                                  |               | Autonomia vs. Vergonha e Dúvida | Convergência < Divergência |
|                                  |               | Iniciativa vs. Culpa            | Convergência < Divergência |
|                                  |               | Indústria vs. Inferioridade     | Convergência < Divergência |
|                                  |               | Identidade vs. Conf. Identidade | Convergência < Divergência |
|                                  |               | QLE Mãe                         | Convergência < Divergência |

**Convergência/divergência de percepções entre mãe e filho**

• **na dimensão Amor**

Assim, para a dimensão amor, a convergência/divergência de percepções entre mãe e filho não produz diferenças estatisticamente significativas em função do grupo de pertença (convergente, divergente).

• **na dimensão Funcionamento**

No entanto, a dimensão funcionamento faz emergir duas diferenças significativas: na dimensão qualidade do laço emocional à mãe verifica-se existir uma diferença significativa ( $t_{(228)} = 2,154$ ;  $p = 0,032$ ) sendo que o grupo convergente ( $M = 63,49$ ;  $DP = 6,33$ ) apresenta uma média superior ao grupo divergente ( $M = 61,10$ ;  $DP = 9,87$ ); na dimensão inibição da exploração e da individualidade também sucede o mesmo ( $t_{(228)} = - 2,042$ ;  $p = 0,042$ ), mas desta vez o grupo convergente ( $M = 28,78$ ;  $DP = 8,48$ ) apresenta uma média inferior ao grupo divergente ( $M = 31,43$ ;  $DP = 9,17$ ).

- **na dimensão Recompensas**

A dimensão recompensas fez emergir uma diferença significativa na dimensão qualidade do laço emocional à mãe ( $t_{(228)} = 2,030$ ;  $p = 0,044$ ) sendo que o grupo convergente ( $M = 63,63$ ;  $DP = 6,74$ ) apresenta uma média superior ao grupo divergente ( $M = 61,38$ ;  $DP = 8,58$ ).

- **na dimensão Custos**

A dimensão custos fez emergir uma diferença significativa na dimensão qualidade do laço emocional à mãe ( $t_{(228)} = -2,455$ ;  $p = 0,015$ ) sendo que o grupo convergente ( $M = 62,07$ ;  $DP = 8,06$ ) apresenta uma média inferior ao grupo divergente ( $M = 64,67$ ;  $DP = 5,59$ ).

### **Convergência/divergência de percepções entre pai e filho**

- **na dimensão Amor**

Assim, para a dimensão amor, a convergência/divergência de percepções entre pai e filho não produz diferenças estatisticamente significativas em função do grupo de pertença (convergente, divergente).

- **na dimensão Funcionamento**

Também nesta dimensão não emergiram diferenças significativas.

- **na dimensão Recompensas**

Tal como nas anteriores, não se verificaram diferenças significativas.

- **na dimensão Custos**

A dimensão custos fez emergir diversas diferenças significativa:

- na dimensão qualidade do laço emocional à mãe ( $t_{(228)} = -2,792$ ;  $p = 0,006$ ) sendo que o grupo convergente ( $M = 61,97$ ;  $DP = 7,93$ ) apresenta uma média inferior ao grupo divergente ( $M = 64,93$ ;  $DP = 5,85$ );

- Confiança vs. Desconfiança ( $t_{(228)} = -3,603$ ;  $p = 0,000$ ) sendo que o grupo convergente ( $M = 25,42$ ;  $DP = 4,59$ ) apresenta uma média inferior ao grupo divergente ( $M = 27,74$ ;  $DP = 4,12$ );

- Autonomia vs. Vergonha e Dúvida ( $t_{(228)} = -3,785$ ;  $p = 0,000$ ) sendo que o grupo convergente ( $M = 39,06$ ;  $DP = 5,32$ ) apresenta uma média inferior ao grupo divergente ( $M = 41,92$ ;  $DP = 5,03$ );

- Iniciativa vs. Culpa ( $t_{(228)} = -3,721$ ;  $p = 0,000$ ) sendo que o grupo convergente ( $M = 34,10$ ;  $DP = 4,07$ ) apresenta uma média inferior ao grupo divergente ( $M = 36,29$ ;  $DP = 4,12$ );

- Indústria vs. Inferioridade ( $t_{(228)} = -2,757$ ;  $p = 0,006$ ) sendo que o grupo convergente ( $M = 40,74$ ;  $DP = 5,56$ ) apresenta uma média inferior ao grupo divergente ( $M = 42,99$ ;  $DP = 5,92$ );

- Identidade vs. Conf. Identidade ( $t_{(228)} = -3,352$ ;  $p = 0,001$ ) sendo que o grupo convergente ( $M = 46,02$ ;  $DP = 6,49$ ) apresenta uma média inferior ao grupo divergente ( $M = 49,12$ ;  $DP = 6,24$ ).

## **Capítulo VII**

### **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

## Capítulo VII

### Discussão dos resultados

Para facilitar a leitura da discussão dos resultados, optou-se por enunciar novamente as hipóteses formuladas e, tendo em conta os resultados obtidos, discuti-las em termos da sua confirmação ou infirmação, integrando a investigação existente e procurando possíveis significações.

#### **1. Diferenças em função do género do adolescente**

**Hipótese 1.** Espera-se que os jovens do género feminino apresentem valores mais elevados nas dimensões da vinculação aos pais do que os do género masculino.

De acordo com a hipótese enunciada, o género produz efeito ao nível das dimensões da vinculação aos pais. No entanto, esta hipótese foi apenas parcialmente validada. De facto, as raparigas, em comparação com os rapazes, percebem a relação que têm com a figura materna como mais próxima emocionalmente (maior qualidade do laço emocional) e revelam uma maior ansiedade de separação e dependência a ambos os progenitores. Contudo, a qualidade do laço emocional ao pai não revelou diferenças significativas bem como a dimensão inibição da exploração e da individualidade quer ao pai quer à mãe. Esta maior proximidade emocional à mãe por parte das raparigas encontra-se em documentada (Bell, 1998; Benson, Harris & Rogers, 1992; Berman & Sperling, 1991; Frank, Avery & Laman (1988); Kenny, 1994; Kenny & Donaldson, 1991; Matos, Barbosa, Almeida & Costa, 1999a; Oliveira & Costa, 2001).

O facto de não se registarem diferenças significativas de género quanto à inibição da exploração e da individualidade, é revelador de que quer os rapazes quer as raparigas percebem os seus pais como respeitadores do seu espaço, das suas opiniões e sentimentos existindo encorajamento a situações novas. Este dado é dissonante com a cultura portuguesa onde tradicionalmente os pais tendem a proteger mais as filhas e a incentivar o

contacto e a exploração com o mundo exterior por parte dos seus filhos rapazes. Estes movimentos inibitórios por parte dos pais relativamente às filhas seriam particularmente visíveis na adolescência, onde face ao desejo de sair à noite, de chegar a casa mais tarde, o experimentar as discotecas e coisas novas tenderia a existir uma maior contenção relativamente às filhas raparigas. Aliás, esta cultura ainda é visível em situações de consulta psicológica. Este dado leva-nos a pensar que esta realidade se encontra em mudança. Deste modo, o facto das raparigas terem uma percepção menos inibitória do comportamento dos pais revela a existência de uma maior abertura por parte dos pais à maneira de pensar dos seus filhos, quer sejam rapazes quer sejam raparigas, encorajando-os a desenvolverem uma perspectiva pessoal. Sairá reforçado o papel dos pais enquanto *bases seguras* da exploração da realidade. Estaremos então na presença de práticas parentais educativas pautadas pela equidade relativamente ao género, assistindo-se à modificação dos papéis tradicionais em que os pais são mais inibidores e proibitivos para as filhas do que para os filhos. Matos (2003) obteve resultados semelhantes, o que reforça esta hipótese da mudança dos papéis de género tradicionais a ocorrer na nossa sociedade.

**Hipótese 2.** Espera-se diferenças de género do adolescente relativamente aos estádios do desenvolvimento psicossocial, em especial nos valores da confiança vs. desconfiança que nas raparigas serão inferiores aos dos rapazes.

Ao nível das dimensões do desenvolvimento psicossocial, emergiu apenas uma diferença significativa relativa ao género na dimensão confiança vs. desconfiança, onde as raparigas obtêm valores mais baixos, confirmando-se a hipótese apontada. Este resultado está de acordo com o estudo de Silva (2002). A autora refere ainda que esta é uma razão que explica porque é que as raparigas são mais medrosas, dado que a insegurança, ou, dito de outro modo, falta de confiança é um factor do desenvolvimento da ansiedade (Silva, 2002).

Por outro lado, a não existência de diferenças de género ao nível da identidade está bem documentada na investigação (Archer & Waterman, 1988; Archer, 1989; Costa, 1991; Waterman, 1982).



Um resultado contraditório com a investigação é a não emergência de diferenças de género ao nível da dimensão intimidade vs. isolamento (Bruhrmester & Furman, 1987; Fichner, 1981; Lapsley, Rice & Fitzgerald, 1990). No entanto, no contexto português, também o estudo de Silva (2002) não obteve diferenças significativas nesta dimensão.

Este resultado poderá também estar associado com a referida mudança de práticas educativas e dos papéis de género. As práticas educativas tenderão a ser mais equitativas relativamente ao género com a concomitante modificação dos papéis tradicionais femininos e masculinos. Se os pais incentivam de igual modo, os filhos e as filhas, a expressão de sentimentos, a exteriorização de emoções e a exploração do mundo relacional num contexto familiar apoiante, então teríamos uma explicação plausível para a ausência de diferenças de género. De facto, nas gerações de pais mais jovens denota-se uma vivência familiar significativamente diferente daquela que tradicionalmente ocorria no contexto da cultura portuguesa. Tradicionalmente em Portugal, as mães assumiam a ocupação de domésticas, responsáveis de modo exclusivo pelas tarefas da casa e quase exclusivo pelas práticas educativas dos filhos. Os pais, por seu lado, trabalhavam no exterior, e quando chegavam a casa tinham à sua espera a esposa, os filhos e o jantar preparado, findo o qual se dedicavam exclusivamente aos momentos de lazer dentro (ver televisão, ler o jornal, etc) ou fora de casa (ir ao café, estar com os amigos, etc). De facto, esta já não é mais a realidade dos casais portugueses, em que quer o marido quer a esposa precisam de trabalhar no exterior, ficando o tempo dedicado à casa muito semelhante para o homem e para a mulher. Também a realidade do emprego sofreu alterações, não existindo apenas o emprego com o horário tradicional das 8 horas da manhã às 18 horas, sendo que as mães nem sempre têm a disponibilidade de se ocuparem de modo exclusivo com as questões educativas dos filhos. Existe assim uma vivência em termos do contacto com o mundo relacional mais equitativa entre homem e mulher, o que legitima que quer os filhos quer as filhas possam ter o mesmo tipo de acesso ao mundo exterior. Sendo assim, discursos do tipo “porque és menina e não fica bem” já não são toleráveis pelas adolescentes que, em termos do que podem fazer ao nível comportamental, pouco se distinguem dos rapazes. São cada vez mais

considerados como tendo os mesmos direitos e as mesmas oportunidades de realização das coisas, de dar a opinião e de exprimirem sentimentos. Aliás, reflexo desta mudança, é o facto das adolescentes serem muitas vezes elas a tomarem a iniciativa de iniciarem um namoro, por exemplo.

Uma outra explicação prende-se com a natureza dos itens constituintes da escala de avaliação da dimensão intimidade vs. isolamento, os quais poderão não ser sensíveis às diferenças de género.

**Hipótese 3.** Não são esperadas diferenças de género do adolescente relativamente às percepções de satisfação conjugal dos pais.

Esta hipótese de carácter exploratório foi infirmada pelos nossos resultados. No que diz respeito às percepções que os filhos têm acerca da satisfação conjugal que os seus pais retiram do desempenho deste papel familiar, obtiveram-se duas diferenças significativas na dimensão funcionamento conjugal da mãe e do pai, apresentando os rapazes valores de percepção de satisfação superiores aos das raparigas. Esta diferença poderá explicar-se no contexto tradicional português por as raparigas estarem mais próximas desta dimensão que implica a partilha de tarefas domésticas, por exemplo, e por isso mesmo terem uma avaliação menos positiva da satisfação retirada ao nível desta dimensão. Por outro lado, as raparigas por estarem muito mais atentas às dimensões relacionais e da expressão de sentimentos dado que muitas vezes se constituem como confidentes das mães, passando mais tempo com os pais comparativamente aos rapazes, são mais perspicazes ao nível das percepções relacionais.

**Hipótese 4.** Esperam-se diferenças de género do adolescente relativamente às percepções de satisfação parental dos pais, nomeadamente na dimensão recompensas da parentalidade, devendo as raparigas reportar percepções superiores aos rapazes.

Esta hipótese caracteriza-se pelo seu carácter exploratório, tendo a sua formulação origem no estudo piloto realizado. Com base nos resultados obtidos esta hipótese é infirmada. Só se registaram diferenças de género na dimensão

custos da parentalidade do pai, sendo que os rapazes percebem os pais como sendo mais satisfeitos do que as raparigas.

Não deixa de ser interessante este resultado, pelo facto das diferenças entre rapazes e raparigas emergirem apenas para a figura parental masculina e no que diz respeito aos aspectos negativos que advêm da experiência da parentalidade. O facto dos rapazes a perceberem com maior satisfação do que as raparigas pode ser reflexo de questões educacionais, sendo que os rapazes são menos observadores e não são educados para este tipo de percepções. Por outro lado, os momentos de lazer partilhados entre pai e filho, podem abafar a percepção que os filhos possuem face aos aspectos da parentalidade que impliquem custos para os pais. Como estão muitas vezes em interacção no contexto do jogo e da brincadeira, os filhos rapazes tenderiam a valorizar a satisfação dos pais.

## **2. Diferenças em função do género dos pais**

**Hipótese 5.** Espera-se que a mãe seja a figura de vinculação de eleição e por isso espera-se que a *qualidade de laço emocional* e a *ansiedade de separação e dependência* à mãe tenham valores significativamente mais elevados do que as mesmas dimensões relativamente ao pai; por outro lado, espera-se que a dimensão *inibição da exploração e da individualidade* apresente médias superiores relativamente ao pai do que à mãe.

Os resultados confirmam parcialmente a hipótese adiantada tendo-se obtido valores de qualidade de laço emocional e de ansiedade de separação e dependência superiores para a vinculação à mãe do que ao pai. Este resultado está em consonância com a literatura (Paterson, Field & Pryor, 1994; Pipp, Shaver, Jennings, Lamborn, & Fisher, 1985; Youniss & Smollar, 1985). Aliás, não é apenas a este nível que a relação com a mãe sai em vantagem relativamente à relação com o pai. No que diz respeito à influência que as percepções que a mãe e o pai têm dos papéis familiares ao nível das percepções dos adolescentes da satisfação conjugal e parental dos pais, vemos que são as percepções da mãe que influenciam mais as percepções dos filhos.

No entanto, não se obtiveram diferenças significativas para a dimensão inibição da exploração e da individualidade. Este tipo de resultados foi também obtido por outros autores na cultura portuguesa (Barbosa, 2001; Matos, 2003). Pensamos que na base da explicação desta ausência de diferenças se encontra uma vez mais o contexto cultural e as mudanças nele operadas. De facto, a mãe e o pai partilham cada vez mais a tomada de decisão face ao incentivo à exploração no mundo exterior.

**Hipótese 6.** Espera-se que o estilo de vinculação à mãe seja coincidente com o estilo de vinculação ao pai.

Esta hipótese é confirmada pelos nossos resultados tendo-se obtido uma concordância de 77% e um valor da estatística Kappa significativo. De facto, estes resultados são consistentes com a investigação (Cobb, 1996). A maioria dos sujeitos (178 em 230, correspondentes a 77,45%) apresenta o mesmo estilo de vinculação ao pai e à mãe. Este facto poderá justificar-se por características da personalidade dos filhos que tenderão a influenciar a forma dos pais se relacionarem com eles. Por outro lado, o facto de terem formado expectativas relativas ao valor do *self* e acerca de serem ou não merecedores do afecto dos outros, integradas no modelo interno dinâmico, poderá constituir-se como predisposição para a formação do mesmo tipo de relacionamento, quando as experiências não conduzem à alteração dos padrões de relacionamento interpessoal.

**Hipótese 7.** Relativamente ao género dos pais, é esperado que produza diferenças nas percepções de satisfação conjugal, sendo os homens a reportar índices superiores de satisfação conjugal comparativamente às mulheres.

Os resultados indicam diferenças altamente significativas em termos estatísticos nas percepções da satisfação conjugal amor e funcionamento quando comparamos as percepções referentes à mãe e as percepções referentes ao pai. Ao nível da satisfação conjugal, quer na dimensão amor quer na dimensão funcionamento são os homens que se sentem mais satisfeitos comparativamente às mulheres. Estes dados estão de acordo com a investigação e consonantes com as percepções dos filhos. Também eles,

quando se comparam as percepções que têm face à mãe ou face ao pai, percebem o pai como aquele que retira mais satisfação da vivência do papel conjugal.

**Hipótese 8.** Relativamente ao género dos pais, é esperado que produza diferenças nas percepções de satisfação parental, sendo as mulheres a reportar índices superiores de satisfação conjugal comparativamente aos homens.

Nas dimensões da satisfação parental, também os resultados são significativos nas duas dimensões recompensas e custos, sendo agora a média da mãe superior à do pai.

Como se tratam de dois papéis familiares que recaem nas mesmas pessoas – o conjugal e o parental – vamos proceder à discussão conjunta destas duas hipóteses. Na realidade portuguesa, apesar da mudança socialmente referida ao nível das práticas educativas, ao nível dos pais dos nossos adolescentes e jovens adultos não podemos negar uma organização e funcionamento familiar ainda caracterizado por um sistema patriarcal, em que o pai é detentor do poder e com papéis sexuais definidos de uma forma tradicional: a mãe é frequentemente a responsável máxima pela educação dos filhos, sendo o pai chamado apenas nas situações consideradas mais importantes para exercer as suas funções de autoridade. Mesmo nas famílias em que o casal trabalha, o pai é ainda o elemento da família mais ausente afectivamente e fisicamente, valorizando o apoio instrumental, enquanto a mãe, a que está mais presente, valoriza mais a vertente do apoio emocional. Tendo em conta esta organização familiar são compreensíveis estas diferenças.

Por outro lado, a mãe valoriza e coloca em primeiro lugar as questões ligadas à maternidade, estando mais presente, mais junto dos filhos, sentindo retirar mais satisfação do desempenho deste papel familiar. A maior satisfação acontece não só na dimensão recompensas, mas também na dimensão custos da parentalidade. As mães manifestam maior satisfação quer relativamente aos aspectos positivos que advêm do facto de serem mães (felicidade, prazer,

incentivo, etc.) – recompensas – quer aos aspectos negativos (restrições, perdas de liberdade, conflitos, etc.) – custos. De facto, a dimensão da maternidade na sua vida poderá constituir-se como de tal modo absorvente que assume a primazia em termos de vivência de papel familiar, sobrepondo-se ao papel conjugal.

### **3. Diferenças em função da idade do adolescente**

**Hipótese 9.** Não são esperadas diferenças nas dimensões da vinculação em função da idade.

Ao nível das dimensões da vinculação em função do grupo etário de pertença do adolescente ou jovem adulto (até aos 18 anos, mais de 18 anos), verificaram-se diferenças significativas na dimensão ansiedade de separação quer à mãe quer ao pai. Este resultado poderá dever-se ao facto do adolescente, aquando da entrada nesta etapa desenvolvimental necessitar mais do apoio dos pais, dos seus conselhos e cuidados e com o desenvolvimento da autonomia e a identidade diferenciada, este tipo de apoio já não ser tão necessário, havendo uma redução da ansiedade e dependência (Matos *et al.*, 1999).

Por outro lado, a não observância de diferenças significativas ao nível da qualidade do laço emocional com a idade, sugere-nos a constância da ligação afectiva estabelecida com os pais ao longo da vida. Estes resultados estão consistentes com diversos estudos (Greenberg, Siegel & Leitch, 1983; Paterson *et al.*, 1994). Por isso mesmo, tal como a investigação o tem reforçado, os pais na adolescência não deixam de ser importantes para os seus filhos, aliás a qualidade da relação mantém-se inalterada. Mas é no contexto desta relação que o adolescente vai ensaiar a sua autonomia sem contudo se desligar dos pais ( Bowlby, 1978; Gnaulati & Heine, 2001; Grotevant, 1983; Grotevant & Cooper, 1986; Hoffman, 1984; Lapsey, Rice & Shadid, 1989; Lopez, 1995; Lopez, Campbell & Watkins, 1988; Matos & Costa, 1996; Matos *et al.*, 1999; Soares, 1996; Soares & Campos, 1988; Weiss, 1982; Youniss & Smolar, 1985).

**Hipótese 10.** A existência de diferenças de idade relativamente aos estádios de desenvolvimento psicossocial assume neste estudo um carácter exploratório. No entanto, dado que com o aumentar da idade o adolescente tem mais oportunidades de resolver as crises psicossociais, é esperado que os sujeitos mais velhos tenham níveis superiores de resolução dos estádios psicossociais, em especial o estágio intimidade vs. isolamento que só emerge verdadeiramente após a construção da identidade.

No nosso estudo não se obtiveram diferenças significativas em função da idade nas dimensões do desenvolvimento psicossocial. Este facto poderá dever-se às características da amostra, que apesar de variar entre os 12 e os 26 anos, as maiores frequências de idades centram-se em torno dos 19 anos de idade. Deste modo, prevalecendo uma certa homogeneidade etária, as possíveis diferenças são esbatidas não se evidenciando como significativas.

**Hipótese 11.** A existência de diferenças de idade nas percepções que o adolescente tem da satisfação conjugal dos pais assume também um carácter exploratório. No entanto, é esperado que à medida que a idade aumenta as percepções de satisfação no papel conjugal dos pais sejam mais realistas e não tão idealizadas e, por isso mesmo, sejam mais baixas.

Com a idade assiste-se a um decréscimo das percepções de satisfação conjugal que os filhos acham que os pais retiram do desempenho desse papel. As diferenças foram observadas em todas as dimensões da satisfação conjugal e quer se trate do pai ou da mãe.

Estes resultados poderão ser explicados pela alteração da relação pais-filhos à medida que aumenta a idade. De facto, provavelmente, os pais com os filhos mais velhos tenderão a falar mais das suas vivências, demonstrando também as suas insatisfações do que com os filhos mais novos. Com estes, os pais tendem a protegê-los, sendo mais cuidadosos no partilhar das suas preocupações decorrentes da experiência familiar.

**Hipótese 12.** A existência de diferenças de idade nas percepções que o adolescente tem da satisfação parental dos pais assume também um carácter

exploratório. No entanto, é esperado que à medida que a idade aumenta as percepções de satisfação nos papel parental dos pais sejam mais realistas e não tão idealizadas e, por isso mesmo, sejam mais baixas.

Ao nível das percepções da satisfação parental não se verificaram diferenças significativas. Este resultado poderá ser explicado pelo facto de, independentemente da idade, quando o adolescente faz o juízo acerca da satisfação que os pais retiram do papel parental, está sempre a ter-se como referência. De facto, enquanto que o papel conjugal existe sem o filho adolescente, no caso do papel parental o próprio filho encontra-se implicado na sua vivência.

#### **4. Diferenças em função do nível sociocultural**

**Hipótese 13.** Não são esperadas diferenças significativas na vinculação aos pais em função do nível sociocultural.

Contrariamente ao esperado, emergiu uma diferença significativa em função do nível sociocultural na dimensão da vinculação qualidade do laço emocional à mãe, sendo o grupo de nível sociocultural baixo apresenta médias superiores ao grupo médio – alto. Este facto poderá ser explicado, pela substituição do afecto por bens materiais que acontece especialmente em estratos sociais mais elevados.

Nas restantes dimensões não se observaram diferenças significativas, o que está de acordo com o contexto sociocultural em que vivemos, onde com os *mass media* o acesso da informação se processa de modo mais igualitário, o que contribui para a homogeneização. Por outro lado, a existência de uma relação pais-filhos pautada pela afectividade e positividade não parece depender dos recursos económicos ou culturais que os pais possuem.

**Hipótese 14.** Não são esperadas diferenças significativas do nível sociocultural no desenvolvimento psicossocial (quer ao nível dos filhos quer ao nível do pai e da mãe).

A hipótese é confirmada, não se obtendo diferenças significativas no desenvolvimento psicossocial do filho, do pai ou da mãe em função do nível



sociocultural. Estes resultados são justificados pela reflexão que acabamos de fazer aquando da última hipótese.

**Hipótese 15.** Não são esperadas diferenças significativas do nível sociocultural nas percepções de satisfação conjugal (dos filhos, do pai e da mãe).

Ao nível das dimensões da satisfação conjugal, os filhos do nível sociocultural baixo (1º ciclo do ensino básico) percebem o funcionamento conjugal da mãe como mais satisfatório do que os filhos do nível sociocultural alto. Aqui poderemos ter razões de dois tipos. Se, por um lado, a dimensão do funcionamento conjugal correspondente à partilha de tarefas, à gestão familiar, aos tempos livres e às relações com o exterior (familiares, profissão, etc.) poderá ser aceite sem questionamento por parte das mães do nível sociocultural mais baixo, sendo esse não questionamento interpretado pelo filho como satisfação, o mesmo não acontecerá nas famílias de nível sociocultural alto. Por outro lado, nas famílias de nível sociocultural mais baixo, as manifestações de conflito poderão ser normalmente mais explícitas e esse conflito explícito por ser habitual e por isso a regra e não a excepção, ser desvalorizado pelos filhos e não corresponder ao significado de insatisfação.

**Hipótese 16.** Não são esperadas diferenças significativas do nível sociocultural nas percepções de satisfação parental (dos filhos, do pai e da mãe).

A hipótese é confirmada, não se verificando diferenças significativas das percepções de satisfação parental em função do nível sociocultural por parte de nenhum dos elementos da tríade familiar.

### **5. Relações entre o desenvolvimento psicossocial**

**Hipótese 17.** Espera-se que o desenvolvimento psicossocial dos filhos se associe ao desenvolvimento psicossocial dos pais.

Ao nível do estudo correlacional, é visível um maior número de correlações positivas e significativas entre as dimensões do desenvolvimento psicossocial do filho com as do desenvolvimento psicossocial da mãe, comparativamente às dimensões do pai. Este facto está em consonância com

os resultados da vinculação em que a mãe foi considerada a figura de eleição, sendo natural influenciar mais o desenvolvimento do seu filho.

**Hipótese 18.** Espera-se que o desenvolvimento psicossocial dos elementos do casal se associe.

As correlações evidenciam uma associação entre o desenvolvimento psicossocial dos elementos do casal. Parece-nos lógica esta associação dado que se tratam de dois indivíduos que se encontram a deparar-se com o mesmo tipo de tarefas desenvolvimentais e para, além disso, partilham muitos dos contextos de vida.

#### ***6. Diferenças no desenvolvimento em função das percepções de satisfação familiar***

**Hipótese 19.** Espera-se que percepções de satisfação na família mais elevadas se associem a uma resolução mais bem sucedida das crises psicossociais em cada estágio do desenvolvimento psicossocial, havendo uma associação positiva entre os estádios do desenvolvimento psicossocial e as dimensões da satisfação com os papéis familiares.

Esta hipótese foi confirmada pelos resultados. De facto, níveis maiores de resolução dos estádios de desenvolvimento psicossocial encontram-se associados a percepções de satisfação quer conjugal quer parental superiores, comparativamente a níveis de resolução dos estádios mais baixos.

**Hipótese 20.** Espera-se que percepções de satisfação na família mais elevadas se associem ao estilo de vinculação seguro, havendo uma associação positiva entre as dimensões da vinculação e as dimensões da satisfação com os papéis familiares.

Esta hipótese foi também confirmada. Os resultados das anovas revelam que o estilo de vinculação seguro se encontra associado com níveis superiores de percepções de satisfação familiar. Por outro lado, os resultados decorrentes do estudo correlacional, mostram existir uma associação positiva e significativa

entre as dimensões da satisfação familiar e as dimensões da vinculação qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, existindo uma relação negativa com as dimensões inibição da exploração e da individualidade.

Os estudos têm mostrado a importância da vinculação segura para a forma de perceber a realidade e expectativas relacionais. Carranza & Kilman (2000) encontraram correlações positivas entre o estilo de vinculação segura e o autoconceito, boas características do pai e a mãe com características afectivas. Por outro lado, o padrão de vinculação inseguro estava associado com menor valor próprio, menor confiança interpessoal, um pai distante e exigente bem como uma mãe ausente. Shulman, Rosenheim & Knafo (1999) obtiveram resultados que mostraram que as expectativas conjugais dos pais explicavam as expectativas conjugais dos filhos e filhas, sendo esta associação moderada pela qualidade da vinculação. Harvey & Byrd (2000) encontraram resultados que afirmam que os indivíduos com altos níveis de vinculação segura percebem as suas famílias como utilizando estratégias de *coping* mais activas, enquanto que os indivíduos com vinculação ansiosa/ambivalente percebem as suas famílias como utilizando estratégias de *coping* de avaliação passiva.

Estes resultados parecem confirmar a importância das percepções dos adolescentes da satisfação conjugal e parental para o desenvolvimento de relações de vinculação seguras e consequentemente para a promoção da exploração, individuação e autonomia do adolescente. De facto, mais importante do que saber se os papéis conjugais e parentais dos pais são vividos com satisfação, é a forma pela qual os adolescentes o percebem que promove a construção de modelos internos dinâmicos que lhes possibilitam terem relações com os outros mais positivas e saudáveis.

Sroufe & Fleeson (1986) referem que a observação e participação por parte da criança nas relações familiares faz com que ela internalize expectativas e atitudes básicas para o comportamento com o seu futuro companheiro conjugal.

### **7. Diferenças no desenvolvimento em função da convergência/divergência de percepções de satisfação familiar**

**Hipótese 21.** Espera-se que a convergência, comparativamente à divergência, de percepções de satisfação conjugal e parental (dos pais e dos filhos) se associe positivamente com o desenvolvimento psicossocial.

**Hipótese 22.** Espera-se que a convergência, comparativamente à divergência, de percepções de satisfação conjugal e parental (dos pais e dos filhos) se associe positivamente com a vinculação segura.

Contrariamente ao esperado, e tendo por pano de fundo estas duas últimas hipóteses, nem sempre a situação da convergência de percepções entre o pai/ mãe e o filho se traduz de modo positivo ao nível das dimensões do desenvolvimento (quer na teoria da vinculação quer na teoria do desenvolvimento psicossocial). Parece-nos que mais importante do que a convergência/divergência das percepções é a natureza dos modelos dinâmicos internos ("Working models") que o filho possui. De facto, não é a convergência ou divergência de percepções que são importantes para os adolescentes mas sim que estes percebam a vivência dos papéis familiares dos pais como mais positivos. Aliás, os resultados dos testes *t* de *student* que dizem respeito à convergência/ divergência de percepções revelam que quando os filhos integram percepções de satisfação nos papéis familiares superiores às da figura parental que se está a referir, então a situação de divergência é a que se associa a médias de desenvolvimento mais elevadas. Isto porque a divergência resulta do valor percebido por parte dos filhos muito mais elevado comparativamente à mesma dimensão dos pais.

De um modo geral, os resultados provenientes deste estudo realçam o facto das percepções serem, antes de mais construções de significados. Ora, o processo de construção de significados é individual, sendo que não podemos face a uma mesma realidade familiar ignorar as percepções dos diferentes

elementos que constituem a família. Neste estudo ficaram evidentes as diferenças entre pais e filhos no que diz respeito à avaliação relativamente à satisfação que os pais retiram com a vivência dos papéis familiares conjugal e parental. Assim, as percepções devem ser consideradas como um processo dotado de subjectividade e de idiossincrasia. Não quer isto dizer que a forma de viver os papéis familiares por parte dos pais é independente da construção de significados dos filhos. Pelo contrário, os pais, em especial a mãe, influenciam e muito o tipo de percepções dos filhos. Estas percepções constituir-se-ão como expectativas relacionais e serão incorporadas nos modelos dinâmicos internos dos sujeitos, os quais guiarão a construção de relações e o modo de agir nas relações estabelecidas. Deste modo, os pais constituem-se como modelos para a construção de novas relações e para o desempenho de novos papéis. Isto não significa o determinismo e a causalidade linear entre o tipo de modelo dinâmico interno e as relações estabelecidas. De facto, o sujeito ao relacionar-se com outro, está exposto a uma forma alternativa de conceber o mundo relacional, e, no contexto de uma relação significativa, poderá alterar o tipo de representações que possui.

## **CONCLUSÃO GERAL**

## Conclusão Geral

Na conclusão deste trabalho, importa realçar os resultados obtidos bem como o modo como este pode contribuir para a intervenção e prática psicológica. De facto, a investigação serve de motor para a constante actualização das necessidades dos seres humanos que recorrem ao apoio do psicólogo. Só através deste movimento dialéctico entre a investigação e a intervenção poderemos aperfeiçoar o conhecimento dos processos inerentes ao sujeito que permitirão o seu desenvolvimento no sentido da maior complexidade e adaptabilidade às exigências da sociedade.

Deste modo, começaremos por uma síntese das principais conclusões deste trabalho e uma sistematização das suas contribuições para o contexto de actuação do psicólogo, seguindo-se uma análise crítica das limitações subjacentes, e, por fim, o delinear de sugestões para futuras investigações.

No ponto de partida para a realização deste estudo encontram-se motivações de ordem pessoal e profissional. Pessoal, face à gratificante experiência familiar que possuo, tendo sempre formado representações dos meus pais como avaliando positivamente o desempenho dos papéis familiares. Profissional, dado constatar-se que o denominador comum a qualquer processo de intervenção psicológica é a família, e daí o desejo de conhecer, mais do que os seus processos patológicos, os processos normais, cuja promoção de vivências de satisfação terá implicações na construção de expectativas relacionais (incorporadas nos modelos internos dinâmicos) que guiarão o mundo interpessoal do sujeito.

O presente estudo pretendeu compreender de que modo as experiências de satisfação com o desempenho nos papéis familiares conjugal e parental medeiam o desenvolvimento do adolescente e jovem adulto. Pretendeu ainda analisar de que forma as percepções dos diferentes elementos constitutivos da família (pai, mãe e filho(a)) têm percepções convergentes ou divergentes e qual o efeito de cada uma dessas condições ao nível do desenvolvimento. Estudou-se

ainda o efeito das variáveis género, idade e nível sociocultural nas dimensões estudadas.

Em termos da organização deste trabalho, ele foi constituído por duas partes complementares: a primeira de enquadramento teórico, focando a forma como o fenómeno estudado tem sido abordado e a segunda de natureza empírica que apresenta os passos metodológicos, os resultados e as implicações práticas da investigação levada a cabo.

Deste modo, na primeira parte de enquadramento teórico tínhamos quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma contextualização do estudo das percepções de satisfação com os papéis familiares. O segundo capítulo descreve a contribuição da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson e a forma como se constitui como importante grelha de leitura do desenvolvimento humano. No terceiro capítulo é apresentada a teoria da vinculação, referenciando-se brevemente as suas origens, as premissas base, concluindo-se com uma visão crítica. O quarto capítulo apresenta uma síntese das investigações que demonstram a influência que a família possui no desenvolvimento humano.

Na segunda parte dedicada ao estudo empírico temos três capítulos. O quinto capítulo aborda as questões metodológicas do estudo: à especificação dos objectivos orientadores da condução deste estudo, enunciação das hipóteses em estudo, identificação da metodologia utilizada, definição das variáveis, constituição e caracterização da amostra, selecção dos instrumentos, e sua adaptação e validação. O capítulo sexto apresenta os resultados obtidos no nosso estudo. Finalmente, o capítulo sétimo procura fazer uma discussão dos resultados obtidos tendo em conta as hipóteses levantadas e à luz da investigação existente. E assim chegamos à conclusão geral do presente trabalho.

Sendo os pais os principais catalisadores do desenvolvimento de um filho, este desenvolvimento é condicionado não apenas pelo sistema parental como também pelo sistema conjugal. Além disso, a criança não pode ser vista como um ser passivo, mas sim detentora da sua própria individualidade, que pensa, sente, age, reage, sendo ela um agente activo na construção de uma relação com os pais.



Não podemos compreender a dinâmica familiar se não tivermos em conta todos os elementos que dela fazem parte, a sua interacção bem como as influências recíprocas no seu desenvolvimento. No entanto, a família como espaço privilegiado de desenvolvimento, nem sempre assume formas promotoras do mesmo.

A investigação no âmbito psicológico deve necessariamente interligar-se com a prática do psicólogo, fornecendo pistas de intervenção mais adequadas aos clientes em situação de consulta psicológica. Foi neste sentido que este estudo se inseriu, com a preocupação de melhorar a compreensão das relações familiares, mais especificamente, no núcleo familiar, apontadas pela literatura como fulcrais no desenvolvimento dos seus elementos constitutivos. A maioria dos estudos realizados debruça-se sobre as relações precoces e nos primeiros anos de vida entre os pais e os seus filhos. Constituiu-se como objecto de análise do presente estudo tríades de famílias intactas constituídas por um(a) filho(a) adolescente (anterior à adopção de papéis adultos), e as respectivas figuras parentais (pai e mãe). A investigação com adolescentes acresce novas potencialidades no estudo dos papéis familiares, dadas as aquisições ao nível do pensamento abstracto dos sujeitos. De facto, o período da adolescência é acompanhado por um emergir de desafios, traduzindo-se como um período de transição nas expectativas dos papéis familiares e sociais, bem como no tipo de relações estabelecidas (incluindo-se as relações românticas). O adolescente possui uma capacidade de representação e de visão de si próprio e do outro mais diferenciada e complexa comparativamente à infância (Harter, 1990), considerando vários atributos na formação de percepções do *self* e dos outros. Acresce-se a possibilidade de comparação e confronto das suas expectativas e avaliações com as que acreditam que os outros (pais, pares, etc.) possuem. O adolescente tem a capacidade de se questionar como seria se tivesse uma relação diferente com os seus pais. Em conjunto, estas aquisições ao nível das suas capacidades permitem-lhe conceber imagens alternativas de si e do outro e as consequências de executar diferentes papéis, nomeadamente os familiares.

Doyle e Moretti (2000), no relatório elaborado para a divisão de saúde infantil e juvenil do Canadá apresentam uma revisão da literatura acerca da relação da vinculação aos pais durante a adolescência e o ajustamento psicológico e social, fornecendo directrizes para o desempenho eficaz do papel parental. Na intervenção com pais de adolescentes devem ser enfatizados vários aspectos. Em primeiro lugar, os pais devem reconhecer a importância da sua relação com os seus filhos, apesar do desenvolvimento da autonomia característico da adolescência. Os pais continuam a ser importantes para o ajustamento dos adolescentes, apesar do seu maior envolvimento com os pares. Deste modo, devem constituir-se como figuras disponíveis, apoiantes e envolvidas activamente na negociação da progressiva independência dos seus filhos, antecipando momentos onde estes recursos deverão, mais do que em qualquer outra circunstância, estar disponíveis, tais como nas situações de transição (como por exemplo, a entrada no ensino superior). Em segundo lugar, os pais devem estar disponíveis à discussão das normas e valores apresentando argumentos válidos para a sua existência, negociando as regras sempre que necessário. Será esta a melhor forma, aliada à observação atenta, de monitorizar o envolvimento dos filhos em situações perigosas que ameaçam a sua segurança. Esta observação atenta deverá ter em atenção as dificuldades emocionais que os seus filhos poderão estar a passar, não as atribuindo apenas às alterações hormonais ou ao temperamento. Isto porque quer o adolescente quer os pais contribuem para a qualidade da relação. Estas sugestões poderiam enquadrar-se quer no âmbito da consulta psicológica de pais, bem como no movimento das “escolas de pais”. Estas não são mais do que um grupo de apoio de pais, liderado por um profissional, que partindo da construção de uma relação empática de partilha de sentimentos, preocupações e receios, possibilitem aos pais de adolescentes a consciencialização da sua importância no ajustamento e desenvolvimento dos seus filhos, bem como na mediação de construções de representações dos papéis familiares (conjugal e parental) positivas e satisfatórias, intimamente relacionadas com a relação de vinculação segura entre pais e filhos.

A intervenção psicológica deverá ajudar os pais a compreenderem os filhos como indivíduos em desenvolvimento em vez de ensinar comportamentos específicos de como devem (ou não devem) actuar. De facto, tal como Dekovic, Gerris & Janssens (1991) afirmam “The parent who is able to understand more fully the nature of the parent-child relationship and to comprehend and coordinate different points of view within a situation, should be able to cope more successfully with the requirements of parenthood.” (pp.538)

Este estudo evidenciou a influência das percepções de satisfação dos pais nos papéis parental e conjugal na construção de percepções de satisfação dos papéis familiares por parte dos filhos.

Dado que, nos estudos que procuraram averiguar a relação entre os estilos de vinculação dos adolescentes e a satisfação que acham que os seus pais retiram dos papéis familiares, se evidencia uma clara associação do estilo de vinculação seguro com percepções mais satisfatórias, não podemos ignorar este dado na intervenção psicológica com adolescentes ou jovens adultos. De facto, é fundamental trabalharmos as questões relativas à parentalidade e à conjugalidade no sentido de potenciarmos a construção de relações futuras pautadas pela segurança. Ficou claro nos resultados deste estudo que os significados que os adolescentes atribuem à satisfação nos papéis familiares dos pais contribuem para a construção de modelos de representação internos de si e do outro. São estes modelos que orientarão o tipo de relações afectivas que em adulto o adolescente irá estabelecer. Por este motivo, consideramos pertinente trabalhar com os adolescentes os significados atribuídos à satisfação que os seus pais retiram dos papéis familiares contribuindo para a construção de relações afectivas adultas seguras e de grande qualidade.

Dado que o estilo de vinculação seguro está associado a melhores percepções de satisfação nos papéis familiares, é necessário em futuras investigações perceber como é que ocorre a transição da vinculação aos pais para os pares e parceiros românticos, possibilitando-se a compreensão da existência de representações de vinculação generalizadas versus diferenciadas. A investigação deveria ainda procurar compreender os factores da parentalidade

que possibilitam a mudança de um padrão de vinculação inseguro para um padrão de vinculação seguro na adolescência. Aliás, Bowlby (1973) salienta a importância de determinadas características ao nível da dinâmica familiar, tais como a comunicação aberta e franca acerca das representações de si próprio, da criança e dos outros, o que facilitará o reconhecimento por parte da criança das experiências vividas e a possibilidade de questionar os significados que lhe são atribuídos.

É agora o momento de apontar algumas limitações inerentes a este trabalho. A principal prende-se com o método de constituição da amostra: o método bola de neve. De facto, este não se trata de um método probabilístico e por isso a nossa amostra nunca poderá ser considerada representativa da população portuguesa. Assim, as generalizações das conclusões deste estudo devem ser feitas com cuidado.

Seria importante em futuras investigações o recurso a metodologias qualitativas onde pudéssemos mais facilmente aceder aos processos de atribuição de significados às realidades familiares. Pensamos ser também útil um estudo não com apenas um filho, mas com irmãos também. Seria uma forma de realçarmos diferentes formas de construir e de ver a mesma realidade familiar. Seria interessante a realização de um estudo longitudinal, onde pudessem ser comparadas as percepções que os filhos têm da satisfação que advém do desempenho dos papéis familiares dos pais e a sua própria percepção no desempenho real desses papéis. Teríamos de acompanhar estes jovens até que eles já estivessem a desempenhar os papéis conjugal e parental. Teríamos assim dados relativos à estabilidade ou não dos modelos internos dinâmicos construídos.

A título de conclusão, podemos afirmar que a construção de modelos internos dinâmicos que incorporem representações positivas e satisfatórias da vivência dos papéis familiares parental e conjugal são fundamentais para o desenvolvimento. Por isso, e a título preventivo, o trabalho do psicólogo deve ter em atenção este facto e não estar apenas centrado nos aspectos a remediar.

Consideramos que este trabalho foi uma primeira abordagem ao tema e que muito há ainda para percorrer na realidade da satisfação familiar.

## **BIBLIOGRAFIA**

## Bibliografia

- Adams, G. R., & Jones, R.M. (1983). Female adolescents' identity development: Age comparisons and childrearing perceptions. *Developmental Psychology*, 19, 249-256.
- Ainsworth, M.D.S. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and the growth of love*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Ainsworth, M. D. S. (1969). Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Ainsworth, M.D.S. (1972). Attachment and dependency: A comparison. In J.L. Gewirtz (Ed.), *Attachment and dependency* (pp. 97-137). Washington, DC: V.H. Winston.
- Ainsworth, M. D. S. (1982). Attachment: Retrospect and prospect. In C. M. Parkers & J. Stevenson-Hinde (Eds), *The place of attachment in human behavior* (pp. 3-30). New York: Basic Books.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. D. S. (1991). Attachments across the life-span. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61, 792-812.
- Ainsworth, M. D. S. (1994). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkers, J. Stevenson-Hindle, & P. Marris (Eds), *Attachment across the life cycle* (pp. 32-51). London: Tavistock/Routledge.

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Walters, E., & Wall, S. (1978). Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Ainsworth, M.D.S. & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341.
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guilford Press.
- Anderson, S. & Fleming, W. (1996). Late adolescents' home-leaving strategies: predicting ego identity and college adjustment. *Adolescence*, 21, 453-459.
- Aquilino, W. S. (1997). From adolescent to young adult: A prospective study of parent – child relations during the transition to adulthood. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 3, 670-686.
- Archer, S. (1989). Gender differences in identity development: issues of process, domain and timing. *Journal of Adolescence*, 12, 117-138.
- Archer, S. L. & Waterman, A.S. (1988). Psychological individualism: Gender differences or gender neutrality. *Human Development*, 31, 65-81.
- Barbosa, R. (2001). *A vinculação aos pais e a imagem corporal de adolescentes e jovens*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.

- Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Bartholomew, K., & Shaver, P. R. (1998). Methods of assessing adult attachment: Do they converge? In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships*. New York: Guilford Press.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Development Psychology Monograph*, 4.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescent*, 11, 56-95.
- Becker-Stoll, F., Delius, A., Scheitenberger, S. (2001). Adolescents' nonverbal emotional expressions during negotiation of a disagreement with their mothers: An attachment approach. *International Journal of Behavioral Development*, 25(4), 344-353.
- Bell, K.L. (1998). Family expressiveness and attachment. *Social Development*, 7, 37-53.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Belsky, J. (1996). Parent, infant, and social-contextual antecedents of father-son attachment security. *Developmental Psychology*, 32(5), 905-913.
- Belsky, J., Campbell, S. B., Cohn, J. F. & Moore, G. (1996). Instability of infant-parent attachment security. *Developmental Psychology*, 32(5), 921-924.



- Belsky, J., & Rovine, M. (1987). Temperament and attachment security in the strange situation: An empirical rapprochement. *Child Development*, 58, 787-795.
- Belsky, J., & Rovine, M., & Taylor, D.G. (1984). The Pennsylvania infant and family development project: III. The origins of individual differences in infant-mother attachment: Maternal and infant contributions. *Child Development*, 65, 718-728.
- Belsky, J. & Vondra, J. (1985). Characteristics, consequences, and determinants of parenting. In L. L'Abate (Ed.), *Handbook of Family Psychology and Therapy* (pp. 523-536). Homewood, IL: The Dorsey Press.
- Benoit, D., & Parker, K. C. (1994). Stability and transmission of attachment across three generations. *Child Development*, 65, 1444-1456.
- Benson, M.J., Harris, P.B., & Rogers, C.S. (1992). Identity consequences of attachment to mothers and fathers among late adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 2, 187-204.
- Berman, W. H. & Sperling, M. B. (1991). Parental attachment and emotional distress in the transition to college. *Journal of Youth and Adolescence*, 20, 427-440.
- Berman, W. H. & Sperling, M. B. (1994). The structure and function of adult attachment. In M. B. Sperling & W. H. Berman (Eds), *Attachment in Adults: Clinical and development perspectives* (pp. 3-28). N. Y. e London: The Guilford Press.
- Bernardes, J. (1993). Responsibilities in studying post-modern families. *Journal of Family Issues*, 14, 35-49.

- Bird, G.A., & Bird, G.W. (1984). Satisfaction in family, employment, and community roles. *Psychological Reports*, 55, 657-678.
- Blalock, H.M. (1982). Conceptualization and measurement in the social sciences. Beverly Hills, CA: Sage.
- Blau, P.M. (1964). *Exchange and power in social life*. New York: Wiley.
- Blos, P. (1968). Character formation in adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 23, 245-263.
- Bluestone, C. & Tamis-LeMonda, C. S. (1999). Correlates of parenting styles in predominantly working and middle-class African American mothers. *Journal of Marriage and the Family*, 41, 4, 881-893.
- Bowen, G. L. (1982). Social networks and the maternal role satisfaction of formerly-married mothers. *Journal of Divorce*, 5, 77-85.
- Bowen, M. (1986). Toward the differentiation of the self. In M. Bowen, *Family Therapy in clinical practice*. New York: Jason Aronson.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment*. London: Hogarth.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1978a). *Attachment and Loss, Vol.1. Attachment*. Harmondsworth: Penguin Books. (trabalho original publicado em 1969).
- Bowlby, J. (1978b). *Attachment and Loss, Vol. 2. Separation, anxiety and anger*. Harmondsworth: Penguin Books.

- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Routledge.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss. Vol. 3. Loss, sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). Development psychiatry comes age. *American Journal of Psychiatry*. 145, 1-10.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retospect and prospect. In I. Bretherton & E. Waters (Eds), *Growing points of attachment theory and research, Monographs of the Society for Research in Child Development*.
- Bretherton, I. (1991). The roots and growing points of attachment theory. In C.M. Parkes, J.S. Hinde & P. Marris (Eds), *Attachment across the life cycle*. London e New York: Routledge.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Development Psychology*, 28, 759-775.
- Bretherton, I. (1996). Internal working models of attachment relationships as related to resilient coping. In G. G. Noam & K. W. Fisher (Eds), *Development and Vulnerability in Close Relationships* (pp. 3-27). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-530.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Recent advances in research on the ecology of human development. In R.K. Silberreisen, K.Eyferth & G. Rudinger

- (Eds.), *Development as actions in context: Problem behavior and normal development*. Heidelberg and New York: Springer Verlag.
- Buhrmester, D., & Furman, W. (1987). The development of companionship and intimacy. *Child Development*, 58, 1101-1113.
- Carmines, E.G., & Zeller, R.A. (1988). *Reliability and validity assessment*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Carranza, L. V. & Kilman, P. R. (2000). Links between perceived parent characteristics and attachment variables for young women from intact families. *Adolescence*, 35, 295-312.
- Case, R. (1985). *Intellectual development: Birth to adulthood*. New York: Academic Press.
- Cassidy, J. (1998). Child-mother attachment and the self in 6-year-olds. *Child development*, 59, 121-124.
- Cassidy, J. (1999). The nature of child's ties. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 3-29). New York: The Guilford Press.
- Chalmers, D., & Lawrence, J. A. (1993). Investigating the effects of planning aids on adults' and adolescents' organisation of a complex task. *International Journal of Behavioral Development*, 16, 191-214.
- Chilman, C. (1979). Parent satisfactions-dissatisfactions and their correlates. *Social Service Review*, 53, 195-213.
- Cobb, C. (1996). Adolescent-parent attachments and family problem-solving styles. *Family Process*, 35, 57-82.

- Cohn, D. A., Silver, D.H., Cowan, C.P. & Cowan, P.A. (1992). Working models of childhood attachment and couple relationships. *Journal of Family Issues*, 13, 432-449.
- Coleman, P., & Watson, A. (2000). Infant attachment as a dynamic system. *Human Development*, 43, 295-313.
- Collin, V.L. (1996). *Human Attachment*. New York: McGraw-Hill.
- Collins, N. L. (1996). Working models of attachment: Implications for explanation, emotion, and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 810-832.
- Collins, W.A. & Luebker, C. (1994). Parent and adolescent expectancies: Individual and relational significance. *New Directions for Child development*, 66, 65-80.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1994). Cognitive representations of attachment: The structure and function of working models. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* vol. 5, pp. 53-90. London: Jessica kingsley.
- Conger, R. D., Patterson, G. R., & Ge, X. (1995). It takes two to replicate: A mediational model for the impact of parents' stress on adolescent adjustment. *Child Development*, 66, 80-97.
- Cooper, M. L., Shaver, P. R., & Collins, N. L. (1998). Attachment styles, emotion regulation, and adjustment in adolescence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1380-1397.

- Costa, M. E. (1991). *Contextos Sociais de vida e desenvolvimento da identidade*. INIC. Centro de Psicologia da Universidade do Porto.
- Cox, M.J., Owen, M.T., Henderson, V.K., & Margand, N.A. (1982). Prediction of infant-father and infant-mother attachment. *Developmental Psychology*, 28, 474-483.
- David, E. (1993). Sociology to famology: a wise move? *Journal of Family Issues*, 14, 35-49.
- Dekovic, M., Gerris, J. & Janssens, J. (1991). Parental cognitions, parental behavior, and the child's understanding of the parent-child relationship. *Merrill-Palmer Quarterly*, 37(4), 523-541.
- Dolgin, K. G. & Berndt, N. (1997). Adolescents' perceptions of their parents' disclosure to them. *Journal of Adolescence*, 20, 431-441.
- Doyle, A. B. & Moretti, M.M. (2000). *Attachment to parents and adjustment in adolescence. Literature review and policy implications*. <http://www.hc-sc.gc.ca/hppb/childhood-youth>.
- Ducharme, J., Doyle, A.B. & Markiewicz, D. (2002). Attachment security with mother and father: Associations with adolescents' reports of interpersonal behavior with parents and peers. *Journal of Social and Personal Relationships*, vol. 19(2):203-231.
- Dunn, J., Bretherton, I., & Munn, P. (1987). Conversations about feeling states between mothers and their young children. *Development Psychology*, 23, 132-139.

- Dunn, J. & Plomin, R. (1991). Why are siblings so different ? The significance of differences in sibling experiences within the family. *Family Process*, 30, 271-283.
- Ensign, J., Scherman, A. & Clark, J. J. (1998). The relationship of family structure and conflict to levels of intimacy and parental attachment in college students. *Adlescence*, 33, 131, 575-582.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118, 108-132.
- Erikson, E. (1963). *Childhood and Society*. (2nd ed.). New York: Norton. (Original work published 1950).
- Erikson, E. H. (1968). *Identidade, Juventude e Crise*. (tradução brasileira). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Erikson, E. H. (1975). *Life history and historical moment*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1976). *Infância e Sociedade*. (tradução brasileira). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Erikson, E. H. (1980). *Identity and the life cycle*. N.Y.: Norton & Company.
- Feeney, J.A., & Noller, P. (1996). *Adult Attachment*. London, N.D.: Sage Publications.

- Feeney, J.A., Noller, P. & Callahan, V.J. (1994). Attachment style, communication and satisfaction in the early years of marriage (pp. 269-308). In K. Bartholomew & D. Perlman (eds.), *Attachment processes in adulthood*. London: Jessica Kingsley.
- Feng, D., Giarruso, R., Bengton, V. L. & Frye, N. (1999). Intergenerational transmission of marital quality and marital instability. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 2, 451-464.
- Fincham, F.D., & Bradbury, T.N. (1990). Psychology and the study of marriage. In F.D. Fincham, & T.N. Bradbury (eds.). *The Psychology of Marriage* (1-14). London: The Guilford Press.
- Fletcher, A. C., Steinberg, L. & Sellers, E. B. (1999). Adolescents' well-being as function of perceived interparental consistency. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 3, 599-610.
- Fischner, J. (1981). Transitions in relationship style from adolescence to young adulthood. *Journal of Youth and Adolescence*, 10, 1, 11-12.
- Ford, D.L., & Lerner, R.M. (1992). *Developmental systems theory: An integrative approach*. Newbury Park, CA: Sage.
- Frank, S.J., Avery, C.B., & Laman, M.S. (1988). Young adults' perceptions of their relationships with their parents: Individual differences in connectedness, competence, and emotional autonomy. *Developmental Psychology*, 24, 729-737.



- Frank, S.J., Pirsch, L.A., & Wright, V.C. (1990). Late adolescents' perceptions of their relationships with their parents: Relationships among idealization, autonomy, relatedness, and insecurity and implications for adolescent adjustment and ego identity status. *Journal of Youth and Adolescence*, 19, 571-588.
- Gallantin, J. (1978). *Adolescência e Individualidade* (pp. 177-363). S. Paulo Brazil: Editora Harper e Row do Brazil Ltda.
- Ge, X., Best, K. M., Conger, R. D., & Simons, R. L. (1996). Parenting behaviors and the occurrence and co-occurrence of adolescent depressive symptoms and conduct problems. *Development Psychology*, 32, 717-731.
- Gerlsma, C., Snijders, T., van Duijn, M. & Emmelkamp, P. (1997). Parenting and psychopathology: differences in family members' perceptions of parental rearing styles. *Personal Individual Differences*, 23(2), 271-282.
- Geuzaine, C., Debry, M., & Liesens, V. (2000). Separation from parents in late adolescence : The same for boys and girls ? *Journal of Youth and Adolescence*, 29, 79-91.
- Glenn, N.D. (1998). The course of marital success and failure in five American 10-year marriage cohorts. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 569-576.
- Gnaulati, E., & Heine, B. J. (2001). Separation-individualization in late adolescence : An investigation of gender and ethnic differences. *The Journal of Psychology*, 135, 59-70.

- Goetting, A. (1986). Parental satisfaction: A review of the literature. *Journal of Family Issues*, 7, 83-109.
- Goldsteen, K. & Ross, K. (1989). The perceived burden of children. *Journal of Family Issues*, 10, 504-526.
- Goldstein, M. & Heaven, P. (2000). Perceptions of the family, delinquency, and emotional adjustment among youth. *Personality and Individual Differences*, 29, 1169-1178.
- Gomes, F. (1989). Aprendizagem afectiva. In C., Rodrigues, J. M., Teixeira, & F., Gomes (Eds), *Afectividade*. Colecção: *Elementos básicos de Psicologia Científica*. Porto: Contraponto.
- Grotevant, H.D. (1989). The role of theory in guiding family assessment. *Journal of Family Psychology*, 3, 104-117.
- Grotevant, H.D., & Cooper, C.R. (Eds.). (1983). *Adolescent development in the family. New directions for child development* (vol.22). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Guidubaldi, J. & Cleminshaw, H. K. (1985). The development of the Cleminshaw-Guidubaldi Parent Satisfaction Scale. *Journal of Clinical Child Psychology*, 14, 4, 293-298.
- Guidubaldi, J. & Cleminshaw, H. K. (1989). Development and validation of the Cleminshaw-Guidubaldi Parent Satisfaction Scale. In M. J. Fine (Ed.),

*The second handbook on parent education: Contemporary perspectives* (pp. 116-139). Boston: Academic Press.

Gracia, E. (2002). El maltrato infantil en el contexto de la conducta parental: Percepciones de padres e hijos. *Psicothema*, 14(2), 274-279.

Greeff, A. P. (2000). Characteristics of families that function well. *Journal of Family Issues*, 21, 8, 948-962.

Greenberg, M., Siegel, J., & Leitch, C. (1983). The nature and importance of attachment relationships to parents and peers during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 12, 373-386.

Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994). Models of the self and the other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 433-445.

Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994). The metaphysics of measurement: The case of adult attachment. *Advances in Personal Relationships*, 5, 17-52.

Grotevant, H. D. & Cooper, C. R. (1983). The contribution of the family to the facilitation of identity formation in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 3, 225-237.

Grotevant, H. D. & Cooper, C. R. (1985). Patterns of interaction in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. *Child Development*, 56, 415-428.

- Grotevant, H. D. & Cooper, C. R. (1986). Individuation in family relationships. *Human Development*, 29, 82-100.
- Harlow, H. F. (1953). Mice, monkeys, men, and motives. *Psychological review*, 60, 23-35.
- Harter, S. (1990). Development differences in the nature of self-representations: Implications for the understanding, assessment, and treatment of maladaptive behavior. Special Issue: Selfhood processes and emotional disorders. *Cognitive Therapy and Research*, 14, 113-142.
- Harvey, M. & Byrd, M. (2000). Relationships between adolescents' attachment styles and family functioning. *Adolescence*, 35, 345-356.
- Hauser, S. T. (1984). Familiar contexts of adolescent ego development. *Child Development*, 55, 195-213.
- Hauser, S.T., & Levine, H.A. (1993). Relatedness and autonomy in adolescence: Links with ego development and family interactions. *Adolescent Psychiatry*, 19, 185-227.
- Hauser, S. T., Powers, S. I. & Noam, G. G. (1991). *Adolescents and their families Paths of ego development*. New York: The Free Press.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.

- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Conceptualizing romantic love as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychology Inquiry*, 5, 1-22.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and psychological tether. In K. Bartholomew & D. Pearlman (Eds.), *Advances in Personal Relationships*. New York: Kingsley.
- Helsen, M., Vollebergh, W. & Meeus, W. (1999). Psychosocial problems in adolescence: their correlates with attachment to parents and peers and identity. *Nederlands Tijdschrift voor de Psychologie*, 54, 256-275.
- Hill, J.P., & Holmbeck, G.N. (1986). Attachment and autonomy during adolescence. *Annals of Child Development*, 3, 145-189.
- Hill, E. W., Mullis, R. L., Readdick, C.A. & Walters, C.M. (2000). Intergenerational perceptions of attachment and prosocial behavior. *Marriage & Family Review*, vol.30 (1/2), 59-72.
- Hoffman, J. A. (1984). Psychological separation of late adolescents from their parents. *Journal of Counseling Psychology*, 31, 170-178.
- Hoffman, L. W. (1989). Effects of maternal employment in two-parent family. *American Psychologist*, 44, 283-292.
- Hoffman, L.W. & Manis, J.D. (1978). Influences of children on marital interaction and parental satisfactions and dissatisfactions. In R.M.Lerner & G.B. Spanier (Eds.). *Child influences on marital and family interaction: A life-span perspective*. New York: Academic Press.

- Homans, G.C. (1974). *Social Behavior: Its elementary forms*. (rev.ed.). New York: Hartcourt, Brace & World.
- Holmes, J. (1997). Attachment, autonomy, intimacy: Some clinical implications of attachment theory. *British Journal of Medical Psychology*, 70, 231-248.
- Hosley, C. A., & Montemayor, R. (1997). Father and adolescents. In M. E. Lamb (Ed.), *The Role of the Father in Child Development*. New York: Wiley.
- James, D.E., Schumm, W.R., Kennedy, C.E., Grigsby, C.C., & Sheckman, K.L. (1985). Characteristics of the Kansas Parental Satisfaction Scale among two samples of married parents. *Psychological Reports*, 57, 163-169.
- Johnston, C. & Mash, E.J. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology*, 18, 2, 167-175.
- Kamptner, N.L. (1988). Identity development in late adolescence: Causal model of social and familial influences. *Journal of Youth and Adolescence*, 17, 493-514.
- Kaplan, A. (1964). *The conduct of inquiry*. San Francisco, CA: Chandler.
- Kendis, R. & Tan, A. (1978). Ego identity and perceptions of parents among female college students. *Perceptual and motor skills*, 47, 1201-1202.
- Kenny, M.E. (1994). Quality and correlates of parental attachment among late adolescents. *Journal of Counseling and Development*, 72, 399-403.
- Kenny, M. E., & Donaldson, G. A. (1991). Contributions of parental attachment and family structure to the social and psychological functioning of first-year college students. *Journal Counseling Psychology*, 38, 479-486.

- Kenny, M.E. & Gallagher, L.A. (2002). Instrumental and social/relational correlates of perceived maternal and paternal attachment in adolescence. *Journal of Adolescence*, 25, 203-219.
- Kim, J. & Mueller, C.W. (1989). *Factor analysis: Statistical methods and practical issues*. Newbury Park, CA: Sage.
- Kobak, R., & Duemmler, S. (1994). Attachment and conversation: Toward a discourse analysis of adolescent and security. In K. BartholomeW & D. Perlman (Eds.). *Advances in Personal Relationships, vol. 5. Attachment processes in adulthood* (pp.121-149). London: Jessica Kingsley.
- Kobak, R.R. & Hazan, C. (1991). Attachment in marriage: Effects of security and accuracy of working models. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 861-869.
- Kobak, R., & Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: Working models, affect regulation, and representations of self and others. *Child Development*, 59, 135-146.
- Kobak, R. R., Cole, H. E., Frenz-Gillies, R., & Fleming, W. S. (1993). Attachment and emotion regulation during mother-teen problem solving: A control theory analysis. *Child Development*, 64, 231-245.
- Kroger, J. & Haslett, S. J. (1988). Separation-individuation and ego identity status in late adolescence: a two-year longitudinal study. *Journal of Youth and Adolescence*, 17, 59-79.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.

- Lamborn, S. D., Steinberg, L. (1993). Emotional autonomy redux: Revisiting Ryan and Lynch. *Child Development*, 64, 483-499.
- Lapsey, D.K., Rice, K., & Fitzgerald, D.P. (1990). Adolescent attachment, identity and adjustment to college implications for the continuity of adaptation hypothesis. *Journal of Counseling and Development*, 68, 561-565.
- Lapsey, D.K., Rice, K., & Sharid, G.E. (1989). Psychological separation and adjustment to college. *Journal of Counseling Psychology*, 36, 286-294.
- Laursen, B., Noack, P., Wilder, D. & Williams, V. (2000). Adolescent perceptions of reciprocity, authority, and closeness in relationships with mothers, fathers and friends. *International Journal of Behavioral Development*, 24(4), 464-471.
- Lerner, R.M., Castellino, D.R., Terry, P.A., Villanuel, F.A. & McKinney, M.H. (1995). Developmental contextual perspective on parenting. In M. H. Bornstein (Eds.). *Handbook of Parenting*, vol 2 (pp. 285-309). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc. Publishers.
- Lerner, J.V., & Galampos, N.L. (1985). Maternal role satisfaction, mother-child interaction, and child temperament: A process model. *Developmental Psychology*, 22, 1157-1164.
- Lerner, J.V., & Lerner, R.M. (1983). Temperament and adaptation across life: Theoretical and empirical issues. In P.B. Baltes & O.G. Brim (Eds.). *Life-span development and behavior*. (vol. 5, pp.197-230). New York: Academic Press.
- Lerner, R.M. (1984). *On the nature of human plasticity*. New York: Cambridge University Press.



- Lerner, R.M. (1986). *Concepts and theories of human development*. (2<sup>nd</sup> ed). New York: Random House.
- Lerner, R.M. (1987). A life-span perspective for early adolescence. In R.M. Lerner & T.T. Foch (Eds.), *Biological-psychosocial interactions in early adolescence* (pp. 9-34). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Lerner, R.M. (1991). Changing organism-context relations as the basic process of development: A developmental-contextual perspective. *Developmental Psychology*, 27, 27-32.
- Lerner, R.M. (1992). *Final solutions: Biology, prejudice and genocide*. University Park, PA: Pennsylvania State University Press.
- Leung, J. P. & Leung, K. (1992). Life satisfaction, self-concept, and relationship with parents in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 21(6), 653-665.
- Lieberman, A. F., Weston, D. R., & Pawl, J. H. (1991). Preventive intervention and outcome with anxiously attached dyads. *Child Development*, 32, 199-209.
- Lieberman, M., Doyle, A. B., & Markiewicz, D. (1999). Developmental patterns in security of attachment to mother and father childhood and early adolescence: Associations with peer relations. *Child Development*, 70, 202-213.
- Liddle, H. A., Schwartz, S. J. (2002). Attachment and family therapy: clinical utility of adolescent-family attachment research. *Family Process*, 41(3), 455-476.

- Lopez, F.G. (1995). Contemporary attachment theory: Na introduction with implications for counseling psychology. *The Counseling Psychologist*, 23, 395-415.
- Lopez, F. G. & Brennam, K. A. (2000). Dynamic processes underlying adult attachment organizations: Toward na attachment theoretical perspective on the healthy and effective self. *Journal of Counseling Psychology*, 47, 283-300.
- Lopez, F.G., Campbell, V.L., & Watkins, C.E. (1986). Depression, psychological separation, and college adjustment: An investigation of sex differences. *Journal of Counseling Psychology*, 33, 52-56.
- Luster, T. & Okagaki, L. (Eds.) (1993). *Parenting. An ecological Perspective*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton and E. Waters (Eds.). *Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50, 66-106.
- Main, M., & Solomon, J. (1986). Discovery of an insecure-disorganized/ disoriented attachment pattern: Procedures, findings and implications for the classification of behavior. In T.B. Brazelton & Yogman (Eds.). *Affective development in infancy* (pp. 95-124). Norwood, NJ: ablex.
- Marrone, M. (1998). *Attachment and Interaction*. London: Jessica Kingsley Publishers.

- Marsh, H. W. (1989). Age and sex effects in multiple dimensions of self-concepts: Preadolescence to early adulthood. *Journal of Educational Psychology*, 81, 417-430.
- Matos, P.M. (2003). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amorosos e adolescentes*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matos, P. M., Barbosa, S., Almeida, H.M. & Costa, M. (1999). The Parental Attachment and Identity in Portuguese Late Adolescents. *Journal of Adolescence*, 22, 6, 805-818.
- Matos, P.M., & Costa, M.E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54.
- Matos, P. M., Almeida, H.M., & Costa, M.E. (1997). O questionário de vinculação ao pai e à mãe: desenvolvimento e estudos de validação (não publicado).
- Matos, P. M., Almeida, H.M., & Costa, M.E. (1998a). *Dimensions of attachment to mother and father in Portuguese adolescents*. Poster apresentado na 6<sup>th</sup> Biennial Conference of the European Association for Research on Adolescence, Budapeste, Hungria.
- Matos, P. M., Almeida, H.M., & Costa, M.E. (1998b). Questionário de vinculação à mãe e ao pai: estudos para a sua validação. Poster apresentado na Conferência Internacional de Avaliação Psicológica, Formas e Contextos. Salamanca, Espanha.
- McAdams, D. P. & Aubin, E. S. (1998). *Generativity and adult development. How and Why we care for the next generation*. Washington: American Psychological Association.

- McIver, J.P., & Carmines, E.G. (1981). *Unidimensional scaling*. Beverly Hills, CA : Sage.
- McNeal, C. & Amato, P.R. (1998). Parents' marital violence, long-term consequences for children. *Journal of Family Issues*, 19, 2, 123-139.
- Meeus, W., Oosterwegel, A., Vollebergh, W. (2002). Parental and peer attachment and identity development in adolescence. *Journal of Adolescence*, 25, 93-106.
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289-302.
- Mikulincer, M. (1995). Attachment style and the mental representation of the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 1203-1215.
- Mikulincer, M. & Florian, V. (1999). The associations between spouses' self-reports of attachment styles and representations of family dynamics. *Family Process*, vol. 38, 69-83.
- Milkie, M.A., Simon, R.W. & Powell, B. (1997). Through the eyes of children: youths' perceptions and evaluations of maternal and paternal roles. *Social Psychology Quarterly*, 60(3), 218-237.
- Moretti, M. M., & Higgins, E. T. (1990). The development of self-system vulnerabilities: Social and cognitive factors in development psychopathology. In R. J. Sternberg & J. J. Kolligian (Eds.), *Competence considered*. New Haven: Yale University Press.

- Moretti, M. M., & Higgins, E. T. (1999). Own versus other standpoints in self-regulation: Development antecedents and functional consequences. *Review of General Psychology*, 3, 188-223.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas – À procura do padrão que liga*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I. & Costa, M.E. (1996). Amores perfeitos mas não satisfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 11, 115-130.
- Nunnally, J.C. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Nye, F.I. (1979). Choice, exchange and the family. In W.R. Burr, R. Hill, F.I. Nye, & I.L. Reiss (Eds.), *Contemporary theories about the family: Research based theories*. New York: The Free Press.
- Oliveira, J. & Costa, M.E. (2001). Perceptions of marital and parental satisfaction and its relation with parental attachment in Portuguese Late Adolescents. Póster apresentado na 8<sup>th</sup> International Conference da AIFREF, Abril, Québec, Canadá.
- Orbuch, T. L., Thornton, A. & Cancio, J. (2000). The impact of marital quality, divorce, and remarriage on the relationships between parents and their children. *Marriage & Family Review*, 29(4), 221-246.
- Paterson, J., Field, J., & Pryor, J. (1994). Adolescence perceptions of their attachment relationships with their mothers, fathers and friends. *Journal of Youth and Adolescence*, 23, 579-600.

- Pederson, D. R., Gleason, K. E., Moran, G. & Bento, S. (1998). Maternal attachment representations, maternal sensitivity, and the infant-mother attachment relationship. *Developmental Psychology*, 34(5), 925-933.
- Phares, V. (1993). Perceptions of mothers' and fathers' responsibility for children's behavior. *Sex Roles*, 29 (11/12), 839-851.
- Pipp, S.; Shaver, P. ; Jennings, S.; Lamborn, S., & Fisher, K.W. (1985). Adolescents' theories about the development of their relationships with their parents. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 991-1001.
- Pittman, J., & Loyd, S. A. (1988). Quality of family life, social support, and stress. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 53-67.
- Pittman, J.F., Wright, C.A., & Loyd, S.A. (1989). Predicting parenting difficulty. *Journal of Family Issues*, 10, 267-286.
- Quintana, S. & Lapsley, D. (1987). Adolescent attachment and ego identity: a structural equations approach to the continuity of adaptation. *Journal of Adolescent Research*, 2, 393-409.
- Rathunde, K. & Csikszentmihalyi, M. (1991). Adolescent happiness and family interaction, In K. Pillemer & K. McCartney (Eds.), *Parent-Child Relations Throughout Life*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Riley, M.W. (1963). *Sociological Research: A case approach*. New York: Hartcourt Brace Jovanovich.

- Risman, B. J. (1986). Can men "mother"? Life as a single father. *Family Relations*, 35, 95-102.
- Rosenstein, D. S., & Horowitz, H. A. (1996). Adolescent attachment and psychopathology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 244-253.
- Rosenthal, D.R., Gurney, R.M., & Moore, S.M. (1981). From trust to intimacy: A new inventory for examining Erikson's stages of Psychosocial development. *Journal of Personality and Social Psychology*, 29, 355-357.
- Ross, C.E. (1995). Reconceptualizing marital status as a continuum of social attachment. *Journal of Marriage and the Family*, 57, 129-140.
- Ryan, R. M., Deci, E. L., & Grolnick, W. S. (1995). Autonomy, relatedness, and the self: Their relation to development and psychopathology, Vol. 1: *Theory and methods. Wiley series on personality processes*. New York: Wiley.
- Ryan, R. M., & Lynch, J. H. (1989). Emotional autonomy versus detachment: Revisiting the vicissitudes of adolescence and young adulthood. *Child Development*, 60, 340-356.
- Sabatelli, R. M. (1984). The Marital Comparison Level Index :A measure for assessing outcomes relative to expectations. *Journal of Marriage and the Family*, 46, 651-662.

- Sabatelli, R. M. (1988). Measurement issues in marital research : A review and critique of contemporary survey instruments. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 891-915.
- Sabatelli, R. M. & Waldron, R. J. (1995). Measurement Issues in the Experience of Parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 57, 969-980.
- Selman, R. L. (1980). *The growth of interpersonal understanding: Developmental and clinical analysis*. New York: Academic Press.
- Shek, D.T.L. (1998). A longitudinal study of the relations between parent-adolescent conflict and adolescent psychological well-being. *The Journal of Genetic Psychology*, 159, 1, 53-67.
- Shek, D.T.L. (1999). Individual and dyadic predictors of family functioning in a chinese context. *The American Journal of Family Therapy*, 27, 49-61.
- Shek, D.T.L. (1998). Linkage between marital quality and parent-child relationship: a longitudinal study in the chinese culture. *Journal of Family Issues*, 19, 6, 687-704.
- Shek, D.T.L. (1999). Paternal and maternal influences on the psychological well-being of the chinese adolescents. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 125, 3, 269-296.
- Shek, D.T.L. (1999). Perceptions of family functioning among chinese parents and their adolescent children. *The American Journal of Family Therapy*, 27, 303-314.



- Silva, G. (2002). *Desenvolvimento Psicossocial e ansiedades em jovens*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Shulman, S., Rosenheim, E. & Knafo, D. (1999). The interface of adolescent and parent marital expectations. *The American Journal of Family Therapy*, 27, 213-222.
- Sloman, L., Atkinson, L., Milligan, K. & Liotti, G. (2002). Attachment, social rank, and affect regulation: Speculations on an ethological approach to family interaction. *Family Process*, 41(3), 313-327.
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 971-980.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência*. Braga. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- Soares, I. , & Campos, B. (1988). Vinculação e autonomia na relação dos adolescentes com os pais. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 4, 57-64.
- Spruijt, E. & Goede, M. (1997). Transitions in family structure and adolescent well-being. *Adolescence*, 32, 128, 897-911.
- Sroufe, L. A., & Fleeson, J. (1986). The coherence of family relations. In R. Hinde & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Relationships within families: Mutual families*. Cambridge, England: Cambridge University Press.

- Steele, H., Steele, M., & Fonagy, P. (1996). Associations among attachment classifications of mothers, fathers, and their infants. *Child Development*, 67, 541-555.
- Steinberg, L. (1990). Autonomy, conflict, and harmony in the family relationship. In S. S. Feldman & G. R. Elliot (Eds.), *At the threshold: The development adolescent*. Cambridge: Harvard University Press.
- Strage, A. (1998). Family context variables and the development of self-regulation in college students. *Adolescence*, 33, 129, 17-31.
- Sroufe, L. A. & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48, 1184-1199.
- Thibaut, J. W., & Kelley, H.H. (1959). *The social psychology of groups*. New York: Wiley.
- Unger, D. G. & Powell, D.R. (Eds.) (1991). *Families as nurturing systems: Support across the life span*. New York: The Haworth Press, Inc.
- Van-IJzendoorn, M. H. (1992). Intergenerational transmission of parenting: A review of studies in nonclinical populations. *Developmental Review*, 12, 76-99.
- Van-IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1996). Attachment representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: A meta-analytic search for normative data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 8-21.

- Van-IJzendoorn, M. H., & De-Wolff, M. S. (1997). In search of the absent father—meta-analysis of infant-father attachment: A rejoinder to our discussants. *Child Development*, 68, 604-609.
- Van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the adult attachment overview. *Psychological Bulletin*, 117, 387-403.
- Van Wel, F. (1994). "I count my parents about my best friends": Youths' bonds with parents and friends in the Netherlands. *Journal of Marriage and Family*, 56, 835-842.
- Vaz, M. P. (1990). Aspectos Psicopedagógicos na obra de Erikson. *Psychologica*, 4, 105-124.
- Vondra, J. & Belsky, J. (1993). Developmental origins of parenting: Personality and relationships factors. In T. Luster & L. Okagaki (Eds.) *Parenting: An ecological perspective*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Waldron-Hennessey, R. & Sabatelli, R. (1997). The Parental Comparison Level Index: A Measure for Assessing Parental Rewards and Costs Relative to Expectations. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 824-833.
- Wastell, C. A. (1996). Feminist development theory: Implications for counseling. *Journal of Counseling and Development*, 74, 575-583.

- Waterman, A. L. (1982). Identity development from adolescence to adulthood: An extension of theory and review of research. *Developmental Psychology*, 18, 3, 341-358.
- Waters, E. (1978). The reliability and stability of individual differences in infant-mother attachment. *Child Development*, 49, 483-494.
- Weisner, T.S., Bernstein, M., Garnier, H., Rosenthal, J. & Hamilton, C.E. (1990). *Children in conventional and nonconventional lifestyles classified as C in attachment at 12 months: A 12-year longitudinal study*. Comunicação apresentada na Conferência Bial da Society for Research in Child Development, Montreal.
- Weiss, R.S. (1982). Attachment in adult life. In C.M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.). *The Place of Attachment in Human Behavior* (pp. 171-184). New York: Basic Books.
- Weiss, R. S. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkers, J. Hindle & P. Marris (Eds), *Attachment across the life cycle*. London, N.Y.: Routledge.
- West, M., Sheldon, A., & Reiffer, L. (1989). Attachment theory and brief psychotherapy: Applying current research to clinical interventions. *Canadian Journal of Psychiatry*, 34, 369-375.
- West, M. L., & Sheldon-Keller, A. E. (1994). *Patterns of Relating. An Adult Attachment Perspective* (pp. 7-23). New York: The Guilford Press.
- Wrightsmann, L. S. (1988). *Personality Development in Adulthood* (pp. 55-77). USA: Sage Publication.

Youniss, J., & Smollar, J. (1985). *Adolescent relations with mothers, fathers, and friends*. Chicago: University of Chicago Press.

**ANEXOS**

## **Anexo I**

### **INSTRUMENTOS ADMINISTRADOS NO ESTUDO PILOTO**

## QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO

SEXO: Feminino ☐ Masculino ☐ IDADE: \_\_\_\_\_

ESCOLA: \_\_\_\_\_ ANO DE ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_

### FAMÍLIA:

#### **PAI**

IDADE: \_\_\_\_\_

PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_

#### **MÃE**

IDADE: \_\_\_\_\_

PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_

#### ESTADO CIVIL DOS PAIS:

Casados ☐

Divorciados ☐

Separados ☐

União de facto ☐

Viúvos ☐

MORA COM OS PAIS? Sim ☐ Não ☐



## ESCALA DE AVALIAÇÃO DA SATISFAÇÃO EM ÁREAS DA VIDA CONJUGAL

ISABEL NARCISO & MARIA EMÍLIA COSTA, 1996  
VERSÃO PARA INVESTIGAÇÃO

Pense na relação conjugal dos seus pais. Utilize a seguinte escala de modo a expressar a maneira como cada um deles se sente relativamente a cada questão:

| Nada Satisfeito(a)<br>1 | Pouco Satisfeito(a)<br>2 | Razoavelmente Satisfeito(a)<br>3 | Satisfeito(a)<br>4 | Muito Satisfeito(a)<br>5 | Completamente Satisfeito(a)<br>6 |
|-------------------------|--------------------------|----------------------------------|--------------------|--------------------------|----------------------------------|
|-------------------------|--------------------------|----------------------------------|--------------------|--------------------------|----------------------------------|

Para cada um dos itens, deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que acha que o seu **pai** e a sua **mãe** sentem, **rodeando o número correspondente com um círculo**.

Por **EXEMPLO**, se em relação ao item: “Relativamente à quantidade de tempos livres”, você acha que o pai se sente completamente satisfeito, deverá rodear com um círculo o número 6 da escala na coluna referente ao seu pai, e se acha que a sua mãe se sente pouco satisfeita deverá rodear com um círculo o número 2 da escala na coluna referente à sua mãe.

|  | Pai |   |   |   |   |   | Mãe |   |   |   |   |   |
|--|-----|---|---|---|---|---|-----|---|---|---|---|---|
| 1. O modo como gerem a sua situação financeira.              | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. A distribuição de tarefas domésticas.                     | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. O modo como tomam as decisões.                            | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. A distribuição de responsabilidades.                      | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. O modo como passam os tempos livres.                      | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. A quantidade de tempos livres.                            | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7. O modo como se relacionam com os amigos.                  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8. O modo como se relacionam com a família do marido/mulher. | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9. O modo como se relacionam com a sua família.              | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10. A sua privacidade e autonomia.                           | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 11. A privacidade e autonomia do marido/mulher.              | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12. A sua relação com a profissão.                           | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 13. A sua relação com a profissão do marido/mulher.          | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14. A frequência com que conversam.                          | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15. O modo como conversam.                                   | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 16. Os assuntos sobre os quais conversam.                    | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

|  |   |   |                           |   |   |
|--|---|---|---------------------------|---|---|
| <b>Nada</b><br><b>Satisfeito(a)</b><br>1 | <b>Pouco</b><br><b>Satisfeito(a)</b><br>2 | <b>Razoavelmente</b><br><b>Satisfeito(a)</b><br>3 | <b>Satisfeito(a)</b><br>4 | <b>Muito</b><br><b>Satisfeito(a)</b><br>5 | <b>Completamente</b><br><b>Satisfeito(a)</b><br>6 |
|--|---|---|---------------------------|---|---|

|   | Pai         | Mãe         |
|---|-------------|-------------|
| 17. A frequência de conflitos que têm.                | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 18. O modo como resolvem os conflitos.                | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 19. O que sentem um pelo outro .                      | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 20. O modo como expressam o que sentem um pelo outro. | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 21. O desejo sexual que sentem um pelo outro.         | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 22. A frequência com que têm relações sexuais.        | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 23. A satisfação que têm na sua vida sexual.          | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 24. A qualidade da sua sexualidade.                   | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 25. O apoio emocional que dá ao marido/mulher.        | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 26. O apoio emocional que recebe do marido/mulher.    | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 27. A confiança que têm um no outro.                  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 28. A admiração que sentem um pelo outro.             | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 29. A partilha de interesses e actividades.           | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 30. A atenção que dedicam aos interesses um do outro. | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 31. Os seus projectos para o futuro.                  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 32. As suas expectativas quanto ao futuro da relação. | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 33. O aspecto físico um do outro.                     | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 34. As características e hábitos um do outro.         | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |

## EU E A MINHA FAMÍLIA

PAULA MENA MATOS, HELENA MILHEIRO ALMEIDA & MARIA EMÍLIA COSTA, 1998  
VERSÃO PARA INVESTIGAÇÃO

Nas folhas que se seguem vai encontrar um conjunto de afirmações que procuram descrever diferentes maneiras das pessoas se relacionarem com os pais. Leia atentamente cada uma das afirmações e procure identificar as respostas que melhor exprimem o modo como se sente na relação com os seus pais. Deverá assinalar em colunas diferentes o que se passa **com o seu pai** e o que se passa **com a sua mãe**.

Para cada frase deverá assinalar a sua opinião, podendo escolher entre seis alternativas, a que correspondem seis números:

| Discordo<br>totalmente | Discordo | Discordo<br>moderadamente | Concordo<br>moderadamente | Concordo | Concordo<br>totalmente |
|------------------------|----------|---------------------------|---------------------------|----------|------------------------|
| 1                      | 2        | 3                         | 4                         | 5        | 6                      |

|  | Pai         | Mãe         |
|--|-------------|-------------|
| 1. Os meus pais respeitam as minhas opiniões, mesmo quando são diferentes das deles.       | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 2. Os meus pais têm o feitio ideal.  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 3. Tenho confiança em mim e não preciso dos meus pais para enfrentar situações novas.      | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 4. Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo.            | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 5. Gostava muito que os meus pais tivessem um feitio diferente.                            | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 6. Acho que os meus pais deviam preocupar-se mais com o que eu faço nos tempos livres.     | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 7. Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.               | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 8. Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.   | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 9. Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.                        | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 10. Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.            | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 11. Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.                           | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 12. Os meus pais só pensam em si próprios.   | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 13. Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados. | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 14. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, eles são únicos para mim.                  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 15. Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.      | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |

| Discordo totalmente<br>1 | Discordo<br>2 | Discordo moderadamente<br>3 | Concordo moderadamente<br>4 | Concordo<br>5 | Concordo totalmente<br>6 |
|--------------------------|---------------|-----------------------------|-----------------------------|---------------|--------------------------|
|--------------------------|---------------|-----------------------------|-----------------------------|---------------|--------------------------|

|  | Pai         | Mãe         |
|--|-------------|-------------|
| 16. Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.                                       | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 17. Fico irritado(a) quando combinamos coisas juntos e os meus pais não podem estar comigo.                      | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 18. Se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a).                                  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 19. Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 20. Não mereço o apoio dos meus pais.  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 21. Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.                                       | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 22. Não vale muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer.                    | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 23. Não gosto de pedir o apoio dos meus pais, porque sei que eles nunca me compreenderiam.                       | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 24. Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.   | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 25. Em muitas coisas eu admiro os meus pais.   | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 26. Gostaria de poder contar com o apoio dos meus pais em certos momentos, mas é difícil para mim confiar neles. | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 27. Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 28. Sinto-me posto de lado, quando os meus pais decidem fazer coisas com outras pessoas.                         | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 29. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.   | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 30. Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 31. Sei que os meus pais precisam mais do meu apoio do que eu do deles.  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 32. Gostava que os meus pais me ligassem mais.   | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 33. Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.   | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 34. É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que penso.                                      | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 35. Prefiro que os meus pais me deixem em paz e não andem sempre atrás de mim.                                   | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 36. Preferia que os meus pais morassem longe.  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 37. Não preciso dos cuidados dos meus pais.  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |

|                                     |                      |  |  |                      |                                     |
|-------------------------------------|----------------------|--|--|----------------------|-------------------------------------|
| <b>Discordo<br/>totalmente</b><br>1 | <b>Discordo</b><br>2 | <b>Discordo<br/>moderadamente</b><br>3 | <b>Concordo<br/>moderadamente</b><br>4 | <b>Concordo</b><br>5 | <b>Concordo<br/>totalmente</b><br>6 |
|-------------------------------------|----------------------|--|--|----------------------|-------------------------------------|

|  | Pai |   |   |   |   |   | Mãe |   |   |   |   |   |
|--|-----|---|---|---|---|---|-----|---|---|---|---|---|
| 38. Os meus pais respeitam os meus sentimentos.  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 39. Não é possível discutir qualquer assunto, porque eu e os meus pais temos sempre opiniões diferentes e acabo por aceitar a deles. | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 40. No fundo, sou eu que tenho que estar sempre a resolver os problemas dos meus pais.   | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 41. Era-me indiferente, se os meus pais fossem trabalhar para outro país.  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 42. Os meus pais incentivam-me a fazer coisas diferentes.  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 43. No fundo, sou eu que tenho que dar atenção aos meus pais.  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 44. O apoio dos meus pais não é importante para mim. Sei que sou capaz de resolver os meus problemas sozinho(a).                     | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

**Parental Comparison Level Index**  
**Rebecca Waldron-Henessey & Ronald M. Sabatelli, 1997**  
**Versão para Investigação**

Leia atentamente cada uma das seguintes afirmações e procure identificar as respostas que melhor exprimem a sua opinião relativamente ao grau como cada um dos seus pais se sente satisfeito com a sua experiência de pai/mãe. Deverá indicar o modo como pensa que o seu **pai** e a sua **mãe** se sentem relativamente a cada questão utilizando a seguinte escala:

| <b>Nada satisfeito(a)</b> | <b>Pouco satisfeito(a)</b> | <b>Satisfeito(a)</b> | <b>Muito satisfeito(a)</b> | <b>Completamente satisfeito(a)</b> |
|---------------------------|----------------------------|----------------------|----------------------------|------------------------------------|
| <b>1</b>                  | <b>2</b>                   | <b>3</b>             | <b>4</b>                   | <b>5</b>                           |

|   | <b>Pai</b> |   |   |   |   | <b>Mãe</b> |   |   |   |   |
|---|------------|---|---|---|---|------------|---|---|---|---|
| 1. A alegria/prazer que sentem por serem pais.                            | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. A satisfação que sentem em ver-me crescer e desenvolver.               | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. O trabalho que eles têm pelo facto de serem pais.                      | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. A realização que sentem pelo facto de serem pais.                      | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. A tensão que sentem pelo facto de serem pais.                          | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Como a vida deles no dia-a-dia é complicada pelo facto de serem pais.  | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Os gastos financeiros que eles têm por serem pais.                     | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. O prazer que sentem por saberem que eu preciso deles.                  | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. O peso/fardo que sentem por serem pais.                                | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. O amor que recebem como pais.   | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Como a saúde deles é afectada negativamente pelo facto de serem pais. | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Como o facto de serem pais interfere com os seus objectivos pessoais. | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. O afecto que recebem dos filhos.                                      | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Os conflitos que têm entre eles por serem pais.                       | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. A falta de flexibilidade na sua vida por serem pais.                  | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. O orgulho que têm naquilo que os filhos fazem.                        | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. O companheirismo que sentem pelo facto de serem pais.                 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. A preocupação que sentem pelo facto de serem pais.                    | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 19. A esperança no futuro que retiram pelo facto de serem pais.           | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 20. O sentimento de competência que têm pelo facto de serem pais.         | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 21. O prazer que retiram ao sentirem que influenciam/ajudam os filhos.    | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 22. Como o facto de serem pais interfere no seu trabalho ou carreira.     | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 | 1          | 2 | 3 | 4 | 5 |

| Nada satisfeito(a) | Pouco satisfeito(a) | Satisfeito(a) | Muito satisfeito(a) | Completamente satisfeito(a) |
|--------------------|---------------------|---------------|---------------------|-----------------------------|
| 1                  | 2                   | 3             | 4                   | 5                           |

|  | Pai       | Mãe       |
|--|-----------|-----------|
| 23. Como o serem pais dá significado às suas vidas.                                    | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 24. Como o serem pais cria conflitos com os pais deles.                                | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 25. A restrição nas suas actividades fora de casa por serem pais.                      | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 26. O sentimento de realização que têm ao serem pais.                                  | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 27. O sentimento de serem uma família.   | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 28. Como o ser pai/mãe interfere na sua relação conjugal.                              | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 29. Como a sua liberdade fica limitada pelo facto de serem pais.                       | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 30. Os conflitos com outros familiares pelo facto de serem pais.                       | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 31. O prazer que sentem ao partilharem a vida com os filhos.                           | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 32. Como o serem pais interfere na sua vida social.                                    | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 33. A satisfação que retiram do contacto físico com os seus filhos.                    | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 34. Como o ser pais os faz sentir adultos.   | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 35. As reacções negativas dos filhos.  | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 36. O prazer que têm ao fazer coisas pelos filhos.                                     | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 37. Como ser pai/mãe melhorou o seu casamento.   | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 38. A estabilidade de que sentem na sua vida.  | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 39. A falta de privacidade que sentem pelo facto de serem pais.                        | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 40. A quantidade de coisas que não podem fazer.  | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 41. As coisas que não gostam neles e que sentem terem passado aos seus filhos.         | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 42. Como o ser pai/mãe foi uma experiência de crescimento para eles.                   | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 43. O sentimento que têm de que a vida não é sua propriedade pelo facto de serem pais. | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 44. O prazer que sentem pelo facto de terem dado netos aos seus pais.                  | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 45. A forma como o ser pai/mãe os limita.  | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 46. A fadiga que sentem pelo facto de serem pais.                                      | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 47. O prazer que sentem ao transmitir os seus valores aos filhos.                      | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 48. O incentivo que a experiência de serem pais lhes dá.                               | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 49. A responsabilidade que têm pelo facto de serem pais.                               | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 50. A forma como o facto de serem pai/mãe os faz sentir mais novos.                    | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 51. A forma como o ser pai/mãe requer a organização da casa e das rotinas diárias.     | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |

| Nada satisfeito(a) | Pouco satisfeito(a) | Satisfeito(a) | Muito satisfeito(a) | Completamente<br>satisfeito(a) |
|--------------------|---------------------|---------------|---------------------|--------------------------------|
| 1                  | 2                   | 3             | 4                   | 5                              |

|  | Pai |   |   |   |   | Mãe |   |   |   |   |
|--|-----|---|---|---|---|-----|---|---|---|---|
| 52. A tensão que o ter filhos acrescenta à organização familiar.                     | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 53. O prazer que sentem ao ajudarem os seus filhos a crescerem e a desenvolverem-se. | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 54. A dificuldade que sentem ao serem pais.  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 55. As coisas boas que eles têm e transmitem aos seus filhos.                        | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 56. A segurança que sentem na sua velhice pelo facto de serem pais.                  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 57. Os custos emocionais que requer ser pai/mãe.                                     | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 58. As reacções positivas que recebem dos filhos.                                    | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 59. Como a permanência do papel parental os faz sentir presos.                       | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 60. A perda de individualidade que sentem pelo facto de serem pais.                  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 61. A vivacidade/ alegria que sentem com um filho em casa.                           | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 62. A felicidade que sentem sendo pais.  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |



## **Anexo II**

### **INSTRUMENTOS ADMINISTRADOS NO ESTUDO EMPÍRICO**

UNIVERSIDADE DO PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Exmo. Sr. ou Sr.ª.

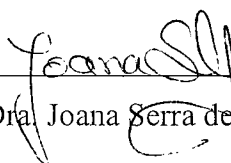
Vimos por este meio solicitar a sua participação num estudo sobre a satisfação na família. Este estudo insere-se numa investigação de doutoramento da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e o seu principal objectivo é averiguar as percepções de satisfação na família.

Neste sentido, solicitamos que **colabore** neste estudo respondendo o mais honestamente possível aos questionários que se seguem, **não deixando respostas em branco**. Tendo em conta o tema da investigação, o questionário é completamente **anónimo** e **confidencial**, não sendo solicitados quaisquer dados que possam identificar as pessoas que a ele respondam. Deste modo, será apenas atribuído um código a cada família participante.

A resposta a este questionário vai permitir que a intervenção dos psicólogos cada vez mais se adeque às famílias que nos procuram.

Desde já agradecemos a sua colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

  
\_\_\_\_\_  
(Dra. Joana Serra de Oliveira)

QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO

SEXO: Masculino ☐ Feminino ☐

IDADE: \_\_\_\_\_ anos.                      PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

ESCOLA \_\_\_\_\_ ANO DE ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_

Nº DE IRMÃOS \_\_\_\_\_

POSIÇÃO NA FRATRIA

É o 1º filho dos seus pais ☐  
É o 2º filho dos seus pais ☐  
É o 3º filho dos seus pais ☐  
É o \_\_\_\_º filho dos seus pais ☐

Mora com os pais? Sim ☐ Não ☐

UTILIZANDO AS ESCALAS QUE SE SEGUEM, ESCOLHA A RESPOSTA QUE MELHOR DESCREVE O QUE SENTE, RODEANDO O NÚMERO CORRESPONDENTE COM UM CÍRCULO.

Religião

| Discordo totalmente | Discordo | Nem discordo nem concordo | Concordo | Concordo totalmente |
|---------------------|----------|---------------------------|----------|---------------------|
| 1                   | 2        | 3                         | 4        | 5                   |

1. A religião é importante para a nossa família.

1 2 3 4 5
2. Na nossa família há um grande envolvimento religioso.

1 2 3 4 5
3. Acho que na nossa família o envolvimento religioso é importante.

1 2 3 4 5
4. As crenças religiosas da nossa família são uma parte importante da nossa vida.

1 2 3 4 5
5. Sinto-me bem com a forma como a nossa família vive a religião.

1 2 3 4 5

| Muito insatisfeito | Insatisfeito | Nem insatisfeito nem satisfeito | Satisfeito | Muito satisfeito |
|--------------------|--------------|---------------------------------|------------|------------------|
| 1                  | 2            | 3                               | 4          | 5                |

Como é que se sente em relação ...

1. à sua escola

1 2 3 4 5
2. à sua família

1 2 3 4 5
3. à sua casa

1 2 3 4 5
4. ao lugar onde mora

1 2 3 4 5
5. às coisas que você e a sua família têm (como casa, carro, televisão, rádio e outras coisas)

1 2 3 4 5
6. aos seus professores na escola

1 2 3 4 5
7. à quantidade de dinheiro que você e a sua família têm

1 2 3 4 5
8. às aulas que tem na escola

1 2 3 4 5
9. à forma como se dá com os seus pais

1 2 3 4 5
10. à sua vida em geral

1 2 3 4 5
11. à quantidade de amigos que tem

1 2 3 4 5
12. aos seus amigos

1 2 3 4 5
13. ao(à) namorado(a)

1 2 3 4 5

**P C L I**

(REBECCA WALDRON-HENESSEY &amp; RONALD M. SABATELLI, 1997)

**VERSÃO PARA INVESTIGAÇÃO – FILHO** (Joana Oliveira & Maria Emília Costa)

Leia atentamente cada uma das seguintes afirmações e procure identificar as respostas que melhor exprimem a sua opinião relativamente ao grau como cada um dos seus pais se sente satisfeito com a sua experiência de pai/mãe. Deverá indicar o modo como pensa que o seu **pai** e a sua **mãe** se sentem relativamente a cada questão utilizando a seguinte escala:

| Nada satisfeito(a) | Pouco satisfeito(a) | Satisfeito(a) | Muito satisfeito(a) | Completamente satisfeito(a) |
|--------------------|---------------------|---------------|---------------------|-----------------------------|
| 1                  | 2                   | 3             | 4                   | 5                           |

|   | Pai       | Mãe       |
|---|-----------|-----------|
| 1. A alegria/prazer que sentem por serem pais.                            | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 2. A satisfação que sentem em ver-me crescer e desenvolver.               | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 3. O trabalho que eles têm pelo facto de serem pais.                      | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 4. A realização que sentem pelo facto de serem pais.                      | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 5. A tensão que sentem pelo facto de serem pais.                          | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 6. Como a vida deles no dia-a-dia é complicada pelo facto de serem pais.  | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 7. Os gastos financeiros que eles têm por serem pais.                     | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 8. O prazer que sentem por saberem que eu preciso deles.                  | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 9. O peso/fardo que sentem por serem pais.                                | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 10. O amor que recebem como pais.   | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 11. Como a saúde deles é afectada negativamente pelo facto de serem pais. | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 12. Como o facto de serem pais interfere com os seus objectivos pessoais. | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 13. O afecto que recebem dos filhos.                                      | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 14. Os conflitos que têm entre eles por serem pais.                       | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 15. A falta de flexibilidade na sua vida por serem pais.                  | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 16. O orgulho que têm naquilo que os filhos fazem.                        | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 17. O companheirismo que sentem pelo facto de serem pais.                 | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 18. A preocupação que sentem pelo facto de serem pais.                    | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 19. A esperança no futuro que retiram pelo facto de serem pais.           | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 20. O sentimento de competência que têm pelo facto de serem pais.         | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 21. O prazer que retiram ao sentirem que influenciam/ajudam os filhos.    | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 22. Como o serem pais interfere no seu trabalho ou carreira.              | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |

| Nada satisfeito(a) | Pouco satisfeito(a) | Satisfeito(a) | Muito satisfeito(a) | Completamente satisfeito(a) |
|--------------------|---------------------|---------------|---------------------|-----------------------------|
| 1                  | 2                   | 3             | 4                   | 5                           |

|  | Pai |   |   |   |   | Mãe |   |   |   |   |
|--|-----|---|---|---|---|-----|---|---|---|---|
| 23. Como o serem pais dá significado às suas vidas.                                    | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 24. Como o serem pais cria conflitos com os pais deles.                                | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 25. A restrição nas suas actividades fora de casa por serem pais.                      | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 26. O sentimento de realização que têm ao serem pais.                                  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 27. O sentimento de que têm uma família por serem pais.                                | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 28. Como o ser pai/mãe interfere na sua relação conjugal.                              | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 29. Como a sua liberdade fica limitada pelo facto de serem pais.                       | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 30. Os conflitos com outros familiares pelo facto de serem pais.                       | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 31. O prazer que sentem ao partilharem a vida com os filhos.                           | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 32. Como o serem pais interfere na sua vida social.                                    | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 33. A satisfação que retiram do contacto físico com os seus filhos.                    | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 34. Como o ser pais os faz sentir adultos.   | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 35. As reacções negativas dos filhos.  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 36. O prazer que têm ao fazer coisas pelos filhos.                                     | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 37. Como ser pai/mãe melhorou o seu casamento.   | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 38. A estabilidade que sentem na sua vida.   | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 39. A falta de privacidade que sentem pelo facto de serem pais.                        | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 40. A quantidade de coisas que não podem fazer.  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 41. As coisas que não gostam neles e que sentem terem passado aos seus filhos.         | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 42. Como o ser pai/mãe foi uma experiência de crescimento para eles.                   | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 43. O sentimento que têm de que a vida não é sua propriedade pelo facto de serem pais. | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 44. O prazer que sentem pelo facto de terem dado netos aos seus pais.                  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 45. A forma como o ser pai/mãe os limita.  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 46. A fadiga que sentem pelo facto de serem pais.                                      | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 47. O prazer que sentem ao transmitir os seus valores aos filhos.                      | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 48. O incentivo que a experiência de serem pais lhes dá.                               | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 49. A responsabilidade que têm pelo facto de serem pais.                               | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 50. A forma como o facto de serem pai/mãe os faz sentir mais novos.                    | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 51. A forma como o ser pai/mãe requer a organização da casa e das rotinas diárias.     | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 |

| Nada satisfeito(a) | Pouco satisfeito(a) | Satisfeito(a) | Muito satisfeito(a) | Completamente satisfeito(a) |
|--------------------|---------------------|---------------|---------------------|-----------------------------|
| 1                  | 2                   | 3             | 4                   | 5                           |

|  | Pai       | Mãe       |
|--|-----------|-----------|
| 52. A tensão que o ter filhos acrescenta à organização familiar.                     | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 53. O prazer que sentem ao ajudarem os seus filhos a crescerem e a desenvolverem-se. | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 54. A dificuldade que sentem ao serem pais.  | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 55. As coisas boas que eles têm e transmitem aos seus filhos.                        | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 56. A segurança que sentem na sua velhice pelo facto de serem pais.                  | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 57. Os custos emocionais que requer ser pai/mãe.                                     | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 58. As reacções positivas que recebem dos filhos.                                    | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 59. Como a permanência do papel parental os faz sentir presos.                       | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 60. A perda de individualidade que sentem pelo facto de serem pais.                  | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 61. A vivacidade/ alegria que sentem com um filho em casa.                           | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |
| 62. A felicidade que sentem sendo pais.  | 1 2 3 4 5 | 1 2 3 4 5 |

**E A S A V C***(ISABEL NARCISO & MARIA EMÍLIA COSTA, 1996)***VERSÃO PARA INVESTIGAÇÃO – FILHO** (Joana Oliveira & Maria Emília Costa)

Pense na relação conjugal dos seus pais. Utilize a seguinte escala de modo a expressar a maneira como cada um deles se sente relativamente a cada questão:

| Nada<br>satisfeito(a)<br>1 | Pouco<br>satisfeito(a)<br>2 | Razoavelmente<br>Satisfeito(a)<br>3 | Satisfeito(a)<br>4 | Muito<br>satisfeito(a)<br>5 | Completamente<br>satisfeito(a)<br>6 |
|----------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|
|----------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|

Para cada um dos itens, deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que acha que o seu **pai** e a sua **mãe** sentem, **rodeando o número correspondente com um círculo**.

Por **EXEMPLO**, se em relação ao item: “Relativamente à quantidade de tempos livres”, você acha que o seu pai se sente completamente satisfeito(a), deverá rodear com um círculo o número 6 da escala na coluna referente ao seu pai, e se acha que a sua mãe se sente pouco satisfeita deverá rodear com um círculo o número 2 da escala na coluna referente à sua mãe.

| Nada<br>satisfeito(a)<br>1 | Pouco<br>satisfeito(a)<br>2 | Razoavelmente<br>Satisfeito(a)<br>3 | Satisfeito(a)<br>4 | Muito<br>satisfeito(a)<br>5 | Completamente<br>satisfeito(a)<br>6 |
|----------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|
|----------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|

|  | Pai         | Mãe         |
|--|-------------|-------------|
| 1. O modo como gerem a sua situação financeira.              | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 2. A distribuição de tarefas domésticas.                     | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 3. O modo como tomam as decisões.                            | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 4. A distribuição de responsabilidades.                      | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 5. O modo como passam os tempos livres.                      | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 6. A quantidade de tempos livres.                            | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 7. O modo como se relacionam com os amigos.                  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 8. O modo como se relacionam com a família do marido/mulher. | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 9. O modo como se relacionam com a sua família.              | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 10. A sua privacidade e autonomia.                           | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 11. A privacidade e autonomia do marido/mulher.              | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 12. A sua relação com a profissão.                           | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 13. A sua relação com a profissão do marido/mulher.          | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 14. A frequência com que conversam.                          | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 15. O modo como conversam.                                   | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |

|                            |                             |                                     |                    |                             |                                     |
|----------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|
| Nada<br>satisfeito(a)<br>1 | Pouco<br>satisfeito(a)<br>2 | Razoavelmente<br>Satisfeito(a)<br>3 | Satisfeito(a)<br>4 | Muito<br>satisfeito(a)<br>5 | Completamente<br>satisfeito(a)<br>6 |
|----------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|

|   | Pai |   |   |   |   |   | Mãe |   |   |   |   |   |
|---|-----|---|---|---|---|---|-----|---|---|---|---|---|
| 16. Os assuntos sobre os quais conversam.             | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17. A frequência de conflitos que têm.                | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 18. O modo como resolvem os conflitos.                | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 19. O que sentem um pelo outro.                       | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 20. O modo como expressam o que sentem um pelo outro. | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 21. O apoio emocional que dá ao marido/mulher.        | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 22. O apoio emocional que recebe do marido/mulher.    | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 23. A confiança que têm um no outro.                  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 24. A admiração que sentem um pelo outro.             | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 25. A partilha de interesses e actividades.           | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 26. A atenção que dedicam aos interesses um do outro. | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 27. Os seus projectos para o futuro.                  | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 28. As suas expectativas quanto ao futuro da relação. | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 29. O aspecto físico um do outro.                     | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 30. As características e hábitos um do outro.         | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |



**E P S I***(DOREN A. ROSENTHAL, ROSS M. GURNEY & SUSAN M. MORE, 1981)***VERSÃO PARA INVESTIGAÇÃO – FILHO** (Joana Oliveira & Maria Emília Costa)

Vai encontrar a seguir afirmações sobre a maneira como se vê e sente num conjunto de situações diferentes.

Para cada situação, escolha uma das respostas seguintes, a que melhor corresponde à sua maneira de a ver e sentir.

| Quase nunca é<br>verdade<br>1 | Poucas vezes é<br>verdade<br>2 | Umas vezes é<br>verdade, outras não<br>3 | Bastantes vezes é<br>verdade<br>4 | Quase sempre é<br>verdade<br>5 |
|-------------------------------|--------------------------------|--|-----------------------------------|--------------------------------|
|-------------------------------|--------------------------------|--|-----------------------------------|--------------------------------|

Faça um círculo à volta do número (1, 2, 3, 4 ou 5) que melhor traduz a sua forma de sentir relativamente à situação.

Não há tempo limite, mas responda tão rapidamente quanto possível.  
Quando terminar verifique se respondeu a todas as afirmações.

- |   |           |
|---|-----------|
| 1. Sou capaz de enfrentar as coisas à medida que elas surgem.                                 | 1 2 3 4 5 |
| 2. Não consigo dar sentido à minha vida.  | 1 2 3 4 5 |
| 3. Gostava de me controlar melhor.  | 1 2 3 4 5 |
| 4. Não me sinto à vontade quando alguém começa a contar-me coisas íntimas.                    | 1 2 3 4 5 |
| 5. Não consigo tomar decisões por mim próprio.  | 1 2 3 4 5 |
| 6. Mudo muito a opinião que tenho acerca de mim próprio.                                      | 1 2 3 4 5 |
| 7. Sou capaz de ser o primeiro a ter uma ideia original.                                      | 1 2 3 4 5 |
| 8. Nunca serei capaz de progredir neste mundo.  | 1 2 3 4 5 |
| 9. Estou preparado para me envolver numa relação pessoal próxima.                             | 1 2 3 4 5 |
| 10. Tenho uma ideia clara acerca de mim próprio.  | 1 2 3 4 5 |
| 11. Sinto-me confuso.   | 1 2 3 4 5 |
| 12. Acho este mundo muito confuso.  | 1 2 3 4 5 |
| 13. Sei em que ocasiões devo agradar aos outros e em que ocasiões devo agradar a mim próprio. | 1 2 3 4 5 |
| 14. Sei bem quais as coisas importantes na vida.  | 1 2 3 4 5 |
| 15. Não me parece que seja capaz de satisfazer as minhas ambições.                            | 1 2 3 4 5 |
| 16. Parece que não tenho as capacidades que a maioria das pessoas tem.                        | 1 2 3 4 5 |
| 17. Sinto que as coisas fazem sentido.  | 1 2 3 4 5 |
| 18. Sei que tipo de pessoa sou.   | 1 2 3 4 5 |
| 19. Receio perder o controlo dos meus sentimentos.  | 1 2 3 4 5 |

| Quase nunca é verdade<br>1 | Poucas vezes é verdade<br>2 | Umas vezes é verdade, outras não<br>3 | Bastantes vezes é verdade<br>4 | Quase sempre é verdade<br>5 |
|----------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------|
|----------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------|

20. Tenho poucas dúvidas acerca de mim próprio.

1 2 3 4 5
21. Dependo das ideias das outras pessoas.

1 2 3 4 5
22. Trabalhar não me dá prazer.

1 2 3 4 5
23. Acho que, no fundo, sou mau.

1 2 3 4 5
24. As outras pessoas compreendem-me.

1 2 3 4 5
25. Sou bastante trabalhador.

1 2 3 4 5
26. Sinto-me culpado em relação a muita coisa.

1 2 3 4 5
27. Sou terno e amigável.

1 2 3 4 5
28. Acredito mesmo em mim próprio.

1 2 3 4 5
29. Não consigo decidir o que quero fazer da minha vida.

1 2 3 4 5
30. Para mim é importante abrir-me completamente com os meus amigos.

1 2 3 4 5
31. Acho que as coisas boas nunca duram muito.

1 2 3 4 5
32. Sinto que sou útil aos outros.

1 2 3 4 5
33. Guardo para mim os meus verdadeiros pensamentos e sentimentos.

1 2 3 4 5
34. Sou uma pessoa energética, que faz muitas coisas.

1 2 3 4 5
35. Estou a esforçar-me muito por atingir os meus objectivos.

1 2 3 4 5
36. As coisas geralmente correm-me bem e as pessoas dão-se bem comigo.

1 2 3 4 5
37. Sei muito bem o que significa ser masculino e feminino.

1 2 3 4 5
38. Acho que o mundo e as pessoas, no fundo, são bons.

1 2 3 4 5
39. Tenho vergonha de mim próprio.

1 2 3 4 5
40. No meu trabalho sou bom.

1 2 3 4 5
41. Acho que é um disparate envolvermo-nos demasiado com as pessoas.

1 2 3 4 5
42. As pessoas perseguem-me.

1 2 3 4 5
43. Gosto de mim próprio e tenho orgulho dos princípios que defendo.

1 2 3 4 5
44. Não sei bem o que ando aqui a fazer.

1 2 3 4 5
45. Não suporto as pessoas preguiçosas.

1 2 3 4 5
46. Quando faço coisas que não devia sou capaz de parar.

1 2 3 4 5
47. Acontece-me dar por mim à espera que aconteça o pior.

1 2 3 4 5
48. Preocupo-me muito com os outros.

1 2 3 4 5

| Quase nunca é verdade<br>1 | Poucas vezes é verdade<br>2 | Umas vezes é verdade, outras não<br>3 | Bastantes vezes é verdade<br>4 | Quase sempre é verdade<br>5 |
|----------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------|
|----------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------|

49. Quando estou com os outros, preciso de manter uma fachada.

1 2 3 4 5
50. Acontece-me negar coisas mesmo quando elas são verdadeiras.

1 2 3 4 5
51. Não me sinto verdadeiramente empenhado, envolvido.

1 2 3 4 5
52. Desperdiço muito do meu tempo de um lado para o outro.

1 2 3 4 5
53. Sou tão bom como os outros.

1 2 3 4 5
54. Gosto de ser eu a fazer as minhas próprias escolhas.

1 2 3 4 5
55. Não confio nos meus juízos.

1 2 3 4 5
56. No fundo sou uma pessoa só.

1 2 3 4 5
57. Considero-me uma pessoa eficiente.

1 2 3 4 5
58. Não sou muito bom nas coisas que exigem raciocínio ou competência.

1 2 3 4 5
59. Mantenho uma estreita relação física e emocional com outra pessoa.

1 2 3 4 5
60. Persisto nas coisas até ao fim.

1 2 3 4 5
61. Sou mais um seguidor que um líder.

1 2 3 4 5
62. Sou capaz de defender e manter as minhas posições.

1 2 3 4 5
63. Tenho dificuldade em tomar decisões.

1 2 3 4 5
64. Confio nas pessoas.

1 2 3 4 5
65. Gosto da minha liberdade e não gosto que me limitem.

1 2 3 4 5
66. Gosto de novas aventuras.

1 2 3 4 5
67. Prefiro não revelar demasiado de mim próprio aos outros.

1 2 3 4 5
68. Não levo as coisas até ao fim.

1 2 3 4 5
69. Gosto de descobrir novos lugares e coisas novas.

1 2 3 4 5
70. Não faço muitas coisas.

1 2 3 4 5
71. Sinto-me pouco à vontade quando estou só com outra pessoa.

1 2 3 4 5
72. Acho fácil fazer bons amigos.

1 2 3 4 5

**EU E A MINHA FAMÍLIA**  
(PAULA MENA MATOS & MARIA EMÍLIA COSTA, 1997)  
**VERSÃO PARA INVESTIGAÇÃO – FILHO** (Joana Oliveira & Maria Emília Costa)

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações familiares. Leia atentamente cada uma das frases e assinale, rodeando o número correspondente com um círculo, a resposta que melhor exprime o modo como se sente com cada um dos seus pais. Responda em colunas separadas para o **pai** e a **mão**, de acordo com as seis alternativas que se seguem:

|  | Discordo<br>totalmente<br>1 | Discordo<br>2 | Discordo<br>Moderadamente<br>3 | Concordo<br>Moderadamente<br>4 | Concordo<br>5 | Concordo<br>totalmente<br>6 |             |
|--|-----------------------------|---------------|--------------------------------|--------------------------------|---------------|-----------------------------|-------------|
|  |                             |               |                                |                                |               |                             | Pai         |
|  |                             |               |                                |                                |               |                             | Mãe         |
| 1. Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.               | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 2. Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo.              | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 3. É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu penso.                | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 4. Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.                                     | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 5. Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos para mim.                | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 6. Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.                                | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 7. Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.                    | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 8. Os meus pais conhecem-me bem.   | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 9. Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.                    | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 10. Não vale muito a pena discutirmos porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer. | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 11. Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.                | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 12. Estou sempre ansioso(a) por ir a casa dos meus pais.                                     | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 13. Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.   | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 14. Em muitas coisas eu admiro os meus pais.   | 1                           | 2             | 3                              | 4                              | 5             | 6                           | 1 2 3 4 5 6 |

|                                     |                      |  |  |                      |                                     |
|-------------------------------------|----------------------|--|--|----------------------|-------------------------------------|
| <b>Discordo<br/>totalmente</b><br>1 | <b>Discordo</b><br>2 | <b>Discordo<br/>Moderadamente</b><br>3 | <b>Concordo<br/>Moderadamente</b><br>4 | <b>Concordo</b><br>5 | <b>Concordo<br/>totalmente</b><br>6 |
|-------------------------------------|----------------------|--|--|----------------------|-------------------------------------|

|   | Pai         | Mãe         |
|---|-------------|-------------|
| 15. Eu e os meus pais é como se fossemos um só.                                       | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 16. Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.                  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 17. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.                  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 18. Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.                     | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 19. Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum. | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 20. Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles.                  | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 21. Faço tudo para agradar aos meus pais.   | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 22. Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.   | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 23. Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.                      | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 24. Tenho medo de ficar sozinho(a) se um dia perder os meus pais.                     | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 25. Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.                              | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 26. Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.                   | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 27. Os meus pais fazem-me sentir bem comigo próprio(a).                               | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 28. Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim.                | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 29. Se tivesse de ir morar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a).         | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 30. Apesar de gostar muito de estar com os meus amigos, é bom regressar a casa.       | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |
| 31. Eu e os meus pais temos uma relação de confiança.                                 | 1 2 3 4 5 6 | 1 2 3 4 5 6 |

QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO

IDADE: \_\_\_\_\_ anos.

PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

NÍVEL DE ESCOLARIDADE (ASSINALE COM UM X):

|                           |                          |
|---------------------------|--------------------------|
| Não sabe ler nem escrever | <input type="checkbox"/> |
| 4º ano de escolaridade    | <input type="checkbox"/> |
| 6º ano de escolaridade    | <input type="checkbox"/> |
| 9º ano de escolaridade    | <input type="checkbox"/> |
| 12º ano de escolaridade   | <input type="checkbox"/> |
| Bacharelato               | <input type="checkbox"/> |
| Licenciatura              | <input type="checkbox"/> |
| Pós-graduações            | <input type="checkbox"/> |

ESTADO CIVIL

CASADA ☐

UNIÃO DE FACTO ☐

TEMPO DE CASAMENTO: \_\_\_\_\_ anos.

Nº DE FILHOS: \_\_\_\_\_

RELIGIÃO

UTILIZANDO A ESCALA QUE SE SEGUE, ESCOLHA A RESPOSTA QUE MELHOR DESCREVE O QUE SENTE, RODEANDO O NÚMERO CORRESPONDENTE COM UM CÍRCULO.

| Discordo totalmente | Discordo | Nem discordo nem concordo | Concordo | Concordo totalmente |
|---------------------|----------|---------------------------|----------|---------------------|
| 1                   | 2        | 3                         | 4        | 5                   |

- |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|
| 1. A religião é importante para a nossa família.                                  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Na nossa família há um grande envolvimento religioso.                          | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Acho que na nossa família o envolvimento religioso é importante.               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. As crenças religiosas da nossa família são uma parte importante da nossa vida. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Sinto-me bem com a forma como a nossa família vive a religião.                 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

P C L I

(REBECCA WALDRON-HENESSEY & RONALD M. SABATELLI, 1997)

VERSÃO PARA INVESTIGAÇÃO – MÃE (Joana Oliveira & Maria Emília Costa)

Leia atentamente cada uma das seguintes afirmações e procure identificar as respostas que melhor exprimem a sua opinião relativamente ao grau como se sente satisfeito com a sua experiência de mãe. Deverá indicar o modo como se sente relativamente a cada questão utilizando a seguinte escala:

| Nada satisfeito(a) | Pouco satisfeito(a) | Satisfeito(a) | Muito satisfeito(a) | Completamente satisfeito(a) |
|--------------------|---------------------|---------------|---------------------|-----------------------------|
| 1                  | 2                   | 3             | 4                   | 5                           |

1. A alegria/prazer que sinto por ser mãe.

1 2 3 4 5
2. A satisfação que sinto em ver o meu filho crescer e desenvolver-se.

1 2 3 4 5
3. O trabalho que tenho pelo facto de ser mãe.

1 2 3 4 5
4. A realização que sinto pelo facto de ser mãe.

1 2 3 4 5
5. A tensão que sinto pelo facto de ser mãe.

1 2 3 4 5
6. Como a minha vida no dia-a-dia é complicada pelo facto de ser mãe.

1 2 3 4 5
7. Os gastos financeiros que tenho por ser mãe.

1 2 3 4 5
8. O prazer que sinto por saber que o meu filho(a) precisa de mim.

1 2 3 4 5
9. O peso/fardo que sinto por ser mãe.

1 2 3 4 5
10. O amor que recebo como mãe.

1 2 3 4 5
11. Como a minha saúde é afectada negativamente pelo facto de ser mãe.

1 2 3 4 5
12. Como o facto de ser mãe interfere com os meus objectivos pessoais.

1 2 3 4 5
13. O afecto que recebo do meu filho(a).

1 2 3 4 5
14. Os conflitos que eu e o meu homem temos por sermos pais.

1 2 3 4 5
15. A falta de flexibilidade na minha vida por ser mãe.

1 2 3 4 5
16. O orgulho que tenho naquilo que o meu filho(a) faz.

1 2 3 4 5
17. O companheirismo que sinto pelo facto de ser mãe.

1 2 3 4 5
18. A preocupação que sinto pelo facto de ser mãe.

1 2 3 4 5
19. A esperança no futuro que retiro pelo facto de ser mãe.

1 2 3 4 5
20. O sentimento de competência que tenho pelo facto de ser mãe.

1 2 3 4 5
21. O prazer que retiro ao sentir que influencio/ajudo o meu filho(a).

1 2 3 4 5
22. Como o ser mãe interfere no meu trabalho ou carreira.

1 2 3 4 5

| Nada satisfeito(a) | Pouco satisfeito(a) | Satisfeito(a) | Muito satisfeito(a) | Completamente satisfeito(a) |
|--------------------|---------------------|---------------|---------------------|-----------------------------|
| 1                  | 2                   | 3             | 4                   | 5                           |

23. Como o ser mãe dá significado à minha vida.
- 1 2 3 4 5
24. Como o ser mãe cria conflitos com os meus pais.
- 1 2 3 4 5
25. A restrição nas minhas actividades fora de casa por ser mãe.
- 1 2 3 4 5
26. O sentimento de realização que tenho ao ser mãe.
- 1 2 3 4 5
27. O sentimento de que tenho uma família por ser mãe.
- 1 2 3 4 5
28. Como o ser mãe interfere na minha relação conjugal.
- 1 2 3 4 5
29. Como a minha liberdade fica limitada pelo facto de ser mãe.
- 1 2 3 4 5
30. Os conflitos com outros familiares pelo facto de ser mãe.
- 1 2 3 4 5
31. O prazer que sinto ao partilhar a vida com o meu filho(a).
- 1 2 3 4 5
32. Como o ser mãe interfere na minha vida social.
- 1 2 3 4 5
33. A satisfação que retiro do contacto físico com o meu filho(a).
- 1 2 3 4 5
34. Como o ser mãe me faz sentir adulto.
- 1 2 3 4 5
35. As reacções negativas do meu filho(a).
- 1 2 3 4 5
36. O prazer que tenho ao fazer coisas pelo meu filho(a).
- 1 2 3 4 5
37. Como ser mãe melhorou o meu casamento.
- 1 2 3 4 5
38. A estabilidade que sinto na minha vida.
- 1 2 3 4 5
39. A falta de privacidade que sinto pelo facto de ser mãe.
- 1 2 3 4 5
40. A quantidade de coisas que não posso fazer por ser mãe.
- 1 2 3 4 5
41. As coisas que não gosto em mim e que sinto ter passado ao meu filho(a).
- 1 2 3 4 5
42. Como o ser mãe foi uma experiência de crescimento para mim.
- 1 2 3 4 5
43. O sentimento que tenho de que a minha vida não é minha propriedade pelo facto de ser mãe.
- 1 2 3 4 5
44. O prazer que sinto pelo facto de ter dado netos aos meus pais.
- 1 2 3 4 5
45. A forma como o ser mãe me limita.
- 1 2 3 4 5
46. A fadiga que sinto pelo facto de ser mãe.
- 1 2 3 4 5
47. O prazer que sinto ao transmitir os meus valores ao meu filho(a).
- 1 2 3 4 5
48. O incentivo que a experiência de ser mãe me dá.
- 1 2 3 4 5
49. A responsabilidade que tenho pelo facto de ser mãe.
- 1 2 3 4 5
50. A forma como o facto de ser mãe me faz sentir mais nova.
- 1 2 3 4 5
51. A forma como o ser mãe requer a organização da casa e das rotinas diárias.
- 1 2 3 4 5



| Nada satisfeito(a) | Pouco satisfeito(a) | Satisfeito(a) | Muito satisfeito(a) | Completamente satisfeito(a) |
|--------------------|---------------------|---------------|---------------------|-----------------------------|
| 1                  | 2                   | 3             | 4                   | 5                           |

52. A tensão que o ter filhos acrescenta à organização familiar.

1 2 3 4 5
53. O prazer que sinto ao ajudar o meu filho a crescer e a desenvolver-se.

1 2 3 4 5
54. A dificuldade que sinto ao ser mãe.

1 2 3 4 5
55. As coisas boas que eu tenho transmito ao meu filho(a).

1 2 3 4 5
56. A segurança que sinto na minha velhice pelo facto de ser mãe.

1 2 3 4 5
57. Os custos emocionais que requer ser mãe.

1 2 3 4 5
58. As reacções positivas que recebo do meu filho(a).

1 2 3 4 5
59. Como a permanência do papel parental me faz sentir preso.

1 2 3 4 5
60. A perda de individualidade que sinto pelo facto de ser mãe.

1 2 3 4 5
61. A vivacidade/ alegria que sinto com um filho(a) em casa.

1 2 3 4 5
62. A felicidade que sinto sendo mãe.

1 2 3 4 5

**E A S A V C**  
(ISABEL NARCISO & MARIA EMÍLIA COSTA, 1996)  
**VERSÃO PARA INVESTIGAÇÃO – MÃE** (Joana Oliveira & Maria Emília Costa)

Pense na sua relação conjugal. Utilize a seguinte escala de modo a expressar o que sente relativamente a cada questão:

| Nada<br>satisfeito(a)<br>1 | Pouco<br>satisfeito(a)<br>2 | Razoavelmente<br>Satisfeito(a)<br>3 | Satisfeito(a)<br>4 | Muito<br>satisfeito(a)<br>5 | Completamente<br>satisfeito(a)<br>6 |
|----------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|
|----------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|

Para cada um dos itens, deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que sente, **rodeando o número correspondente com um círculo.**

Por **EXEMPLO**, se em relação ao item: “Relativamente à quantidade de tempos livres”, você se sente completamente satisfeito(a), deverá rodear com um círculo o número 6 da escala.

1. O modo como gerimos a nossa situação financeira.

1 2 3 4 5 6
2. A distribuição de tarefas domésticas.

1 2 3 4 5 6
3. O modo como tomamos decisões.

1 2 3 4 5 6
4. A distribuição de responsabilidades.

1 2 3 4 5 6
5. O modo como passamos os tempos livres.

1 2 3 4 5 6
6. A quantidade de tempos livres.

1 2 3 4 5 6
7. O modo como nos relacionamos com os amigos.

1 2 3 4 5 6
8. O modo como nos relacionamos com a família do meu cônjuge.

1 2 3 4 5 6
9. O modo como nos relacionamos com a minha família.

1 2 3 4 5 6
10. A minha privacidade e autonomia.

1 2 3 4 5 6
11. A privacidade e autonomia do meu cônjuge.

1 2 3 4 5 6
12. A nossa relação com a minha profissão.

1 2 3 4 5 6
13. A nossa relação com a profissão do meu cônjuge.

1 2 3 4 5 6
14. A frequência com que conversamos.

1 2 3 4 5 6
15. O modo como conversamos.

1 2 3 4 5 6
16. Os assuntos sobre os quais conversamos.

1 2 3 4 5 6
17. A frequência de conflitos que temos.

1 2 3 4 5 6
18. O modo como resolvemos os conflitos.

1 2 3 4 5 6
19. O que sinto pelo meu cônjuge.

1 2 3 4 5 6
20. O que o meu cônjuge sente por mim.

1 2 3 4 5 6
21. O modo como expresso o que sinto pelo meu cônjuge.

1 2 3 4 5 6

|                                     |                                      |  |                            |                                      |  |
|-------------------------------------|--------------------------------------|--|----------------------------|--------------------------------------|--|
| <b>Nada<br/>satisfeito(a)<br/>1</b> | <b>Pouco<br/>satisfeito(a)<br/>2</b> | <b>Razoavelmente<br/>Satisfeito(a)<br/>3</b> | <b>Satisfeito(a)<br/>4</b> | <b>Muito<br/>satisfeito(a)<br/>5</b> | <b>Completamente<br/>satisfeito(a)<br/>6</b> |
|-------------------------------------|--------------------------------------|--|----------------------------|--------------------------------------|--|

- |  |             |
|--|-------------|
| 22. O modo como o meu cônjuge expressa o que sente por mim.                    | 1 2 3 4 5 6 |
| 23. O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge.                                | 1 2 3 4 5 6 |
| 24. O desejo sexual que o meu cônjuge sente por mim.                           | 1 2 3 4 5 6 |
| 25. A frequência com que temos relações sexuais.                               | 1 2 3 4 5 6 |
| 26. O prazer que sinto quando temos relações sexuais.                          | 1 2 3 4 5 6 |
| 27. O prazer que o meu cônjuge sente quando temos relações sexuais.            | 1 2 3 4 5 6 |
| 28. A qualidade das nossas relações sexuais.                                   | 1 2 3 4 5 6 |
| 29. O apoio emocional que dou ao meu cônjuge.                                  | 1 2 3 4 5 6 |
| 30. O apoio emocional que o meu cônjuge me dá.                                 | 1 2 3 4 5 6 |
| 31. A confiança que tenho no meu cônjuge.                                      | 1 2 3 4 5 6 |
| 32. A confiança que o meu cônjuge tem em mim.                                  | 1 2 3 4 5 6 |
| 33. A admiração que sinto pelo meu cônjuge.                                    | 1 2 3 4 5 6 |
| 34. A admiração que o meu cônjuge sente por mim.                               | 1 2 3 4 5 6 |
| 35. A partilha de interesses e actividades.                                    | 1 2 3 4 5 6 |
| 36. A atenção que dedico aos interesses do meu cônjuge.                        | 1 2 3 4 5 6 |
| 37. A atenção que o meu cônjuge dedica aos meus interesses.                    | 1 2 3 4 5 6 |
| 38. Os nossos projectos para o futuro.   | 1 2 3 4 5 6 |
| 39. As minhas expectativas quanto ao futuro da relação.                        | 1 2 3 4 5 6 |
| 40. As expectativas do meu cônjuge quanto ao futuro da nossa relação.          | 1 2 3 4 5 6 |
| 41. O aspecto físico do meu cônjuge.   | 1 2 3 4 5 6 |
| 42. A opinião que o meu cônjuge tem sobre o meu aspecto físico.                | 1 2 3 4 5 6 |
| 43. As características e hábitos do meu cônjuge.                               | 1 2 3 4 5 6 |
| 44. A opinião que o meu cônjuge tem sobre as minhas características e hábitos. | 1 2 3 4 5 6 |

E P S I

(DOREN A. ROSENTHAL, ROSS M. GURNEY & SUSAN M. MORE, 1981)

VERSÃO PARA INVESTIGAÇÃO – MÃE (Joana Oliveira & Maria Emília Costa)

Vai encontrar a seguir afirmações sobre a maneira como se vê e sente num conjunto de situações diferentes.

Para cada situação, escolha uma das respostas seguintes, a que melhor corresponde à sua maneira de a ver e sentir.

| Quase nunca é verdade<br>1 | Poucas vezes é verdade<br>2 | Umas vezes é verdade, outras não<br>3 | Bastantes vezes é verdade<br>4 | Quase sempre é verdade<br>5 |
|----------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------|
|----------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------|

Faça um círculo à volta do número (1, 2, 3, 4 ou 5) que melhor traduz a sua forma de sentir relativamente à situação.

Não há tempo limite, mas responda tão rapidamente quanto possível.  
Quando terminar verifique se respondeu a todas as afirmações.

1. Sou capaz de enfrentar as coisas à medida que elas surgem.

1 2 3 4 5
2. Não consigo dar sentido à minha vida.

1 2 3 4 5
3. Gostava de me controlar melhor.

1 2 3 4 5
4. Não me sinto à vontade quando alguém começa a contar-me coisas íntimas.

1 2 3 4 5
5. Não consigo tomar decisões por mim próprio.

1 2 3 4 5
6. Mudo muito a opinião que tenho acerca de mim próprio.

1 2 3 4 5
7. Sou capaz de ser o primeiro a ter uma ideia original.

1 2 3 4 5
8. Nunca serei capaz de progredir neste mundo.

1 2 3 4 5
9. Estou preparado para me envolver numa relação pessoal próxima.

1 2 3 4 5
10. Tenho uma ideia clara acerca de mim próprio.

1 2 3 4 5
11. Sinto-me confuso.

1 2 3 4 5
12. Acho este mundo muito confuso.

1 2 3 4 5
13. Sei em que ocasiões devo agradar aos outros e em que ocasiões devo agradar a mim próprio.

1 2 3 4 5
14. Sei bem quais as coisas importantes na vida.

1 2 3 4 5
15. Não me parece que seja capaz de satisfazer as minhas ambições.

1 2 3 4 5
16. Parece que não tenho as capacidades que a maioria das pessoas tem.

1 2 3 4 5
17. Sinto que as coisas fazem sentido.

1 2 3 4 5
18. Sei que tipo de pessoa sou.

1 2 3 4 5
19. Receio perder o controlo dos meus sentimentos.

1 2 3 4 5

| Quase nunca é<br>verdade<br>1 | Poucas vezes é<br>verdade<br>2 | Umas vezes é<br>verdade, outras não<br>3 | Bastantes vezes é<br>verdade<br>4 | Quase sempre é<br>verdade<br>5 |
|-------------------------------|--------------------------------|--|-----------------------------------|--------------------------------|
|-------------------------------|--------------------------------|--|-----------------------------------|--------------------------------|

- |  |           |
|--|-----------|
| 20. Tenho poucas dúvidas acerca de mim próprio.                        | 1 2 3 4 5 |
| 21. Dependo das ideias das outras pessoas.                             | 1 2 3 4 5 |
| 22. Trabalhar não me dá prazer.  | 1 2 3 4 5 |
| 23. Acho que, no fundo, sou mau.                                       | 1 2 3 4 5 |
| 24. As outras pessoas compreendem-me.                                  | 1 2 3 4 5 |
| 25. Sou bastante trabalhador.  | 1 2 3 4 5 |
| 26. Sinto-me culpado em relação a muita coisa.                         | 1 2 3 4 5 |
| 27. Sou terno e amigável.  | 1 2 3 4 5 |
| 28. Acredito mesmo em mim próprio.                                     | 1 2 3 4 5 |
| 29. Não consigo decidir o que quero fazer da minha vida.               | 1 2 3 4 5 |
| 30. Para mim é importante abrir-me completamente com os meus amigos.   | 1 2 3 4 5 |
| 31. Acho que as coisas boas nunca duram muito.                         | 1 2 3 4 5 |
| 32. Sinto que sou útil aos outros.                                     | 1 2 3 4 5 |
| 33. Guardo para mim os meus verdadeiros pensamentos e sentimentos.     | 1 2 3 4 5 |
| 34. Sou uma pessoa energética, que faz muitas coisas.                  | 1 2 3 4 5 |
| 35. Estou a esforçar-me muito por atingir os meus objectivos.          | 1 2 3 4 5 |
| 36. As coisas geralmente correm-me bem e as pessoas dão-se bem comigo. | 1 2 3 4 5 |
| 37. Sei muito bem o que significa ser masculino e feminino.            | 1 2 3 4 5 |
| 38. Acho que o mundo e as pessoas, no fundo, são bons.                 | 1 2 3 4 5 |
| 39. Tenho vergonha de mim próprio.                                     | 1 2 3 4 5 |
| 40. No meu trabalho sou bom.   | 1 2 3 4 5 |
| 41. Acho que é um disparate envolvermo-nos demasiado com as pessoas.   | 1 2 3 4 5 |
| 42. As pessoas perseguem-me.   | 1 2 3 4 5 |
| 43. Gosto de mim próprio e tenho orgulho dos princípios que defendo.   | 1 2 3 4 5 |
| 44. Não sei bem o que ando aqui a fazer.                               | 1 2 3 4 5 |
| 45. Não suporto as pessoas preguiçosas.                                | 1 2 3 4 5 |
| 46. Quando faço coisas que não devia sou capaz de parar.               | 1 2 3 4 5 |
| 47. Acontece-me dar por mim à espera que aconteça o pior.              | 1 2 3 4 5 |
| 48. Preocupo-me muito com os outros.                                   | 1 2 3 4 5 |

| Quase nunca é verdade<br>1 | Poucas vezes é verdade<br>2 | Umas vezes é verdade, outras não<br>3 | Bastantes vezes é verdade<br>4 | Quase sempre é verdade<br>5 |
|----------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------|
|----------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------|

49. Quando estou com os outros, preciso de manter uma fachada.

1 2 3 4 5
50. Acontece-me negar coisas mesmo quando elas são verdadeiras.

1 2 3 4 5
51. Não me sinto verdadeiramente empenhado, envolvido.

1 2 3 4 5
52. Desperdiço muito do meu tempo de um lado para o outro.

1 2 3 4 5
53. Sou tão bom como os outros.

1 2 3 4 5
54. Gosto de ser eu a fazer as minhas próprias escolhas.

1 2 3 4 5
55. Não confio nos meus juízos.

1 2 3 4 5
56. No fundo sou uma pessoa só.

1 2 3 4 5
57. Considero-me uma pessoa eficiente.

1 2 3 4 5
58. Não sou muito bom nas coisas que exigem raciocínio ou competência.

1 2 3 4 5
59. Mantenho uma estreita relação física e emocional com outra pessoa.

1 2 3 4 5
60. Persisto nas coisas até ao fim.

1 2 3 4 5
61. Sou mais um seguidor que um líder.

1 2 3 4 5
62. Sou capaz de defender e manter as minhas posições.

1 2 3 4 5
63. Tenho dificuldade em tomar decisões.

1 2 3 4 5
64. Confio nas pessoas.

1 2 3 4 5
65. Gosto da minha liberdade e não gosto que me limitem.

1 2 3 4 5
66. Gosto de novas aventuras.

1 2 3 4 5
67. Prefiro não revelar demasiado de mim próprio aos outros.

1 2 3 4 5
68. Não levo as coisas até ao fim.

1 2 3 4 5
69. Gosto de descobrir novos lugares e coisas novas.

1 2 3 4 5
70. Não faço muitas coisas.

1 2 3 4 5
71. Sinto-me pouco à vontade quando estou só com outra pessoa.

1 2 3 4 5
72. Acho fácil fazer bons amigos.

1 2 3 4 5

QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO

IDADE: \_\_\_\_\_ anos.

PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

NÍVEL DE ESCOLARIDADE (ASSINALE COM UM X):

|                           |                          |
|---------------------------|--------------------------|
| Não sabe ler nem escrever | <input type="checkbox"/> |
| 4º ano de escolaridade    | <input type="checkbox"/> |
| 6º ano de escolaridade    | <input type="checkbox"/> |
| 9º ano de escolaridade    | <input type="checkbox"/> |
| 12º ano de escolaridade   | <input type="checkbox"/> |
| Bacharelato               | <input type="checkbox"/> |
| Licenciatura              | <input type="checkbox"/> |
| Pós-graduações            | <input type="checkbox"/> |

ESTADO CIVIL

CASADO ☐

UNIÃO DE FACTO ☐

TEMPO DE CASAMENTO: \_\_\_\_\_ anos.

Nº DE FILHOS: \_\_\_\_\_

RELIGIÃO

UTILIZANDO A ESCALA QUE SE SEGUE, ESCOLHA A RESPOSTA QUE MELHOR DESCREVE O QUE SENTE, RODEANDO O NÚMERO CORRESPONDENTE COM UM CÍRCULO.

|                     |          |                           |          |                     |
|---------------------|----------|---------------------------|----------|---------------------|
| Discordo totalmente | Discordo | Nem discordo nem concordo | Concordo | Concordo totalmente |
| 1                   | 2        | 3                         | 4        | 5                   |

1. A religião é importante para a nossa família.

1 2 3 4 5
2. Na nossa família há um grande envolvimento religioso.

1 2 3 4 5
3. Acho que na nossa família o envolvimento religioso é importante.

1 2 3 4 5
4. As crenças religiosas da nossa família são uma parte importante da nossa vida.

1 2 3 4 5
5. Sinto-me bem com a forma como a nossa família vive a religião.

1 2 3 4 5

P C L I

(REBECCA WALDRON-HENESSEY & RONALD M. SABATELLI, 1997)

VERSÃO PARA INVESTIGAÇÃO – PAI (Joana Oliveira & Maria Emília Costa)

Leia atentamente cada uma das seguintes afirmações e procure identificar as respostas que melhor exprimem a sua opinião relativamente ao grau como se sente satisfeito com a sua experiência de pai. Deverá indicar o modo como se sente relativamente a cada questão utilizando a seguinte escala:

| Nada satisfeito(a) | Pouco satisfeito(a) | Satisfeito(a) | Muito satisfeito(a) | Completamente satisfeito(a) |
|--------------------|---------------------|---------------|---------------------|-----------------------------|
| 1                  | 2                   | 3             | 4                   | 5                           |

1. A alegria/prazer que sinto por ser pai.

1 2 3 4 5
2. A satisfação que sinto em ver o meu filho(a) crescer e desenvolver-se.

1 2 3 4 5
3. O trabalho que tenho pelo facto de ser pai.

1 2 3 4 5
4. A realização que sinto pelo facto de ser pai.

1 2 3 4 5
5. A tensão que sinto pelo facto de ser pai.

1 2 3 4 5
6. Como a minha vida no dia-a-dia é complicada pelo facto de ser pai.

1 2 3 4 5
7. Os gastos financeiros que tenho por ser pai.

1 2 3 4 5
8. O prazer que sinto por saber que o meu filho(a) precisa de mim.

1 2 3 4 5
9. O peso/fardo que sinto por ser pai.

1 2 3 4 5
10. O amor que recebo como pai.

1 2 3 4 5
11. Como a minha saúde é afectada negativamente pelo facto de ser pai.

1 2 3 4 5
12. Como o facto de ser pai interfere com os meus objectivos pessoais.

1 2 3 4 5
13. O afecto que recebo do meu filho(a).

1 2 3 4 5
14. Os conflitos que eu e a minha mulher temos por serem pais.

1 2 3 4 5
15. A falta de flexibilidade na minha vida por ser pai.

1 2 3 4 5
16. O orgulho que tenho naquilo que o meu filho(a) faz.

1 2 3 4 5
17. O companheirismo que sinto pelo facto de ser pai.

1 2 3 4 5
18. A preocupação que sinto pelo facto de ser pai.

1 2 3 4 5
19. A esperança no futuro que retiro pelo facto de ser pai.

1 2 3 4 5
20. O sentimento de competência que tenho pelo facto de ser pai.

1 2 3 4 5
21. O prazer que retiro ao sentir que influencio/ajudo o meu filho(a).

1 2 3 4 5
22. Como o ser pai interfere no meu trabalho ou carreira.

1 2 3 4 5



| Nada satisfeito(a) | Pouco satisfeito(a) | Satisfeito(a) | Muito satisfeito(a) | Completamente satisfeito(a) |
|--------------------|---------------------|---------------|---------------------|-----------------------------|
| 1                  | 2                   | 3             | 4                   | 5                           |

- |   |           |
|---|-----------|
| 23. Como o ser pai dá significado à minha vida.   | 1 2 3 4 5 |
| 24. Como o ser pai cria conflitos com os meus pais.   | 1 2 3 4 5 |
| 25. A restrição nas minhas actividades fora de casa por ser pai.                              | 1 2 3 4 5 |
| 26. O sentimento de realização que tenho ao ser pai.  | 1 2 3 4 5 |
| 27. O sentimento de que tenho uma família por ser pai.  | 1 2 3 4 5 |
| 28. Como o ser pai interfere na minha relação conjugal.                                       | 1 2 3 4 5 |
| 29. Como a minha liberdade fica limitada pelo facto de ser pai.                               | 1 2 3 4 5 |
| 30. Os conflitos com outros familiares pelo facto de ser pai.                                 | 1 2 3 4 5 |
| 31. O prazer que sinto ao partilhar a vida com o meu filho(a).                                | 1 2 3 4 5 |
| 32. Como o ser pai interfere na minha vida social.  | 1 2 3 4 5 |
| 33. A satisfação que retiro do contacto físico com o meu filho(a).                            | 1 2 3 4 5 |
| 34. Como o ser pai me faz sentir adulto.  | 1 2 3 4 5 |
| 35. As reacções negativas do meu filho(a).  | 1 2 3 4 5 |
| 36. O prazer que tenho ao fazer coisas pelo meu filho(a).                                     | 1 2 3 4 5 |
| 37. Como ser pai melhorou o meu casamento.  | 1 2 3 4 5 |
| 38. A estabilidade que sinto na minha vida.   | 1 2 3 4 5 |
| 39. A falta de privacidade que sinto pelo facto de ser pai.                                   | 1 2 3 4 5 |
| 40. A quantidade de coisas que não posso fazer por ser pai.                                   | 1 2 3 4 5 |
| 41. As coisas que não gosto em mim e que sinto ter passado ao meu filho(a).                   | 1 2 3 4 5 |
| 42. Como o ser pai foi uma experiência de crescimento para mim.                               | 1 2 3 4 5 |
| 43. O sentimento que tenho de que a minha vida não é minha propriedade pelo facto de ser pai. | 1 2 3 4 5 |
| 44. O prazer que sinto pelo facto de ter dado netos aos meus pais.                            | 1 2 3 4 5 |
| 45. A forma como o ser pai me limita.   | 1 2 3 4 5 |
| 46. A fadiga que sinto pelo facto de ser pai.   | 1 2 3 4 5 |
| 47. O prazer que sinto ao transmitir os meus valores ao meu filho(a).                         | 1 2 3 4 5 |
| 48. O incentivo que a experiência de ser pai me dá.   | 1 2 3 4 5 |
| 49. A responsabilidade que tenho pelo facto de ser pai.                                       | 1 2 3 4 5 |
| 50. A forma como o facto de ser pai me faz sentir mais novo.                                  | 1 2 3 4 5 |
| 51. A forma como o ser pai requer a organização da casa e das rotinas diárias.                | 1 2 3 4 5 |

| Nada satisfeito(a) | Pouco satisfeito(a) | Satisfeito(a) | Muito satisfeito(a) | Completamente<br>satisfeito(a) |
|--------------------|---------------------|---------------|---------------------|--------------------------------|
| 1                  | 2                   | 3             | 4                   | 5                              |

52. A tensão que o ter filhos acrescenta à organização familiar.

1 2 3 4 5
53. O prazer que sinto ao ajudar o meu filho(a) a crescer e a desenvolver-se.

1 2 3 4 5
54. A dificuldade que sinto ao ser pai.

1 2 3 4 5
55. As coisas boas que eu tenho transmito ao meu filho(a).

1 2 3 4 5
56. A segurança que sinto na minha velhice pelo facto de ser pai.

1 2 3 4 5
57. Os custos emocionais que requer ser pai.

1 2 3 4 5
58. As reacções positivas que recebo do meu filho(a).

1 2 3 4 5
59. Como a permanência do papel parental me faz sentir preso.

1 2 3 4 5
60. A perda de individualidade que sinto pelo facto de ser pai.

1 2 3 4 5
61. A vivacidade/ alegria que sinto com um filho(a) em casa.

1 2 3 4 5
62. A felicidade que sinto sendo pai.

1 2 3 4 5

**E A S A V C***(Isabel Narciso & Maria Emília Costa, 1996)***Versão para Investigação – PAI** (Joana Oliveira & Maria Emília Costa)

Pense na sua relação conjugal. Utilize a seguinte escala de modo a expressar o que sente relativamente a cada questão:

| Nada<br>satisfeito(a)<br>1 | Pouco<br>satisfeito(a)<br>2 | Razoavelmente<br>Satisfeito(a)<br>3 | Satisfeito(a)<br>4 | Muito<br>satisfeito(a)<br>5 | Completamente<br>satisfeito(a)<br>6 |
|----------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|
|----------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|

Para cada um dos itens, deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que sente, **rodeando o número correspondente com um círculo.**

Por **EXEMPLO**, se em relação ao item: “Relativamente à quantidade de tempos livres”, você se sente completamente satisfeito(a), deverá rodear com um círculo o número 6 da escala.

- |   |             |
|---|-------------|
| 1. O modo como gerimos a nossa situação financeira.           | 1 2 3 4 5 6 |
| 2. A distribuição de tarefas domésticas.                      | 1 2 3 4 5 6 |
| 3. O modo como tomamos decisões.                              | 1 2 3 4 5 6 |
| 4. A distribuição de responsabilidades.                       | 1 2 3 4 5 6 |
| 5. O modo como passamos os tempos livres.                     | 1 2 3 4 5 6 |
| 6. A quantidade de tempos livres.                             | 1 2 3 4 5 6 |
| 7. O modo como nos relacionamos com os amigos.                | 1 2 3 4 5 6 |
| 8. O modo como nos relacionamos com a família do meu cônjuge. | 1 2 3 4 5 6 |
| 9. O modo como nos relacionamos com a minha família.          | 1 2 3 4 5 6 |
| 10. A minha privacidade e autonomia.                          | 1 2 3 4 5 6 |
| 11. A privacidade e autonomia do meu cônjuge.                 | 1 2 3 4 5 6 |
| 12. A nossa relação com a minha profissão.                    | 1 2 3 4 5 6 |
| 13. A nossa relação com a profissão do meu cônjuge.           | 1 2 3 4 5 6 |
| 14. A frequência com que conversamos.                         | 1 2 3 4 5 6 |
| 15. O modo como conversamos.                                  | 1 2 3 4 5 6 |
| 16. Os assuntos sobre os quais conversamos.                   | 1 2 3 4 5 6 |
| 17. A frequência de conflitos que temos.                      | 1 2 3 4 5 6 |
| 18. O modo como resolvemos os conflitos.                      | 1 2 3 4 5 6 |
| 19. O que sinto pelo meu cônjuge.                             | 1 2 3 4 5 6 |
| 20. O que o meu cônjuge sente por mim.                        | 1 2 3 4 5 6 |
| 21. O modo como expresso o que sinto pelo meu cônjuge.        | 1 2 3 4 5 6 |

| Nada<br>satisfeito(a)<br>1 | Pouco<br>satisfeito(a)<br>2 | Razoavelmente<br>Satisfeito(a)<br>3 | Satisfeito(a)<br>4 | Muito<br>satisfeito(a)<br>5 | Completamente<br>satisfeito(a)<br>6 |
|----------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|
|----------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|

22. O modo como o meu cônjuge expressa o que sente por mim.1 2 3 4 5 6
23. O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge.1 2 3 4 5 6
24. O desejo sexual que o meu cônjuge sente por mim.1 2 3 4 5 6
25. A frequência com que temos relações sexuais.1 2 3 4 5 6
26. O prazer que sinto quando temos relações sexuais.1 2 3 4 5 6
27. O prazer que o meu cônjuge sente quando temos relações sexuais.1 2 3 4 5 6
28. A qualidade das nossas relações sexuais.1 2 3 4 5 6
29. O apoio emocional que dou ao meu cônjuge.1 2 3 4 5 6
30. O apoio emocional que o meu cônjuge me dá.1 2 3 4 5 6
31. A confiança que tenho no meu cônjuge.1 2 3 4 5 6
32. A confiança que o meu cônjuge tem em mim.1 2 3 4 5 6
33. A admiração que sinto pelo meu cônjuge.1 2 3 4 5 6
34. A admiração que o meu cônjuge sente por mim.1 2 3 4 5 6
35. A partilha de interesses e actividades.1 2 3 4 5 6
36. A atenção que dedico aos interesses do meu cônjuge.1 2 3 4 5 6
37. A atenção que o meu cônjuge dedica aos meus interesses.1 2 3 4 5 6
38. Os nossos projectos para o futuro.1 2 3 4 5 6
39. As minhas expectativas quanto ao futuro da relação.1 2 3 4 5 6
40. As expectativas do meu cônjuge quanto ao futuro da nossa relação.1 2 3 4 5 6
41. O aspecto físico do meu cônjuge.1 2 3 4 5 6
42. A opinião que o meu cônjuge tem sobre o meu aspecto físico.1 2 3 4 5 6
43. As características e hábitos do meu cônjuge.1 2 3 4 5 6
44. A opinião que o meu cônjuge tem sobre as minhas características e hábitos.1 2 3 4 5 6

**E P S I**

(DOREN A. ROSENTHAL, ROSS M. GURNEY & SUSAN M. MORE, 1981)

**VERSÃO PARA INVESTIGAÇÃO – PAI** (Joana Oliveira & Maria Emília Costa)

Vai encontrar a seguir afirmações sobre a maneira como se vê e sente num conjunto de situações diferentes.

Para cada situação, escolha uma das respostas seguintes, a que melhor corresponde à sua maneira de a ver e sentir.

| Quase nunca é verdade<br>1 | Poucas vezes é verdade<br>2 | Umás vezes é verdade, outras não<br>3 | Bastantes vezes é verdade<br>4 | Quase sempre é verdade<br>5 |
|----------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------|
|----------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------|

Faça um **círculo** à volta do número (1, 2, 3, 4 ou 5) que melhor traduz a sua forma de sentir relativamente à situação.

Não há tempo limite, mas responda tão rapidamente quanto possível.  
Quando terminar verifique se respondeu a todas as afirmações.

- |   |           |
|---|-----------|
| 1. Sou capaz de enfrentar as coisas à medida que elas surgem.                                 | 1 2 3 4 5 |
| 2. Não consigo dar sentido à minha vida.  | 1 2 3 4 5 |
| 3. Gostava de me controlar melhor.  | 1 2 3 4 5 |
| 4. Não me sinto à vontade quando alguém começa a contar-me coisas íntimas.                    | 1 2 3 4 5 |
| 5. Não consigo tomar decisões por mim próprio.  | 1 2 3 4 5 |
| 6. Mudo muito a opinião que tenho acerca de mim próprio.                                      | 1 2 3 4 5 |
| 7. Sou capaz de ser o primeiro a ter uma ideia original.                                      | 1 2 3 4 5 |
| 8. Nunca serei capaz de progredir neste mundo.  | 1 2 3 4 5 |
| 9. Estou preparado para me envolver numa relação pessoal próxima.                             | 1 2 3 4 5 |
| 10. Tenho uma ideia clara acerca de mim próprio.  | 1 2 3 4 5 |
| 11. Sinto-me confuso.   | 1 2 3 4 5 |
| 12. Acho este mundo muito confuso.  | 1 2 3 4 5 |
| 13. Sei em que ocasiões devo agradar aos outros e em que ocasiões devo agradar a mim próprio. | 1 2 3 4 5 |
| 14. Sei bem quais as coisas importantes na vida.  | 1 2 3 4 5 |
| 15. Não me parece que seja capaz de satisfazer as minhas ambições.                            | 1 2 3 4 5 |
| 16. Parece que não tenho as capacidades que a maioria das pessoas tem.                        | 1 2 3 4 5 |
| 17. Sinto que as coisas fazem sentido.  | 1 2 3 4 5 |
| 18. Sei que tipo de pessoa sou.   | 1 2 3 4 5 |
| 19. Receio perder o controlo dos meus sentimentos.  | 1 2 3 4 5 |

| Quase nunca é verdade<br>1 | Poucas vezes é verdade<br>2 | Umhas vezes é verdade, outras não<br>3 | Bastantes vezes é verdade<br>4 | Quase sempre é verdade<br>5 |
|----------------------------|-----------------------------|--|--------------------------------|-----------------------------|
|----------------------------|-----------------------------|--|--------------------------------|-----------------------------|

20. Tenho poucas dúvidas acerca de mim próprio.

1 2 3 4 5
21. Dependo das ideias das outras pessoas.

1 2 3 4 5
22. Trabalhar não me dá prazer.

1 2 3 4 5
23. Acho que, no fundo, sou mau.

1 2 3 4 5
24. As outras pessoas compreendem-me.

1 2 3 4 5
25. Sou bastante trabalhador.

1 2 3 4 5
26. Sinto-me culpado em relação a muita coisa.

1 2 3 4 5
27. Sou terno e amigável.

1 2 3 4 5
28. Acredito mesmo em mim próprio.

1 2 3 4 5
29. Não consigo decidir o que quero fazer da minha vida.

1 2 3 4 5
30. Para mim é importante abrir-me completamente com os meus amigos.

1 2 3 4 5
31. Acho que as coisas boas nunca duram muito.

1 2 3 4 5
32. Sinto que sou útil aos outros.

1 2 3 4 5
33. Guardo para mim os meus verdadeiros pensamentos e sentimentos.

1 2 3 4 5
34. Sou uma pessoa energética, que faz muitas coisas.

1 2 3 4 5
35. Estou a esforçar-me muito por atingir os meus objectivos.

1 2 3 4 5
36. As coisas geralmente correm-me bem e as pessoas dão-se bem comigo.

1 2 3 4 5
37. Sei muito bem o que significa ser masculino e feminino.

1 2 3 4 5
38. Acho que o mundo e as pessoas, no fundo, são bons.

1 2 3 4 5
39. Tenho vergonha de mim próprio.

1 2 3 4 5
40. No meu trabalho sou bom.

1 2 3 4 5
41. Acho que é um disparate envolvermo-nos demasiado com as pessoas.

1 2 3 4 5
42. As pessoas perseguem-me.

1 2 3 4 5
43. Gosto de mim próprio e tenho orgulho dos princípios que defendo.

1 2 3 4 5
44. Não sei bem o que ando aqui a fazer.

1 2 3 4 5
45. Não suporto as pessoas preguiçosas.

1 2 3 4 5
46. Quando faço coisas que não devia sou capaz de parar.

1 2 3 4 5
47. Acontece-me dar por mim à espera que aconteça o pior.

1 2 3 4 5
48. Preocupo-me muito com os outros.

1 2 3 4 5

| Quase nunca é<br>verdade<br>1 | Poucas vezes é<br>verdade<br>2 | Umas vezes é<br>verdade, outras não<br>3 | Bastantes vezes é<br>verdade<br>4 | Quase sempre é<br>verdade<br>5 |
|-------------------------------|--------------------------------|--|-----------------------------------|--------------------------------|
|-------------------------------|--------------------------------|--|-----------------------------------|--------------------------------|

- |  |           |
|--|-----------|
| 49. Quando estou com os outros, preciso de manter uma fachada.         | 1 2 3 4 5 |
| 50. Acontece-me negar coisas mesmo quando elas são verdadeiras.        | 1 2 3 4 5 |
| 51. Não me sinto verdadeiramente empenhado, envolvido.                 | 1 2 3 4 5 |
| 52. Desperdiço muito do meu tempo de um lado para o outro.             | 1 2 3 4 5 |
| 53. Sou tão bom como os outros.  | 1 2 3 4 5 |
| 54. Gosto de ser eu a fazer as minhas próprias escolhas.               | 1 2 3 4 5 |
| 55. Não confio nos meus juízos.  | 1 2 3 4 5 |
| 56. No fundo sou uma pessoa só.  | 1 2 3 4 5 |
| 57. Considero-me uma pessoa eficiente.                                 | 1 2 3 4 5 |
| 58. Não sou muito bom nas coisas que exigem raciocínio ou competência. | 1 2 3 4 5 |
| 59. Mantenho uma estreita relação física e emocional com outra pessoa. | 1 2 3 4 5 |
| 60. Persisto nas coisas até ao fim.                                    | 1 2 3 4 5 |
| 61. Sou mais um seguidor que um líder.                                 | 1 2 3 4 5 |
| 62. Sou capaz de defender e manter as minhas posições.                 | 1 2 3 4 5 |
| 63. Tenho dificuldade em tomar decisões.                               | 1 2 3 4 5 |
| 64. Confio nas pessoas.  | 1 2 3 4 5 |
| 65. Gosto da minha liberdade e não gosto que me limitem.               | 1 2 3 4 5 |
| 66. Gosto de novas aventuras.  | 1 2 3 4 5 |
| 67. Prefiro não revelar demasiado de mim próprio aos outros.           | 1 2 3 4 5 |
| 68. Não levo as coisas até ao fim.                                     | 1 2 3 4 5 |
| 69. Gosto de descobrir novos lugares e coisas novas.                   | 1 2 3 4 5 |
| 70. Não faço muitas coisas.  | 1 2 3 4 5 |
| 71. Sinto-me pouco à vontade quando estou só com outra pessoa.         | 1 2 3 4 5 |
| 72. Acho fácil fazer bons amigos.                                      | 1 2 3 4 5 |